

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

DÉBORA TOLEDO DE CASTRO

“Traduzir sem traduzir”: um estudo da “nãotradução” de Jacques Brault

São Paulo

2023

DÉBORA TOLEDO DE CASTRO

“Traduzir sem traduzir”: um estudo da “nãotradução” de Jacques Brault

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Línguas Estrangeiras e Tradução.

Área de concentração: Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Silveira Faleiros

São Paulo

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Débora Toledo de Castro

Data da defesa: 04/09/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Álvaro Silveira Faleiros

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 31/10/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C355? Castro, Débora Toledo de
“Traduzir sem traduzir”: um estudo da “nãotradução” de
Jacques Brault / Débora Toledo de Castro; orientador Álvaro
Silveira Faleiros - São Paulo, 2023.
161 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento
de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da
Tradução.

1. Tradução. 2. Poesia. 3. Jacques Brault. 4. Autoria. 5.
Quebec. I. Faleiros, Álvaro Silveira, orient. II. Título.

Nome: CASTRO, Débora Toledo de

Título: “Traduzir sem traduzir”: um estudo da “nãotradução” de Jacques Brault

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Ao futuro de Jacques Brault, meu anfitrião (*arte longa*),
e à memória do que fui (*vida breve*). Tudo pode ser reescrito.

AGRADECIMENTOS

Ao João, por ter sido o primeiro a acreditar nesta pesquisa.

À Dayane, conforto e firmeza do meu *ori*, bússola do afeto que conduz à casa (um teto todo).

À minha mãe, que me ensinou a andar três vezes: por sua causa, chego nesta encruzilhada; por sua causa, sigo em frente.

Ao Isaque, por socorrer-me na primeira hora, e aos camaradas e afetos sustentando minha caminhada.

Aos queridos colegas do grupo de estudos “Poéticas do (Re)Traduzir” e aos professores da banca avaliadora.

À Professora Doutora Adriana Zavaglia, por ter me iniciado na tradução e na pesquisa, e me chamado a compreender e afirmar meus próprios limites e potencialidades sem medo.

Ao Professor Doutor Álvaro Silveira Faleiros, por guiar-me pelas *sendas de Jacques Brault*.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

À Universidade de São Paulo, um ateliê, um bosque, uma festa, um lar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Je vous écris pour que vous m'écriviez...”

(BRAULT, 1987, p. 183)

RESUMO

CASTRO, Débora Toledo de. “Traduzir sem traduzir”: um estudo da “nãotradução” de Jacques Brault. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O diálogo intertextual e para com o leitor são traços marcantes da obra poética do quebequense Jacques Brault (1933-2022), ainda pouco conhecido no Brasil. Dentre seus trabalhos, destaca-se *Poèmes des quatre côtés* (1975), um projeto de reescrita, em francês, de poemas selecionados das obras de quatro autores de língua inglesa, intercalados por ensaios, nos quais Brault propõe “um encontro de alteridades” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17) pela via da recriação. Esta é nomeada a partir do neologismo “nãotradução”, anunciado não como um conceito teórico, mas como um exercício poético pela valorização da relação — ideia notadamente ligada tanto à posição ocupada pelo Quebec, quanto à influência de filosofias orientais sobre o autor (LAROCHE, 2005). Os aspectos teóricos e práticos da chamada “nãotradução” e os textos escritos a partir dela ainda carecem de análises do ponto de vista dos Estudos da Tradução, o que apontamos visando tanto uma maior compreensão da obra de Jacques Brault, quanto das possibilidades artísticas e críticas de debater a noção de originalidade e seu papel na criação literária em contextos não-hegemônicos. A proposta de Brault desenvolve-se em trechos ensaísticos complexos, nos quais combina noções geralmente vistas como opostas, como autor e leitor, tradução e originalidade, resistência e dominação cultural e *Eu* e *Outro*. A fim de compreender esses discursos, nosso trabalho realiza uma leitura analítica, seguida de uma tradução comentada dos ensaios que compõem *Poèmes des quatre côtés*; apresentando, por fim, uma análise comparativa de um dos poemas do livro (p. 43) e seu texto de partida (MACEWEN, 1969, p. 80).

Palavras-chave: Tradução. Poesia. Jacques Brault. Autoria. Quebec.

ABSTRACT

CASTRO, Débora Toledo de. “Translating without translating”: a study of Jacques Brault’s “non-translation”. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The intertextual dialogue and the dialogue with the reader are striking features of the poetic work of the Quebecois writer, Jacques Brault (1933-2022), still barely known in Brazil. Among his works, *Poèmes des quatre côtés* (1975) stands out: a project of rewriting in French of selected poems from the works of four English-speaking authors interspersed with essays, in which Brault proposes “a meeting of alterities” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17) through the means of the re-creation. This is named after the neologism “nontranslation” (“nontraduction”, BRAULT, 1975), announced not as a theoretical concept, but as a poetic exercise for valuing relationship — a word notably linked both to the position occupied by Quebec and Brault’s references of Eastern philosophies (LAROCHE, 2005). Theoretical and practical aspects of the so-called “nontranslation” (BRAULT, 1975) and the texts written based on this idea still lack of analysis from the point of view of Translation Studies, which we point out aiming both at a greater understanding of the work of Jacques Brault, as well as the artistic and critical possibilities of debating the notion of originality and its role in literary creation in non-hegemonic contexts. Brault's proposal is developed in complex essayistic passages where he combines notions generally seen as opposites, such as: author and reader, translation and originality, resistance and cultural domination, and *Self* and *Other*. To understand these discourses, we perform an analytical reading, followed by a commented translation of the essays that make up *Poèmes des quatre côtés*. Based on ours and Simon’s (1994), Suchet’s (2017) and Stradioto-Casolato’s (2022) studies, we also compare one of Brault’s poems (1975, p. 43) with its source text (MACEWEN, 1969, p. 80).

Keywords: Translation. Poetry. Jacques Brault. Authorship. Québec.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Sem Título”, primeiro nanquim de Poèmes des quatre côtés.....	46
Figura 2 – “Sem Título”, segundo nanquim de Poèmes des quatre côtés.....	60
Figura 3 – “Sem Título”, terceiro nanquim de Poèmes des quatre côtés.....	73
Figura 4 – “Sem Título”, quarto nanquim de Poèmes des quatre côtés.....	84
Figura 5 – “Sem Título”, último nanquim de Poèmes des quatre côtés.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto original do primeiro ensaio de Poèmes des quatre côtés, “Nontraduire 1”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita.....	47
Quadro 2 – Texto original do segundo ensaio de Poèmes des quatre côtés, “Nontraduire 2”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita.....	61
Quadro 3 – Texto original do terceiro ensaio de Poèmes des quatre côtés, “Nontraduire 3”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita.....	73
Quadro 4 – Texto original do terceiro ensaio de Poèmes des quatre côtés, “Nontraduire 4”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita.....	84
Quadro 5 – Texto original da nota final de Poèmes des quatre côtés, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita.....	95
Quadro 6 – Reprodução e comparação dos poemas “The Shadow-Maker”, de Gwendolyn MacEwen (1969, p. 80), à esquerda, e “Je suis venue”, de Jacques Brault (1975, p. 43), à direita.....	144

SUMÁRIO

0 INTRODUÇÃO.....	13
1 "ENTRE O IMPEDIMENTO E A NECESSIDADE": A OBRA SEU CONTEXTO.....	16
1.1 APRESENTAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA DE JACQUES BRAULT.....	16
1.2 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DE POÈMES DES QUATRE CÔTÉS.....	27
1.3 APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	37
2 LEITURA ANALÍTICA DE POÈMES DES QUATRE CÔTÉS E TRADUÇÃO COMENTADA DOS ENSAIOS SOBRE A “NÃO-TRADUÇÃO”.....	43
2.1 LEITURA DA OBRA E TRADUÇÃO DOS ENSAIOS.....	44
2.1.1 “Nontraduire 1”.....	45
2.1.2 “Nord”.....	56
2.1.3 “Nontraduire 2”.....	60
2.1.4 “Est”.....	69
2.1.5 “Nontraduire 3”.....	73
2.1.6 “Ouest”.....	81
2.1.7 “Nontraduire 4”.....	84
2.1.8 “Sud”.....	92
2.1.9 “Contrenote”.....	95
2.2 NOTA DA TRADUÇÃO.....	114
2.3 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA LEITURA.....	117
3 ANÁLISES COMPARATIVAS DOS POÈMES DES QUATRE CÔTÉS.....	120
3.1 COMENTÁRIO ÀS ANÁLISES DE SIMON (1994) E SUCHET (2017).....	120
3.1.1 Sherry Simon e “O problema da tradução”.....	121
3.1.2 Myriam Suchet e o não-lugar da “não-tradução”.....	127
3.2 COMENTÁRIO ÀS ANÁLISES DE STRADIOTO-CASOLATO (2022).....	133
3.3 ANÁLISES COMPARATIVAS DE BRAULT E MACEWEN.....	143
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	157
ANEXO A: MAPA DOS “QUATRO CANTOS”.....	162

0 INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se como dissertação apresentada a fim de obter o título de Mestre em Letras Estrangeiras e Tradução junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no ano de 2023; tendo se desenvolvido sob a orientação do professor doutor Álvaro Silveira Faleiros, na linha de pesquisa Éticas e Poéticas do Traduzir, a partir do ano de 2021. Nossa pesquisa contou com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. Sendo o primeiro deles introdutório, cabe ao segundo apresentar nossa tradução comentada dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) e os estudos que nos guiaram nessa tradução. Esses desenvolvimentos são complementados no terceiro capítulo por análises comparativas entre os poemas de Brault e seus textos-fonte, contraponto que nos leva às conclusões e encaminhamentos expostos nas considerações finais. Nosso objetivo central, conforme já anunciado no Resumo, é de compreender a proposta braultiana de “nãotradução” (“nontraduction”) e as consequências que seus questionamentos podem gerar, não apenas à crítica da obra de Jacques Brault, mas aos Estudos da Tradução, posto que a “nãotradução” põe em xeque a distinção entre original e tradução, entre outras noções já cristalizadas, conforme demonstraremos a seguir.

A coletânea de poemas “nãotraduzidos” (tradução nossa)¹ e ensaios poéticos que compõem *Poèmes des quatre côtés* foi publicada pelo poeta quebequense Jacques Brault em 1975. Ela trouxe a público o tensionamento entre a cultura francófona minoritária do Quebec e a anglofonia dominante ao seu redor, um debate acerca da noção de originalidade autoral, bem como do papel ativo da leitura na construção de sentido literário por meio de elaborações de cunho filosófico, dimensão importante na obra do autor, conectadas a influências orientais (LAROCHE, 2005). Compõem o livro poemas escolhidos das obras de quatro autores anglófonos traduzidos para o francês por Brault, além de três poemas autorais, por ele chamados de “collaborage-citations”² (“colaborações-citações”). Na análise de uma das versões elaboradas por Brault, Simon (1994) identifica grande proximidade entre o original e sua reformulação em francês, exceto por pequenas alterações sistemáticas e simbólicas³ que

¹ Todas as traduções apresentadas nesta dissertação são de nossa autoria, salvo indicação.

² BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 93-94.

³ Stradioto-Casolato (2022) assume, porém, uma outra perspectiva sobre a “nãotradução” partindo da análise do poema sem título à página de número 84 de *Poèmes des quatre côtés* em contraste com seu original, escrito por E. E. Cummings. Para a autora, em uma “nãotradução”, não se trataria “nem do poema original e nem de tradução, mas de uma terceira via”. Consideramos as contribuições de Stradioto-Casolato um contraponto valioso à posição de Suchet (2017), ao longo deste trabalho, de modo a reservar a tal debate um espaço, mais adiante, em nosso segundo capítulo.

passariam a caracterizar o poema como próprio da poética braultiana. Esses novos poemas, no entanto, não recebem o nome de traduções, mas de “nãotraduções” (“nontraductions”)⁴, palavra que Brault explora em ensaios interpostos aos poemas “nãotraduzidos”. A crítica especializada de tal obra se divide entre autoras que identificam a “nãotradução” como, simplesmente, tradução, compreendendo residir no novo verbete e nos metatextos que o apresentam um profundo questionamento de paradigmas literários, políticos e ontológicos (SIMON, 1994; SUCHET, 2017), por um lado; e quem aponta nas “nãotraduções” de Jacques Brault elementos que a diferenciariam da tradução conforme a concebemos (STRADIOTO-CASOLATO, 2022). Como se nota, a definição de “nãotradução” depende, fundamentalmente, de uma definição de tradução, o que não se realiza de modo homogêneo ao longo da história da literatura e mesmo dos Estudos da Tradução (DARIN, 2020). Por esse motivo, acreditamos que propostas tradutórias como a de Jacques Brault sejam especialmente oportunas para apontar certas contradições em torno das múltiplas noções de tradução, razão pela qual elegemos *Poèmes des quatre côtés* como nosso objeto de estudos.

Observando que as discordâncias entre as principais vozes críticas de *Poèmes des quatre côtés* — a saber, Simon (1994), Jaka (2010), Suchet (2017) e Stradioto-Casolato (2022) — são motivadas não apenas por essas imprecisões em torno da tradução, mas, principalmente, pelo próprio projeto de Brault (uma vez que este não se apresenta como uma tradução), priorizamos a realização de uma leitura cerrada dos ensaios em que o autor apresenta a ideia de “nãotradução”, bem como sua tradução, tentando promover outras análises dessa obra em solo brasileiro. Nossa metodologia de pesquisa exigiu, portanto, que nos aproximássemos ao máximo da obra, de modo a recorrermos a conhecimentos de ordem teórica conforme a exigência do texto estudado.

A definição da “nãotradução” de Jacques Brault (1975) como uma prática de “traduzir (...) sem traduzir” parte das palavras do próprio autor⁵ — que, em outro trecho, também identifica sua proposta como uma “escrita sem escrita”⁶, ilustrando essa dualidade de visões possíveis de seu trabalho como tradução ou composição poética intertextual. Escolhemos o título “*Traduzir sem traduzir*”: um estudo da “nãotradução” de Jacques Brault para nossa dissertação a fim de ilustrar, não apenas, a dúvida que o autor lança sobre as fronteiras entre

⁴ A palavra “nontraduction” é amplamente empregada ao longo de todo o livro *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975), de modo que seria exaustivo referenciar todas as páginas em que figura a cada uma de nossas citações. Neste trabalho, para nos referirmos a tal ideia, optamos por sua tradução “nãotradução”, conservando a forma aglutinadora original de Brault. O emprego de aspas ao longo de todo o nosso texto visa reforçar a informação de que *Poèmes des quatre côtés* é a única obra em que Jacques Brault emprega seu neologismo.

⁵ BRAULT, op. cit, p. 31.

⁶ Ibidem, p. 15.

escrever e traduzir, mas também de anunciar que nosso trabalho se insere nos Estudos da Tradução e observa seu objeto como um projeto tradutório, e não apenas intertextual.

1 "ENTRE O IMPEDIMENTO E A NECESSIDADE": A OBRA SEU CONTEXTO

Nesta introdução, apresentaremos o autor a partir de sua produção bibliográfica e sua recepção crítica, o que é seguido de elucubrações acerca do contexto de produção de *Poèmes des quatre côtés* e da importância da causa quebequense na obra de Jacques Brault. Por fim, este primeiro capítulo desenha um breve panorama da obra estudada nos capítulos seguintes.

1.1 APRESENTAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA DE JACQUES BRAULT

Considerando a pouca familiaridade dos leitores brasileiros, em geral, com a obra de Jacques Brault (FALEIROS, 2021, p. 11), faremos, a seguir, uma síntese dos aspectos biográficos relevantes para o estudo de seu escrito; em seguida, um levantamento de sua produção bibliográfica, bem como dos destaques de sua recepção crítica até o presente momento.

Jacques Brault (1933-2022) não é apenas um dos poetas mais expressivos do Quebec, como um artista de muitas linguagens: o “romancista, ensaísta, dramaturgo, crítico literário, editor e tradutor” (SILVA, 2015, p. 10) também realiza experimentações nas artes plásticas, por vezes incluídas como ilustrações de suas obras, como ocorre em *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, pp. 11; 29; 47; 65; 85), nosso objeto de estudo. Brault conquistou também uma carreira acadêmica, tendo sido “professor da Universidade de Montréal dos departamentos de estudos medievais e literatura francesa” (SILVA, 2015, p. 8). Suas origens, entretanto, contam-nos uma história de precariedades sociais associadas à própria experiência de ser quebequense do século XX, já que o autor “nasceu (...) numa das mais miseráveis periferias de Montréal numa época em que ser francófono na cidade era sinônimo de pobreza (...)” (FALEIROS, 2021, p. 11).

O filho de uma dona de casa e um operário, irmão de Fernand e Gilles Brault, foi recebido em um colégio jesuíta, já que em seu contexto a educação de crianças e jovens dava-se principalmente através das instituições católicas. Segundo Silva (2015), os estudos de Filosofia na Université de Montréal foram pagos pelo jovem Brault com seu salário de trabalhador portuário e permitiram-lhe dar sequência a um mestrado, bem como a um interesse perene nas artes. O contexto social e político de suas obras é considerado um de seus eixos conceituais, visto que a terra natal não é apenas um tema da poesia braultiana, mas uma busca — tanto pela construção de sentidos sobre o Quebec, quanto pela própria formação de

uma identidade pós-colonial. O movimento de autonomização e independência cultural do Quebec ocorrido nas décadas de 1960 e 1970, conhecido como Revolução Tranquila, contou com a participação ativa de diversos artistas e intelectuais, dentre os quais, Jacques Brault; que, entretanto, compõe uma poesia, desde sua estreia, independente e altamente subjetiva, como afirma Faleiros:

Brault não chega, porém, a aderir facilmente aos propósitos de sua geração. Como constata Gagnon (2011, p. 48), mesmo se *Memória*⁷ é um livro vinculado por alguns à poesia do país, ‘o poeta já expõe um ponto de vista crítico em relação ao discurso de fundação’. Uma de suas especificidades é que ele complexifica esse lugar de enunciação a partir de uma subjetividade em tensão em que se mantém tênue a linha entre uma memória comum e a que provém de outra mais individual. Não por acaso, para Gagnon (2011, p. 78), em *Memória*, ‘o único país no cerne do poético é o território do sujeito lírico’ (FALEIROS, 2021, p. 20).

Tal autonomia literária não significa um isolamento do autor em sua comunidade. Pelo contrário, Brault contribuiu para revistas literárias e de filosofia, para a rádio e para a cena intelectual do Quebec; participando, por exemplo, da fundação da “*Union des écrivaines et écrivains québécois* (União das escritoras e escritores quebequenses), em 1977 (...)” (SILVA, 2015, p. 10, tradução da autora). Essa instituição existe até hoje e, segundo seu portal oficial, “(...) trabalha em defesa dos direitos socioeconômicos das escritoras e escritores, assim como pela valorização da literatura quebequense, no Quebec, no Canadá e no estrangeiro”⁸. Silva (2015) levanta informações sobre o engajamento do autor:

Como indivíduo interessado nas questões sociais e culturais de seu país, Jacques Brault se engajou em um movimento literário que ficou conhecido como *poésie du pays* (‘poesia do país’), que tinha por objetivo trazer à tona a realidade quebequense, criticá-la, e estimular uma mudança, não através da negação de sua história, mas sim fortalecendo sua identidade. Esse movimento, nascido com a fundação das Éditions de l’Hexagone (em 1953), pretendia exprimir com maior força as mudanças estéticas e temáticas que caracterizariam o início da Révolution tranquille no Québec. Assim como Brault, outros três poetas fizeram parte desse movimento: Gaston Miron, Paul Marie Lapointe e Fernand Ouellette (SILVA, 2015, pp. 13-14).

As relações pessoais de Brault com seus contemporâneos também podem ser relevantes para o estudo de suas obras, visto que vários dos textos centrais que compõem sua fortuna crítica são escritos por seus colegas; Lapointe (apud SILVA, 2015, pp. 13-14), é um

⁷ Faleiros (2021, p. 20) refere-se ao primeiro livro de Jacques Brault, *Mémoire* (1965), ainda sem tradução para o português.

⁸ *Union des écrivaines et écrivains québécois*. Disponível em: <https://www.uneq.qc.ca/>.

exemplo, tendo publicado em 2012 um ensaio sobre o tema do sujeito distanciado de seu meio social na obra de Brault⁹. A ela somam-se outros poetas que se dedicaram, em algum momento, ao estudo de aspectos braultianos, como Vachon (1977) e Laroche (2005), cujos ensaios em muito contribuem para nossas análises (além de ilustrarem uma tendência da literatura quebequense: a pluralidade de autores que também se destacam como estudiosos da literatura).

Outro nome importante levantado por Silva (2015) é o de Gaston Miron (1928-1996), cuja influência poética e política é visível nas obras de Jacques Brault, especialmente em *L'Artisan* (2006), livro que se abre com “*Tombeau*” (BRAULT, 2006, pp. 7-13) que reaproveita versos do poema mais icônico de Miron, “*L’homme rapaillé*” (apud FALEIROS, 2021, p. 61)¹⁰. A relação entre os dois poetas é tema de uma entrevista concedida por Brault, em 2014 (NARDOUT-LAFARGE, 2014, pp. 51-64), que ressalta, também, sua importância para a recepção da obra de Miron no Quebec, visto que é de sua autoria “o primeiro texto que reconhece a poesia de Miron (...)”¹¹; e a conferência *Miron le magnifique*, de 1966 (apud NARDOUT-LAFARGE, 2014, p. 51)¹², pedra angular do reconhecimento do autor como “o ‘poeta quebequense’ por excelência” (FALEIROS, 2021, p. 61). Na entrevista a Nardout-Lafarge (2014), Brault atrela o primeiro contato entre ambos à fundação da Éditions de l’Hexagone, que teria sido uma iniciativa de Miron. Ao falar da ocasião, o poeta ressalta sua surpresa ao receber esse convite já que “eu não era ninguém nessa época” (BRAULT apud NARDOUT-LAFARGE, 2014, p. 53). A figura de Miron parece sintetizar para Brault um compromisso estético, político e “ético”¹³ da poesia contemporânea, conforme cita no encerramento de *Chemin faisant* (BRAULT apud NARDOUT-LAFARGE, 2014)¹⁴:

*Non quero deixar-me encerrar
nas pechinhas do poema, emboscado louco duro
mas que o poema seja o caminho dos homens
e do pouco que nos resta a se orgulhar
Eis, no coração do poema, a instância ética da poesia* (BRAULT apud
NARDOUT-LAFARGE, 2014, p. 56).¹⁵

⁹ LAPOINTE, Martine-Emanuelle. Leçons de clochardise. Lectures d’Agonie et d’Il n’y a plus de chemin de Jacques Brault. *Rimouski*: Tangence, n. 98, 2012.

¹⁰ Há uma tradução do referido poema de Gaston Miron à página 13 do livro *O homem restolhado*, traduzido por Flávio Aguiar e publicado pela Editora Brasiliense, em 1994.

¹¹ NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth. Entretien avec Jacques Brault. Montréal: *Études françaises*, v. 50, n. 1-2, 2014, p. 51.

¹² BRAULT, Jacques. *Miron le magnifique*. Série Conférences J. A. de Sève, vol. 6. Montréal: Université de Montréal, 1996.

¹³ BRAULT apud NARDOUT-LAFARGE, 2014, p. 57.

¹⁴ BRAULT, Jacques. *Chemin faisant*. 1ª ed. La Presse: Montréal, 1975.

¹⁵ Apresentamos abaixo os trechos citados conforme consta no original:

Como estudioso da poesia de Miron, Brault contribuiria para o alargamento das percepções da obra de um poeta que fora “nacionalizado”¹⁶ em função de sua vida política, sendo esse aspecto muitas vezes priorizado em relação à sua profundidade estética e subjetiva. Por meio da entrevista de 2014 que aqui citamos, depreendemos que Miron e Brault mantinham um rico diálogo crítico, tendo o último também influenciado a obra poética e as percepções literárias e sociais do primeiro.

Outro poeta do Quebec apontado como influente na produção braultiana é Hector de Saint-Denys Garneau (1912-1943), lido por Brault em sua juventude (NARDOUT-LAFARGE, 2014). Segundo Silva (2015), a palavra “acompanhamentos” empregada como gênero textual em *Au fond du jardin — accompagnements*, publicado por Brault em 1996, pode ter origem na produção poética de Garneau ([1949] 2013, pp. 78; 105-110). Um ponto em comum entre os dois poetas é a produção artística também em outra linguagem, a das artes plásticas (VASCONCELOS FILHO, 2015, p. 11; STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 8).

Apesar de suas notórias contribuições para seu meio cultural e de sua prolífica obra, Jacques Brault buscou uma vida pessoal tranquila, tendo se retirado para o interior e se tornado “(...) jardineiro (...) quando, recém-aposentado, mais de 20 anos atrás, optou por deixar a cidade grande para se dedicar à lida com a terra e com as palavras sujeitas ao tempo das estações (...)” (FALEIROS, 2021, p. 11).

A história biográfica de Jacques Brault encerra-se no dia 18 de outubro de 2022, “em decorrência de uma longa doença, aos 89 anos” (MONTPETIT, 2022). O artigo publicado pelo jornal quebequense *Le Devoir* por ocasião de sua morte¹⁷ interessa-nos não apenas como uma homenagem ao poeta, mas como uma síntese de sua recepção e posição em seu sistema literário, avaliada mais de cinquenta anos após sua estreia. Nos valeremos desse registro histórico para concluir a apresentação da figura do autor, levantando, em seguida, seu histórico de produção e recepção no Quebec.

O texto (MONTPETIT, 2022) começa por alguns epítetos atrelados a Brault, a saber, “(...) o poeta do íntimo, o espírito independente, o gigante da sombra por trás de Gaston

*“Je ne veux pas me laisser enfermer
dans les gagnages du poème, piégé fou raide
mais que le poème soit le chemin des hommes
et du peu qu’il nous reste d’être fier*

Voilà, au cœur du poème, l’instance éthique de la poésie” (BRAULT apud. NARDOUT-LAFARGE 2014 p.56).

¹⁶ NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth. Entretien avec Jacques Brault. Montréal: *Études françaises*, v. 50, n. 1-2, 2014, p. 57.

¹⁷ MONTPETIT, Caroline. *Jacques Brault, une vie en prose*. *Le Devoir*, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/culture/766065/1933-2022-le-poete-jacques-brault-s-est-eteint>.

Miron ou Saint-Denis Garneau (...)”¹⁸. Tal escolha de palavras, interessante, sobretudo, por servir como uma espécie de identificador, para o leitor, da personagem pública agora falecida, pode ajudar-nos a visualizar dois pontos: i. a dissociação do poeta de movimentos literários após sua fase de dedicação à “*poésie du pays*”, apontando, em sua obra, para uma *autonomia criativa* (“o espírito independente”¹⁹); e ii. seu papel para a valorização de importantes vozes quebequenses — consideradas, por sua vez, recebedoras de maior destaque em seus círculos literários do que Brault, posicionamento fortemente marcado pela imagem “[d]o gigante da sombra por trás (...)” desses autores. No parágrafo seguinte, essas duas noções são reiteradas: a de um comprometimento, não com um movimento, mas com *a própria literatura*; e a de uma posição periférica de sua obra no Quebec:

Fiel até o final à literatura, ‘marginal iluminado’, como escrevera Christian Desmeules nas páginas do *Devoir* em 2005, ele permaneceu extremamente discreto ao grande público, ainda que sua obra tenha sido celebrada no meio literário desde a publicação de sua primeira coletânea, *Mémoire*, em 1965. (MONTPETIT, 2022).²⁰

Tal fidelidade à literatura (MONTPETIT, 2022) parece estar conectada, no texto em questão, à própria *marginalidade* do poeta, à medida em que:

Mesclando poesia, ensaio e prosa, Jacques Brault desbravou seu próprio caminho, único e autônomo, no reino das letras. ‘Seu primeiro escrito, *Mémoire*, se inscrevia na literatura do país (...). Mas ele traçou sua própria voz, que é uma voz mais obscura, do baixo, onde se hospeda junto às sombras, uma voz bem menos flamejante que a de Gaston Miron’ (MONTPETIT, 2022).²¹

Parece haver também uma valorização do não envolvimento de Brault em determinados momentos e ações políticas que se sucederam durante a Revolução Tranquila, como a chamada Crise de Outubro²², período de maior radicalidade da pauta separatista no

¹⁸ No texto integral, lê-se: “Jacques Brault, le poète de l’intime, l’esprit indépendant, le géant de l’ombre derrière Gaston Miron ou Saint-Denis Garneau, est décédé mardi dernier des suites d’une longue maladie, à 90 ans.” (Ibidem, 2022).

¹⁹ MONTPETIT, Caroline. Jacques Brault, une vie en prose. Le Devoir, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/culture/766065/1933-2022-le-poete-jacques-brault-s-est-eteint>.

²⁰ “Fidèle jusqu’au bout à la littérature, ‘marginal éclairé’, comme l’écrivait Christian Desmeules dans les pages du *Devoir* en 2005, il est resté extrêmement discret dans le grand public, bien que son oeuvre ait été célébrée dans le milieu littéraire dès la parution de son premier recueil, *Mémoire*, en 1965.” (Ibidem, 2022).

²¹ No texto integral, lê-se: “Mêlant poésie, essai et prose, Jacques Brault a frayé son propre chemin, unique et autonome au royaume des lettres. Son premier récit, *Mémoire*, s’inscrivait dans la littérature du pays, souligne Frédéric Bernier. ‘Son premier grand recueil, *Mémoire*, s’inscrit dans le sillage de la poésie du pays. Mais il a tracé sa propre voie, qui est une voie plus obscure, d’en dessous, où il séjourne auprès des ombres, une voix beaucoup moins flamboyante que celle de Gaston Miron.’” (Ibidem, 2022).

²² A chamada Crise de Outubro, período da Revolução Tranquila a partir do qual, segundo Montpetit (2022),

processo emancipatório do Quebec enquanto província francófona, o que trouxe consequências não apenas políticas, como também culturais — Stradioto-Casolato (2022, p. 18) fala em “um encolhimento do campo literário (...)” a partir de tendências que não teriam sido acatadas por Jacques Brault, ainda que a resistência quebequense anti-hegemônica tenha permanecido um destaque de suas obras:

(...) apesar do engajamento contra o imperialismo cultural europeu e anglófono, Brault foi levado a romper com o movimento independentista pois o nacionalismo político e literário (...) ameaçava a sua liberdade criativa e comprometia o seu projeto estético (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 18).

Por fim, assim como apontado por Silva (2015) e Faleiros (2021), a memória publicada pelo jornal *Le Devoir* (MONTPETIT, 2022) ressalta a centralidade da província na obra de Jacques Brault que, em uma leitura aguçada de seu país, refletiria “todas as questões que atravessaram o Quebec desde há um quarto de século”. Destaques tanto de sua obra literária, quanto de seus trabalhos sobre a literatura, são citados pelo texto como provas de um grande legado deixado pelo autor aos “diversos jovens poetas [que] trabalham ainda hoje em sua esteira” (MONTPETIT, 2022, grifo nosso). Sua extensa obra, que comentaremos nesta seção introdutória, conta com mais de vinte livros publicados entre 1965 e 2017, entre poesia, dramaturgia, romance, ensaios e edições críticas de outros autores. Faremos um breve panorama dessa produção a seguir, amplamente comentada por Silva (2015) e Faleiros (2021).

Mémoire (1965), “certamente uma ‘obra fundadora’ (...)” da poética de Brault (FALEIROS, 2021, p. 18) é considerado por Silva (2015) e Faleiros (2021) como um livro mais próximo do “tom” da poesia natal à época, divergindo das demais obras do autor. Ganhadora do Prix David, são apontadas como características dessa primeira publicação oficial: i. o tema da memória que lhe dá título; ii. os “textos caudalosos” que serão reduzidos ao longo de sua obra (LAROUCHE, 2005, p. 89); iii. e o “endereçamento” (FALEIROS, 2021, p. 20) típico da poética braultiana. O poema “Suite fraternelle”²³ também é lançado como

Brault teria se afastado de ações militantes mais engajadas e coletivas, é apresentada em verbete da *Encyclopédie Canadienne*, que resumimos e traduzimos a seguir: “A Crise de Outubro faz referência a uma série de acontecimentos que se sucedem no Quebec no outono de 1970. Essa crise é o ponto culminante de uma longa série de atentados terroristas perpetrados pelo Front de Libération du Quebec (FLQ), um movimento independentista militante, entre 1963 e 1970. Em (...) outubro de 1970, o FLQ sequestra (...) o ministro da Imigração e do Trabalho do Québec, Pierre Laporte. (...)”

(...) Os felquistas partilham da convicção de que o Quebec deve se libertar da dominação anglófona e do capitalismo através da luta armada. Eles se dão por missão extinguir a influência do colonialismo inglês atacando seus símbolos” (HISTORICA CANADA. *Crise d’Octobre*. L’Encyclopédie Canadienne. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/crise-doctobre>).

²³ BRAULT, Jacques. *Suite fraternelle*. Ottawa: Éditions de l’Université d’Ottawa, 1969.

uma publicação independente, em 1969 pela Éditions de l'Université d'Ottawa e pela Parti Pris.

Data do ano seguinte a estreia de Brault como um grande ensaísta, com *Miron, le magnifique*²⁴, obra crucial para a recepção crítica e a aclamação popular do poeta quebequense Gaston Miron (1928-1996), conforme já comentado. Dois anos após esse evento, Brault analisa a obra de Alain Grandbois para a série *Poètes d'aujourd'hui* (1968).

O segundo livro, *La poésie ce matin* (1971) estabelece, para Faleiros (2021, p. 22), “certa continuidade com o anterior” no que diz respeito à memória e à “eloquência” — esta, porém, já dividindo espaço com as “formas breves e versos curtos”. É nesse livro que se encontra o poema “*Commencement*”, escrito “a partir de Blas de Otero” (FALEIROS, 2021, p. 22), a saber, do poema “*En el principio*”. Essa reescrita não é nomeada como uma “nãotradução” como aquelas que constituem *Poèmes des quatre côtés*, objeto de nosso estudo; porém podemos identificar muitas semelhanças entre as características observadas por Faleiros (2021) em “*Commencement*” e aquelas levantadas por Simon (1994) em sua análise do poema “*Axiome*” — este sim nomeado pelo autor uma “nãotradução”²⁵. *La poésie ce matin* se interpõe à publicação de duas peças de teatro escritas por Jacques Brault: *Quand nous serons heureux* (1970) e *Trois partitions* (1972), sendo essa última parte da *Collection Théâtre canadien* da editora Lemeac.

As próximas publicações poéticas de Brault ocorrem no mesmo ano, em 1975, sendo uma delas o livro sobre o qual nos debruçamos, *Poèmes des quatre côtés* e o outro, *L'en dessous l'admirable*, que recebe posteriores estudos de Laroche (2005) e Vachon (1977). Como a apresentação do livro aqui estudado, *Poèmes des quatre côtés*, será realizada na terceira seção deste capítulo, abordaremos agora apenas as demais publicações do autor.

L'en dessous l'admirable apresenta de forma mais “efetiva” que os livros anteriores ““a cisão entre o eu e o tu (...)””, através do tema da perda e da busca de ambos (FALEIROS, 2021, p. 32). Os poemas tornam-se mais curtos, mas, assegura Vachon (1977), não menos comunicativos²⁶. Uma importante característica desse livro é a alternância entre poemas em versos e prosa poética, o que também ocorre em *Poèmes des quatre côtés*, com os trechos em

²⁴ BRAULT, Jacques. *Miron le magnifique*. Série Conférences J. A. de Sève, vol. 6. Université de Montréal: Montréal, 1996.

²⁵ Mais informações sobre tal proximidade se encontram em nosso terceiro capítulo, “Análises comparativas dos *Poèmes des quatre côtés*”.

²⁶ A avaliação de Vachon (1977, p. 181-182) acerca de possíveis limitações de expressividade em poemas curtos, um “hábito moderno (...)” (p. 181), explicadas pelo autor por um suposto esgotamento de experiências e de construções de sentido (p. 182); não incluiria a poética de Jacques Brault que, para Vachon, “(...) tem algo a dizer” e o faz através da concisão. Os comentários de Vachon (1977) tratam não apenas da forma do poema na contemporaneidade, mas também da influência de filosofias orientais na obra braultiana, conforme desenvolvido por Stradioto-Casolato (2022).

prosa configurando-se como ensaios que acompanham a leitura dos poemas e vice-versa. O aspecto filosófico (VACHON, 1977) de *L'en dessous l'admirable* e sua ligação com o taoísmo (LAROCHE, 2005) são relevantes para nossas análises, visto que tal ligação também é apontada por Laroche no que se refere a *Poèmes des quatre côtés*.

Chemin faisant, “um conjunto de ensaios que foram escritos desde 1964” (SILVA, 2015, p. 26) é publicado no mesmo ano em que vêm a público *Poèmes des quatre côtés* e *L'en dessous l'admirable*, 1975 — quiçá o ano mais prolífico da produção de Jacques Brault. Nesse trabalho, podemos encontrar comentários mais recentes do autor às próprias formulações do passado evidenciando ao leitor um percurso de pensamento em construção, refletido no título. Outro ponto interessante de observarmos a formação de seu pensamento é, segundo Silva (2015), contrastar seus anos iniciais de atuação político-literária, mais coletivos devido ao engajamento do autor no movimento independentista do Quebec; e uma maior independência ou “solidão literária” que marcaria sua obra a partir de então. Para a autora, esse afastamento estaria refletido nos recursos intertextuais mobilizados ao longo da obra. Como exemplo, Silva (2015, p. 27) cita a presença de autores natais e estrangeiros “como personagens” nos poemas e ensaios braultianos posteriores a 1975.

As próximas publicações de Brault são *Vingt-quatre murmures en novembre* (1980), uma publicação especial de poucos exemplares da Éditions du Noroît, e *Trois fois passera* (1981), no qual se produz novamente o “tensionamento entre poesia e prosa, ou, mais precisamente, uma ‘mistura do teórico e do poético’ (...), fazendo com que o livro ‘literalmente deslize do poema ao ensaio’” (FALEIROS, 2021, p. 37-38). A influência oriental identificada pela crítica em *L'en dessous l'admirable* e *Poèmes des quatre côtés* (1975) também é apontada em *Trois fois passera* (1981), em que encontramos uma construção poética marcada pelos contrastes.

Em 1984, chega ao público *Moments fragiles*, “em certa medida inspirado nos *haikus* japoneses (...)” (FALEIROS, 2021, p. 44), influência combinada à da lírica medieval, objeto de estudo acadêmico de Brault e de diálogo intertextual de várias de suas obras. Mais uma vez, observa-se a produtividade do jogo de contrastes apontado nas publicações anteriores; além da condensação do discurso e “da importante presença de elementos da natureza e da objetividade das imagens (...) [inspirada pela] melancolia que acompanha sua escrita desde o início (...)” (FALEIROS, 2021, p. 46, grifo nosso). Do mesmo ano, data a publicação do único romance do autor, *Agonie* (1984), que manteria conexões intensas com a poesia, não apenas em sua forma narrativa, mas no próprio enredo, centrado na busca de um jovem por um poema de Giuseppe Ungaretti que assume para ele um aspecto filosófico. É uma obra

aclamada pela crítica, tendo recebido o Prix du Gouverneur Général, importante premiação literária do Canadá. No artigo do jornal *Le Devoir* publicado por ocasião do falecimento de Jacques Brault, o enredo de *Agonie* é anunciado como uma metáfora²⁷ do caráter colaborativo (entre autor e leitor, bem como entre poetas) que perpetua a poesia, levando-a além de seu contexto original:

No romance *Agonie*, que mereceu o Prêmio do governador geral em 1984, Jacques Brault explora o tema da morte. Um velho homem deixa sobre um banco de parque um caderninho repleto de seus escritos. Um jovem homem se depara com ele, e o leva para casa para a madrugada. Uma demonstração da arte dos poetas de continuarem vivos (MONTPETIT, 2022).

Data também de 1984 uma publicação bastante artesanal e de difícil acesso, *Ductus*, publicado pela Éditions du Noroît em uma tiragem especial de menos de trinta volumes, segundo consta na página oficial da editora²⁸. Trata-se realmente de uma edição excepcional, um “livro de artista”, como se apresenta: o texto de Brault em francês não apenas recebe ilustrações e caligrafias do artista plástico Martin Dufour, mas também traduções para o inglês, italiano e alemão, configurando-se em uma publicação quadrilíngue, ilustrada e, infelizmente, raríssima; que chama a nossa atenção para o espaço que a tradução e a escrita colaborativa, além da produção artística em múltiplas linguagens, ocupam na poética braultiana a partir dos anos 1970.

Dois anos após, é publicada a antologia *Poèmes I* (1986), com poemas selecionados das três primeiras obras de Jacques Brault. O próximo livro de poesia é *Il n’y a plus de chemin* (1990), cuja própria edição indica conter também três ilustrações do autor, mesclando-se aos textos em verso e em prosa. Ele seria marcado pela figura do “vagabundo” ou “andarilho” (o “*clochard*”), personagem tão frequente na lírica de Brault como a imagem do caminho (poético, político ou pessoal). *Il n’y a plus de chemin* estaria conectado a *La poussière du chemin*, ensaios que vêm a público em 1989, um ano antes do primeiro livro de poemas publicado por Brault na década de 1990 (*Il n’y a plus de chemin*). A este sucede *Ô saisons, ô châteaux* (1991), um conjunto de narrativas “de estrutura similar à da crônica (...) [cuja] característica principal é, sem dúvida, o humor” (SILVA, 2015, p. 33, grifo nosso), que poderiam ser consideradas, à sua maneira, ensaios, também marcados pelo endereçamento.

²⁷ Valemo-nos aqui da palavra *metáfora* não enquanto termo designador de uma construção retórica específica (CEIA, 2010), ou “um modo excepcional de utilização da linguagem (...)” (DARIN, 2020, p. 49), mas como sinônimo de uma abstração capaz de construir determinado sentido.

²⁸ As poucas informações encontradas sobre essa publicação encontram-se na seção dedicada ao *Ductus* na página da Éditions du Noroît, disponível em: <https://lenoroit.com/produit/ductus/>.

Em 1993, Brault publica *Au petit matin* com Robert Melançon, premiado escritor quebequense com quem compartilharia alguns traços, segundo Lepage (2017, pp. 1-6): “eles são — entre outros — poetas, professores eméritos na Universidade de Montréal, críticos literários, finos apreciadores das artes visuais e incansáveis caminhantes”. Os poemas recolhidos neste livro conjunto evidenciariam pontos em comum entre suas poéticas também, como a ideia do poeta como artesão, o inacabamento da poesia e as “numerosas epígrafes e dedicatórias (...)” que empregam.

Au fond du jardin: accompagnements (1996) é o objeto de estudo e tradução comentada de Silva (2015), que o considera “um microcosmo que reflete a complexidade da obra do autor”²⁹, motivo pelo qual o escolhe “para apresentar o escritor Jacques Brault ao leitor brasileiro (...)”³⁰ através da tradução de excertos. Trata-se, salvo engano, da primeira dissertação de mestrado sobre a obra de Jacques Brault produzida no Brasil, em 2015. A autora chama a atenção para o uso metafórico do espaço na poética braultiana, o diálogo com o leitor e a possível influência de Saint-Denis Garneau (1912-1943) para a imagem de intertextualidade como *acompanhamento*. O ano de 1996 também recebeu a publicação de mais uma antologia, *Poèmes choisis — 1965-1990*, pela Éditions du Noroît.

Au bras des ombres (1997) trabalha de forma intensa a imprecisão do território poético do país (FALEIROS, 2021), menos palpável a cada obra do autor, assim como outras conexões interpessoais, notadamente a amorosa. Como o próprio título sugere, a morte é um tema recorrente desse livro, manifesta, inclusive, através dos “vários endereçamentos líricos aos defuntos, como o pai, a mãe, os irmãos e os amigos de infância”; o que também é praticado no próximo livro, *L’artisan* (2006), aberto por um poema endereçado ao já falecido Gaston Miron (“*Tombeau*”; BRAULT, 2006, pp. 7-13). O diálogo intertextual marca fortemente essa obra, visto que cada seção de *L’artisan* possui, ao menos, uma epígrafe, sendo as dedicatórias e alusões também abundantes. Objeto de nosso projeto de pesquisa anterior, encontramos dentre os vários artistas citados diretamente nos poemas de *L’artisan* o português Fernando Pessoa (p. 118), o romeno Paul Celan (pp. 37; 117), o amigo Robert Melançon (co-autor de *Au petit matin*; BRAULT; MELANÇON; 1993) (BRAULT, 2006, p. 21), entre outros. Consideramos, preliminarmente, que a recriação poética esteja no cerne do projeto criativo desse que é o último livro de poemas publicado por Jacques Brault.

O século XXI recebe também publicações ensaísticas e críticas de Jacques Brault,

²⁹ SILVA, Lucia Helena Muniz da. Jacques Brault, *Au Fond du Jardin — Accompagnements*: Traduções Comentadas. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientador Álvaro Silveira Faleiros. São Paulo, 2015, p. 38.

³⁰ Id.

como *Dans la nuit du poème* (2011), *Chemins perdus, chemins trouvés* (2012) — que retoma a experiência poética expressa anteriormente no título *Il n’y a plus de chemin* (1990) — e o livro *Images à Mallarmé* (2017) que, juntamente com *Un écrivain et son lecteur*, ensaio do mesmo ano sobre a obra de Gilles Marcotte, configuram-se como seus últimos lançamentos de nosso conhecimento.

Sintetizando os destaques recebidos por Brault por parte da crítica, ressaltamos o reconhecimento do autor como um artista polivalente que, em sua prolífica produção, teria mantido um alto nível de autonomia e experimentação — não apenas literária, mas nos campos acadêmico e das artes visuais. Porém reforça-se em paralelo a tal emancipação um forte engajamento da poética braultiana com a questão quebequense, identificando-se sempre, ao longo de sua produção, não apenas um desenvolvimento do Quebec como tema, mas um questionamento das noções de nação, coletividade e individualidade (reverberando, inclusive, na frequente exploração dos limites entre *Eu* e *Outro*). Muito do que se produziu sobre sua obra, principalmente no Quebec, reconhece sua importância para a literatura nacional também por sua atuação como crítico, contribuindo especialmente com a recepção das obras de Gaston Miron e Saint-Denys Garneau, bem como as produtivas relações que estabelecera com outros artistas canadenses, sobretudo quebequenses — “gente do meu bairro”, como os nomeara Brault em entrevista a Nardout-Lafarge (2014, p. 54). Apesar dessas fortes conexões, também é consenso entre os comentadores da obra braultiana sua posição periférica em seu sistema literário, por vezes atribuindo tal *marginalidade* à própria postura intimista do autor. Reconhecem, por fim, a natureza filosófica (VACHON, 1977, p. 188) de uma poesia orientada não apenas por uma estética, mas “por uma ética da escrita (...)”; a intertextualidade recorrente (FALEIROS, 2021, pp. 22-26; SILVA, 2015; LAROCHE, 2005) e a influência da produção artística e filosófica oriental (FALEIROS, 2021, p. 43; LAROCHE, 2005; STRADIOTO-CASOLATO, 2022), especialmente no que tange à brevidade e ao tensionamento de contrastes.

1.2 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DE *POÈMES DES QUATRE CÔTÉS*

Ao discorrer sobre a atenção ao perfil do tradutor e seu valor para a análise de suas traduções, Pym (2017, p. 172) explica que “para quase toda causalidade interna que possa ser encontrada na biografia pessoal de um tradutor, há uma causalidade mais ampla, de âmbito social, que aciona ou permite que os fatores internos deixem sua marca no mundo público das

traduções (...)”. Ademais, ao comentar a “nãotradução” braultiana como um capítulo da história da tradução no Quebec, Simon (1994) avalia que:

A perturbação que evoca Jacques Brault (...) não é apenas uma poética. Ela também está profundamente ancorada no contexto histórico-político do Quebec. Jacques Brault é desde sempre um crítico atento às relações de força que atuam sobre a cena da escrita. Como fazer o elogio da tradução no contexto da ‘sobreconsciência’ linguística do Quebec? (SIMON, 1994, p. 63).

Portanto, faz-se mister compreender a “nãotradução” de Jacques Brault (1975) levando em consideração o meio social no qual é produzida, especialmente ao atentarmos para a importância do contexto quebequense em *Poèmes des quatre côtes*, evidenciada nos impactantes excertos que abordam a questão no livro e que comentamos em nossa leitura analítica. Para tanto, contaremos especialmente com os artigos de Jaka (2010) e Simon (1994), além de Stradioto-Casolato (2022). Mencionamos, de forma complementar, algumas informações mais atualizadas sobre o peso da tradução no sistema literário quebequense hoje com Lane-Mercier (2014).

Jaka (2010) traz à tona um histórico de dominação linguística e cultural no Quebec que impactara na visão coletiva da tradução, interpretada como ferramenta de dominação, em um primeiro momento; e de resistência a partir da Revolução Tranquila, então parcialmente transformada em meio de enriquecimento cultural. Segundo a autora:

Após a chegada do regime britânico ao poder, uma enorme empreitada de tradução entra em cena traduzindo para o francês todos os pareceres governamentais, criados e redigidos em inglês. É por isso que, por volta do fim do século XIX, à medida em que nasce uma consciência linguística entre os franco-canadenses, a tradução começa a ser percebida como uma ameaça, dado que ela viabiliza uma servidão linguística e política. Teme-se que uma tradução servil, escrita em um francês calcado sobre o inglês, promova a degradação da língua francesa, e com ela, a perda de uma identidade francesa. A tradução será assim concebida, até as últimas décadas do século XX, como um fator de alienação e aculturação (...) (JAKA, 2010, pp. 4-5).³¹

Observamos no trecho destacado o uso do termo “franco-canadenses” (JAKA, 2010, p.

³¹ “Depuis l’arrivée au pouvoir du régime britannique, une énorme entreprise de traduction s’est mise en place pour traduire en français tous les avis gouvernementaux, créés et rédigés en anglais. C’est pour cela que, vers la fin du XIXe siècle, à mesure que naît une conscience linguistique chez les Canadiens français, la traduction commence à être perçue comme une menace, attendu qu’elle donne lieu à un asservissement linguistique et politique. On craint qu’une traduction servile, écrite dans un français calqué sur l’anglais, n’entraîne la dégradation de la langue française, et avec elle, la perte d’une identité française. La traduction sera donc conçue, jusqu’aux dernières décennies du XXe siècle, comme un facteur d’aliénation et d’acculturation (...)” (JAKA, 2010, pp. 4-5).

5) para denominar os habitantes do Quebec, o que ajuda a ilustrar o impacto da revolução cultural para a província, conforme detalharemos a seguir, já que o próprio gentílico quebequense (*québécois*) passa a ser adotado a partir desse movimento. Para Jaka, trata-se de um momento de fundação identitária que dependia, por um lado, de algum nível de emancipação em relação tanto ao Canadá anglófono e aos Estados Unidos, quanto à França; e por outro, de uma expansão da própria expressividade, alimentada por referências externas que deviam, simultaneamente, ter sua importância diminuída de modo a fortalecer uma nova narrativa “nacionalista” (HISTORICA CANADA)³² quebequense.

Conta-nos Simon (1994, pp. 63-64) que, até esse momento, “a relação com a língua inglesa foi definida e assimilada de maneiras muito diversas pelos escritores canadenses-franceses ao longo dos anos (...)”, sendo-nos possível, de acordo com a autora, identificar, entre elas, duas tendências muito diversas, nomeadas por Simon de “bilinguismo feliz” e “bilinguismo trágico” – “(...) *le bilinguisme joyeux et le bilinguisme tragique* (...)”. Para os adeptos da primeira perspectiva, habitar uma zona de disputa das línguas inglesa e francesa seria uma oportunidade e mesmo um privilégio, especialmente quando se considerava o Quebec como um território fundado e disputado por “(...) duas grandes civilizações, a francesa e a anglo-saxônica (...)”. A visão diametralmente oposta a essa imagem de “lugar cultural privilegiado”, é claro, temia “(...) ‘a colonização mental’ resultante da sujeição econômica do Quebec (...)”³³, posição que, segundo a autora, pode assumir-se como uma missão anticolonial. É sob esse jugo que a tradução está mais estreitamente associada ao expansionismo anglófono sobre o Quebec: “(...) é pela via da tradução que as práticas e ideias fundamentalmente estrangeiras à cultura quebequense nela entravam. (...)”.

Com a chegada da Revolução Tranquila, essa massiva empreitada pela fundação de uma nova identidade quebequense “a partir dos anos 1960 (...), a tradução começa a ser utilizada e percebida como um instrumento de resistência contra a aculturação, como um instrumento de consolidação da identidade quebequense” (JAKA, 2010, p. 5). Entretanto, uma vez guiada por um compromisso premente com a cultura local, a prática de tradução nesse período alimentou o sistema literário com “(...) paródias, imitações, paráfrases, amplificações etc. (...)” (JAKA, 2010, p. 5). Cabe-nos inferir que, de algum modo, graças a certa uma

³² O termo “nacionalista” é empregado no verbete dedicado à Revolução Tranquila na *Encyclopédie Canadienne*, referindo-se à disputa cultural entre anglófonos e francófonos travada no Canadá. Esse é um portal mantido pelo próprio governo canadense. (HISTORICA CANADA. *Révolution Tranquille*. Encyclopédie Canadienne. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/revolution-tranquille>).

³³ SIMON, Sherry. *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature Québécoise*. Montréal: Boréal, 1994. pp. 34-71. Disponível em: <https://archive.org/details/letraficdeslangu0000simo/page/34/mode/2up?view=theater>, p. 45.

insubmissão dos autores-tradutores quebequenses do período à ideia soberana de fidelidade, tantas vezes posta como paradigma tradutório, suas produções não eram percebidas como traduções, necessariamente. Em um pacto pelo próprio crescimento cultural, autores, editores, crítica e público quebequense anunciaram tais produtos não como obras traduzidas ou adaptadas por quebequenses, mas como exemplares da nova literatura do *pays*^{34, 35}.

Partindo do aspecto minoritário do Quebec enquanto comunidade francófona — fruto da colonização e exploração francesa, inserida em um país que só instituiu uma política linguística assegurando o francês como língua cooficial em 1969³⁶ e que está sob influência de duas potências de língua inglesa, os Estados Unidos da América e o Reino Unido — consideramos o sistema literário quebequense como “periférico ou marginal”³⁷ (JAKA, 2010 p. 4), posição que influencia, é claro, sua produção artística nos séculos XX e XXI. Segundo a autora, partir desse ponto é importante não apenas para projetos tradutórios que mantêm intensa conexão com os acontecimentos político-sociais, como é o caso da obra de Brault; mas também para pensar a tradução no Quebec como um todo, visto que “(...) a tradução é um ato social, tendo mais incidência nas sociedades periféricas e marginais do que nas sociedades ditas “canônicas”, nas quais os textos traduzidos exercem apenas uma função secundária em relação à produção textual endógena (...)”³⁸. Retornaremos a essa reflexão mais adiante, apoiados em Lane-Mercier (2014).

Sob o risco de reduzirmos a complexidade desse evento histórico, sintetizamos aqui o episódio da Revolução Tranquila como um movimento popular quebequense promovido a partir dos anos 1960 e que obteve rapidamente avanços significativos para a província; tanto imateriais, como uma redefinição “do papel e da identidade da sociedade francófona do Canadá” (HISTORICA CANADA)³⁹, quanto concretos, tangendo a educação e a saúde

³⁴ Ver discussão sobre o uso do termo *pays* (território, em geral, mas também país em língua francesa) pelos quebequenses em nosso segundo capítulo.

³⁵ JAKA, Aiora. La traduction récréatrice et récréative au Québec et au Pays basque: Exemples de Jacques Brault et de Joseba Sarrionandia. Université du Pays basque: Association Canadienne de Traductologie, 2010. Disponível em: <http://act-cats.ca/wp-content/uploads/2015/04/Jaka.pdf>, pp. 13-14.

³⁶ Um histórico mais detalhado de marcos legais sobre a política linguística no Canadá pode ser recuperado na página oficial de seu governo. (GOUVERNEMENT DU CANADA. *Historique de la Loi sur les langues officielles*. Disponível em: <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/campagnes/canadiens-loi-langues-officielles/historique-loi-langues-officielles.html>).

³⁷ Alguns autores quebequenses, ao longo da história da província, segundo Simon (1994, p. 64) consideram-se parte de um sistema cultural que produz “(...) uma literatura autóctone, tanto de expressão francesa quanto inglesa (...)”. *Autóctone* é o termo preferido, posto que mais respeitoso, para se referir aos povos indígenas em língua francesa; embora a defesa e reconhecimento desses povos no próprio Quebec, inclusive de sua literatura, seja um fato muito mais recente e ainda em construção (LALONDE, Lauriane. *La littérature autochtone “pour rappeler aux Québécois qu’on existe*. Montréal Campus: jornal indépendant des étudiants et des étudiants de l’Université du Québec à Montréal. 13 de novembro de 2018. Edição online. Disponível em: <https://montrealcampus.ca/2018/11/13/la-litterature-autochtone-pour-rappeler-aux-quebecois-quon-existe/>).

³⁸ JAKA, op. cit., p. 1.

³⁹ HISTORICA CANADA. Révolution Tranquille. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/>

pública, a infraestrutura das cidades e o reconhecimento do francês como língua cooficial canadense. Podemos atrelar ao período um avanço das pautas feministas e o início da emancipação da identidade quebequense em relação à igreja católica, instituída pelos franceses.

Apesar dos importantes avanços, a Revolução Tranquila constituiu também um momento de muita tensão política e social, visto que tanto um nacionalismo franco-canadense (HISTORICA CANADA)⁴⁰ quanto um anglo-canadense foram alimentados pela disputa cultural, conforme registra a *Encyclopédie Canadienne*. Após a derrota de algumas tentativas revolucionárias separatistas, as transformações passaram a ser reivindicadas principalmente pela representação partidária e, em 1975, ano de publicação de *Poèmes des quatre côtes* (BRAULT, 1975), a fortuna crítica de Brault já aponta uma maior emancipação do autor em relação ao pensamento revolucionário quebequense, como vimos em Stradioto-Casolato (2020, p. 18): “(...) apesar do engajamento contra o imperialismo cultural europeu e anglófono, Brault foi levado a romper com o movimento independentista pois o nacionalismo político e literário (...) ameaçava a sua liberdade criativa e comprometia o seu projeto estético (...)”.

Complementamos as análises de Jaka (2010) acerca da visão negativa da tradução no Quebec até a Revolução Tranquila com as de Lane-Mercier (2014) ao levantar a produção bibliográfica de e sobre traduções no par linguístico francês-inglês ao longo da história canadense. A autora recupera o posicionamento de Stratford e Newman em 1977, dois anos após a publicação de *Poèmes des quatre côtes*, quanto à “ausência de uma tradição de tradução literária no Canadá” (LANE-MERCIER 2014 p. 517), renovando suas inquietações quanto à disparidade entre a cultura de língua inglesa dominante e a de língua francesa minoritária. O artigo de Lane-Mercier assevera a necessidade de produzir-se uma historiografia dos projetos e concepções tradutórias, especialmente em contextos não-hegemônicos, a fim de que se possa observar os diferentes papéis assumidos pela tradução naquele sistema literário. Conforme posicionamento de Simon (1994) acerca do mesmo panorama, tomando-o, mais especificamente, como contexto para a “nãotradução” de Jacques Brault, “(...) o Quebec permanece ainda nos anos 1980 em uma situação de colonizado frente ao imperialismo cultural americano” (SIMON, 1994, p. 45).

Observando a obra (BRAULT, 1975) do ponto de vista dos Estudos da Tradução

article/revolution-tranquille.

⁴⁰ HISTORICA CANADA. Révolution Tranquille. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/revolution-tranquille>.

quebequenses na década de 1990 e compreendendo a “nãotradução” braultiana como parte da história da literatura no Quebec, Simon (1994, p. 59) avalia que:

Do discurso histórico quebequense sobre a tradução, largamente dominado por considerações linguísticas, as reflexões de Jacques Brault se destacam de maneira notável. *Poèmes des quatre côtés*, publicado em 1975, é na verdade uma contribuição maior ao pensamento e à prática da tradução, em um meio intelectual até então indiferente ao assunto⁴¹ (SIMON, 1994, p. 59).⁴²

Recuperando seu desenho de duas tendências principais, no imaginário quebequense, de encarar sua própria condição cultural, a saber, “(...) o bilinguismo feliz e o bilinguismo trágico (...)”, Simon (1994, p. 64) valoriza a perspectiva individual de Jacques Brault e sua atuação em seu sistema literário, ligando a concepção de *Poèmes des quatre côtés* a tal posicionamento:

Jacques Brault não escolhe nem a tendência eufórica (frequentemente contida na fórmula: os quebequenses são tradutores “naturais” da América), nem o aspecto trágico da proximidade ameaçadora da anglofonia. É aliando as exigências pessoais, poéticas e políticas da tradução que Brault evita se decidir diante dessa escolha maniqueísta (...) (SIMON, 1994, p. 64).⁴³

No capítulo dedicado à “nãotradução” braultiana em *Le trafic des langues*, Simon (1994, p. 65) desvela um ensaio de Brault no qual o autor comenta de forma mais explícita o lugar da tradução no Quebec. No trecho em questão, ele defende que a tradução possa ser utilizada como ferramenta de resistência cultural, de modo não apenas a alimentar seu próprio sistema, mas também a penetrar em outras culturas literárias⁴⁴, especialmente nas vizinhas:

⁴¹ O próprio Brault dissertara sobre o histórico da tradução no Quebec e a desconfiança que esta parece provocar nos poetas locais, conforme consta em Simon (1994, p. 66): “(...) é verdade, concede Brault, que os poetas quebequenses mostraram historicamente pouco interesse pela tradução. Contudo, essa reticência à tradução deriva de uma concepção absoluta da operação, considerada como apropriação ou recuperação. Pelo contrário, insiste Brault, é na negociação, na contradição, que a operação tradutória se realiza verdadeiramente. (...)”. Desse modo, é estabelecida uma relação direta entre uma ideia de impermeabilidade entre os conceitos de tradução e *não-tradução* — ou originalidade, ou ainda, apropriação, as “(...) paródias, imitações, paráfrases, amplificações etc. (...)” (JAKA, 2010, p. 5) tão praticadas, conforme Jaka, no Quebec — posta em xeque, como vimos, na “nontraduction” braultiana pela via do tensionamento.

⁴² “Du discours historique québécois sur la traduction, largement dominé par des considérations linguistiques, les réflexions de Jacques Brault se détachent de façon remarquable. *Poèmes des quatre côtés*, publié en 1975, est en effet une contribution majeure à la pensée et à la pratique de la traduction, dans un milieu intellectuel jusqu’alors indifférent au sujet.” (SIMON, op. cit., p. 59).

⁴³ “Jacques Brault ne choisit ni la tendance euphorique (souvent contenue dans la formule: les Québécois sont des traducteurs “naturels” de l’Amérique) ni l’aspect tragique de la proximité menaçante de l’anglophonie. C’est en alliant des exigences personnelles, poétiques et politiques de la traduction que Brault évite de trancher devant ce choix manichéen. (...)” (SIMON, 1994, p. 64).

⁴⁴ Conforme registra Simon (1994), a ideia de Brault tem, na verdade, um lastro histórico: a experiência da expansão editorial no Quebec nos anos 1940 e da estratégia de seus editores para transformar a literatura

(...) A tradução da poesia no Quebec, se ela fosse percebida como uma reculturação vivificante, como uma verdadeira odisseia desalienante, isso, acredito, libertaria os poetas do Quebec e lhes permitiria, talvez, se fazerem ouvir no mundo. Pois só são traduzidos os que traduzem. É uma lei do mercado (...), mas é ainda mais uma constante da psicologia de grupos. Para chegar a essa circulação de poemas quebequenses no mundo e de poemas estrangeiros no Quebec, é preciso, porém, dissipar a crença nebulosa no biculturalismo institucionalizado,⁴⁵ monstro político (...). Serei franco: os interlocutores poéticos mais próximos aos poetas quebequenses não são necessariamente os canadenses ou os americanos. Eu acreditaria mais voluntariamente que são, na verdade, os latino-americanos (...) (BRAULT apud SIMON, 1994, p. 65⁴⁶⁴⁷).

Apesar de não empregar o mesmo termo, o discurso de Brault (apud SIMON, 1994, p. 65) ao falar sobre a tradução é bastante próximo (embora bem mais direto) à forma como seus ensaios em *Poèmes des quatre côtes* apresentam a “nãotradução”. Destacamos, entre outros pontos em comum, as imagens do traduzir como: i. dar uma nova vida aos textos (p. 31; SUCHET, 2017, p. 1); ii. cumprir uma longa viagem (BRAULT, 1975, pp. 14; 53; 88); iii. libertar-se de paradigmas (p. 68; STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 18); iv. fazer ouvir uma voz (BRAULT, 1975, pp. 15; 70); e v. a proposição de uma troca contínua entre diversos (o “encontro de alteridades” de Stradioto-Casolato [2022, p. 17]). Nos dois discursos ainda há em comum a possibilidade de uma maior identificação com outras nações oprimidas ou

quebequense em produto no mercado de livros francês. Durante a Segunda Guerra Mundial e a França de Vichy, foi no Quebec que muitos livros franceses puderam ser publicados, sendo preciso, para tanto, um investimento na estrutura editorial quebequense essencial para seu desenvolvimento literário. À época, conta-nos Simon (1994, pp. 65-66), a tradução de “(...) grandes obras americanas, traduzidas para o francês e estampadas com o selo de editoras franco-canadenses” foi uma via para estreitar as distâncias com a antiga metrópole, em busca de reconhecimento e apoio à resistência cultural francófona do Quebec.

⁴⁵ O autor (BRAULT apud SIMON, 1994, p. 65) refere-se à política de bilinguismo oficial do Canadá, fruto de um processo contínuo de reivindicações e relações político-sociais que se desenvolve desde o século XIX. Segundo consta em página oficial do Governo do Canadá sobre a *Lei sobre as línguas oficiais (Loi sur les langues officielles*, Gouvenement du Canada), o francês é declarado língua cooficial do país em 1969 e, em 1988, quase vinte anos mais tarde, passa a vigorar uma atualização da lei prevendo “(...) favorecer o florescimento das comunidades de língua oficial em situação minoritária (...)”. A *Lei sobre as línguas oficiais* estimula e regula, atualmente, práticas de fomento à preservação e divulgação do francês quebequense na esfera pública, notável por exemplo, pela tradução de termos cotidianos originários da língua inglesa. As informações oficiais sobre as políticas linguísticas do Canadá podem ser consultadas em: Gouvernement du Canada. *Langues officielles et bilinguisme*. Disponível em: <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/services/langues-officielles-bilinguisme.html>.

⁴⁶ BRAULT, Jacques. *Sur la traduction de la poésie*. In: *La poussière du chemin: essais*. Boréal: Montréal, 1989.

⁴⁷ “(...) La traduction de la poésie, au Québec, si elle était perçue comme une reculturation vivifiante, comme une véritable odyssée désalienante, cela, je crois, libérerait les poètes du Québec et leur permettrait peut-être de se faire entendre dans le monde. Car ne sont traduits que ceux qui traduisent. C’est une loi du marché, cent fois hélas, mais c’est encore davantage une constante de la psychologie de groupes. Pour arriver à cette circulation des poèmes québécois dans le monde et des poèmes étrangers au Québec, il faut cependant dissiper la croyance fumeuse au biculturalisme institutionnalisé, monstre politique qui trimbale, attachée à sa queue, la casserole du bilinguisme officiel. Je vais être franc: les interlocuteurs poétiques les plus proches des poètes québécois, ce ne sont pas nécessairement les Canadiens ou les Américains. Je croirais plus volontiers que ce sont actuellement les Sud-Américains. (...)” (BRAULT apud SIMON, 1994, p. 65).

marginalizadas no cenário internacional – como é o caso dos “latino-americanos” que, para ele, estariam “(...) mais próximos aos poetas quebequenses (...)” (BRAULT apud SIMON, 1994, p. 65). Aqui, evocamos o seguinte trecho de *Poèmes des quatre côtés* (1975, p. 70):

(...) Vozes de longe e de perto me põem em vigília. Aqueles que foram de Auschwitz e de Hiroshima, de Varsóvia e do Biafra, aqueles que são da Sibéria e de Mai Loc, da Amazônia e do Harlem, aqueles que serão daqui e de lá como de parte alguma, crucificados ao absurdo, os assalariados de violência, os incapazes mesmo de desespero, murmuram uma velha história de revolução, de palavras usadas até o talo de tanto as termos traduzido (BRAULT, 1975, p. 70).

Stradioto-Casolato (2022, p. 13) nomeia a “nãotradução” braultiana “uma poiesis tradutória pós-colonial”, encarando Brault como um autor engajado que, valendo-se da tradução para construir uma obra igualmente posicionada, ainda assim desenvolve “uma técnica de composição”⁴⁸ que se diferencia de outras propostas como a antropofagia oswaldiana e a transcriação de Haroldo de Campos⁴⁹. Entretanto, assim como Faleiros (2021), Stradioto-Casolato (2022, p. 18) atenta para a autonomia criativa de Brault em relação “(...) aos propósitos de sua geração (...)”. Para a autora, “além de reescrita pós-colonial subversiva e transgressora, a *nãotradução* pode ser vista igualmente sob uma outra perspectiva — não menos contestadora, a de total liberdade estética e independência política [ideológica] (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 18, grifos da autora); e determinadas escolhas artísticas de Brault podem ser igualmente compreendidas “(...) como resistência aos rumos tomados pelo movimento independentista do qual fez parte Brault” — assim teria sido a decisão de “(...) recriar a partir de poemas anglófonos em um momento em que a regra era preterir toda literatura de língua inglesa (...)”⁵⁰.

Conforme levantamos na primeira seção desta introdução, o afastamento do autor da militância mais radical à época da Crise de Outubro (MONTPETIT, 2022) — lembramos, um período marcado por protestos mais violentos, inclusive envolvendo mortos (HISTORICA CANADA)⁵¹ e que data de cinco anos antes da publicação de *Poèmes des quatre côtés* — é apontado por vários de seus estudiosos. Além das informações biográficas que sustentam essa desassociação entre o separatismo e o engajamento de Jacques Brault, Stradioto-Casolato

⁴⁸ STRADIOTO-CASOLATO, Ana Magda. Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora. TradTerm, São Paulo, v.41, p. 5-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543>, p. 5.

⁴⁹ Ibidem, pp. 16-17.

⁵⁰ STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 19.

⁵¹ Tomamos como referência histórica a página dedicada à Crise de Outubro na *Encyclopédie Canadienne*. (HISTORICA CANADA. *Crise d'Octobre*. L'Encyclopédie Canadienne. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/crise-doctobre>).

(2022, p. 19) chama a atenção para a centralidade da alteridade na poética braultiana e considera tal princípio “(...) irreconciliável com o nacionalismo literário (...)”. Com efeito, o próprio Brault, em um dos ensaios de *Poèmes des quatre côtes* (BRAULT, 1975), emprega o termo ao contrapor-se, através da metáfora do contrabando⁵², à “ideologia” de uma literatura nacional original que passe ilesa às referências externas. O autor prefere, para tanto, se posicionar de forma indireta:

(...) ‘O senhor tem algo mais a declarar?’, pergunta o aduaneiro-crítico, e o teórico do nacionalismo literário: ‘provas, você tem provas?’ Não, eu não vou provar nada, ainda que no campo da lírica trovadoresca, do romantismo, do surrealismo, encontremos... Para quê? Foi só para mim mesmo que eu fiz essa vagante observação, para melhor demarcar a nãotradução da ideologia traducional (BRAULT, 1975, p. 50).

Stradioto-Casolato (2022) cita, do mesmo ensaio de Brault recuperado por Simon (1994), *La poussière du Chemin* (1989), um excerto que nos permite compreender melhor o peso de sua “condição de quebequense”⁵³ para a “nãotradução”. O autor emprega outra metáfora, a da “expatriação”, para referir-se ao projeto: “(...) ...é tanto minha condição de quebequense quanto minha paixão pela poesia que me obrigaram a me repatriar pelo desvio da expatriação (...)”. Dedicado tanto à causa quebequense como à poesia — o que pode ter gerado, conforme apontara Stradioto-Casolato (2022, p. 18-19), alguns pontos de desencontro com seus compatriotas — Brault concebe sua “nãotradução” como um dever, uma tarefa de olhar para o Quebec com uma perspectiva também, externa de algum modo, a fim de, talvez, melhor compreender sua experiência deslocada: “(...) não estando bem com minha própria língua como alguém que não está bem consigo mesmo, eu acabei admitindo na prática que a relação fundamental de si a si próprio passa pela mediação de outrem. Este é o nó do nãotraduzir (...)”. O ato de traduzir para tal “mediação” seria essencial: para Sherry Simon (1994, pp. 61-62), “(...) a passagem da tradução faz surgir uma nova relação consigo mesmo”.

O relato de Brault posterior ao momento de elaboração da “nãotradução”, recuperado por Stradioto-Casolato, ressignifica essa busca pela “mediação” das “alteridades” (2022, p. 17) como um gesto ainda maior que um posicionamento frente à opressão sofrida pelos quebequenses; parece haver um enfrentamento individual, quase pessoal, do sujeito vítima dessa opressão (BRAULT apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 20-21) ao se permitir estar aberto à troca — e, portanto, “vulnerável” à violência da assimilação cultural (SIMON,

⁵² BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 50.

⁵³ BRAULT, Jacques. *Sur la traduction de la poésie*. In: *La poussière du chemin: essais*. Boréal: Montréal, 1989.

1994, pp. 45; 70) — com o estrangeiro dominador:

(...) A língua anglo-americana me agredia? Pois bem! Eu atravessaria essa língua, eu a atravessaria até chegar na minha própria (e desconhecida) língua, e no curso dessa travessia dolorosa e salutar, eu me perderia no outro e o outro se reencontraria em mim (...) (BRAULT apud. STRADIOTO-CASOLATO, p. 2022, pp. 20-21, tradução da autora).

Para Jaka (2010, pp. 4-5), a partir da Revolução Tranquila, as obras francófonas produzidas no Quebec buscariam afirmar a emancipação cultural de seu povo em relação ao Canadá anglófono e aos Estados Unidos da América, além de afirmar sua identidade para além do resquício de uma colônia francesa. A posição desse processo de construção identitária quebequense é, segundo Simon (1994, p. 59), central, mas não limitante, na concepção de “nãotradução”⁵⁴:

A atividade tradutória de Brault responde primeiramente às exigências de uma escrita de língua francesa que quer marcar seu pertencimento aos espaços culturais da América do Norte; desafiando os confins dessa inscrição inicial, porém, ela abre para uma interrogação sobre os fundamentos do gesto poético (...) (SIMON, 1994, p. 59).

Segundo Simon (1994), ao provocar nossa percepção das supostas fronteiras entre original e tradução, e “(...) se opondo à ideologia tradutológica do ‘parecido ao mesmo’ (...)” (BRAULT, 1975, pp. 33-34), ou seja, do paradigma da fidelidade total ao sentido original; Brault chama a atenção para a função da intertextualidade nos processos de composição poética, pois “(...) revela a incerteza da relação de pertencimento da palavra poética: autor e tradutor se situam na mesma seara diante do senso (...)” (SIMON, 1994, p. 59). Ao tensionar os dois conceitos, portanto, desde a escolha de nomear suas criações como “nãotraduções”, Brault acabaria por aproximar tradução e escrita a despeito de as considerarmos, tradicionalmente, como duas categorias estanques (SIMON, 1994).

Reunindo e analisando excertos não apenas de *Poèmes des quatre côtes*, mas de outros discursos de Jacques Brault e de seus comentadores, comprova-se a necessidade de estudar o contexto de produção da ideia de “nãotradução”, sem o qual não nos parece possível compreendê-la. Em verdade, especialmente a partir de Simon (1994) e Jaka (2010), acreditamos que a questão quebequense esteja mesmo no cerne da concepção da “nãotradução”; se abrimos, afinal, esta seção questionando as reais condições de proposição

⁵⁴ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975.

de um diálogo com o mundo anglófono em 1975 — “Como fazer o elogio da tradução no contexto da ‘sobreconsciência’ linguística do Quebec?” (SIMON, 1994, p. 63) — podemos nos perguntar (agora que compreendemos que Brault não se opunha de modo algum à tradução, concebendo-a, apenas, como uma poderosa ferramenta de “mediação” e transformação⁵⁵) se tal contexto teria sido o responsável pela decisão de Brault de não nomear suas “nãotraduções” simplesmente traduções⁵⁶. Ora, se a escrita intertextual é sentida como uma questão de sobrevivência⁵⁷ ao passo que se teme ferir a autonomia alheia ao falar pelo outro, ao viver sob a contradição de saber que “(...) traduzir é inevitável (...)”⁵⁸, mas também “impossível”, posto que “(...) as chaves da tradução pertencem aos poderosos. (...) [às] línguas colonizadoras (...)” (p. 16, grifo nosso), ao reconhecer-se vítima da “língua inglesa” e seu expansionismo (BRAULT apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 20-21)⁵⁹ e simultaneamente, atraído por sua poesia⁶⁰, e ao apostar na tradução como ferramenta de resistência cultural (BRAULT, apud SIMON, 1994, p. 65)⁶¹ enquanto, por outro lado, critica firmemente o paradigma da “fidelidade” (como em BRAULT, 1975, pp. 33-34 ou 91-92); não fossem todas essas questões diretamente conectadas à história literária do Quebec (SIMON, 1994, pp. 37-71), as “nãotraduções” braultianas teriam sequer sido produzidas da forma como as conhecemos? Haveria, afinal, distinções concretas entre a prática nomeada “nãotradução” e as que chamamos com mais conforto de tradução; ou trata-se de uma diferenciação simbólica, um manifesto político-literário, como indica Simon (1994)? Agora, cabe-nos apresentar, primeiramente, um desenho geral de *Poèmes des quatre côtes* (BRAULT, 1975), introduzindo de forma mais clara sua estrutura e premissas; para, então, nos determos em cada uma das seções que o compõem e nos sentidos que constroem, em nosso primeiro capítulo.

1.3 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Os *Poèmes des quatre côtes* vêm a público em 1975, no mesmo ano em que vêm a público dois outros livros de Jacques Brault: *L'en dessous l'admirable* (este também de poesia) e *Chemin Faisant* (uma coletânea de ensaios do autor sobre sua produção literária). É

⁵⁵ SIMON, Sherry. Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature Québécoise. Montréal: Boréal, 1994. pp. 34-71. Disponível em: <https://archive.org/details/letraficdeslangu0000simo/page/34/mode/2up?view=theater>, p. 65

⁵⁶ Ibidem, pp. 69-71.

⁵⁷ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 16.

⁵⁸ Ibidem, p. 14.

⁵⁹ Id.

⁶⁰ Ibidem, p. 31

⁶¹ Id.

publicado pela Éditions du Noroît, editora quebequense que se apresenta como uma “referência em poesia”, responsável por diversas outras publicações de Jacques Brault e que “defende esse gênero literário em toda sua produção”⁶². Fundada em 1971, a Éditions du Noroît tivera como diretor, de 1991 a 2021, o poeta quebequense Paul Bélanger, amigo de Brault, que fora responsável, inclusive, pela nota de falecimento do poeta publicada pela editora⁶³. Há nada menos do que dezoito livros de Jacques Brault lançados pela Noroît⁶⁴ e, entre os autores da casa, também figuram diversos perfis ligados a Brault, seja participando do mesmo círculo literário, seja produzindo conhecimento sobre a obra braultiana — como é o caso de dois nomes mobilizados em nossa bibliografia, Faleiros (2021) e Laroche (2005)⁶⁵.

Poèmes des quatre côtés (BRAULT, 1975) é composto por quatro seções de poesia derivando, cada uma delas, de um autor anglófono canadense (Gwendolyn MacEwen e Margaret Atwood) ou estadunidense (E. E. Cummings e John Haines), compostas a partir de um processo chamado pelo autor de “nãotradução” (“nontraduction”), ideia desenvolvida em cinco ensaios que se intercalam às seções poéticas. O livro também contém cinco figuras pintadas pelo autor (disponíveis nas páginas 11; 29; 47; 65; 85)⁶⁶. Essa estrutura será comentada em detalhes em nosso segundo capítulo.

Como diversas obras de Jacques Brault, *Poèmes des quatre côtés* (1975) destaca-se

⁶² Extraído da página oficial da Éditions du Noroît, consultada em 4 de novembro de 2022 através do link: <https://lenoroit.com/mission-historique/>.

⁶³ A nota de Bélanger e da equipe da Éditions du Noroît, por ocasião da morte de Jacques Brault, publicada na página oficial da editora em 21 de outubro de 2022, pode ser consultada através do endereço: <https://lenoroit.com/2022/10/21/jacques-brault-1933-2022/>. Destaques da nota residem, sobretudo, na identificação do autor como um “professor, romancista, ensaísta, mas antes de tudo, poeta” (BÉLANGER et. al., 2022) — hierarquia de linguagens que seria preferível ao próprio Brault: “(...) o escritor, mas acredito que ele preferia primeiramente o poeta, o artista (...)” — cuja “obra incomparável (...) nos permitiu pensarmos mais longe o poema (...)”; e no longo histórico de cooperação do poeta com seus conterrâneos, segundo Bélanger.

⁶⁴ Segundo a página oficial da Éditions du Noroît (<https://lenoroit.com/poetes/jacques-brault/>), foram publicados pela editora, ao longo de sua existência, os seguintes livros de Jacques Brault: *Moment fragiles* [1984] em nova edição (2021), “com onze lavais do autor”, ou seja, onze pinturas em estilo oriental; *Images à Mallarmé* (2017), *Dans la nuit du poème* (2011), *L’artisan* (2006), *Poèmes*, parte da *Collection Ovale* da editora (2000); *Transfiguration*, escrito com E. D. Blogett (1998); *Au bras des ombres* (1997), *Au fond du jardin – accompagnements* (1996), a coletânea *Poèmes choisis – 1965-1990*, também parte da *Collection Ovale* (1996); *Il n’y a plus de Chemin* (1990); e, por fim, a primeira publicação do autor na editora, quinze anos após sua fundação, *Poèmes I* (1986), que reunira poemas de três publicações de Brault – *Mémoire* (1965), *La poésie ce matin* (1971) e *L’en dessous l’admirable* (1975).

⁶⁵ Dentre esses autores, podemos citar: i. o professor doutor Álvaro Faleiros, cuja ligação com a poesia do Quebec, especialmente com Jacques Brault, que tem motivado as primeiras produções sobre o autor no Brasil — Silva (2015), Faleiros e Silva (2015), Faleiros (2021) e Stradioto-Casolato (2022) — também lhe rendera uma publicação pela Éditions du Noroît (*Latitudes – 9 poètes du Québec*, 2003); ii. Yves Laroche, cujo ensaio *L’Orient poétique de Jacques Brault* (2005), aponta uma influência oriental na poética braultiana essencial para sua compreensão — suas publicações pela Noroît tanto de *haikus*, quanto de análises sobre a obra de Robert Melançon, autor que já colaborara, como visto, com Brault em *Au petit matin* (1993); e iii. o próprio Robert Melançon, além de outros autores diretamente citados por Brault, como Saint-Denis Garneau e Margaret Atwood (uma das quatro poetas “nãotraduzidas” em *Poèmes des quatre côtés*; BRAULT, 1975).

⁶⁶ Destacam-se o número cinco (quantidade de ensaios e figuras produzidas por Jacques Brault) ultrapassando o número quatro, que figura tanto no título do livro, quanto nas seções de poesia “nãotraduzida”.

pelas numerosas epígrafes, desde o sumário (p. 7). Reunimos e comentamos essas citações, bem como as possíveis relações que estabelecem com cada ensaio e seção poética do livro, no segundo capítulo da dissertação. Não temos informações acerca da escolha e distribuição das epígrafes, tampouco das ilustrações, ao longo de todo o livro.

O ensaio “*Nontraduire I*” abre *Poèmes des quatre côtes* (BRAULT, 1975, pp. 13-16) com uma narrativa em primeira pessoa, relatando o surgimento da ideia e da necessidade de “nãotraduzir”, provocada por “um chamado (...) indecifrável”⁶⁷, o da língua estrangeira. O contato com o estrangeiro é valorizado, sobretudo pela produtividade de reflexões que provoca no sujeito⁶⁸, promovendo sua descentralização; mas também por contribuir para a renovação de linguagens⁶⁹. Apesar desses benefícios, o instrumento que o sujeito lírico elege para contatar a fundo o texto poético estrangeiro, a tradução, pode se constituir em uma tarefa “impossível”. Tal ideia parece ter sido concebida por terceiros e chocar o sujeito lírico⁷⁰ que, entretanto, considera o ato de traduzir “inevitável”. O ensaio determina assim que no cerne da proposta de “nãotradução” de Jacques Brault, a tradução poética é simultaneamente motivada e refreada por um paradoxo:

Então, conheci que traduzir é impossível, que traduzir é inevitável. Desse choque, como uma fâsca desgarrada entre o impedimento e a necessidade, nascera a nãotradução. Uma evidência perplexa. E uma vitória prometida à derrota — escrita sem escrita (BRAULT, 1975, p. 15)⁷¹.

Apesar de prever a “derrota” da empreitada (BRAULT, 1975), o sujeito do ensaio sustenta sua decisão de “nãotraduzir” em uma perspectiva pós-colonial ao afirmar que “as chaves da tradução pertencem aos poderosos”⁷² e que, por conseguinte, a tradução se apresentará como um problema para os quebequenses: “(...) Nós não gostamos nem de traduzir, nem de ser traduzidos (...)”⁷³. A “nãotradução” configura-se, então, como uma busca por uma alternativa, não apenas à dicotomia tradução *versus* originalidade, mas *Eu versus Outro*, notadamente expressa na relação entre francófonos e anglófonos canadenses:

(...) Mas não perco a esperança de que, em um dia de generosidade sem

⁶⁷ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 14.

⁶⁸ Ibidem, p. 16.

⁶⁹ Ibidem, p. 15.

⁷⁰ Id.

⁷¹ “Alors, j’ai connu que traduire est impossible, que traduire est inévitable. De ce choc, comme une étincelle égarée entre l’empêchement et la nécessité, naquit la nontraduction. Une évidence perplexa. Et une réussite promise à l’échec — écriture sans écriture” (Id.).

⁷² BRAULT, 1975, p. 16.

⁷³ “(...) Nous n’aimons ni traduire ni être traduits. (...)” Id., p. 16.

controle e de ternura total, esses dois ‘sozinho’ se farão um só na doçura de realmente viver, a qual consiste antes em não morrer. Não mais traduziremos um e o outro, em uma imagem do mesmo, imagem sempre borrada, trêmula de um triz, e que acaba por extenuar o próprio de cada um. Seremos re-centralizados lá-aqui, como este texto sob meus olhos, familiarmente estranho, seremos unidos pela contradição, não traduzidos (BRAULT, 1975, p. 16)⁷⁴.

A primeira seção de poemas de *Poèmes des quatre côtés*, “*Nord*” (BRAULT, 1975, pp. 17-29), é composta a partir do poeta estadunidense John Haines e tem em sua paisagem natal, um gélido e inóspito Alasca (BEZNER, 1997, p. 274), seu tema central. Para tanto, há um deslocamento do sujeito lírico no espaço (BRAULT, 1975, pp. 17-29), reforçando essa metáfora amplamente trabalhada nos ensaios sobre a “não tradução” (como ocorre em BRAULT, 1975, pp. 14-16). Em nossa leitura analítica, sinalizamos a presença de características comuns aos dois autores, Brault e Haines, na seção “*Nord*”, bem como nas seguintes (com MacEwen e Atwood), do mesmo modo como apontado por Stradioto-Casolato (2022, p. 24) na seção “*Sud*”, com Cummings.

Há uma continuidade, e não um intervalo, das reflexões e temas poéticos desenvolvidos nas seções poéticas e nos ensaios que as entrecortam. Em “*Nontraduire 2*” (BRAULT, 1975, pp. 31-34), dá-se foco à dificuldade de “não traduzir” que, por vezes, gera um “impasse” (SUCHET, 2017, p. 2) diante do poema estrangeiro, especialmente devido ao ideal de fidelidade (BRAULT, 1975, pp. 33-34) atrelado à tradução. O contra-argumento de Brault consiste, principalmente, em uma oposição à ideia de que o texto-fonte possui um sentido único⁷⁵ a ser preservado por seus leitores.

Na segunda seção poética, “*Est*” (BRAULT, 1975, pp. 35-47), somos apresentados a versões braultianas de poemas da canadense Gwendolyn MacEwen (1941-1987); cujos poemas, apesar de tratarem majoritariamente da tópica amorosa, parecem dar continuidade às discussões do último ensaio, a partir de imagens de ocupação e apropriação de territórios e corpos, marcas produzidas no contato e contrastes entre *Eu* e *Outro*. Analisamos essas relações em nosso primeiro capítulo e realizamos uma análise comparativa entre um poema de MacEwen (1969) e a versão reescrita por Brault (1975) no terceiro capítulo desta dissertação. Apontamos, em nossa leitura analítica, que as marcas de locução feminina, dirigidas a um

⁷⁴ “(...) Mais je ne désespère pas qu’un jour de générosité sans contrôle et de tendresse totale ces deux « seul » ne feront qu’un en la douceur de vraiment vivre, laquelle consiste d’abord à ne pas mourir. Nous ne traduirons plus l’un et l’autre, en une image du même, image toujours brouillée, tremblante d’à-peuprès, et qui finit par exténuer le propre de chacun. Nous serons recentrés ailleurs-ici, comme ce texte sous mes yeux, familièrement étrange, nous serons unis par contradiction, non traduits.” (Id., p. 16).

⁷⁵ BRAULT, 1975, p. 33.

interlocutor amoroso masculino, escancaram a presença de MacEwen nos poemas agora creditados a Jacques Brault.

Em “*Nontraduire 3*”, Brault (1975, pp. 49-52) discute essencialmente a intertextualidade e sua centralidade nos processos de criação literária, opondo-se a uma bandeira de “nacionalismo literário” ao afirmar que “na história da poesia ocidental, todos os estilos foram translinguísticos”⁷⁶. O fato dessa presença estrangeira ser vista, muitas vezes, como uma ameaça — conforme apontado por sua crítica em relação ao sistema literário quebequense durante a Revolução Tranquila (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 18; MONTPETIT, 2022) — aliado às imagens de deslocamento do sujeito, cria a metáfora do contrabando literário (BRAULT, 1975)⁷⁷. Nesse movimento de deslocar-se em direção ora ao *Outro*, ora a si mesmo, o “nãotradutor” terminaria por criar um “intertexto”, uma espécie de texto intermediário “entre (...) poema original e tradução (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 8). Logo, são exploradas imagens e metáforas relacionadas aos espaços limiares presentes desde o primeiro ensaio, bem como as de viagem, errância e visita⁷⁸. Os procedimentos ilustrados por tais imagens são associados, em “*Nontraduire 3*”, não apenas à “nãotradução” de Jacques Brault, mas à própria criação literária:

(...) Este texto que me presto a assinar não é meu. Pois não o ‘traduzi’, trafiquei de uma língua à outra; ele me fala e eu te falo; não trocamos bons procedimentos, escutamos nascer entre nós uma língua, nossa por um instante, inscrita em um texto in-diferente. Afinal, pode ser que seja isso, simplesmente, escrever? (...) (BRAULT, 1975, p. 51).

Retomando a defesa de uma leitura literária mais subjetiva que acadêmica, o ensaio se fecha na reiteração de que não haveria um sentido original do texto e que a atribuição de sentido compete ao leitor, que deve conceber o texto como “inacabado”. Em nossa leitura analítica, comentamos possíveis ecos da seção poética anterior (“*Est*”, pp. 35-47) em “*Nontraduire 3*” (pp. 49-52), bem como a associação da “nãotradução” ao silêncio.

A próxima seção poética, “*Ouest*” (BRAULT, 1975, pp. 53-65), também parte da obra de uma autora canadense, Margaret Atwood (1939-), que acreditamos representar em *Poèmes des quatre côtés* o grande contraponto anglófono a Oeste da província quebequense, Toronto. Um dos poemas da seção, “*Axiome*”, recebe uma importante análise de Sherry Simon no

⁷⁶ Ibidem, p. 50.

⁷⁷ “(...) ‘O senhor tem algo mais a declarar?’”, pergunta o aduaneiro-crítico, e o teórico do nacionalismo literário: “provas, você tem provas?” Não, eu não vou provar nada, ainda que no campo da lírica trovadoresca, do romantismo, do surrealismo, encontremos... Para quê? Foi só para mim mesmo que eu fiz essa vagante observação, para melhor demarcar a nãotradução da ideologia traducional” (Id).

⁷⁸ Ibidem, pp. 50-51.

capítulo que esta dedica à “nãotradução” braultiana (SIMON, 1994, pp. 56-71) e, posteriormente, também um comentário de Myriam Suchet (2007). Ambos os textos se fazem presentes nos capítulos dois e três. Os poemas selecionados de Atwood versam, sobretudo, sobre as relações entre os seres e destes com o ambiente, especialmente através da animalização. Novamente, a voz lírica é feminina, contrastando, junto à de “Est”, ao restante da produção poética de Jacques Brault. Destaca-se, por fim, a negatização do calor em toda a seção, similar à tratativa do frio em “*Nord*” e intensificadora do efeito de deslocamento no espaço.

Em “*Nontraduire 4*” (BRAULT, 1975, pp. 66-71), penúltimo ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, somos informados do empenho do “nãotradutor” em orientar seu trabalho pelo princípio do encontro, e, continuamente, resistir a uma “tentação quase inconsciente” (de centrar-se apenas em sua própria poética ao reescrever (“nãotraduzir”) os poemas alheios. Para tanto, ele relata uma postura de observação da “estranheza” do texto, resignificando a restrição em fator motivador de sua recriação poética. Apesar desse efeito, o “nãotradutor” diferencia seu texto-fonte de um mero “pretexto” ou ponto de partida para sua própria escrita, já que esta também sofre uma transformação no contato com o *Outro*: “(...) Por transmutação de uma noite em uma outra noite, me deixo traduzir, deportar em um texto que eu acreditava importar em mim (...)”. A “nãotradução” acaba por ser dissociada, em “*Nontraduire 4*”, tanto da criação poética, quanto da tradução, de tal modo que será compreendida por Stradioto-Casolato (2022, p. 24) como uma “terceira enunciação”. Graças à perspectiva de um “encontro de alteridades”⁷⁹, a “nãotradução” braultiana assume, no quarto ensaio um aspecto de resistência a movimentos de silenciamento e tentativas de assimilação, sobretudo coloniais e nazifascistas. Como se vê, a dimensão ética da proposta de “nãotradução” de Jacques Brault se estabelece com maior força em “*Nontraduire 4*”.

Encerrando os corpos poéticos de *Poèmes des quatre côtés*, “*Sud*” (BRAULT, 1975, pp. 71-85) contém poemas reescritos de E. E. Cummings (1894-1962), dentre os quais um ganha o foco de Stradioto-Casolato (2022). A autora aponta um nível de experimentação visual que se diferenciaria, em geral, da poética braultiana; e desenvolve, a partir dessas análises, um conceito de “nãotradução” como produção de uma “terceira enunciação” através de uma “fusão de alteridades”, conforme levantaremos mais adiante.

O livro se fecha com uma nota final — ou “*Contrenote*” (BRAULT, 1975, pp. 86-95) — ensaio que se destaca em relação aos demais por um discurso mais direto acerca da

⁷⁹ STRADIOTO-CASOLATO, Ana Magda. Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora. *TradTerm*, São Paulo, v.41, p. 5-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543>, p. 17.

“nãotradução”, revelando, inclusive, as fontes dos poemas “nãotraduzidos” e refletindo sobre o processo de escolha de tais obras. A “*Contrenote*” também pergunta “(...) para onde vai (...)” a “nãotradução” uma vez encerrado o livro *Poèmes des quatre côtes*, e acaba por negar a continuidade do processo. A dicotomia *fidelidade tradutória versus estabelecimento de uma relação pessoal com o texto* faz-se presente novamente, agora partindo de um exemplo concreto — um dos mais célebres e apreciados poemas franceses, a “*Chanson d’automne*” de Paul Verlaine; BRAULT, 1975, pp. 91-92) — para questionar: “(...) ‘há pior infidelidade que a infidelidade ao encanto (...) [do texto]?’” (GARA apud BRAULT, 1975, p. 92, grifo nosso)⁸⁰. Regida, portanto, por uma fidelidade ao “encanto” do texto-fonte, a “nãotradução” apresentaria “(...) deformações, no vocabulário, na sintaxe, no ritmo, na imagem, (...) cortes, (...) adições e (...) extrapolações (...)” (BRAULT, 1975, p. 93). Como se vê, o texto da “*Contrenote*” refere-se de modo muito mais claro que os demais ensaios de *Poèmes des quatre côtes* ao projeto “nãotradutório”. Porém seu ápice talvez seja uma revelação obscura, capaz de complexificar ainda mais o estudo da “nãotradução” braultiana: a informação solitária de que, dentre os poemas “nãotraduzidos”, “(...) três poemas não existem em língua original: eu os compus a partir de materiais muito diversos e emprestados de vários poemas. Constituem, para ser preciso, colaborações-citações. (...)”⁸¹. O movimento afasta a “nãotradução” da ideia de tradução, mas, ao negar a autoria dos poemas, também relativiza a originalidade (SIMON, 1994). É, por fim, estabelecida uma recusa da proposta de “nãotradução” como uma nova técnica de composição ou teoria tradutória, tornando a aludir a um ideal de “silêncio”, última palavra de *Poèmes des quatre côtes*.

Este texto introdutório, que buscou oferecer ao leitor que trava seus primeiros contatos com a “nãotradução” de Jacques Brault uma imagem suficientemente complexa do multifacetado *Poèmes des quatre côtes*, evidencia a riqueza de detalhes a serem explorados no livro, especialmente nos discursos (vastamente metafóricos) sobre a “nãotradução” e os movimentos pendulares que realizam, ora em direção a um *Eu*, ora a um *Outro*; ora à tradução, ora à criação; ora ao Quebec e sua resistência francófona, ora aos polos anglófonos canadense e estadunidense. A recorrência desses movimentos e o modo como desenham um espaço intermediário que os conecta, um “intertexto” — a própria “nãotradução” (BRAULT, 1975, p. 50) — motiva-nos a dedicar nosso primeiro capítulo à leitura analítica de *Poèmes des quatre côtes*, de modo a percorrer e conectar os pontos que formam esse tracejado em busca de uma imagem mais detalhada da “nãotradução” braultiana.

⁸⁰ GARA, Ladislav. Anthologie de la poésie hongroise. Éditions du Seuil: Paris, 1962

⁸¹ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, 93.

2 LEITURA ANALÍTICA DE *POÈMES DES QUATRE CÔTÉS* E TRADUÇÃO COMENTADA DOS ENSAIOS SOBRE A “NÃO-TRADUÇÃO”

(...) A não-tradução, por gentileza, que não a vejam como uma teoria ou um sistema. Ela é apenas uma prática aberta à sua autocrítica. (...) O texto fielmente não-traduzido, não lhe cabe produzir. Ele se encontra em algum lugar, na passagem, no inter-textos. O leitor, só, pode produzir, por uma leitura ao mesmo tempo ingênua e crítica, cega e contemplativa, tal texto não-traduzido, ausente de toda tradução e que assinala sua presença no ilegível (contra o qual empenham-se as leituras tradutoras. ...) (BRAULT, 1975, p. 51)⁸².

Quando buscamos entender a “não-tradução” de Jacques Brault (1975), é preciso encarar *Poèmes des quatre côtés* como um projeto uno, de modo que os poemas “não-traduzidos”, os ensaios e nanquins (STRADIOTO-CASOLATO, 2022) que o compõem não possam ser analisados de modo individual. É o que se observa na maioria dos ensaios críticos sobre a obra que mobilizamos em nossa pesquisa — Simon (1994, pp. 56-71), Suchet (2017) e Stradioto-Casolato (2022). Em geral, há neles um movimento duplo de analisar um dos poemas braultianos em comparação com o seu original e, ao mesmo passo, de desbravar o denso discurso dos textos em prosa. Mesmo sob cuidadosas análises, as divergências entre tais trabalhos evidenciam um aspecto inegável dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*: sua paradoxalidade (STRADIOTO-CASOLATO, 2022), que não se limita a um traço estilístico do discurso sobre a “não-tradução”, mas que sustenta conceitualmente essa mesma proposta; uma vez que a “não-tradução” opera pelo tensionamento de “pólos” geralmente compreendidos como “(...) tão distintos quanto estáveis (...)” (SUCHET, 2017, p. 1): i. original e tradução; ii. dominante e dominado (BRAULT, 1975, p. 70); iii. *Eu e Outro* (SUCHET, 2017, p. 2).

Largamente metafóricos, os ensaios de Jacques Brault sobre a “não-tradução” (1975) constroem, para nós, um discurso pendular que busca chamar atenção para o desenho do contínuo que os conecta, oscilando entre tais polos tradicionalmente distanciados, transformando o binarismo em um espectro (STRADIOTO-CASOLATO, 2022). Por isso, acreditamos que mais importante do que apresentar conclusões acerca da “não-tradução” braultiana seja elucidar os possíveis caminhos interpretativos do projeto de Jacques Brault,

⁸² “La nontraduction, de grâce, qu’on ne la regarde pas comme une théorie ou un système. Elle n’est qu’une pratique ouverte à son auto-critique. Elle cherche, elle doute, elle trouve, elle perd. Elle part d’un texte, elle arrive à un texte. Elle reste en état d’alerte. Le texte vraiment nontraduit, il ne lui appartient pas de produire. Il se trouve quelque part, dans le passage, dans l’inter-textes. Le lecteur, seul, peut produire, par une lecture à la fois naïve et critique, aveugle et regardante, ce texte nontraduit, absent de toutes les traductions et qui signale sa présence dans l’illisible (ce contre quoi buttent les lectures traductrices) (...)” (BRAULT, 1975, p. 51).

por meio de uma leitura atenta de *Poème des quatre côtés* — especialmente considerando a dissidência entre seus estudiosos acerca do enquadramento de tal proposta como tradução (SIMON, 1994; SUCHET, 2017) ou não (STRADIOTO-CASOLATO, 2022). Do mesmo modo, a recente atenção da crítica brasileira à obra do autor quebequense (FALEIROS, 2021; STRADIOTO-CASOLATO, 2022) à qual nosso trabalho se soma aponta para a relevância de traduzirmos os cinco ensaios nos quais Brault (1975) desenvolve a ideia de “nãotradução” para a língua portuguesa, contribuindo para seu estudo no país.

Decidimos, portanto, não apenas realizar uma tradução comentada dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) como também acompanhá-la de uma leitura analítica de tais ensaios, das seções poéticas, ilustrações e demais elementos textuais, seguindo a evolução original das ideias no livro. Assim, buscamos inserir o leitor no estudo da obra — que se fez necessário à tarefa de traduzi-la.

Nas subseções que se seguem, apresentamos nossas traduções e acompanhamos o fluxo de ideias trabalhadas em cada ensaio e seção poética do livro, realizando breves estudos das imagens empregadas e mapeando a construção de sentidos em torno da “nãotradução” de Jacques Brault (1975). Esclarecimentos pontuais acerca de nossas escolhas tradutórias serão realizados em notas de rodapé, enquanto um comentário mais aprofundado ao processo de tradução e seu produto final será tecido na seção seguinte.

2.1 LEITURA DA OBRA E TRADUÇÃO DOS ENSAIOS

Conforme anunciado anteriormente, *Poèmes des quatre côtés* divide-se em quatro seções poéticas, compostas a partir da obra de John Haines e E. E. Cummings (estadunidenses), e Gwendolyn MacEwen e Margaret Atwood (canadenses anglófonas); cinco ensaios que abordam tal proposta de recriação, a “nãotradução”, e ainda, cinco pinturas abstratas do próprio Jacques Brault. Esses elementos recebem epígrafes de outros autores, conectando-se a ideias e poéticas exteriores ao livro. Além disso, estabelecem relações entre si, não apenas de continuidade, mas de revisão e reiteração, de modo que a “nãotradução” não possa ser definida por um excerto de *Poèmes des quatre côtés*, mas pelo seu todo. Comentaremos tal estrutura, traduzindo os textos em prosa de Brault (1975).

Mas antes de adentrarmos no corpo dos textos que compõem *Poèmes des quatre côtés*, cabe uma pequena nota em relação ao sumário: em francês, *table des matières*, o sumário da obra é indicado na edição apenas pela palavra “*table*” que, assim como na língua inglesa, pode significar tanto “tabela”, quanto “mesa”; e recebe como epígrafe um verso do poeta

chileno Pablo Neruda: “*Dans mon pays le printemps / vient du nord au sud*” (“no meu país a primavera / vem do norte para o sul”; NERUDA apud BRAULT, 1975, p. 7)⁸³. O verso pertence ao poema “Cuándo de Chile”, publicado em 1954 durante o exílio de Neruda na Itália, um texto marcado pelo sentimento de nostalgia da terra natal (“*Octubre, oh primavera, / devuélveme a mi pueblo / [...]*”, NERUDA, 1954, p. 251) e da projeção de um (re)encontro da voz lírica com a pátria. Como vimos anteriormente, toda a obra de Jacques Brault, em especial aquela sobre a qual nos debruçamos, persegue a construção de sentidos poéticos sobre a identidade do povo quebequense, notadamente no que tange à noção de pátria. O verso citado também se conecta com *Poèmes des quatre côtés* à medida em que anuncia dois dos pontos cardeais que darão título às quatro seções poéticas, registradas no sumário que se segue à epígrafe, e que se sucedem, partindo do “Norte” em direção ao “Sul”.

2.1.1 “*Nontraduire I*”

O primeiro ensaio do livro, “*Nontraduire I*” (BRAULT, 1975, pp. 13-16), também recebe uma epígrafe, desta vez do poeta francófono lituano Oscar Milosz: “*le lointain fait signe / au lointain*”, que traduzimos como “o longínquo acena ao longínquo”. Antes de seu início, porém, vem o primeiro nanquim (Figura 1, p. 47) do livro: uma forma abstrata em tons de preto e cinza precedida de outra citação direta. Esta, talvez, lhe sirva de epígrafe e diz: “*Nuit en moi, nuit au dehors, / Elles risquent leurs étoiles, / Les mêlant sans le savoir*” (“Noite em mim, noite lá fora, / Elas riscam suas estrelas, as / misturando sem saber”; SUPERVIELLE apud BRAULT, 1975, p. 10)⁸⁴, versos do poeta franco-uruguaio Jules Supervielle, falecido em 1960. Não há notas na edição de *Poèmes des quatre côtés* acerca do processo de composição e/ou curadoria das obras pictóricas de Brault selecionadas para compor o livro, conforme já relatado.

Reproduzimos, também, na página 47, o texto original do primeiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, “*Nontraduire I*” (BRAULT, 1975, pp. 13-16), seguido de nossa proposta de tradução — esta, acompanhada de comentários em rodapé. Optamos por reunir ambos os textos no Quadro 1 (p. 47) e separar os parágrafos ou seções do texto em diferentes linhas, a fim de facilitar o acompanhamento de nossas escolhas tradutórias.

⁸³ NERUDA, Pablo. “*Cuándo de Chile*”. In: *Las uvas y el viento*. Nascimento: Santiago, 1954. p. 251. Indicamos ao leitor que a tradução do verso de Neruda, originalmente escrito em espanhol, para o francês, não é de nossa autoria; e não consta, tampouco, em sua citação em *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, p. 7) a confirmação de que se trata de uma tradução do próprio Jacques Brault.

⁸⁴ SUPERVIELLE, Jules. “*Nuit en moi*”. In: *La Fable du monde, suivi de Oublieuse Mémoire*. Gallimard: Paris, 1986.

Figura 1 – “Sem Título”, primeiro nanquim de *Poèmes des quatre côtés*



FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 11.

Quadro 1 – Texto original do primeiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, “*Nontraduire I*”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita

Original	Proposta de tradução
« le lointain fait signe au lointain »	« le lointain fait signe au lointain » ^{85, 86}

⁸⁵ Em nossas traduções dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*, optamos por manter as citações no original pelos motivos que se seguem: em primeiro lugar, para manter a referência originalmente encontrada no livro, o que pode vir a ser importante para uma pesquisa mais precisa das edições citadas por Brault; em segundo lugar, pela impossibilidade de encontrar, dentro das nossas limitações de prazo e escopo de pesquisa, referências confiáveis para alguns dos trechos epigrafados; por fim, tratando-se de autores francófonos, as vozes das epígrafes não pertencem nem são assumidas (como é o caso das “nãotraduções”) por Jacques Brault, alvo de nosso projeto de tradução. Ademais, as epígrafes são comumente mantidas em sua forma original. Porém, para facilitar a compreensão de tais citações pelo leitor brasileiro, cada uma receberá uma tradução semântica em nota de rodapé.

⁸⁶ Conforme a nota 85, a primeira epígrafe, então, poderia assim ser compreendida como “o longínquo acena ao longínquo! (MILOZS apud BRAULT, 1975, p. 13).

 O. V. de Milozs

Par un de ces *dimanches bannis de l'infini*, je reçois des quatre côtés un appel (d'où vient-il ?) indéchiffrable. Et je resonge malgré moi à cette vieillerie tout étonnante : les mots nous choisissent autant que nous les choisissons, surtout ceux d'une langue étrangère, chose fragile et précieuse, confiante et fallacieuse, ouverte et fermée à la fois. Je ne sais plus où donner mon corps ; une angoisse heureuse m'invite à sortir dans les rues désertes et me fige sur place, me tasse en moi-même. On dirait d'un amour qui vous tombe dessus comme une menace et une rassurance. Et soudain étant ici je suis ailleurs. Mais c'est un bon filtre qu'une tête étrangère en pays étranger ; elle ne retient que l'essentiel — le nécessaire de chaque jour. Ainsi un voyageur dans un pays dont il ignore la langue va sans délai au profond et à l'élémentaire, il réclame de ces mots insolites de lui dire le pain, l'eau, le sommeil, le temps, la joie, la peur, le lieu, le désir et (pourquoi pas ?) l'indifférence. Une telle expérience d'étrangeté simplifie les relations du monde et du langage. L'autre et le même deviennent habitables. Et je comprends soudain que perdre son nom équivaut à perdre son ombre, témoin obscur de lumière ; que se réduire à son nom, c'est se réduire à une ombre (à être hors de soi).

 Finalement, je ne suis pas sorti, je ne suis

 O. V. de Milozs

Num desses *domingos banidos do infinito*⁸⁷, recebo dos quatro cantos um chamado (de onde vem?) indecifrável. E de novo, involuntariamente sobre tão surpreendente velharia: as palavras nos escolhem tanto quanto as escolhemos, sobretudo aquelas de uma língua estrangeira, coisa frágil e preciosa, confiante e falaciosa, aberta e fechada ao mesmo tempo. Já não sei onde lança meu corpo; uma angústia feliz me convida a sair às ruas desertas e me prega no lugar, me espreme em mim mesmo. Como, diriam, um amor que despenca sobre si como uma ameaça e uma segurança. E de súbito, estando aqui, estou alhures. Mas é um bom filtro uma cabeça estrangeira em país estrangeiro; ela só retém o essencial — o necessário de cada dia. Assim o viajante num país cuja língua ignora vai sem demora ao profundo e ao elementar, reclama dessas palavras insólitas que lhe digam o pão, a água, o sono, o tempo, a alegria, o medo, o lugar, o desejo e (por que não?) a indiferença. T tamanha experiência da estrangeiridade simplifica as relações do mundo e da linguagem. O outro e o mesmo tornam-se habitáveis. E de repente, compreendo que perder seu nome equivale a perder sua sombra, testemunha obscura de luz; que se reduzir a seu nome é se reduzir a uma sombra (a estar fora de si).

 Finalmente, não saí, nem entrei em mim; na

⁸⁷ Grifo do autor sinalizando citação: trata-se do poema “Dimanches”, de Jules Laforgue. LAFORGUE, Jules. *Dimanches (Ô dimanches bannis)*. Poetica Mundi. Disponível em: <https://www.poeticamundi.com/dimanches-o-dimanches-bannis-jules-laforgue/>.

pas rentré en moi ; sur le seuil invisible d'un entre-deux, me niant et m'affirmant, j'écoutais ces voix lointaines toutes proches. Et je me disais qu'il serait bon de traduire, enfin, d'essayer.

soleir invisível de um entredois, me negando e me afirmando, escutava essas vozes distantes tão próximas. E eu me dizia que seria bom traduzir, enfim, tentar.

Alors, j'ai connu que traduire est impossible, que traduire est inévitable. De ce choc, comme une étincelle égarée entre l'empêchement et la nécessité, naquit la nontraduction. Une évidence perplexe. Et une réussite promise à l'échec — écriture sans écriture.

Então, tomei conhecimento de que traduzir é impossível, traduzir é inevitável. Desse choque, como uma faísca desgarrada entre o impedimento e a necessidade, nasceu a nãotradução. Uma evidência perplexa. E uma vitória prometida à derrota — escrita sem escrita.

***⁸⁸

Se décentrer. Ne pas annexer l'autre, devenir son hôte. Comment ? Et à quel prix ? En se taisant, en se portant à la rencontre d'une parole tenue pour étrangère et par un étranger. Se taire. Que d'abord s'établisse le rapport entre des existences hétérogènes. Le heurt. L'incrédulité. La confiance, peu à peu, ombrera la méfiance ; le clair-obscur des voyelles et des consonnes accusera les contrastes d'une langue à la fois perdue et trouvée. Langue suspendue entre deux certitudes maintenant problématiques, langue qui reconnaît alors sa difficulté d'être. Et donc sa raison d'être. Une langue qui se refuse à pareille épreuve est d'ores et déjà condamnée. Morte. Je suis d'un pays où les relations humaines se caractérisent par la chaleur, vive et brève — comme notre été. Dès qu'il s'agit de distancer son horizon, de s'enfoncer dans des arrière-pays ou des avant-pays, le froid regagne son emprise, la

Se descentrar. Não anexar o outro, tornar-se seu anfitrião. Como? E a que preço? Calando-se, indo ao encontro de uma fala mantida como estrangeira e por um estrangeiro. Calar-se. Que seja primeiramente estabelecida a relação entre existências heterogêneas. A pancada. A incredulidade. A confiança, pouco a pouco, trará sombra sobre a desconfiança; o claro-escuro das vogais e das consoantes acusará os contrastes de uma língua ao mesmo tempo perdida e encontrada. Língua suspensa entre duas certezas agora problemáticas, língua que reconhece então sua dificuldade de existir. E assim, sua razão de existir. Uma língua que se recusa a se pôr à prova assim já está há tempos condenada. Morta. Sou de um país onde as relações humanas se caracterizam pelo calor, vive e breve — como o nosso verão. Quando se trata de distanciar seu horizonte, de

⁸⁸ Reproduzimos o trio de asteriscos que separam os ensaios de *Poèmes des quatre côtés* em fragmentos da edição original.

crispation s'empare du corps, le langage devient « susceptible ». Nous n'aimons ni traduire ni être traduits. Et nous n'avons pas toujours et pas tout à fait tort. Les clefs de la traduction appartiennent aux puissants. S'il n'y a pas de langue mondiale, il y a des langues colonisatrices. Nous l'éprouvons durement, chaque jour. Mais cette épreuve aurait dû, devrait nous aiguïser l'appétit de création. Nontraduire, c'est ni prendre, ni laisser prendre, c'est composer, marchander, négocier. À défaut de vivre, je préfère survivre à sousvivre.

embrenhar-se no interior ou nos portos⁸⁹, o frio retoma o controle, os espasmos tomam conta do corpo, a linguagem torna-se “susctível”. Nós não gostamos de traduzir nem ser traduzidos. E não estamos sempre ou completamente errados. As chaves da tradução pertencem aos poderosos. Se não há língua mundial, há línguas colonizadoras. Experimentamos isso duramente, a cada dia. Mas essa prova devia, deveria nos aguçar o apetite pela criação. Nãotraduzir é não capturar, nem se deixar capturar, é compor, pechinchar, negociar. Falhando em viver⁹⁰, prefiro sobreviver a subviver.

Nontraduire ; se décentrer. Le cœur sur la main et la main au cœur. Fin d'après-midi. J'ai travaillé de mon mieux ; je retourne chez moi. La porte, ce matin, s'était ouverte à un seul ; elle se fermera sur un autre — seul. Mais je ne désespère pas qu'un jour de générosité sans contrôle et de tendresse totale ces deux « seul » ne feront qu'un en la douceur de vraiment vivre, laquelle consiste d'abord à ne pas mourir. Nous ne traduirons plus l'un et l'autre, en une image du même, image toujours brouillée, tremblante d'à-peu-près, et qui finit par exténuer le propre de chacun. Nous serons recentrés ailleurs-ici, comme ce texte sous mes yeux,

Nãotraduzir; se descentrar. O coração na mão e a mão no coração. Fim de tarde. Dei o meu melhor no trabalho; volto pra casa. A porta, esta manhã, tinha se aberto a um sozinho; ela se fechará a um outro — sozinho. Mas não perco a esperança de que, em um dia de generosidade sem controle e de ternura total, esses dois “sozinho” se farão um só na doçura de realmente viver, que consiste antes em não morrer. Não mais traduziremos um e o outro, em uma imagem do mesmo, imagem sempre borrada, trêmula de um triz, e que acaba por extenuar o próprio de cada um. Seremos recentrados lá-aqui, como este texto sob meus olhos,

⁸⁹ “Arrière-pays” (em uma tradução literal, *pais de trás*, BRAULT, 1975, p. 16) é bastante empregado para referir-se a localidades do interior, podendo denominar as rotas de ligação por terra de um país com seus vizinhos. Já o vocábulo “avant-pays” figura em contextos em que o traduziríamos como *porto*, *território marítimo*, *fluxos marítimos* ou *aéreos*. Nossa tradução, no entanto, não põe em evidência a palavra *pays* (*pais*, *território*), importante no discurso quebequense, como o original. (FONTE: GÉOCONFLUENCES. *Arrière-pays et avant-pays*. Glossaire. 2023. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/arriere-pays-et-avant-pays-hinterland-foreland>).

⁹⁰ Apesar de nossa escolha pelo verbo *falhar*, elucidamos que o trecho fala em uma impossibilidade de viver.

familièrement étrange, nous serons unis par contradiction, nontraduits.	familiarmente estranho, seremos unidos pela contradição, nãotraduzidos.
FONTE: BRAULT, Jacques. <i>Poèmes des quatre côtés</i> . Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 13-16.	FONTE: Tradução nossa.

Como podemos notar, “*Nontraduire I*” (BRAULT, 1975, pp. 13-16) se inicia com um relato da voz lírica, em primeira pessoa, do processo de gênese da ideia de “nãotradução”, a partir de um arrebatamento do sujeito frente à poesia escrita em língua estrangeira.

Tal arrebatamento seria responsável por produzir um deslocamento conceitual no sujeito (SUCHET, 2017), representado por meio de metáforas de movimento corpóreo — a saída às ruas a esmo em busca de sentido, uma sensação simultânea de estar fixado no mesmo local, sem poder se movimentar, a viagem ao estrangeiro, enfim; a ideia de, estando no mesmo lugar, estar em outro.

Dando prosseguimento a esse primeiro parágrafo, surgem uma série de reflexões acerca da produtividade desse sentimento, ou ainda, da experiência de estar em um ambiente cuja língua lhe é estranha. Entra aqui um elemento comum a diversas poéticas: o questionamento do que seria “essencial” na linguagem. Sob essa ótica, “(...) uma cabeça estrangeira em país estrangeiro (...)” seria “(...) um bom filtro (...)” refinador da comunicação cotidiana, à medida em que priorizaria a compreensão de demandas humanas básicas, “o necessário de cada dia”:

(...) Assim o viajante num país cuja língua ignora vai sem demora ao profundo e ao elementar, reclama dessas palavras insólitas que lhe digam o pão, a água, o sono, o tempo, a alegria, o medo, o lugar, o desejo e (por que não?) a indiferença. Tamanha experiência da estrangeiridade simplifica as relações do mundo e da linguagem. O outro e o mesmo tornam-se habitáveis. (...) (BRAULT, 1975, p. 14)⁹¹.

Então, a metáfora da viagem ao estrangeiro dá lugar à da visita de estrangeiros à terra natal, uma aproximação dessas “vozes distantes” ao sujeito lírico. Este, por outro lado, ocuparia um espaço incerto, localizado “entre-dois”, a saber: i. sua língua e a de outrem; ii. sua terra e a de outrem; iii. sua subjetividade e a alteridade: “Finalmente, não saí, nem entrei em mim; na soleira invisível de um entre-dois, me negando e me afirmando, escutava essas

⁹¹ “Ainsi le voyageur dans un pays dont il ignore la langue va sans délai au profond et à l’élémentaire, il reclame de ces mots insolites de lui dire le pain, l’eau, le sommeil, le temps, la joie, la peur, le lieu, le désir et (pourquoi pas?) l’indifférence. Une telle expérience de l’étrangéité simplifie les relations du monde et du langage. L’autre et le même deviennent habitables. (...)” (BRAULT, 1975, p. 14).

vozes distantes tão próximas. (...)”. É nesse momento, nesse estado de fronteira entre locais e sujeitos (e compreende-se, também, entre ideias) inicialmente distintos, que surge, segundo a narrativa construída pelo ensaio de Brault, a possibilidade do traduzir: “E eu me dizia que seria bom traduzir, enfim, tentar”.

Porém logo que esse desejo de traduzir surge, ele é frustrado, levando o sujeito do ensaio a pensar uma suposta alternativa de traduzir; desta vez mais próxima ao ato da escrita (BRAULT, 1975, p. 15), mas ainda compreendendo-se, assim como a tradução, como uma construção textual que não se orienta pelo “paradigma”⁹² da originalidade:

Então, tomei conhecimento de que traduzir é impossível, traduzir é inevitável. Desse choque, como uma fásca desgarrada entre o impedimento e a necessidade, nascera a nãotradução. Uma evidência perplexa. E uma vitória prometida à derrota — escrita sem escrita. (BRAULT, 1975, p. 15)⁹³.

A percepção da tradução como algo “impossível” está ligada tanto à fusão dos conceitos de autoria e originalidade, quanto à concepção do traduzir como uma ação de reproduzir um texto original, transportando-o a uma nova língua (JAKA, 2010, p. 3); ideias essas presentes em numerosos escritos sobre a tradução. No caso da poesia, sabemos que tal máxima é, por vezes, afirmada com ainda mais convicção, dada a “fragilidade da informação estética” (CAMPOS, 2006, p. 33) e a produção de uma máxima convergência entre forma e conteúdo. O sujeito lírico do ensaio braultiano parece alimentado dessas informações, que vem a “conhecer”⁹⁴ — notamos a escolha vocabular, não “a descobrir”, ou “compreender” — após tomar a decisão de traduzir. Por outro lado, afirma, “traduzir é inevitável”, uma vez que os poemas em língua estrangeira lhe tenham provocado tamanha sensação de arrebatamento descrita no primeiro parágrafo do ensaio. O que chama de “nãotradução” nasceria, portanto, do tensionamento entre essas duas forças antagônicas: a “necessidade” e a impossibilidade de traduzir.

Seguindo-se à primeira quebra do texto⁹⁵, a “nãotradução”, nessa sua introdução ao leitor, assume um papel de ferramenta de “encontro de alteridades” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 26), possibilitando ao poeta “se descentrar” diante do

⁹² SUCHET, Myriam. Jacques Brault et la nontraduction, un Unland original. TRANS-, Montréal, n. 22, p. 1-13. Disponível em: : <http://journals.openedition.org/trans/1646>, p. 2.

⁹³ “Alors, j’ai connu que traduire est impossible, que traduire est inévitable. De ce choc, comme une étincelle égarée entre l’empêchement et la nécessité, naquit la nontraduction. Une évidence perplexa. Et une réussite promise à l’échec — écriture sans écriture” (Id., p. 15).

⁹⁴ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 15.

⁹⁵ Notamos uma rara quebra dos textos dos ensaios poéticos de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) em parágrafos, à exceção da “Contrenote” (pp. 86-95).

poema estrangeiro, comprometendo-se não a devorá-lo⁹⁶, tampouco a “anexar o outro (...)”, como empreita a violência colonial e, ainda menos, a falar pelo outro, mas a ouvi-lo e “tornar-se seu anfitrião”, ainda que isso possa significar “calar-se”. Não se trataria de assumir uma postura servil diante do estrangeiro, como explica a voz lírica, mas de tentar fazer com que “(...) se estabeleça uma relação entre existências heterogêneas” expressas em línguas “heterogêneas”. O impacto da “nãotradução” promoveria efeitos na própria língua, por complexificá-la:

(...) Que seja primeiramente estabelecida a relação entre existências heterogêneas. A pancada. A incredulidade. A confiança, pouco a pouco, trará sombra sobre a desconfiança; o claro-escuro das vogais e das consoantes acusará os contrastes de uma língua ao mesmo tempo perdida e encontrada. Língua suspensa entre duas certezas agora problemáticas, língua que reconhece então sua dificuldade de existir. E assim, sua razão de existir. Uma língua que se recusa a se pôr à prova assim já está há tempos condenada. Morta. (...) (BRAULT, 1975, p. 15).⁹⁷

Sublinhamos, primeiramente, a palavra “claro-escuro” indicando a presença dos “contrastos” sobre os quais se constrói o livro — conforme já anunciamos, em pares como autor/leitor, tradução/originalidade, resistência/dominação cultural e *Eu/Outro* — característica analisada por Stradioto-Casolato (2022), conforme melhor descrito e explorado em nosso segundo capítulo. Chama a nossa atenção, ainda dentro dessa chave de leitura, o verbo “*ombrera*” (obscurecerá ou, em nossa tradução, “trará sombra”) em lugar da habitual ideia de iluminar, clarificar, jogar luz sobre um pensamento para melhor compreendê-lo (o que voltará a ser empregado no último parágrafo do livro). A suspensão gerada pelo tensionamento da língua materna e uma estrangeira (e, no limite, de um *Eu* e um *Outro*) permitiria ao sujeito lírico acessar uma outra língua — nem dominada, nem desconhecida — que já estaria existindo nesse espaço outro, esse “lugar comum” (VACHON, 1977), não sendo, portanto, criada pelo sujeito. Conforme conclui o trecho, Brault parece trazer à tona a noção de contato e troca, não apenas linguística, mas cultural, como primordial ferramenta de revitalização da linguagem.

Sem quebrar o texto em parágrafos, o autor aborda, então, a importância de seu

⁹⁶ Stradioto-Casolato (2022) contrapõe a “nãotradução” de Jacques Brault às propostas brasileiras de antropofagia e transcrição, conforme abordaremos em nosso terceiro capítulo, *Análises comparativas dos Poèmes des quatre côtés*.

⁹⁷ “Que d’abord s’établisse le rapport entre des existences hétérogènes. Le heurt. L’incredulité. La confiance, peu à peu, ombrera la méfiance; le clair-obscur des voyelles et des consonnes accusera des contrastes d’une langue à la fois perdue et trouvée. Langue suspendue entre deux certitudes maintenant problématiques, langue qui reconnaît alors sa difficulté d’être. Et donc sa raison d’être. Une langue qui se refuse à pareille épreuve est d’ores et déjà condamnée. Morte.” (BRAULT, op. cit., p. 15).

contexto social e político para o desenvolvimento da “nãotradução”. Apesar da intensidade das baixas temperaturas no Quebec, a voz lírica afirma que, em tal “país”⁹⁸, “(...) as relações humanas se caracterizam pelo calor, vivo e breve — como nosso verão”, ardor que em seu discurso parece, de alguma forma, resistir à tradução:

(...) Nós não gostamos de traduzir nem ser traduzidos. E não estamos sempre ou completamente errados. As chaves da tradução pertencem aos poderosos. Se não há língua mundial, há línguas colonizadoras. Experimentamos isso duramente, a cada dia (...) (BRAULT, 1975, p. 15).⁹⁹

No trecho destacado, o autor questiona as relações entre a hegemonia política e cultural e a tradução (JAKA, 2010), desde a produção e validação de conhecimentos, até o estabelecimento de normas e códigos, “as chaves da tradução (...)” (BRAULT, 1975, p. 15); colocando o Quebec como vítima da disparidade político-cultural que trouxemos à luz em nossa introdução, informados por Jaka (2010), Simon (1994) e Lane-Mercier (2014). Consideramos essencial notar que, logo após afirmar a posição de subalternidade (SPIVAK,

⁹⁸ É preciso fazer alguns esclarecimentos acerca da palavra *pays* quando falamos da literatura quebequense, primeiramente, em relação à língua francesa como um todo, mas sobretudo no uso histórico dessa palavra no Quebec. De antemão, deve-se saber que *pays* não se restringe à definição de seu par no português, *país*, ou seja, não é utilizado apenas para identificar um estado-nação. Segundo o dicionário virtual Larousse, *pays* pode se referir tanto ao “território de uma nação delimitado por fronteiras e constituindo uma entidade geográfica (...)”; quanto a uma “região compreendida do ponto de vista de uma certa identidade ou comunidade de interesse de seus habitantes (...)”, e até mesmo como um espaço bastante limitado geográfica e politicamente: “vila, aglomeração: *un petit pays de quatre cents habitants*” (tradução nossa, grifos do autor). Logo, nota-se que, no âmbito da língua francesa, nada impediria os quebequenses de se referirem à sua província como um *pays*. Considerando, porém, o elemento político-social, é inegável que a escolha de tal vocábulo pode implicar, ao menos em alguns discursos, em denotar um certo grau de autonomia, unidade ou mesmo importância comparável ao do estado-nação canadense, o que fora e ainda é bastante explorado pela resistência política e cultural do Quebec — considerando que este se constitui como uma província minoritária a partir da criação do estado do Canadá, estreitamente ligado a duas potências anglófonas hegemônicas, o Reino Unido e os Estados Unidos da América.

Indícios de como a denominação do Quebec como um *pays* pode ser entendida como um ato de resistência política e cultural podem ser encontrados, não apenas na literatura quebequense, mas na própria mídia canadense, como no artigo de opinião “*O Quebec é um país, talvez até mais do que o Canadá*” (“*Le Québec est un pays, peut-être même davantage que le Canada*”, LAPORTE, 2015), publicado na recém-extinta revista HuffPost em sua edição local. O texto parte de uma polêmica causada pelo uso do termo, em 2015, para refletir sobre a carga, segundo o autor, negativa da palavra província (“para os vencidos”), e sobre os critérios definidores de um país na contemporaneidade. O autor identifica nos discursos oficiais do governo do Quebec uma tendência a evitar a palavra província, contrariando a decisão oposta por parte da comunicação do governo do Canadá; e defende o entendimento de que, no cenário internacional, haveria um reconhecimento do papel do Quebec muito superior àqueles comumente dispensados a *meras* províncias (um “*status [...] simplesmente ‘provinciano’*”). Laporte (2015) ainda argumenta em favor do termo *pays* para designar o Quebec pontuando que nem sempre reconhecer um território minoritário como um *país* implica em sua separação do estado-nação hegemônico que o anexara: “Tomemos por exemplo os ‘País’ basco ou o ‘País’ de Gales, que não são, pelo que eu saiba, Estados independentes...”. Essa discussão deverá, necessariamente, ser levada em conta em nossa tradução dos textos de Jacques Brault, dada a frequência do emprego do termo *pays* em sua poética.

⁹⁹ “(...) Nous n’aimons ni traduire ni être traduits. Et nous n’avons pas toujours et pas tout à fait tort. Les clefs de la traduction appartiennent aux puissants. S’il n’y a pas de langue mondiale, il y a des langues colonisatrices. Nous l’éprouvons durement, chaque jour (...)” (BRAULT, 1975, p. 15).

2010) de sua cultura e denunciar sua sujeição a uma produção de conhecimento, inclusive no campo da tradução, em relação a culturas colonizadoras (BRAULT, 1975, p. 15); a “nãotradução” é apresentada como uma resposta ao colonialismo epistemológico (SANTOS, 2019) que orientaria, até hoje, a criação artística e sua ciência: “Mas essa prova devia, deveria nos aguçar o apetite pela criação” (BRAULT, 1975, p. 15). Como uma espécie de convite à prática que denomina “nãotradução”, Brault encerra o parágrafo apontando tal resistência quebequense como norteadora de sua proposta: “Nãotraduzir é não capturar, nem se deixar capturar, é compor, pechinchar, negociar. Falhando em viver, prefiro sobreviver a subviver” (p. 16)¹⁰⁰.

A “nontraduction” como estratégia para “sobreviver” é continuada no trecho seguinte, quando a rotina do sujeito lírico, solitário porque individualizado e precarizado pelo trabalho, parece apresentar como único ganho não sucumbir à carga diária. Essa realidade é contraposta a um ideal de experiência e formação subjetiva que fosse capaz de lidar com as “contradições” sem buscar dissolvê-las, solucioná-las (ação que a voz lírica relaciona à tradução), mas, justamente, tensioná-las, criando um espaço outro (SUCHET, 2017): o da “nãotradução”:

(...) Fim de tarde. Dei o meu melhor no trabalho; volto pra casa. A porta, esta manhã, tinha se aberto a um sozinho; ela se fechará a um outro — sozinho. Mas não perco a esperança de que, em um dia de generosidade sem controle e de ternura total, esses dois “sozinho” se farão um só na doçura de realmente viver, que consiste antes em não morrer. Não mais traduziremos um e o outro, em uma imagem do mesmo, imagem sempre borrada, trêmula de um triz, e que acaba por extenuar o próprio de cada um. Seremos recentrados lá-aqui, como este texto sob meus olhos, familiarmente estranho, seremos unidos pela contradição, nãotraduzidos (BRAULT, 1975, p. 16).¹⁰¹

O trecho citado acima recupera o encerramento do parágrafo anterior, “falhando em viver, prefiro sobreviver a subviver” que, como vimos, está conectado no texto de Brault à

¹⁰⁰ Reconhecemos, nos ensaios que apresentam e desenvolvem a “nãotradução” de Jacques Brault (1975), um constante emprego de metáforas que complexificam o entendimento prático da proposta (SIMON, 1994, p. 67). Conforme Darin (2020), há um rico histórico de emprego de metáforas diversas para definir e orientar as práticas de tradução ao longo dos séculos — dentre as quais facilmente nos lembramos da ideia de “passagem ou transposição de uma língua para a outra” (p. 51), ou de traduzir como construir uma “ponte” (p. 58) entre línguas e culturas. Desse modo, o desenvolvimento de uma ideia provocadora de uma certa noção da tradução, como o é a “nãotradução” de Brault, também mobiliza amplamente esse recurso (SIMON, 1994, pp. 56-71).

¹⁰¹ “Nontraduire; se décentrer. Le cœur sur la main et la main au cœur. Fin d’après-midi. J’ai travaillé de mon mieux; je retourne chez moi. La porte, ce matin, s’était ouverte à un seul; elle se fermera sur un autre – seul. Mais je ne désespère pas qu’un jour de générosité sans contrôle et de tendresse totale ces deux ‘seul’ ne feront qu’un en la douceur de vraiment, laquelle consiste d’abord à ne pas mourir. Nous ne traduirons plus l’un et l’autre en une image du même, image toujours brouillée, tremblante d’à-peu-près, et qui finit par exténuer le propre chacun. Nous serons recentrés ailleurs-ici, comme ce texte sous mes yeux, familièrement étrange, nous serons unis par la contradiction, nontraduits” (BRAULT, 1975, p. 16).

experiência colonial do Quebec e os movimentos de resistência que este formula em resposta. No parágrafo seguinte, além de trazer à discussão o elemento de classe na figura do trabalhador, o discurso reforça o caráter idealista da “nãotradução”; algo que poderia ser construído em nível textual, mas que a voz lírica busca vivenciar de forma subjetiva para a (re)construção de sua própria identidade e o alcance de uma vida plena (“[...] a doçura de realmente viver [...]”, da qual a experiência mínima e cotidiana de “[...] não morrer [...]” seria apenas o início). Dessa forma, apesar da “nãotradução” braultiana produzir novas relações textuais, ela seria concebida como uma ideia maior que, no âmbito da real experiência subjetiva, só poderia ser alcançada “(...) em um dia de generosidade sem controle e de ternura total (...)”. “Nãotraduzir” seria “(...) uma vitória prometida à derrota (...)”. Observamos também no trecho citado a ambiguidade criada sobre o referencial “esses dois ‘sozinho’”, que sobrepõe Eu — “(...) a porta, esta manhã, tinha se aberto a um sozinho; ela se fechará a um outro — sozinho (...)” — reconhecendo a mutabilidade do sujeito diante das experiências, e Outro — o estrangeiro, categoria que inclui o canadense de língua inglesa. Tal aproximação não se produziria, porém, a partir do que há em comum entre tais sujeitos, nem por uma tentativa de transmissão de experiências, aproximada à tradução. Sobrepondo-os, Brault aposta na intersecção dos sujeitos a partir justamente de suas diferenças.

Em síntese, o primeiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, pp. 13-16) constrói uma narrativa de arrebatamento do sujeito lírico diante do poema em língua estrangeira, que lhe ecoa como “um chamado (...) indecifrável” ao traduzir, ou, ao menos, lançar-se a esse desafio. Surge daí uma reflexão acerca da produtividade da experiência de estrangeiridade — inclusive para a revitalização das línguas e linguagens, como também a nível subjetivo, proporcionando uma descentralização do sujeito, de si — e da ocupação e exploração de um espaço “entre-dois”, lê-se: duas línguas e culturas diversas, dois territórios, duas literaturas, dois sujeitos. Tal ímpeto de sondar esse espaço conceitual de intersecção por meio da tradução é, porém, frustrado por um parecer (não apenas alheio, mas chocante ao sujeito lírico), da tradução poética como algo “impossível”, ao passo que também seria, para ele, “inevitável”. Além de questionar uma perspectiva universalizante de conhecimentos produzidos por nações hegemônicas, afirmando que “as chaves da tradução pertencem aos poderosos”, o ensaio vincula a decisão de produzir um texto derivado de um original estrangeiro, mesmo diante da impossibilidade da tradução, à condição subalterna do Quebec, como um ato consciente de resistência cultural. Busca-se, assim, uma alternativa à tradução normatizada (e normatizadora) cujo paradigma seria uma total apreensão do texto dito original; a “nãotradução”, um projeto que parece ser produto e produtor de tensionamentos

(FALEIROS, 2021, p. 37), de contradições (BRAULT, 1975, p. 16), um “(...) texto ao mesmo tempo perturbado e perturbante” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17).

2.1.2 “Nord”

Embora nosso trabalho se concentre nos ensaios de *Poèmes des quatre côtes*, dispensamos atenção também para os poemas “nãotraduzidos” por Jacques Brault (1975), inicialmente para nos situarmos em relação à natureza dos procedimentos tradutórios que emprega, mas, principalmente, a partir de nossa leitura analítica, pelas relações que estabelecem com os cinco ensaios que apresentam a “nãotradução”. Assim, apesar de não apresentarmos traduções para os *Poèmes des quatre côtes*, reunimos, neste capítulo, algumas observações acerca dessas relações, bem como informações gerais sobre seus poetas originais.

A primeira seção de poesia é intitulada a partir do ponto cardeal “Nord” (pp. 17-29) e epigrafada por um verso de John Haines (1924-2011), poeta estadunidense do Alasca. A associação de Haines ao boreal pode ser melhor compreendida por sua poética do que por sua localização geográfica precisa em relação ao ponto de partida de *Poèmes des quatre côtes*, a cidade de Montréal. Apesar de não ter nascido no estado mais setentrional de seu país, Haines o teria adotado como lar após retornar da Segunda Guerra Mundial (BEZNER, 1997). O verbete que lhe dedica a Poetry Foundation conta-nos uma anedota que permite-nos vislumbrar a figura do poeta no imaginário literário: “Em 1947, Haines comprou o título de uma propriedade de 160 acres, a 80 milhas de Fairbanks, Alasca, com a intenção dedicar-se à pintura. De acordo com Haines, quando suas tintas congelaram, ele se voltou para a escrita.”¹⁰² Tal cenário de “brutal beleza” (BEZNER, 1997, p. 274) ocupa um espaço privilegiado em suas obras, o que podemos notar mesmo por alguns de seus títulos — *Winter News* (1996), *News from the Glacier* (1982), *The Owl in the Mask of the Dreamer* (1993). Além da resistência às baixas temperaturas, o estilo de vida rural buscado pelo poeta no Alasca implicara em outro elemento identificável em sua poética: a solidão. Afinal, “talvez nenhum outro poeta de sua geração tenha passado tanto tempo sozinho” (BEZNER, 1997, p. 274). Bezner refere-se à escrita de Haines como “(...) uma linguagem simples e sem adornos (...)” que, apesar de sondar o tema da morte de um modo visceral¹⁰³, também versaria sobre a subjetividade e a experiência humana, especialmente sobre a “influência [da natureza] na

¹⁰² THE POETRY FOUNDATION. *John Haines*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/john-haines>.

¹⁰³ BEZNER, Kevin. John Haines. In: The Western Literature Association. *Updating the Literary West*. Texas Christian University Press: Austin, 1997, p. 275.

mente de um homem”, pintando uma “paisagem interior” (no original, “interior landscape”): “Os poemas também olham para dentro, mais até do que a crítica tem percebido. Muitos parecem ter sido escritos por um homem que tenta definir sua relação com o mundo”.

Essa última nota sobre a poesia de John Haines pode levar o leitor a consolidar uma certa conexão entre este e Jacques Brault, já estabelecida pela experiência do frio e da reclusão (menos agudas, é claro, no poeta *montréalais*), indagando-se sobre o papel da presença de Haines em *Poèmes des quatre côtés*, um projeto poético que explora sobremaneira a relação sujeito-mundo. Após a experiência de deslocamento narrada no primeiro ensaio, o sujeito lírico empreita, na primeira seção poética do livro, uma jornada pela paisagem boreal dos poemas de Haines, justaposta às de sua terra natal a cada estação, a partir de um vínculo também intimista. Outra análise da obra do poeta do Alasca que chama nossa atenção para a análise de sua participação no livro de Jacques Brault vem, mais uma vez, do verbete sobre John Haines publicado na enciclopédia virtual da Poetry Foundation, que cita a avaliação do poeta Lawrence Raab, para quem “pode-se sentir que o poeta, por meio do ato do poema, busca alcançar algo tão básico e necessário quanto comida ou abrigo”. Recuperamos o trecho do primeiro ensaio, que antecede a seção poética composta a partir da obra de John Haines, no qual o sujeito lírico refletirá sobre a produtividade da “estrangeiridade” e sobre uma certa linguagem minimalista, essencial à comunicação básica:

(...) Assim o viajante num país cuja língua ignora vai sem demora ao profundo e ao elementar, reclama dessas palavras insólitas que lhe digam o pão, a água, o sono, o tempo, a alegria, o medo, o lugar, o desejo e (por que não?) a indiferença. Tamanha experiência da estrangeiridade simplifica as relações do mundo e da linguagem. O outro e o mesmo tornam-se habitáveis. (...) (BRAULT, 1975, p. 14).¹⁰⁴

“*Nord*” (BRAULT, 1975, pp. 17-29) é composto por oito poemas de uma a duas páginas de extensão que, como todos no livro ao qual pertencem, não recebem título, sendo referenciados no sumário pelo início de seu primeiro verso.

O frio se faz presente já no poema inicial, “*Ce serait*”, trazido, porém, pela imagem do “(...) fim / de um mau inverno / (...)”, testemunhado pelo sujeito lírico. Nota-se a referida consonância entre mundo interior e exterior na caracterização do sujeito como “sombra vindo ver uma sombra” (“*ombre venue voir une ombre*”, p. 19); lê-se, um resto da estação que finda.

¹⁰⁴ “(...) Ainsi un voyageur dans un pays dont il ignore la langue va sans délai au profond et à l’élémentaire, il réclame de ces mots insolites de lui dire le pain, l’eau, le sommeil, le temps, la joie, la peur, le lieu, le désir et (pourquoi pas ?) l’indifférence. Une telle expérience d’étrangeté simplifie les relations du monde et du langage. L’autre et le même deviennent habitables (...)” (BRAULT, 1975, p. 14).

O “endereçamento”¹⁰⁵ da voz lírica à paisagem encontrado nesse poema prossegue no segundo, no qual também podemos encontrar elementos da “brutal beleza” apontada por Bezner (1997, p. 274), no cenário de uma caçada em meio à “tundra”.

No terceiro poema, a pessoa enunciativa passa a ser o “nós” (p. 21) e percorre o “(...) coração da geleira” associando-a a uma habitação humana e emulando suas galerias com longos espaços em branco e deslocamentos nos versos. A coruja, animal que figura em um dos títulos de Haines, *The Owl in the Mask of the Dreamer* (1993), abre o quarto poema da seção e o sujeito lírico, por efeito do espelhamento homem-natureza, se projeta abrindo asas e planando “em seu encontro”, transformando-se também em coruja para conviver brevemente com a ave até o fim da noite invernal.

No poema seguinte, a voz discursiva volta para a terceira pessoa e traz o elemento violento da natureza à “manhã” primaveril de “abril”. Com a chegada do verão, no próximo poema, o endereçamento retorna quando a voz lírica percebe, no meio da noite e “(...) emocionado pelo vento”: “Esqueci de vos nomear”; seguindo-se, então, uma lista de outros elementos setentrionais, tanto reais (“os rios que sem cessar se esgotam / ao segredo de um outro silêncio / [...]”) quanto místicos (“do mesmo modo, as mulheres da lua / com seus olhos verdes travados / cujos presságios me reduziram às lágrimas / [...]”¹⁰⁶).

No sétimo e penúltimo poema da seção, figura uma formulação com a qual havíamos deparado no primeiro ensaio: o “(...) calor, vivo e breve” do “verão” no Quebec (p. 15), termos rearranjados, construindo um novo sentido:

Invejo às vezes aqueles
que jorram em bando
grandes borboletas ouro-e-negro
diante dos doidos pés
do verão
— breves intensos
como estilhaços do sol
são inesquecidos celebrados
por muito tempo depois que a noite oscilara
contra nossas ruínas de paciência
(...) (BRAULT, 1975, p. 26).¹⁰⁷

¹⁰⁵ FALEIROS, Álvaro. Nas sendas de Jacques Brault: antologia de poemas 1965-2006. Prefácio, seleção e tradução de Álvaro Faleiros. Editora Universidade de Brasília (coleção Poetas do mundo): Brasília, 2021, p. 15.

¹⁰⁶ Lembramos que a presença de espaços em branco no interior de diversos versos aqui citados reproduz os originais de Jacques Brault (1975).

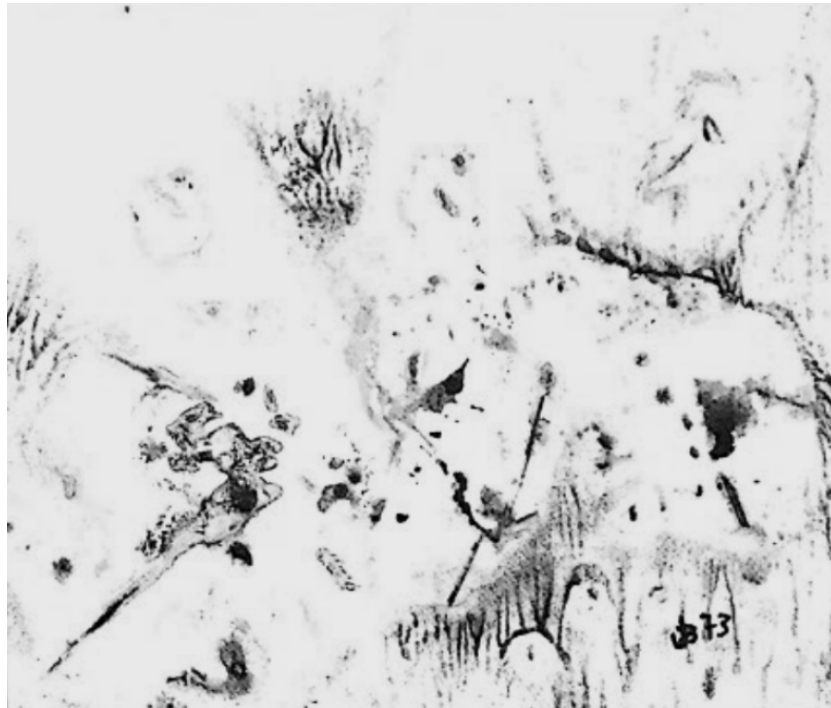
¹⁰⁷ No texto-fonte, lemos:

Parfois j’envie ceux-là
qui sourdent en foule
grands papillons or-et-noir
devant les pieds fous

Não há indicações gráficas, tanto no poema apresentado como uma “nãotradução” de Haines, quanto no ensaio que o precede, que destaquem essa ideia comum aos dois textos. Nossa análise é o que sugere essa relação.

Por fim, o último poema da seção “*Nord*” é um chamado à “coruja dos invernos” (p. 28) que marcará o ponto médio da estação, um “espírito de silêncio”, “fantasma maravilhado / à deriva em noite nórdica / (...)”. O apelo final reforça a matéria folclórica que compõe tal representação: “sim venha caçadora de malefícios”¹⁰⁸. A seção se encerra com mais uma imagem abstrata pintada pelo autor que, novamente, por estar situada ao lado do poema, talvez suscite as imagens por ele evocadas em seus traços (Figura 2):

Figura 2 – “Sem Título”, segundo nanquim de *Poèmes des quatre côtés*



FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 29.

Como vimos, a primeira seção poética de *Poèmes des quatre côtés*, derivada da obra

de l'été

— brefs intenses
 comme des éclats de soleil
 ils sont inoubliés célèbrés
 longtemps après que la nuit a vacillé
 contre nos ruines de patience
 (...) (BRAULT, 1975, p. 36).

¹⁰⁸ Nota-se a proximidade sonora e etimológica entre o verbo *vir* no imperativo, “viens” (BRAULT, op. cit., p. 28) e o adjetivo que o sucede e nomeia a coruja (substantivo masculino na língua francesa), “veneur”. Um *veneur* seria um caçador em estilo *vénerie*, ou seja, a caça com cães.

do poeta do Alasca John Haines, é nomeada a partir do ponto cardinal Norte graças à centralidade da temática boreal na obra do estadunidense.

Sua posição na composição do livro de Brault pode dialogar com as elaborações acerca da própria “nãotradução” no ensaio que a introduz e precede a seção poética, contribuindo com a ideia de deslocamento do sujeito no espaço. Algumas características apontadas na obra de John Haines podem ser identificadas nos poemas (agora) braultianos; tais como: i. a própria temática do inverno; ii. a “linguagem simples (...)” (BEZNER, 1997, p. 274); iii. a reverberação do espaço no íntimo do sujeito criando uma “paisagem interior” (p. 275); e iv. a representação lírica de uma natureza violenta, ao passo que idealizada — a “brutal beleza” apontada por Bezner (1997).

2.1.3 “*Nontraduire 2*”

Tal como realizamos com o primeiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, reproduzimos a seguir o texto original de “*Nontraduire 2*” (BRAULT, 1975, pp. 31-34), seguido de nossa tradução (com notas em rodapé) e observações críticas.

Quadro 2 – Texto original do segundo ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, “*Nontraduire 2*”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita

Original	Proposta de tradução
“L’eau est un corps brûlé” Balzac	“L’eau est un corps brûlé” ¹⁰⁹ Balzac
La pluie bafouille à la fenêtre. Novembre aux doigts, au cœur un gris-froid ; et le	A chuva sussurra ¹¹⁰ na janela. Novembro na ponta dos dedos ¹¹¹ no peito um cinza-frio; e

¹⁰⁹ Em tradução semântica: “A água é um corpo queimado” (BALZAC apud BRAULT, 1975, p. 31).

¹¹⁰ Outras opções levantadas para a tradução do verbo *bafouiller* são: *balbuciar* e *gaguejar*.

¹¹¹ A expressão *aux bouts des doigts* (*na ponta dos dedos*), possível origem de “*novembre aux doigts* (...)” (BRAULT, 1975, p. 32), indica que algo está tão próximo que pode ser tocado. Traduzi-la como “na ponta dos dedos” pode provocar uma sensação de delicadeza e precaução, como na variação *du bout des doigts* (LAROUSSE); acepção que não se distancia tanto do texto-fonte, já que “novembro” e “inverno” fazem referência ao clima gélido do Alasca, trabalhado a partir de Haines na primeira seção poética do livro (BRAULT, op. cit., pp. 17-29) e que o excerto fala sobre a delicadeza do trabalho de “nãotradução”. Cogitamos *novembro bate à porta* para traduzir a proximidade, pensando também nas múltiplas imagens da leitura e tradução como visitação (p. 14; 31, etc) e na visualidade de um espaço doméstico recriado nos ensaios (abrir e fechar a janela, no excerto traduzido, guarda um pouco dessa tendência). Observou-se, porém, que ao omitir a *ponta* dos dedos (*aux bouts des doigts*) em “*novembre aux doigts*”, Brault (1975, p. 32) pôde evocar igualmente a sensação física das mãos frias no inverno, descobertas, posto que escrevem; enquanto *bater à porta* concentraria a ação do frio no espaço e não no corpo. Por fim, optamos por *na ponta dos dedos* para manter o par *mão-corção* (que traduzimos como *peito*), já presente nos ensaios.

vacillement de l'heure: légère naturalisée. La lampe éclaire à peine mes gribouillis sur la table. Lequel des deux résiste à l'autre, le texte ou moi ? Je me lève. J'ouvre la fenêtre. On me crache à la figure. Et je regarde en face mon angoisse. Surtout, ne pas imiter, je le sais bien, ne pas faire semblable (semblant), ne pas apprivoiser cette langue étrangère qui retentit en ma langue comme des cris d'animaux sauvages, comme une liberté à l'état nu. Je frissonne, la poitrine trempée, j'ai envie d'être au chaud, seul. Mais ça parle à mon oreille, ça n'arrête pas de parler. Et d'ailleurs, l'imitation ne peut être que mauvaise pour l'œuvre imitée, elle traite ce texte comme un prétexte, enfin, elle est mauvaise pour l'imitateur, elle lui fait oublier — ou méconnaître — la nécessaire transmutation dans sa propre langue : il se reconnaît trop lui-même, et trop vite, et trop tard. Il perd son double, il perd le meilleur de lui-même — l'autre qui de jour et de nuit se fait son hôte, l'accueille et le révèle à son inconnaissance. Donc, traduire, oui, mais sans traduire. Je ferme la fenêtre. La pluie sur moi séchera lentement. Comme un corps étranger qui me couvrant d'une peu nouvelle va m'apprendre à lui donner une âme nouvelle. Tout se joue en surface; à la

a hesitação da hora: leveza¹¹² naturalizada. A lâmpada mal clareia minhas garatujas sobre a mesa. Qual dos dois resiste ao outro, o texto ou eu? Levanto-me. Abro a janela. Cospem na minha cara. E encaro minha angústia. Sobretudo, não imitar, sei bem disso, não fazer parecido (parente)¹¹³, não domesticar¹¹⁴ essa língua estrangeira que tilinta em minha língua como gritos de animais selvagens, como uma liberdade em estado nu. Arrepio, o busto banhado¹¹⁵, tenho vontade de estar no calor, só. Mas isso fala no meu ouvido, não para de falar. Além disso, a imitação só pode ser danosa para a obra imitada, ela trata o texto como um pretexto, enfim, ela é danosa para o imitador, faz com que ele esqueça — ou desconheça — a necessária transmutação em sua própria língua: ele se reconhece demais, e rápido demais, e tarde demais. Ele perde seu duplo, perde o melhor de si mesmo — o outro que dia e noite se faz seu anfitrião, o acolhe e o revela ao seu desconhecimento. Então, traduzir, sim, mas sem traduzir. Fecho a janela. A chuva sobre mim secará lentamente. Como um corpo estrangeiro que, me cobrindo de uma nova pele, vai me ensinar a dar-lhe nova alma. Tudo se passa na superfície; na superfície das palavras e do

¹¹² Brault (1975, p. 95) associa a leveza à “nãotradução”, em oposição à postura dos “tradutores experientes”: “(...) Os tradutores experientes me culparão sem dúvida por tanta leveza e tanta segurança. A palavra ‘nãotradução’ em si não legitima nada. Nem a pena que me dei talvez em vão. (...)”.

¹¹³ A expressão *faire semblant* indica a imitação (BRAULT, op. cit., p. 32) no sentido de farsa, emulação; de modo que uma tradução mais literal optaria por *faire parecido* (*fingir*). Procuramos manter a repetição causada pela associação entre “semblable” e “semblant” retomando a metáfora do parricídio ao fim do ensaio (p. 34).

¹¹⁴ Preferimos “domesticar” (“apprivoiser”; BRAULT, op. cit., p. 32) em vez de *apriso*nar ou *capturar* por influência da ideia de tradução domesticadora (BERMAN, 2007, p. 33).

¹¹⁵ *Trempé* (embebido; BRAULT, op. cit., p. 32) parece ser mais utilizado no domínio das artes plásticas, referindo-se à ação de banhar uma peça em tinta. Mantendo-nos em tal campo semântico, preferimos *busto* a *peito* para traduzir “poitrine”.

surface des mots et de l'instant. Je reviens à mes papiers: un texte à côté d'un texte. Les supprimer tous deux pour faire place au seul texte qui en rappelle à la surprise de parler sans *sujet*. Nontraduire.

instante. Volto a meus papéis: um texto ao lado de um texto. Suprimir ambos para dar lugar ao único texto que dele se lembra na surpresa de falar sem *sujeito*¹¹⁶. Nãotraduzir.

Les gravures de Rembrandt (et celles de Goya) m'ont détourné de la traduction. Un midi d'été ; une chaleur moite se ventouse aux murs. Je somnole presque. Et pourtant. Un rien en moi résiste à la torpeur. Le problème de *l'original* me tient sur la brèche. Non, je n'accepte pas de *reproduire* en traduisant. Pas plus que Rembrandt et Goya n'ont reproduit sur la plaque de cuivre une étude ou une esquisse. Encore le fameux "modèle" platonicien, encore la chère "cause exemplaire" d'Aristote ! On n'en finira jamais avec ses pré-jugés. Toute traduction transforme l'original, elle y renvoie sans cesse. D'où la "honte" de traduire... la peur malade de trahir. Mais la morsure de l'acide, la brutalité du burin, la nervosité de la pointe sèche, l'incision du couteau, l'arrachement de la gorge, toutes ces attaques de la matière gravée ne traduisent pas, oh non! une image préalablement tracée ou lavée, elles ouvrent, à partir d'une suggestion formelle-matérielle, d'un dessin-dessein, un nouveau chemin pictural. Ainsi, tournant le dos à la plus tenace méprise de l'idéalisme philosophique (et

As gravuras de Rembrandt (e as de Goya) me desviaram da tradução. Um meio-dia de verão; um calor húmido se agarra às paredes. Quase cochilo. E, no entanto. Um nada em mim resiste ao torpor. O problema do *original*¹¹⁷ me desafia seu rosário¹¹⁸. Não, eu não aceito *reproduzir*¹¹⁹ traduzindo. Não mais que Rembrandt e Goya tenham reproduzido sobre a placa de cobre um estudo ou um esboço. Ainda o famoso "modelo" platônico, ainda a cara "causa exemplar" de Aristóteles! Nunca vamos parar com esses pré-julgamentos. Toda tradução transforma o original, ela o retoma sem cessar. Daí a 'vergonha' de traduzir... o medo maldito de trair. Mas a mordida do ácido, a brutalidade do cinzel, o nervosismo da ponta seca, a incisão da faca, o rasgo da garganta, todos esses ataques da matéria gravada não traduzem, oh não!, uma imagem previamente traçada ou lavada, eles abrem a partir de uma sugestão formal-material, de um desenho-desígnio, um novo caminho pictural. Assim, dando as costas ao mais tenaz desprezo do idealismo filosófico (e existencial), não concedo ao original um

¹¹⁶ Grifo do autor, mantido na tradução.

¹¹⁷ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 32.

¹¹⁸ A expressão *tenir sur la brèche* (BRAULT, op. cit., p. 34), permanecer em uma longa atividade, é muito utilizada no discurso religioso cristão para se referir à ação de promover um bem (ou interromper um mal) por meio de longas sessões de oração, por vezes de jejum.

¹¹⁹ Grifo do autor, mantido na tradução.

existential), je n'accorde pas à l'original un caractère de fixité. Tout discours (tout texte) est littéraire dans la mesure où il n'est pas complètement rongé par l'entropie (par l'univocité), dans la mesure où sa probabilité de sens demeure multiple, non close, non définitive. Pareil texte appelle précisément la "trahison". Nontraduire, c'est fidélité qui aspire à l'infidélité. Un texte nontraduit reste trouble (troublé/troublant), il n'arrive pas à départager sa dépendance et son indépendance. Son projet (orienté vers la lecture) se rattache à son trajet (d'écriture) ; son origine oriente ses choix. Mais ceux-ci, à leur tour, l'éloignent de son commencement. Un sens-fils cherche à tuer le sens-père pour enfin laisser être la relation père-fils comme tierce réalité, la seule désormais viable.

caráter fixo. Todo discurso (todo texto) é literário na medida em que não está completamente corroído pela entropia (pela univocidade), à medida em que sua probabilidade de sentido permanece múltipla, não fechada, não definitiva. Um texto assim convida precisamente à "traição". Nãotraduzir, é fidelidade que aspira à infidelidade. Um texto nãotraduzido mantém-se perturbação (perturbado / perturbante¹²⁰) ele não chega a desatar sua dependência e sua independência. Seu projeto (orientado para a leitura) se vincula a seu trajeto (de escrita); sua origem orienta suas escolhas. Mas estas, por sua vez, o afastam de seu começo. Um sentido-filho busca assassinar o sentido-pai para enfim deixar que a relação pai-filho seja, como terceira realidade, a *única* viável a partir de então.

FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 31-34.

FONTE: Tradução nossa.

À semelhança do primeiro ensaio, o tom de "Nontraduire 2" é narrativo, descrevendo a experiência de "nãotraduzir" em uma noite gélida; abarcando, porém, reflexões e elucidações acerca da tarefa, especialmente sobre sua dificuldade no momento narrado — "Qual dos dois resiste ao outro, o texto ou eu?" (BRAULT, 1975, p. 31). Sem pretender responder à pergunta, destacamos o avanço no parágrafo dessa expressão de "impasse" (SUCHET, 2017) à de uma tentativa de desviar sua escrita de uma estratégia de "imitação" (BRAULT, 1975, p. 31): "Sobretudo, não imitar, sei bem disso, não fazer aparentado (parente),¹²¹ não aprisionar essa língua estrangeira que tilinta em minha língua como gritos de

¹²⁰ Nossa escolha tradutória para traduzir "(...) trouble (troublé/troublant) (...)" (BRAULT, 1975, p. 34) é informada por Stradioto-Casolato (2022, p. 25).

¹²¹ Conforme o texto original: "(...) Surtout, ne pas imiter, je le sais bien, ne pas faire semblable (semblant), ne pas apprivoiser cette langue étrangère qui retentit en ma langue comme des cris d'animaux sauvages, comme une liberté à l'état nu (...)" (BRAULT, 1975, p. 31).

animais selvagens, como uma liberdade em estado nu (...)”. A representação da “língua estrangeira” como “gritos de animais selvagens” nos suscita um comentário do crítico Yves Laroche (2005, p. 94): também debruçado sobre a obra braultiana, ele avalia a relação entre “(...) uma certa dose de ‘ignorância’ (um saber descarregado de toda convenção) (...)” contido na poesia em língua estrangeira e “(...) seu potencial de arrebatamento (...)” no leitor-poeta. Consideramos, do mesmo modo, a contribuição de Jaka (2010), que recupera o histórico de “apropriação” (BRAULT, 1975, p. 70) artística na fundação de uma literatura quebequense, sobretudo por meio de “(...) paródias, imitações, paráfrases, amplificações etc. (...)” (JAKA, 2010, p. 5) literárias e observa como a “nãotradução” de Jacques Brault busca se situar em relação a essas práticas (conforme já desenvolvido em nossa apresentação do contexto de publicação de *Poèmes des quatre côtes*).

Deparamos, novamente, o argumento da incapacidade de “resistir” à “nãotradução” devido a uma insistência do “chamado” do texto; antes, contrastando com a suposta impossibilidade do traduzir e agora, com o desejo do sujeito lírico de abandonar a tarefa, influenciado pelo momento de dificuldade narrado e, simultaneamente, pelo frio do ambiente: “(...) tenho vontade de estar no calor, sozinho. (...)”. Há uma clara demarcação de transição da seção poética “Norte”, derivada, como dito, da poética invernal de John Haines, à próxima seção, nomeada “Leste”. A busca não apenas pelo calor, mas também pela solidão, pode ter, aqui, a função de relembrar o objetivo expresso no ensaio anterior de poder “reunir-se consigo mesmo”, já não mais aludindo um *Eu* composto de dois fragmentos, mas apenas a “um sozinho”. Voltando-se ainda à negação da “imitação” em seu projeto literário, a voz lírica argumenta que:

(...) a imitação só pode ser danosa para a obra imitada, ela trata o texto como um pretexto, enfim, ela é danosa para o imitador, faz com que ele esqueça — ou desconheça — a necessária transmutação em sua própria língua: ele se reconhece demais, e rápido demais, e tarde demais. Ele perde seu duplo, perde o melhor de si mesmo — o outro que dia e noite se faz seu anfitrião, o acolhe e o revela ao seu desconhecimento (...) (BRAULT, 1975, p. 31).¹²²

Conforme apontamos, o trecho parece recuperar a memória do papel das “imitações” (JAKA, 2010, p. 5), como as “paródias” e as “recriações” que “apagavam” as referências aos textos de partida, essenciais, segundo Jaka (2010), ao processo de formação da literatura

¹²² “(...) l’imitation ne peut être que mauvaise pour l’œuvre imitée, elle traite ce texte comme un prétexte, enfin, elle est mauvaise pour l’imitateur, elle lui fait oublier — ou méconnaître — la nécessaire transmutation dans sa propre langue : il se reconnaît trop lui-même, et trop vite, et trop tard. Il perd son double, il perd le meilleur de lui-même — l’autre qui de jour et de nuit se fait son hôte, l’accueille et le révèle à son inconnissance. Donc, traduire, oui, mais sans traduire (...)” (BRAULT, 1975, p. 31).

quebequense. Nossa leitura acena para a informação da desfiliação de Jacques Brault, durante a década de 1970, da bandeira “(...) independentista pois o nacionalismo político e literário (...) ameaçava a sua liberdade criativa e comprometia o seu projeto estético” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 18); já que se constrói no texto um reconhecimento do papel da alteridade na valorização de uma identidade, expressa, sobretudo, no sintagma “(...) o melhor de si mesmo — o outro (...)”.

Um novo paralelismo entre o primeiro e o segundo ensaios se estabelece quando a metáfora “(...) traduzir, sim, mas sem traduzir (...)” (BRAULT, 1975, p. 31) nos remete à “escrita sem escrita” do primeiro ensaio. Nas duas ocasiões, não recebemos explicações claras de quais, afinal, seriam as fronteiras entre “nãotradução” e escrita ou tradução do ponto de vista do “poeta *nãotradutor*” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5, grifo da autora), apenas desenvolvimentos metafóricos. Desta vez, concebe-se a imagem de “(...) um corpo estrangeiro que me cobrindo de uma pele nova vai me ensinar a dar-lhe uma alma nova (...)”. Portanto, vestindo inicialmente sua poética com “uma pele” estrangeira, o poeta visaria renovar o texto original por meio da tradução. Ora, a proximidade entre tal promoção de uma ideia de “nãotradução” e algumas visões sobre a tradução em si é notável. Suchet (2017, p. 1), em seu artigo sobre a presença de mecanismos tradutórios em três obras de Jacques Brault, dentre as quais *Poèmes des quatre côtés*, exemplifica a partir de experiências oriundas de sistemas literários não-hegemônicos, a variedade de visões e práticas tradutórias, das quais destacamos: “Na Índia, a tradução pode ser concebida e praticada como uma forma de transcrição fundada sobre a ideia de reencarnação do texto de partida: a versão traduzida é então considerada um avatar” (SUCHET, 2017, p. 1). Longe de buscar estabelecer um vínculo lógico entre a “nãotradução” de Brault e a tradução indiana, a autora visa “(...) provar que não se trata de exceções monstruosas à regra, mas sim de uma alternativa à representação essencializadora e naturalizante da tradução”, pondo em xeque a formulação de um conceito da tradução baseado apenas nas teorias e práticas validadas e promovidas por países hegemônicos.

A metáfora de vestir “uma pele” estrangeira prolonga-se na explicação de que, na “nãotradução” braultiana, “tudo se passa em superfície; na superfície das palavras e do instante”; o que pode fazer referência à centralidade do aspecto visual (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 22) na reconstrução dos poemas, a partir, principalmente, do deslocamento dos elementos nos versos (SUCHET, 2017). Com a imagem da “pele”, a voz lírica retoma a necessidade da poética nãotradutória de evitar perder “o melhor de si mesmo — o outro (...)”, o que ocorreria, segundo ela, em caso de imitação.

Vestir a pele do outro soa como a expressão (ativa tanto em língua francesa quanto portuguesa) estar na pele de alguém (*être dans la peau de quelqu'un*), imaginar-se na situação vivida por outrem, projetar-se em sua posição para melhor compreendê-lo: “Trata-se antes de sair de sua própria perspectiva e enxergar o outro a partir da perspectiva dele” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 20). Retomando as palavras do ensaio, o trabalho “na superfície” do poema seria apenas o primeiro passo para “(...) dar-lhe uma alma nova (...)”. As alterações observadas por Simon (1994) e, principalmente, por Stradioto-Casolato (2022), não seriam meramente estéticas: a própria poética braultiana acabaria por ocupar o texto alheio e produzir novos significados a partir desse encontro, “(...) uma alma nova (...)” ou ainda, “(...) um terceiro texto (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5).

A análise de Stradioto-Casolato (2022, p. 5) da “nãotradução” braultiana como a concepção de “(...) um terceiro texto (...)” para além do par tradução-original ganha força mediante a leitura do seguinte trecho do segundo ensaio de *Poèmes des quatre côtes* (BRAULT, 1975, pp. 32-33, grifo do autor): “Retorno aos meus papéis: um texto ao lado de um texto. Suprimi-los ambos para dar lugar ao único texto que chama pela surpresa de falar sem *sujeito*. Nãotraduzir”. Além de indicar a complexidade de atribuição de autoria do texto produzido — e, portanto, de classificá-lo como original ou tradução, segundo o paradigma da originalidade — o trecho destacado revela uma escolha consciente de não reproduzir elementos comuns às edições de tradução, como “(...) os títulos dos poemas originais”, ou mesmo a reprodução do texto de partida na página precedente (SUCHET, 2017, p. 2). Simon (1994) nomeia essa decisão de “decapitação dos poemas” — ou, conforme retomado por Suchet (2017, p. 2), uma “decapitação simbólica” — o que, em sua avaliação, configura-se num dos principais traços distintivos da “nãotradução” braultiana em relação a outras propostas tradutórias de seu círculo literário, “(...) o caráter radical (...) da abordagem de Brault (...)”.

Se a noite de inverno havia se apresentado, na narrativa desse segundo ensaio do livro, como um transtorno para a tarefa de “nãotraduzir, “um meio-dia de verão, um calor úmido (...) não deixa de provocar o mesmo efeito; a sucessão das estações marcando a dificuldade da empreitada não apenas ao longo da passagem do tempo, mas do deslocamento do sujeito lírico em direção a cada ponto cardeal (seção poética). Se, então, somava-se ao desconforto com a temperatura ambiente um teórico, a saber, com a estratégia de “imitação” do texto original, agora, o que ocupa a mente do sujeito lírico já afetado pelo calor é “o problema do original (...)”. Apoiando-se nas artes plásticas para assegurar o valor do olhar e dos traços, e

não só do objeto, ele afirma sua resistência a adotar o paradigma da originalidade para seu projeto tradutório:

(...) Não, eu não aceito *reproduzir* traduzindo. (...) Nunca vamos parar com esses pré-julgamentos. Toda tradução transforma o original, ela o retoma sem cessar. Daí a ‘vergonha’ de traduzir... o medo maldito de trair... (...) (BRAULT, 1975, p. 33).¹²³

Interessa-nos a relação entre a proposta da “nãotradução” e os obstáculos impostos à tradução poética, por exemplo, pela ideia de fidelidade ao texto-fonte. Um projeto tradutório que não intente “reproduzir” fielmente seu objeto ainda seria capaz de “conduzir [o leitor] de volta ao texto (...)”¹²⁴ sem ficar preso a um ideal “impossível” (p. 14). Tal postura de Brault não seria oriunda apenas de uma visão tradutória, como da própria literatura como uma construção coletiva de sentidos, conforme explica no trecho a seguir:

(...) Dando as costas ao mais tenaz desprezo do idealismo filosófico (e existencial), não concedo ao original um caráter fixo. Todo discurso (todo texto) é literário na medida em que não está completamente corroído pela entropia (pela univocidade), à medida em que sua probabilidade de sentido permanece múltipla, não fechada, não definitiva. Um texto assim convida precisamente à ‘traição’. Nãotraduzir, é fidelidade que aspira à infidelidade. Um texto nãotraduzido mantém-se perturbação (perturbado/perturbante) ele não chega a desatar sua dependência e sua independência. (...) Um sentido-filho busca assassinar o sentido-pai para enfim deixar que a relação pai-filho seja, como terceira realidade, a única viável a partir de então. (BRAULT, 1975, pp. 33-34, grifo nosso).¹²⁵

O trecho destacado motiva Stradioto-Casolato (2022, p. 17) a nomear a “nãotradução” braultiana como “uma poiética tradutória perturbadora”, a produção de um “(...) texto ao mesmo tempo perturbado e perturbante (...)”, conforme comentaremos mais adiante. Sublinhamos que o texto de Brault não opõe a proposta de “nãotradução” à tradução como um todo, mas a uma visão específica sobre a tradução, oriunda, por sua vez, de uma determinada postura frente à literatura: um “idealismo filosófico (e existencial) (...)” (BRAULT, 1975, p.

¹²³ “(...) Non, je n’accepte pas de *reproduire* en traduisant. (...) On n’en finira jamais avec ses pré-jugés. Toute traduction transforme l’original, elle y renvoie sans cesse. D’où la “honte” de traduire... la peur malade de trahir (...)” (BRAULT, 1975, p. 33, grifo do autor).

¹²⁴ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 33, grifo nosso.

¹²⁵ “(...) Ainsi, tournant le dos à la plus tenace méprise de l’idéalisme philosophique (et existentiel), je n’accorde pas à l’original un caractère de fixité. Tout discours (tout texte) est littéraire dans la mesure où il n’est pas complètement rongé par l’entropie (par l’univocité), dans la mesure où sa probabilité de sens demeure multiple, non close, non définitive. Pareil texte appelle précisément la “trahison”. Nontraduire, c’est fidélité qui aspire à l’infidélité. Un texte nontraduit reste trouble (troublé/troublant), il n’arrive pas à départager sa dépendance et son indépendance. (...) Un sens-fils cherche à tuer le sens-père pour enfim laisser être la relation père-fils comme tierce réalité, la *seule* désormais viable” (BRAULT, 1975, pp. 33-34, grifo do autor).

33) que atribui ao texto literário um grande sentido original, a ser decodificado e preservado não apenas em sua tradução, mas mesmo em sua leitura; em detrimento da rede múltipla de relações que pode advir de seu encontro com leitores, críticos, tradutores e autores diversos. A “nãotradução” de um texto literário buscaria, assim, aceitá-lo como um “problema” a ser não resolvido, mas potencializado, reconhecendo residir no estabelecimento de relações a própria função literária.

Para efetuar um apanhado geral do segundo ensaio de *Poèmes des quatre côtes*, “Nontraduire 2”, partimos do relato de um momento de “impasse” (SUCHET, 2017, p. 2), de bloqueio na tarefa de “nãotradução” — associado a um desconforto climático, primeiro com o inverno, depois com o verão — sendo informados de que o caminho da “apropriação” pela “imitação”), trilhado historicamente por diversos autores quebequenses (JAKA, 2010, p. 5), seria tão rejeitado pelo projeto da “nãotradução” braultiana quanto o empreendimento de uma tradução fiel orientada por um ideal de preservação de um sentido original e absoluto, “fechado, (...) definitivo”. Em lugar de tal “dicotomia” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17), propõe-se uma valorização da relação, a realização de “um encontro de alteridades”, baseado na ideia de que “o melhor de si mesmo — [é] o outro (...)” (p. 17, grifo nosso). Como vimos, o texto questiona a existência de uma essência ou sentido único em qualquer texto literário, pondo em xeque, portanto, a ideia segundo a qual o objetivo do tradutor seria “capturar” tal essência e empenhar-se em reproduzi-la. Pelo contrário, pode-se conceber o diálogo intertextual como um movimento que estabelece novas relações de sentido e elegê-la como seu objetivo último. Nessa perspectiva, a “nãotradução” de Brault seria fiel ao texto de partida, à medida em que “um texto nãotraduzido permanece problema (problematizado / problematizador) (...)” (p. 33), ou seja, acolhe e amplia sua potência dialógica.

2.1.4 “*Est*”

Seguimos para a segunda seção poética de *Poèmes des quatre côtes*, nomeada a partir do ponto cardeal Leste (“*Est*”; BRAULT, 1975, pp. 35-47) e derivada da poetisa canadense Gwendolyn MacEwen, nascida e morta em Toronto (1941-1987). Seu verbete na *Canadian Encyclopedia*¹²⁶ a descreve como “uma autora sofisticada, abrangente e cuidadosa (...), [que] demonstrara um interesse predominante por magia e história (...) e um imenso apetite por

¹²⁶ HISTORICA CANADA; JESSOP, Paula. *Gwendolyn MacEwen*. In: The Canadian Encyclopedia. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/gwendolyn-macewen>.

mitologia e cultura de outras sociedades” (HISTORICA CANADA; JESSOP, grifo nosso). Tais interesses manifestam-se em sua obra, rica a despeito de seu falecimento precoce, não apenas por meio de referências ocidentais, mas também orientais: ainda segundo a Canadian Encyclopedia, MacEwen seria autodidata em “hieróglifos árabes e egípcios, tendo essas línguas inspirado e informado seus temas e metáforas”¹²⁷.

À semelhança do que sugerimos sobre a primeira seção poética, “Norte”, em relação ao lugar que o clima boreal ocupa na identidade poética de John Haines, e sua conexão com a atribuição de tal ponto cardinal ao autor, maior que um lastro geográfico de fato, acreditamos; a presença de elementos egípcios e árabes na poesia de Gwendolyn MacEwen (apontada pela Canadian Encyclopedia¹²⁸) pode nos oferecer uma pista análoga em relação ao ponto Leste, especialmente quando consideramos Laroche (2005, p. 91). Segundo ele, Brault se refere a alguns poetas ocidentais, especialmente a autores de poemas breves (por exemplo, a estadunidense Emily Dickinson), como detentores de um traço orientalizante, aproximador de um oriente menos concreto (geográfico ou bibliográfico, dada a eventual ausência de um lastro de tal influência) do que imaginativo, conforme desenvolveremos em nosso terceiro capítulo. Ora, como uma poeta de Toronto, no Canadá, Gwendolyn MacEwen não estaria a leste da cidade de Brault, Montréal, mas a sudoeste, conforme demonstramos no mapa que disponibilizamos no Anexo A (p. 161); assim como Fairbanks, a cidade de Haines, não está geograficamente a norte de Montréal, mas a noroeste.

A publicação de estreia de MacEwen tem data próxima à de Brault, no início da década de 1960 e, ainda segundo a Canadian Encyclopedia¹²⁹, figuram em sua poética tópicos também frequentes nas obras braultianas; como a investigação metafórica da imagem da própria sombra e as interseções entre o íntimo e o coletivo, especialmente o político. Sublinhamos também o papel de Margaret Atwood, a outra poetisa canadense “não traduzida” em *Poèmes des quatre côtés*, na recuperação e compilação póstuma da obra de MacEwen.

Novamente, a seção poética é aberta por um epílogo da autora dos textos-fontes que a compõem: “*the sinuous absence / of a snake in the grass*” (MACEWEN apud BRAULT 1975, p. 35)¹³⁰ são os dois últimos versos do poema “*Night on Gull Lake*” (MACEWEN, 1969, p. 33), cujo título faz referência ao lago Gull, em Alberta, no Canadá anglófono. “*Night on Gull Lake*” narra a ocupação simbólica de uma pequena porção de terra, no meio do referido lago,

¹²⁷ Id.

¹²⁸ HISTORICA CANADA; JESSOP, Paula. *Gwendolyn MacEwen*. In: The Canadian Encyclopedia. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/gwendolyn-macewen>.

¹²⁹ Id.

¹³⁰ MACEWEN, Gwendolyn. *The shadow-maker*. Macmillan: Toronto, 1969. p. 33.

por sujeitos identificados apenas pela primeira pessoa plural, “nós”; implicando em indagações da relação homem-natureza, bem como dos processos de ocupação e exploração material dos territórios (ainda que em tom intimista e, pode-se dizer, despretensioso). Por entendermos ao menos algumas dessas características como próximas da poética braultiana, realizamos uma tradução do poema de MacEwen cujos versos finais são diretamente citados em *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, p. 35):

Noite no Lago das Gaivotas

Uma ilha

*pequena como um sonho nos convida
e o lábio de nosso barco emprestado
lhe rasga como um beijo;*

*nossa primeira questão:
quantos viajantes antes
de nós a reclamaram, deram-lhe
um nome? Ou seríamos nós
os primeiros? Por que
isso importava tanto?*

*Penas e penas caíram, ou
assim nos pareceu, de cima
de invisíveis gaivotas; nosso
impirateável barco atado
a um galho; nada havia pra roubar
dele ou da ilha. À noite, a
magra árvore prendeu uma estrela
em seus dedos; procuramos
ausências, e ao menos achamos
a sinuosa ausência
da serpente nas folhas.
(MACEWEN, 1969, p. 33).¹³¹*

¹³¹ “One island.

*small as a wish invited us
and the lip of our borrowed boat
scraped it like a kiss;*

*our first thought was:
how many travellers before us
had claimed it, given it
a name? Or could we be
the first? Why
did it matter so much?*

*Feathers and feathers fell
or so it seemed, from high
invisible gulls; our unpiratable
ship was moored to a twig;
there was nothing to steal
from it or the island. By night
the meagre tree held a star
in its fingers; we searched*

Reproduzimos o poema de MacEwen (1969, p. 33) do qual Brault (1975, p. 35) retira a epígrafe da seção “*Est*” (pp. 35-47) por enxergarmos fortes significados em alguns segmentos desse texto, uma vez inserido em *Poèmes des quatre côtés*, implicando possíveis atribuições de sentido para o leitor. Em primeiro lugar, a “(...) ilha / pequena como um sonho (...)” de MacEwen (1969, p. 33) pode aludir simbolicamente à província do Quebec no que tange ao sentimento de isolamento de tal comunidade francófona na América do Norte — “(...) um país de língua francesa em meio a um oceano anglófono (...)” (FALEIROS, 2021, p. 19). Sua caracterização modesta e onírica (“pequena como um sonho”; MACEWEN, 1969, p. 33) reforça tal sentimento de exceção, capítulo, exílio, algo que se aparta de uma concreta e maciça realidade, para alguns; mas que desenha uma possibilidade futura, uma utopia a ser conquistada para outros (FALEIROS, 2021). Soma-se à sonhada “ilha” (MACEWEN, 1969, p. 33) toda a simbologia de chegar até ela com um “barco emprestado” que um quebequense pode projetar a partir da experiência da colonização francesa; tema que incita, inclusive, o debate do pertencimento da terra e a possibilidade de atribuí-la a seus primeiros ocupantes (BRAULT, 1975, p. 94). O “barco” de MacEwen (1969, p. 33) apresenta uma precariedade e uma simplicidade que também podemos associar às condições de vida no Quebec do século XX. Por fim, a solidão, tema recorrente na poesia braultiana, desenvolve-se em uma busca por ausências, tanto em sua lírica amorosa quanto política, sendo frequente a fusão de ambas (FALEIROS, 2021, pp. 20-30). Como leitores de Jacques Brault, portanto, “*Night on Gull Lake*” é intensamente ressignificado a partir de sua vinculação a *Poèmes des quatre côtés*.

Os poemas da seção “*Est*” são mais carregados de repetições e rimas do que costumamos encontrar na poética de Brault e repletos de vocábulos referentes à noite (às estrelas, ao sono, à madrugada), bem como a elementos místicos (a clarividência, deus, “anjo de arcano”, “quimera”). Um tema recorrente entre os poemas de MacEwen escolhidos para compor *Poèmes des quatre côtés* é a fundação de um território simbólico (e por vezes, sua degradação), presente tanto no poema epigrafiado, quanto nas páginas 37, 40 e 41, 42, 43 e 44 do livro de Brault, totalizando, portanto, quatro dos oito poemas da seção. Durante nossa leitura analítica, nos foi possível identificar a correspondência entre os poemas “*Je suis venue...*” (BRAULT, 1975, p. 43) e “*The Shadow-Maker*” (MACEWEN, 1969, p. 80), que contemplaremos em nosso próximo capítulo. Tal como na seção anterior, o último poema é

*for absences, and found at last
the sinuous absence
of a snake in the grass.”*
(MACEWEN, 1969, p. 33)

acompanhado por uma pintura, reproduzida adiante (Figura 3, a seguir).

Figura 3 – “Sem Título”, terceiro nanquim de *Poèmes des quatre côtés*



Fonte: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 47.

2.1.5 “Nontraduire 3”

Precedemos nossos comentários ao terceiro ensaio de Brault (1975, pp. 49-62) à sua reprodução, bem como de nossa tradução abaixo, de acordo com o Quadro 3:

Quadro 3 – Texto original do terceiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, “Nontraduire 3”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita

Original	Proposta de tradução
« Sa délivrance. Ma délivrance »	« Sa délivrance. Ma délivrance » ¹³²
André Spire	André Spire
Dans l’histoire de la poésie occidentale, tous	Na história da poesia ocidental, todos os

¹³² “Sua entrega. Minha entrega” (SPIRE apud BRAULT, 1975, p 49).

les styles ont été translinguistiques. Affirmation péremptoire, généralité abstraite... « Vous avez autre chose à déclarer ? », demande le douanier-critique, et le théoricien du nationalisme littéraire : « des preuves, vous avez des preuves ? » Non, je ne vais rien prouver, encore que du côté de la lyrique courtoise, du romantisme, du surréalisme, on trouverait... À quoi bon ? Je ne me suis fait qu'à moi-même cette remarque vagante, pour mieux démarquer la nontraduction de l'idéologie traductionnelle. Je flotte dans une inter-langue, des mots-buées voilent mon regard ; un texte, ni d'un autre, ni de moi, se dessine en forme de chiasme. Je m'y pends. Je m'y perds ; je m'y trouve. Et je me dis que je n'ai rien à dire. Un inter-texte, voilà ce que dévoile la nontraduction. Et dans ce « différent » les différences s'accusent autrement qu'à l'accoutumée. Shakespeare m'apparaît moins anglais (ou élisabéthain) que shakespearien ; et Dante, moins florentin ou médiéval que dantesque. Le sol verbal recouvre le sol natal ; il ne le remplace pas, certes, mais il lui donne, comme à l'arbre tout en racines, feuillaison et fleuraison, il lui enfante une signification, il le met au monde trans-historique. La poésie est une payse dépaysée. Voyageuse, l'errance ne l'effraie pas. Par les plaines chauves elle approche d'une maison étrangère — autre

estilos foram translinguísticos. Afirmação peremptória, generalidade abstrata... “O senhor tem algo mais a declarar?”, pergunta o aduaneiro-crítico, e o teórico do nacionalismo literário: “provas, você tem provas?” Não, eu não vou provar nada, ainda que no campo da lírica trovadoresca, do romantismo, do surrealismo, encontremos... Para quê? Foi só para mim mesmo que fiz essa vagante observação, para melhor demarcar a nãotradução da ideologia traducional. Flutuo numa inter-língua, palavras-vapor embaçam¹³³ meu olhar; um texto, nem de outro, nem de mim, se desenha em forma de quiasma. Nele me debruço. Me perco; me acho. E me digo que não tenho o que dizer. Um inter-texto, eis o que revela a nãotradução. E nesse “diferente” as diferenças se acusam de uma outra forma que a de costume. Shakespeare me parece menos inglês (ou elisabetano) que shakespeariano; e Dante, menos florentino ou medieval que dantesco. O solo verbal cobre o solo natal; ele não o substitui, decerto, mas lhe dá, como à árvore toda em raízes, folhagem e floração, gesta para ele uma significação, o insere no mundo trans-histórico. A poesia é uma compatriota deslocada¹³⁴. Viajante, a errância não a assusta. Pelas planícies carecas ela se aproxima de uma casa estrangeira — outro tempo, outro lugar — bate, entra. Acolhida,

¹³³ No original de Brault (1975, p. 50), “voilent”, *colocam um véu sobre*; antônimo de *dévoilent (revelam)*, verbo que surge logo em seguida: “(...) un inter-texte, voilà ce que dévoile la nontraduction” (“[...] um inter-texto, eis o que revela a nãotradução [...]).”

¹³⁴ Chamamos a atenção do leitor para a repetição de *pays (país, território, local)* no original (BRAULT, 1975, p. 50), associada ao feminino devido ao gênero da palavra *poesia*. Trata-se de uma observação importante devido ao papel central da história política do Quebec para toda a obra de Brault, em especial *Poèmes des quatre côtés*.

temps, autre lieu — elle frappe, elle entre. Accueillie, elle se trouve dans sa maison. Rejetée ou éconduite, elle poursuit sa marche à tâtons et, la nuit venue, elle bivouaque dans sa mémoire. Elle espère l'étranger qui, lui tendant la main, lui redonne des mains. Oui, Donne est plus proche de Quevedo que de Wordsworth et Claudel est frère d'Eschyle plus que de Péguy. Ce texte que je m'apprêtais à signer n'est pas mien. Car je ne l'ai pas « traduit », trafiqué d'une langue à une autre ; il me parle et je te parle ; nous n'échangeons pas des bons procédés, nous écoutons naître entre nous une langue, nôtre pour un instant, inscrite dans un texte in-différent. Après tout, peut-être que c'est ça, simplement, écrire ? Ces propos m'ont fatigué. Je vais dormir. Au réveil je taillerai un crayon tout neuf, embaumant le bois, la colle et le graphite, j'étalerai sur la table une grande feuille blanche et lisse. Face à la fenêtre du matin, je laisserai courir et même gambader crayon sur papier (ou papier sous crayon) — qui sait en quelle langue ?

se sente em casa. Rejeitada ou ignorada¹³⁵, persiste em andar às cegas e, vinda a noite, acampa na sua memória. Espera o estrangeiro que, estendendo-lhe a mão, lhe dá mãos novamente. Sim, Donne é mais próximo de Quevedo que de Wordsworth e Claudel é irmão de Ésquilo mais que de Péguy. Este texto que me presto a assinar não é meu. Pois não o “traduzi”, trafiquei de uma língua à outra; ele me fala e eu te falo; não trocamos bons procedimentos, escutamos nascer entre nós uma língua, nossa por um instante, inscrita em um texto in-diferente. Afinal, pode ser que seja isso, simplesmente, escrever? Tais ideias me cansaram. Vou dormir. Ao despertar, afiarei um lápis novinho, unguindo a madeira, a cola e o grafite, estenderei sobre a mesa uma grande folha branca e lisa. Diante da janela da manhã, deixarei correr e até saltitar lápis sobre papel (ou papel sob lápis) — quem sabe em que língua?

Lecteur d'une traduction, je veux rester ignorant du texte traduit, afin que par cette ignorance ma lecture devienne active, chercheuse, me rapproche, en me représentant l'intervalle qui m'en sépare,

Leitor de uma tradução, quero continuar ignorante do texto traduzido, para que minha leitura, por tal ignorância, torne-se ativa, investigadora, me aproxime, representando o intervalo que me separa deles, de um texto

¹³⁵ Segundo o Larousse, o verbo *éconduire* nomeia a ação de rejeitar ou dispensar alguém ou uma demanda. No entanto, é interessante notar a escolha de Brault (1975, p. 50) por um vocábulo que parta do verbo *conduire* (*conduzir*) — em vez de *repousser* ou *ignorer*, por exemplo —, considerando o quão frequentemente a tradução é associada a um movimento de condução de um sentido textual para uma outra forma (ficando a original inevitavelmente dispensada, não conduzida) (ÉCONDUIRE. Larousse dictionnaire en ligne. Langue Française. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C3%A9conduire/27622>).

d'un texte autre que le texte lu et que le texte deviné, d'un texte encore à écrire et par cela même que ma lecture ne le trouve ni dans sa propre langue ni dans la langue étrangère (dite d'origine). La nontraduction, sur cette voie, se perd et perd le lecteur ; elle signale l'inachèvement du texte et se signale comme inachevée. Présence d'une absence, la langue nontraductrice ex-prime moins qu'elle n'imprime un mouvement de départ, vers une inlassable réenonciation. Je me souviens tout à coup qu'il y a dix ans j'ai prêté à rire, prétendant que nous parlions par manque de silence — par manquements au silence. Ma balourdise frôlait une vérité tout simple, humble et souvent humiliée : si nous étions réellement capables de silence, nous partagerions la même langue, nous ne peinerions plus à la tâche grotesque de traduire — de remettre à demain la grâce d'être. Cette certitude d'avoir eu raison ne me donne qu'un plaisir mélancolique. L'acte de nontraduction relève encore de la traduction, hélas, ne serait-ce que pour s'en débarrasser. Et nos silences, en maintes circonstances, continuent à n'être que des manques de parole, de sons, de bruits. Ils rassurent et ils effraient. Ils donnent à entendre qu'ils ne subsistent que par ce qu'ils masquent. Bref, ils invitent à traduire...

outro que o texto lido e que o texto adivinhado, de um texto ainda por escrever e por meio daquilo mesmo minha leitura não encontra nem em sua própria língua, nem na língua estrangeira (dita de origem). A nãotradução, sob essa ótica, se perde e perde o leitor; ela marca o inacabamento do texto e a si mesma como inacabada. Presença de uma ausência, a língua nãotradutora ex-prime menos do que imprime um movimento de partida, em direção a uma incansável re-enunciação. De repente me lembro que há dez anos¹³⁶ provoqueei o riso, afirmando que falávamos por falta de silêncio — por faltarmos ao silêncio. Minha tolice roçava em uma verdade bem simples, humilde e frequentemente humilhada: se fôssemos realmente capazes de silêncio, compartilharíamos a mesma língua, não mais penaríamos na tarefa grotesca de traduzir — de entregar ao amanhã a graça de ser. Essa certeza de ter tido razão só me dá um prazer melancólico. O ato de nãotradução provém ainda da tradução, lamentavelmente, ainda que seja para livrar-se dela. E nossos silêncios, em muitas circunstâncias, continuam sendo apenas faltas de palavras, de sons, barulhos. Eles acalmam e assustam. Dão a entender que eles só subsistem por aquilo que mascaram. Em resumo, convidam a traduzir...

FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 49-62.

FONTE: Tradução nossa.

¹³⁶ Data de dez anos antes de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) a primeira publicação do autor, *Mémoire*.

O ensaio de Brault é aberto por uma “(...) afirmação peremptória, generalidade abstrata (...)” (BRAULT, 1975, p. 50) a respeito do papel da intertextualidade na criação poética: “Na história da poesia ocidental, todos os estilos foram translinguísticos” (“*Dans l’histoire de la poésie occidentale, tous les styles ont été translinguistiques*”). O sujeito lírico antecipa os possíveis questionamentos da crítica acerca de sua ideia, assumindo de antemão não ter intenção de prová-la em seu ensaio; e se vale da imagem de um fiscal alfandegário, que reforça o sentido de importação literária:

Na história da poesia ocidental, todos os estilos foram translinguísticos. Afirmação peremptória, generalidade abstrata... ‘O senhor tem algo mais a declarar?’, pergunta o aduaneiro-crítico, e o teórico do nacionalismo literário: ‘provas, você tem provas?’ Não, eu não vou provar nada, ainda que no campo da lírica trovadoresca, do romantismo, do surrealismo, encontremos... Para quê? Foi só para mim mesmo que fiz essa vagante observação, para melhor demarcar a nãotradução da ideologia traducional. (...) (BRAULT, 1975, p. 50).¹³⁷

O trecho destacado explicita o esforço de Brault em apresentar sua “nãotradução” como uma prática tradutória insubmissa a determinada concepção da tradução, a da primazia do original e, portanto, sua máxima preservação — conforme nosso comentário ao ensaio anterior de *Poèmes des quatre côtés*, tal perspectiva seria, para Brault, um “idealismo filosófico (e existencial) (...)”, que não levaria em conta o papel central da intertextualidade “na história da poesia ocidental (...)”. Vale chamar a atenção para a base de conhecimento literário que sustenta essa ideia, ainda que seu desenvolvimento (como todos os ensaios que compõem o livro) se dê num registro menos próximo do crítico do que do literário; Jacques Brault fora, afinal, professor da Universidade de Montréal, nas áreas de estudos medievais e literatura francesa, e publicara ensaios e livros aclamados sobre diversos poetas.

Ainda no mesmo parágrafo, Brault se refere à “nãotradução” como um texto intermediário, ou “intertexto”, produzido em um espaço entre línguas, entre autores, “(...) entre (...) poema original e tradução (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 8):

(...) Flutuo numa inter-língua, palavras-vapor embaçam meu olhar; um texto, nem de outro, nem de mim, se desenha em forma de quiasma. Nele me debruço. Me perco; me acho. E me digo que não tenho o que dizer. Um inter-texto, eis o que revela a nãotradução. E nesse ‘diferente’ as diferenças se

¹³⁷ “(...) ‘Vous avez autre chose à déclarer?’, demande le douanier-critique, et le théoricien du nationalisme littéraire: ‘des preuves, vous avez des preuves?’ Non, je ne vais rien prouver, encore que du côté de la lyrique courtoise, du romantisme, du surréalisme, on trouverait... À quoi bon? Je ne me suis fait qu’à moi-même cette remarque vagante, pour mieux démarquer la nontraduction de l’idéologie traductionnelle (...)” (BRAULT, 1975, p. 50).

acusam de uma outra forma que a de costume... (...) (BRAULT, 1975, p. 50).¹³⁸

Os olhos, como janela embaçada (no original, coberta por um véu) introduzem o “limiar” (“seuil”, em nossa tradução, “soleira”) como espaço da “nãotradução”, trabalhada, por exemplo, em passagem do primeiro ensaio, já comentada: “(...) não saí, nem entrei em mim; na soleira invisível de um entre-dois, me negando e me afirmando (...)”, tal seria a condição de produção da “nãotradução”. Stradioto-Casolato (2022, pp. 16; 21) contrapõe à imagem do “quiasma”, um “paralelismo invertido”, tanto a produção de “um canto paralelo”, quanto um fluxo de sentido único; já que, para a autora, “(...) esta é uma reescrita que articula elementos retirados tanto do poema original quanto da tradução (...)”, além de aspectos das poéticas de ambos os autores.

Opondo-se novamente ao que chama de “nacionalismo literário”, o ensaio argumenta que, apesar de haver uma base contextual sustentando o texto literário — seu “solo natal” — seu desenvolvimento concreto, textual, ultrapassa essa base, de modo que o texto literário não estaria restrito às suas “raízes”:

(...) Shakespeare me parece menos inglês (ou elisabetano) que shakespeariano; e Dante, menos florentino ou medieval que dantesco. O solo verbal cobre o solo natal; ele não o substitui, decerto, mas lhe dá, como à árvore toda em raízes, folhagem e floração, gesta para ele uma significação, o insere no mundo trans-histórico. (...) (BRAULT, 1975, p. 50).¹³⁹

Assim, Brault retorna à imagem da poesia “expatriada”, “viajante” ou errante, que “(...) se aproxima de uma casa estrangeira – outro tempo, outro lugar (...)” — o “nãotradutor” que a acolhe e, “(...) estendendo-lhe a mão, lhe dá mãos novamente (...)”. Desse modo, o sujeito lírico coloca-se novamente como “anfitrião” da poesia estrangeira, construindo com ela uma relação, uma convivência:

(...) Este texto que me presto a assinar não é meu. Pois não o ‘traduzi’, trafiquei de uma língua à outra; ele me fala e eu te falo; não trocamos bons procedimentos, escutamos nascer entre nós uma língua, nossa por um instante, inscrita em um texto in-diferente. Afinal, pode ser que seja isso,

¹³⁸ No original, lê-se: “(...) Je flotte dans une inter-langue, des mots-buées voilent mon regard; un texte, ni d’autre, ni de moi, se dessine en forme de chiasme. Je m’y pends. Je m’y perds; je m’y trouve. Et je me dis que je n’ai rien à dire. Un inter-texte, voilà ce que dévoile la nontraduction. (...)” (BRAULT, 1975, p. 50).

¹³⁹ “(...) Shakespeare m’apparaît moins anglais (ou élizabéthain) que shakespearien; et Dante, moins florentin ou médiéval que dantesque. Le sol verbal recouvre le sol natal; il ne le remplace pas, certes, mais il lui donne, comme à l’arbre tout en racines, feuillaison et fleuraison, il lui enfante une signification, il le met au monde trans-historique (...)” (Id).

simplesmente, escrever? (...) (BRAULT, 1975, p. 51).¹⁴⁰

Observamos o enquadramento das ideias de tradução, escrita e “nãotradução” em *Poèmes des quatre côtés*, no trecho destacado e em outros, a partir de metáforas como a do tráfico entre línguas e a negociação. Associamos o trecho seguinte à “(...) certa dose de ignorância (...)” que Laroche (2005, p. 94) pontua como uma qualidade do sujeito lírico braultiano frente à poesia em língua estrangeira; já que, para a “nãotradução”, essa restrição de compreensão, esse “intervalo” entre si mesmo e o texto pode enriquecer a (re)criação:

Leitor de uma tradução, quero continuar ignorante do texto traduzido, para que minha leitura, por tal ignorância, torne-se ativa, investigadora, me aproxime, representando o intervalo que me separa deles, de um texto outro que o texto lido e que o texto adivinhado, de um texto ainda por escrever e por meio daquilo mesmo minha leitura não encontre nem em sua própria língua, nem na língua estrangeira (dita de origem). A nãotradução, sob essa ótica, se perde e perde o leitor; ela marca o inacabamento do texto e a si mesma como inacabada (BRAULT, 1975, pp. 51-52).¹⁴¹

Tal como ocorrera no último ensaio, “*Nontraduire 3*” guarda uma marca evidente da presença da poetisa cuja obra fora retomada na seção poética anterior. “*Night on Gull Lake*”, poema de Gwendolyn MacEwen epigrafado na seção “*Est*”; é retomado pelo ensaio braultiano no que tange à procura por “ausências”, atrelado ao “inacabamento do texto” defendido pela “nãotradução”: “Presença de uma ausência, a língua nãotradutora ex-prime¹⁴² menos do que imprime um movimento de partida, em direção a uma incansável renúncia (...)”. Remetemos o trecho destacado ao poema de MacEwen (1969, p. 33) não apenas pela ocorrência da palavra “ausência” e a significação do espaço vazio; mas por estabelecermos um paralelo entre tal descrição da “nãotradução” braultiana e o vazio deixado pela marca do corpo de uma cobra na relva (“the sinuous absence / of a snake in the grass”) em seu “movimento de partida (...)” (BRAULT, 1975, p. 52).

O ensaio se encerra com um exercício de imaginação de um mundo que partilha a

¹⁴⁰ “(...) Ce texte que je m’apprêt à signer n’est pas mien. Car je ne l’ai pas « traduit », trafiqué d’une langue à une autre; il me parle et je te parle; nous n’échangeons pas des bons procédés, nous écoutons naître entre nous une langue, nôtre pour un instant, inscrite dans un texte in-différent. Après tout, peut-être que c’est ça, simplement, écrire? (...)” (BRAULT, 1975, p. 51).

¹⁴¹ “Lecteur d’une traduction, je veux rester ignorant du texte traduit, afin que par cette ignorance ma lecture devienne active, chercheuse, me rapproche, en me représentant l’intervalle qui m’en sépare, d’un texte autre que le texte lu et que le texte deviné, d’un texte encore à écrire et par cela même que ma lecture ne le trouve ni dans sa propre langue ni dans la langue étrangère (dite d’origine). La nontraduction, sur cette voie, se perd et perd le lecteur; elle signale l’inachèvement du texte et se signale comme inachevée (...)” (BRAULT, op. cit., pp. 51-52).

¹⁴² Reproduzimos em nossa tradução a grafia do autor no trecho: “(...) Présence d’une absence, la langue nontraductrice ex-prime moins qu’elle n’imprime un mouvement de départ, vers une inlassable réenonciation. (...)” (BRAULT, op. cit., p. 52).

mesma língua, como no mito da torre de Babel, idealização que só poderia se concretizar “(...) se fôssemos realmente capazes de silêncio (...)”. Nesse cenário sonhado, “(...) não mais pereceríamos na tarefa grotesca de traduzir — de entregar ao amanhã a graça de ser. (...)”¹⁴³. Observa-se, novamente, o atrelamento da tradução à necessidade de compreensão do diverso, em oposição à “(...) certa dose de ignorância (...)” (LAROCHE, 2005, pp. 85; 94) da qual partiria a “nãotradução” braultiana, bem como a produtividade da não-resolução dos conflitos que a orientaria. Apesar dessa antítese, Brault não deixa de afirmar a “presença de uma ausência (...)” da tradução na “nãotradução”, indicando novamente nos “silêncios” do texto de partida, bem como das duas práticas contrapostas, um gerador de novas traduções:

(...) O ato de nãotradução provém ainda da tradução, lamentavelmente, ainda que seja para livrar-se dela. E nossos silêncios, em muitas circunstâncias, continuam sendo apenas faltas de palavras, de sons, barulhos. Eles acalmam e assustam. Dão a entender que eles só subsistem por aquilo que mascaram. Em resumo, convidam a traduzir... (BRAULT, 1975, p. 52).¹⁴⁴

O trecho final sugere a existência de um silêncio maior que aquele do cotidiano, compreendido como mera “ausência”, “faltas de palavras (...)”; tal como o ensaio apontara um espaço “inter-língua”, que conteria algo além dos dois sistemas linguísticos que se encontram na (não)tradução.

“*Nontraduire 3*” revela-se um ensaio mais complexo, ao nosso ver, que aqueles que o antecedem, desde a defesa de uma compreensão intertextual e translinguística da “história da poesia ocidental (...)” — perspectiva oposta ao que chama de “nacionalismo literário” — até uma contraposição entre tradução e silêncio, sendo esse último preferível à “tarefa grotesca de traduzir (...)” e responsável pelo impulso de tradução, paradoxalmente. Apontamos um paralelo entre o poema de MacEwen epigrafado na seção “*Est*” e a descrição da prática nãotradutória como “presença de uma ausência (...)”, o que pode referir-se tanto ao texto de partida e sua tradução, quanto aos “silêncios (...) [que] convidam a traduzir (...)” (grifo nosso) e se reflete, talvez, no verbete “nãotradução”.

¹⁴³ Conforme o original: “(...) si nous étions réellement capables de silence, nous partagerions la même langue, nous ne peinerions plus à la tâche grotesque de traduire – de remettre à demain la grace d’être. (...)” (BRAULT, 1975, p. 52).

¹⁴⁴ “(...) L’acte de nontraduction relève encore de la traduction, hélas, ne serait-ce que pour s’en débarrasser. Et nos silences, en maintes circonstances, continuent à n’être que des manques de parole, de sons, de bruits. Ils rassurent et ils effraient. Ils donnent à entendre qu’ils ne subsistent que par ce qu’ils masquent. Bref, ils invitent à traduire...” (Id).

2.1.6 “Ouest”

A terceira e penúltima seção poética de *Poèmes des quatre côtés* (pp. 53-65) é nomeada pelo ponto cardeal “Oeste” e escrita a partir da obra de Margaret Atwood (1939-). Citada pela Poetry Foundation como “(...) uma das melhores escritoras vivas do Canadá (...)”¹⁴⁵, Atwood nasceu em Ottawa e começou sua carreira na Toronto de MacEwen. Ora, se Toronto não estava a leste da cidade de Jacques Brault, Montréal, mas a sudoeste, Atwood também está a sudoeste e mais próxima de Brault do que os demais poetas da antologia. No entanto, conforme nossa avaliação acerca de um maior peso simbólico que geográfico no movimento de associação de cada poeta retomado pelo autor a um ponto cardeal, pode-se dizer que, enquanto capital do Canadá, Ottawa é um bastião anglófono muito próximo às cidades mais importantes da francofonia canadense: Montréal e a cidade homônima à província do Quebec. Nossa hipótese é reforçada pela informação de que Atwood já foi considerada “(...) uma nacionalista canadense (...)” (HÖNNIGHAUSEN, 2000, p. 97).

Sua obra poética que, segundo Hönnighausen (2000, p. 97), “(...) não é tão conhecida quanto sua ficção”, pode ser aproximada da de Brault pelo caráter “irresistível” da escrita poética, a produção de projetos inovadores para sua própria poética e seu cuidado com o refinamento da forma (nas palavras do crítico, “[...] her insistence on shaping rather than shouting [...]”; p. 98); além de um importante jogo poético com os opostos, apontado pela Poetry Foundation¹⁴⁶, e suas intersecções e efeitos que produzem nos sujeitos literários. Os versos da autora que abrem sua seção poética em *Poèmes des quatre côtés* destacam-se no livro pelo choque entre o frio e o calor potentes, reforçando o movimento de viagem do sujeito lírico a outros territórios: “a árida nevasca / na água o alvo sufocamento” (“the arid blizzard / in the water the white suffocation”; BRAULT, 1975, p. 53).

O primeiro poema da seção, “*Axiome*”¹⁴⁷, é matéria de um dos mais importantes

¹⁴⁵ THE POETRY FOUNDATION. *Margaret Atwood*. Artigo disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/margaret-atwood>.

¹⁴⁶ Id.

¹⁴⁷ “Axiome :

tu es océan

tes pau-

pières s’incurvent sur chaos

mes mains là

où elles te touchent

parsèment

de petites îles habitées...

bientôt tu seras

trabalhos sobre a “nãotradução” braultiana até o momento, a saber, o capítulo que lhe dedica Sherry Simon em *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise* (1994, pp. 56-71). A autora, também canadense, reserva um espaço para *Poèmes des quatre côtés* no panorama que compõe das práticas tradutórias no Quebec, compreendendo, portanto, a “nãotradução” de Jacques Brault como “tradução, de qualquer forma” (“la traduction quand même”; p. 68). Simon (pp. 68-70) realiza uma análise contrastiva do original de Atwood, “*Axiom*”¹⁴⁸, e sua reformulação por Brault, valendo-se, ainda, de uma versão intermediária, concebida e publicada como uma tradução. Os principais aspectos observados na “nãotradução” de “*Axiom*” (BRAULT, 1975, p. 55) por Simon são a supressão “(...) do título para integrá-lo ao texto (...)” (SIMON, 1994, p. 68) e escolhas vocabulares — e, principalmente, a sonoridade dos versos, retomando Sotiropoulou-Papaleonidas (apud SIMON, 1994, p. 70)¹⁴⁹ — porém, seu texto se debruça sobretudo no caráter questionador do projeto de *Poèmes des quatre côtés* como um todo (SIMON, 1994, p. 70), dedicando-se a compreender seu lugar na história da tradução no Quebec. Posteriormente, outra comentadora da “nãotradução”, Myriam Suchet (2017), parte do levantamento de Simon, mas se dedica, principalmente, a analisar o aspecto visual do novo poema (SUCHET, 2017, p. 3), defendendo que “(...) reposicionar o texto no espaço (...)” consistiria na principal operação efetuada pela “nãotradução” braultiana¹⁵⁰. “*Axiome*” se endereça a um interlocutor comparado ao “oceano” mas que, mediante o toque do sujeito lírico, dele recebe “(...) / pequenas ilhas habitadas / (...)”, com a promessa de tornar-se, rapidamente, “(...) um país”.

terre entièrement
 : une contrée
 connue un pays”
 (BRAULT, 1975, p. 55)
¹⁴⁸ “AXIOM

Axiom: you are a sea.
 Your eye-
 lids curve over chaos

My hands
 where they touch you, create
 small inhabited islands

soon you will be
 all earth: a known
 land, a country.”
 (ATWOOD apud. SUCHET, 2017, p. 3).

¹⁴⁹ SOTIROPOULOU-PAPALEONIDAS, Irène. *Jacques Brault. Théories/pratique de la traduction, nouvelle approche de la problématique de la traduction poétique*. Éditions Didion: Sherbrooke, 1981. p. 82.

¹⁵⁰ Em nosso próximo capítulo, “Análises comparativas dos *Poèmes des quatre côtés*”, apontamos convergências e divergências entre Simon (1994), Suchet (2017) e Stradioto-Casolato (2022), compilando as estratégias nãotradutórias (BRAULT, 1975) que apontam.

A busca (BRAULT, 1975, p. 56-57) pelo interlocutor em seu corpo é tema do próximo poema, que se encerra com os versos “(...) / eu tenho sempre medo / de te encontrar / morto na neve”; aqui destacados por dois motivos: i. a presença da “neve”, praticamente a protagonista da primeira seção do livro, mas também presente em outros trechos; e ii. mais detidamente, o adjetivo que atribui ao interlocutor, “morto”, no masculino, quando o interlocutor amoroso dos poemas braultianos é feminino, em geral. Já no poema seguinte, “(...) / essas perseguições / (...)” tornam-se mútuas: “(...) / nas bagunças um do outro / nos caçamos a nós mesmos // eu quero que / você seja / um lugar pra mim / onde procurar // (...)”. No quarto poema da seção, a voz lírica é feminina e realiza constantes associações entre a relação amorosa e os elementos da natureza, em tom menos místico que enciclopédico; chegando a dizer que “(...) todos os ancestrais / são quentes bestas pré-anfíbias // (...) / nós nos debatemos o ar está¹⁵¹ / desconfortável em nossos novos pulmões / com um sol que evapora sem piedade as margens da manhã”. O cenário pantanoso permanece na sequência, intensificando-se as transformações da paisagem como imagem da passagem do tempo; o que deságua em desdobramentos ontológicos no próximo poema: “(...) / no juízo / final seremos todos árvores” (p. 63).

A seção “Oeste” de *Poèmes des quatre côtés* é marcada por uma negatificação do calor, especialmente do sol, por um lado; mas também pelo frio, sobretudo a neve, construindo um cenário de sofrimento da natureza diante das condições extremas, bem como da passagem do tempo. Natureza esta sempre associada aos sujeitos líricos e às relações pessoais, mesmo coletivas, produz um questionamento ontológico da condição humana. Há ocorrências de alteração do gênero tanto do sujeito lírico, quanto de seu interlocutor em relação ao que comumente se encontra na poesia braultiana, de modo a tornar a origem dos poemas da seção — a saber, a obra da autora canadense Margaret Atwood — mais perceptível, a despeito da “decapitação simbólica” (SUCHET, 2017, p. 2), comum a todas as seções. Novamente, uma pintura autoral e abstrata de Jacques Brault encerra a sequência poética (Figura 4, p. 84).

¹⁵¹ Optamos por manter o espaçamento presente na obra.

Figura 4 – “Sem Título”, quarto nanquim de *Poèmes des quatre côtés*



FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 65.

2.1.7 “Nontraduire 4”

O penúltimo ensaio de *Poèmes des quatre côtés* (pp. 66-71) é reproduzido, traduzido (conforme o Quadro 4, a seguir) e comentado nesta subseção:

Quadro 4 – Texto original do terceiro ensaio de *Poèmes des quatre côtés*, “Nontraduire 4”, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita

Original	Proposta de tradução
« le sang sèche vite en entrant dans	« le sang sèche vite en entrant dans

<p>l'histoire » Jean Ferrat</p>	<p>l'histoire »¹⁵² Jean Ferrat</p>
<p><i>Ces eaux de l'abîme où je m'éprenais de moi-même</i> (Quevedo)¹⁵³, je m'en suis approché souvent, avec la tentation presque inconsciente de m'immerger dans une image, bien vite ridée, vieille pomme, bientôt fermée, tombe tranquille. Et tombe la nuit. Je veille. Je cherche autour du texte, autour de la mare endormie. Ne pas faire comme si ; plutôt me perdre dans cet œil glauque-noir. Ne pas apprivoiser le silence sauvage du texte, laisser être en ma propre langue une langue étrangère qui débride ma liberté. Le ciel aveugle au-dessus des toits penche puis se ravisse. Le texte sous mon regard se refuse au prétexte. Cette nuit n'est pas complice de ma nuit. J'apprends mon étrangeté. Par transmutation d'une nuit en une autre nuit, je me laisse traduire, déporter dans un texte que je croyais emporter en moi. Maintenant je parle pour ne pas parler ; ma signature m'échappe — je nontraduis. Avec la première verdure de l'aube s'éveille ma nuit : un peu plus de lumière, un peu moins de certitude. Encore un jour. Et l'étonnement de vivre. Un texte, là, émerge de je ne sais plus qui. Il ne me ressemble pas. Il ne ressemble à personne. Il a peut-être échappé au pire de la traduction : s'imiter soi-même. Le plein jour tout à l'heure dénoncera les restes d'ombre complaisante. Plus d'abîme ; une rue plate et droite ; y</p>	<p><i>Essas águas do abismo onde me apeguei a mim mesmo</i> (Quevedo), delas me aproximei com frequência, com a tentação quase inconsciente de imergir numa imagem, rapidamente enrugada, velha maçã, logo fechada, cai tranquila. E cai a noite. Eu velo. Procuro em torno do texto, em torno da poça adormecida. Não fazer de conta; melhor me perder nesse olho turvo-negro. Não aprisionar o silêncio selvagem do texto, deixar estar em minha própria língua uma língua estrangeira que desata minha liberdade. O céu cego acima dos telhados se inclina e logo muda de ideia. O texto sob meus olhos recusa o pretexto. Esta noite não é cúmplice da minha noite. Aprendo minha estranheza. Por transmutação de uma noite em uma outra noite, me deixo traduzir, deportar em um texto que eu acreditava importar em mim. Agora falo para não falar; minha assinatura me escapa — nãotraduzo. Com o primeiro verde da aurora acorda minha noite: um pouco mais de luz, um pouco menos de certeza. Mais um dia. E o choque de viver. Um texto, ali, emerge de já não sei quem. Não se parece comigo. Não se parece com ninguém. Escapou, talvez, ao pior da tradução: imitar-se a si mesmo. O pleno dia em breve denunciará os restos de sombra complacente. Mais abismo; uma rua plana e reta; lá, correr o risco de andar fora</p>

¹⁵² Em tradução semântica, “o sangue seca rápido ao entrar para a história” (FERRAT apud BRAULT, 1975, p. 66).

¹⁵³ Grifos do autor.

courir le risque de marcher hors de moi —
devant moi.

de mim — na minha frente¹⁵⁴.

Peaux noires, blanches, jaunes, rouges, brunes, et peaux grises, à demi effacées, et peaux lucides, à peine apparues, quelle différence sous les larmes et sous les rires ? C'est comme les langues ; elles partagent la même soif que rien ne peut éteindre hormis la saveur d'une pluie libre de tomber sur chacune au même moment. Comment et pourquoi traduire — décalquer — ces vérités banales ? La liberté, où que l'on soit, où que l'on aille, ne change pas de couleur ; sortant, parfois, pas souvent, de prison, elle affiche partout la même pâleur. Nontraduire, entre autres choses, c'est consentir à ce fait : nos différences ne s'accusent que si nous supprimons nos inégalités. Nous sommes tous de la même eau, nous ne sommes pas tous, pas encore, du même sang. « Even is cold my soul » — répondre : « J'ai froid jusqu'à l'âme » est mensonge (traduction « belle » ou non). Je choisis de nontraduire : « Mon âme est froide en son âme ». L'animisme exagéré rend le son-sens du « jusque » (« even »). Le texte second ne se contente pas de *reproduire* le texte premier. Deux textes s'affrontent ici pour se déporter vers un inter-texte. Où ? Au lecteur d'y aller voir.

Peles negras, brancas, amarelas, vermelhas, morenas, e peles cinzas, meio apagadas, e peles lúcidas, pouco aparentes, que diferença sob as lágrimas e os risos? São como as línguas; compartilham da mesma sede que nada pode estancar salvo o sabor de uma chuva livre caindo sobre cada uma delas ao mesmo tempo. Como e por que traduzir — decalcar — essas verdades banais? A liberdade, onde quer que se esteja, onde quer que se vá, não muda de cor; saindo às vezes, não muitas, da prisão, exhibe em todos os lugares a mesma palidez. Nãotraduzir, entre outras coisas, é consentir a esse fato: nossas diferenças só se denunciam se suprimimos nossas desigualdades. Somos todos da mesma água, não somos todos, não ainda, do mesmo sangue. “Even is cold my soul” — responder: “Tenho frio até a alma” é mentira (tradução “bela” ou não). Escolho nãotraduzir: “Minha alma está fria em sua alma” (“Mon âme est froide en son âme”¹⁵⁵). O animismo exagerado devolve o som-sentido do “até” (“even”). O texto segundo não se contenta em *reproduzir* o texto primeiro. Dois textos confrontam-se aqui para serem deportados em um inter-texto. Onde? Cabe ao leitor verificar.

¹⁵⁴ Acreditamos que o trecho faz referência ao poema “Accompagnement”, do poeta quebequense Saint-Denys Garneau (VASCONCELOS FILHO, 2015, p. 121).

¹⁵⁵ Decidimos reproduzir a escolha tradutória expressa no original (BRAULT, 1975, p. 69) a fim de que seja possível identificar o verso em questão, se assim desejado.

À la fin, si la nontraduction parvenait à réaliser (non pas à résoudre) la contradiction d'être, le même et l'autre ne formeraient qu'un seul. *Je* ne serait plus un autre. Ni appropriation, ni désappropriation, le tiers exclu des deux textes émergerait de son exclusion et par la force des choses significantes exclurait même les termes de son inter-langue. Ce texte non écrit, non parlé, voilà ce que vise la nontraduction. Non pas établissement par une métaphysique hors de l'histoire, non, jamais. Ne rien oublier. La mémoire est pourvoyeuse d'avenir. Sans elle, toujours les bêtises d'hier encombrant le présent. Je rêve ; et je sais ce que signifie mon rêve. Des voix de loin et de proche me gardent en éveil. Ceux qui furent d'Auschwitz et d'Hiroshima, de Varsovie et du Biafra, ceux qui sont de Sibérie et de Mai Loc, d'Amazonie et d'Harlem, ceux qui seront d'ici et de là-bas comme de nulle part, les crucifiés au non-sens, les salariés de violence, les incapables même de désespoir, murmurent une vieille histoire de révolution, des mots usés jusqu'à la corde tant nous les avons traduits.

No fim, se a nãotradução conseguisse realizar (não resolver) a contradição de ser, o mesmo e o outro formariam apenas um. *Eu* não seria mais um outro. Nem apropriação, nem desapropriação, o terceiro excluído dos dois textos emergiria de sua exclusão e pela força das coisas significantes excluriria até os termos de sua inter-língua. Esse texto não escrito, não falado, eis o que visa a nãotradução. Não o estabelecimento por meio de uma metafísica fora da história, não, jamais. Não esquecer nada. A memória é provedora de porvir. Sem ela, as besteiras de ontem sempre sobrecarregam o presente. Sonho; e sei o que significa meu sonho. Vozes de longe e de perto me põem em vigília. Aqueles que foram de Auschwitz e de Hiroshima, de Varsóvia e do Biafra, aqueles que são da Sibéria e de Mai Loc, da Amazônia e do Harlem, aqueles que serão daqui e de lá como de lugar nenhum, crucificados ao absurdo, os assalariados de violência, os incapazes mesmo de desespero, murmuram uma velha história de revolução, de palavras usadas até o talo de tanto as termos traduzido.

FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 66-71.

FONTE: Tradução nossa.

Esse ensaio recebe epígrafe do poeta e cantor francês Jean Ferrat (1930-2010), que se destacou por seu engajamento político, posicionado à esquerda. O verso "(...) / que le sang sèche vite en entrant dans l'histoire / (...)" (FERRAT, 1963)¹⁵⁶ da canção *Nuit et brouillard* é

¹⁵⁶ FERRAT, Jean. *Nuit et brouillard*. Paris: Barclay: 1963. Cópia digital (3m13) Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4uQKF8qtVYUxWj7qAQvZSR?highlight=spotify:track:5b4B1pGuVwXtdMdrwMEUg9>.

grafada no livro como “*le sang sèche vite / en entrant dans l’histoire*” (“o sangue seca rapidamente / ao entrar para a história”; FERRAT apud BRAULT, 1975, p. 67). *Nuit et brouillard* (FERRAT, 1963) lança um olhar de pesar e solidariedade às vítimas do nazismo alemão, transportadas até os guetos e campos de concentração, imaginando seu esforço para “(...) / sobreviver mais um dia, uma hora, obstinadamente / (...)” (FERRAT, 1963). O verso epigrafado refere-se a uma reprovação da expressão da militância do cantor e compositor em suas canções, já que, segundo a voz lírica, “(...) / me dizem hoje (...) / que mais vale cantar só canções de amor / que o sangue seca rapidamente / ao entrar para a história / e que de nada serve pegar um violão / (...)”. A citação de Ferrat em *Poèmes des quatre côtés* indica a presença de um pensamento político na concepção da “nãotradução”, conforme avaliamos, principalmente, em nosso capítulo teórico.

Encontramos em “*Nontraduire 4*” uma reflexão acerca do quão pertencente seria a “nãotradução” ao próprio Brault ou a cada autor por ele nãotraduzido. O sujeito lírico confessa uma “(...) tentação quase inconsciente (...)” de centrar-se em sua própria poética reverberando o mito de Narciso, a partir de um trecho do autor espanhol Francisco de Quevedo (1580-1645) — a primeira citação direta e explícita no corpo de um ensaio de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, p. 68): “*Essas águas do abismo onde me apeguei a mim mesmo* (Quevedo), delas me aproximei com frequência, com a tentação quase inconsciente de me imergir em uma imagem, rapidamente enrugada, velha maçã (...)” (grifos do autor). Tal “tentação” deve ser vencida pelo “poeta *nãotradutor*” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5, grifo da autora) à medida em que ele se orienta por uma busca pela relação, sondando justamente a estranheza do texto de outrem:

(...) E cai a noite. Eu velo. Procuo em torno do texto, em torno da poça adormecida. Não fazer de conta; melhor me perder nesse olho turvo-negro. Não aprisionar o silêncio selvagem do texto, deixar estar em minha própria língua uma língua estrangeira que desata minha liberdade. O céu cego acima dos telhados se inclina e logo muda de ideia. O texto sob meus olhos recusa o pretexto. Esta noite não é cúmplice da minha noite. Aprendo minha estranheza. Por transmutação de uma noite em uma outra noite, me deixo traduzir, deportar em um texto que eu acreditava importar em mim. Agora falo para não falar; minha assinatura me escapa — nãotraduzo.. (...) (BRAULT, 1975, p. 68).¹⁵⁷

¹⁵⁷ “(...) Je cherche autour du texte, autour de la mare endormie. Ne pas faire comme si; plutôt me perdre dans cet oeil glauque-noir. Ne pas apprivoiser le silence sauvage du texte, laisser être en ma propre langue une langue étrangère qui débride ma liberté. Le ciel aveugle au-dessus des toits penche puis se ravise. Le texte sous mon Regard se refuse au pretexte. Cette nuit n’est pas complice de ma nuit. J’apprends mon étrangété. (...)” (BRAULT, 1975, p. 68).

A “nãotradução” braultiana partiria, assim, da “estranheza” do texto estrangeiro — reforçada por abundantes vocábulos que se opõem a uma ideia de clareza, como “noite”, “cego”, “olho turvo-negro” e “adormecida” — para aprender sua própria “estranheza”, ou seja, colocando-se, como vimos, na pele do estrangeiro, pôr à prova a “imagem” de si mesmo; e fazê-lo de forma realmente atenta, não como um “pretexto” para escrever. O texto resultante de tal operação de deslocamento não seria, segundo Brault típico nem de sua própria poética, nem daquela que produzira o texto original, já que mobilizaria ambas, mas de uma maneira própria; constituindo, talvez, “(...) a terceira enunciação (...), a combinação das duas outras sem que uma elimine ou se sobreponha a outra (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 24):

(...) Por transmutação de uma noite em uma outra noite, me deixo traduzir, deportar em um texto que eu acreditava importar em mim. Agora eu falo para não falar; minha assinatura me escapa — nãotraduzo. (...) Um texto, ali, emerge de já não sei quem. Não se parece comigo. Não se parece com ninguém. Escapou, talvez, ao pior da tradução: imitar-se a si mesmo. (...) (BRAULT, 1975, p. 68).¹⁵⁸

O trecho reforça o desejo de desassociar a “nãotradução” tanto da apropriação — ou uma produção focada em alimentar sua própria poética, e para qual o texto de partida pode ser visto apenas como “pretexto” — quanto de um modo de tradução associado à “imitação”. Esta parece ser, segundo o discurso de Brault em *Poèmes des quatre côtés*, a menos exitosa forma de traduzir, anteriormente descrita como uma escrita tradutória que busca emular o original, e não o reconstruir em um novo poema: “(...) A imitação só pode ser danosa para a obra imitada, ela trata esse texto como um pretexto, enfim, ela é danosa para o imitador, ela o faz esquecer — ou dessaber — a necessária transmutação em sua própria língua (...)” (BRAULT, 1975, p. 31).

O reconhecimento da diferença entre os textos encaminha a defesa de uma igualdade entre os humanos que não neutralize sua diversidade. Mais uma vez, a “nãotradução” é posta como uma ferramenta política, quando se afirma que “(...) nãotraduzir, entre outras coisas, é consentir a esse fato: nossas diferenças só se acusam uma vez que suprimimos nossas desigualdades (...)”. O ensaio exemplifica seu ponto descrevendo uma das escolhas “nãotradutórias” empregadas no livro:

¹⁵⁸ “(...) Par transmutation d’une nuit en une autre nuit, je me laisse traduire, déporter dans un texte que je croyais emporter en moi. Maintenant je parle pour ne pas parler; ma signature m’échappe — je nontraduis. (...) Un texte, là, émerge de je ne sais plus qui. Il ne me ressemble pas. Il ne ressemble à personne. Il a peut-être échappé au pire de la traduction: s’imiter soi-même (...)” (Id).

(...) ‘Even is cold my soul’ — responder: ‘Tenho frio até a alma’ é mentira (tradução ‘bela’ ou não). Escolho nãotraduzir: ‘Minha alma está fria em sua alma’ (‘Mon âme est froide en son âme’). O animismo exagerado devolve o som-sentido do ‘até’ (‘even’). O texto segundo não se contenta em reproduzir o texto primeiro. Dois textos confrontam-se aqui para serem deportados em um inter-texto. Onde? Cabe ao leitor verificar (BRAULT, 1975, p. 69).¹⁵⁹

É interessante observar como os ensaios de *Poèmes des quatre côtés* apresentam as escolhas “nãotradutórias” de Jacques Brault como se partissem do próprio poema a ser “nãotraduzido”, conforme observado nos trechos acima. Ressaltamos também a ideia de mediação que parece não apenas suportar a “nãotradução” braultiana, como também guiar sua produção, cujo caráter intertextual não se restringe à presença de outras vozes em seu texto, mas almeja ocupar um espaço entre original e tradução, que possibilitaria a composição de “um intertexto” — esse que escapa à assinatura de ambos os poetas. No parágrafo seguinte participa o leitor da condição *sine qua non* de criação desse espaço intermediário: a não-resolução de um “impasse” (SUCHET, 2017), acolhido e compreendido enquanto “contradição”:

No fim, se a nãotradução conseguisse realizar (não resolver) a contradição de ser, o mesmo e o outro formariam apenas um. Eu não seria mais um outro. Nem apropriação, nem desapropriação, o terceiro excluído dos dois textos emergiria de sua exclusão e pela força das coisas significantes excluiria até os termos de sua inter-língua. (...) (BRAULT, 1975, p. 70, grifo do autor).¹⁶⁰

Chama nossa atenção, no trecho citado, a passagem “(...) *Eu* não seria mais um outro. (...)”; no original, “(...) *Je* ne serait plus un autre. (...)”, com o verbo “ser” na terceira e não na primeira pessoa do singular (*je ne serais plus*), o que nos remete ao célebre “*Je est un autre*” de Rimbaud¹⁶¹. O trânsito entre perspectivas diversas, e não sua homogeneização, parece ser o caminho para reuni-las sem aniquilá-las. Deparamos novamente, portanto, com a projeção de um ideal para a “nãotradução” que lhe possibilite unir dois opostos em “um só” sem forçar sua “apropriação, nem desapropriação (...)”. Como energia magnética, a “nãotradução” braultiana buscaria aproximar-se do texto estrangeiro justamente por seu pólo opositor,

¹⁵⁹ “(...) ‘Even is cold my soul’ — répondre: ‘J’ai froid jusqu’à l’âme’ est mensonge (traduction ‘belle’ ou non). Je choisis de nontraduire: ‘Mon âme est froide en son âme’. L’animisme exagéré rend le son-sens du ‘jusqu’ (‘even’). Le texte second ne se contente pas de reproduire le texte premier. Deux textes s’affrontent ici pour se deporter vers un inter-texte. Où? Au lecteur d’y aller voir.” (BRAULT, 1975, p. 69).

¹⁶⁰ “À la fin, si la nontraduction parvenait à réaliser (non pas à résoudre) la contradiction d’être, le même et l’autre ne formeraient qu’un seul. *Je* ne serait plus un autre. Ni appropriation, ni désappropriation, le tiers exclu des deux textes émergerait de son exclusion et par la force des choses significantes excluirait même les termes de son inter-langue (...)” (BRAULT, 1975, p. 70, grifo do autor).

¹⁶¹ RIMBAUD, Arthur. *Correspondência*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

estabelecendo uma tal relação entre os dois discursos poéticos que eles se tornem “(...) unidos pela contradição (...)”. Idealmente, o mesmo poderia ser feito no nível das relações humanas uma vez que “(...) a nãotradução conseguisse realizar (não resolver) a contradição de ser (...)”, ultrapassado o âmbito da criação literária e atingindo o ontológico. Retoma-se a ideia de que uma tal re-centralização dos sujeitos eliminaria a necessidade de traduzir e mesmo de comunicar-se verbalmente, excluindo-se, portanto, a “inter-língua” estabelecida para a mediação; regressando, portanto, ao paradoxo já apresentado anteriormente de que a “nãotradução” seria motivada pelo silêncio tendo nele seu ideal: “Esse texto não escrito, não falado, eis o que visa a nãotradução (...)”.

Apesar dessa projeção utópica, a “nãotradução” braultiana reitera sua oposição à primazia do original que chamara de “idealismo filosófico” no ensaio anterior, determinando-a agora, ao fim do quarto ensaio, como “(...) uma metafísica fora da história (...)”. À ideia de continuidade histórica da literatura soma-se à da própria vida através da “memória” e, novamente, se estabelece uma conexão entre i. tal paradigma de originalidade e um movimento de dominação (JAKA, 2010, p. 4-5); e ii. um movimento de resistência política pela literatura e a proposta de “nãotradução:

(...) Não o estabelecimento por meio de uma metafísica fora da história, não, jamais. Não esquecer nada. A memória é provedora de porvir. Sem ela, as besteiras de ontem sempre sobrecarregam o presente. Sonho; e sei o que significa meu sonho. Vozes de longe e de perto me põem em vigília. Aqueles que foram de Auschwitz e de Hiroshima, de Varsóvia e do Biafra, aqueles que são da Sibéria e de Mai Loc, da Amazônia e do Harlem, aqueles que serão daqui e de lá como de lugar nenhum, crucificados ao absurdo, os assalariados de violência, os incapazes mesmo de desespero, murmuram uma velha história de revolução, de palavras usadas até o talo de tanto as termos traduzido. (BRAULT, 1975, p. 70).¹⁶²

Sintetizamos o percurso das ideias do quarto e penúltimo ensaio de *Poèmes des quatre côtés* sublinhando a força de seu discurso de posicionamento político, marcado já desde a epígrafe, mas cujo ápice encerra o último dos parágrafos do texto. “*Nontraduire 4*” mobiliza outra área do conhecimento em seu debate acerca das fronteiras entre original e tradução, a História, voltando a associar a tradução à dominação. Além da discussão política e social

¹⁶² “(...) Non pas établissement par une métaphysique hors de l’histoire, non, jamais. Ne rien oublier. La mémoire est pourvoyeuse d’avenir. Sans elle, toujours les bêtises d’hier encombrant le présent. Je rêve; et je sais ce que signifie mon rêve. Des voix de loin et de proche me gardent en éveil. Ceux qui furent d’Auschwitz et d’Hiroshima, de Varsovie et du Biafra, ceux qui sont de Sibérie et de Mai Loc, d’Amazonie et d’Harlem, ceux qui seront d’ici et de là-bas comme de nulle part, les crucifiés au non-sens, les salariés de violence, les incapables même de désespoir, murmurent une vieille histoire de révolution, des mots usés jusqu’à la corde tant nous les avons traduits (...)” (BRAULT, 1975, p. 70).

promovida pelo ensaio, e que avaliamos em nosso terceiro capítulo, afirma-se que o texto “nãotraduzido” já não pertence nem a seu autor original, nem ao “nãotradutor”, já que a “nãotradução” braultiana operaria pela “transmutação” de ambas as poéticas rumo a “(...) uma terceira via (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 27), um lugar comum que só pode ser encontrado em “um *não-lugar* original” (“un *Unland* original”, SUCHET, 2017, grifo da autora). Tal lugar é recorrentemente associado ao espaço de fronteira e de troca, e produz um “intertexto” em uma “interlíngua”. Porém aponta-se a insuficiência da “nãotradução” diante da experiência da “contradição de ser (...)”, algo que só poderia ser traduzido por um “silêncio” significativo e compartilhado entre estranhos: paradoxalmente, “esse texto não escrito, não falado, eis o que visa a nãotradução (...)”.

2.1.8 “*Sud*”

A quarta e última seção poética de *Poèmes des quatre côtés*, “*Sud*” (BRAULT, 1975, pp. 71-85), é composta a partir da obra de E. E. Cummings (1894-1962), poeta estadunidense “(...) conhecido por seus experimentos com a forma do poema (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 22). Entre suas inovações, apontam-se neologismos e combinações lexicais, perturbações sintáticas¹⁶³ e deslocamentos, combinados em uma “(...) famosa desfiguração espacial (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 24). Stradioto-Casolato assinala a influência de tais elementos nos poemas da seção “*Sud*” mesmo quando mais suavizados no texto original, como ocorre no par analisado pela autora, que contemplamos mais adiante. Tal como apontado em relação a Brault e o taoísmo (LAROCHE, 2005, p. 81; STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7), Burns (2015, p. ix) relaciona a poética de Cummings a uma filosofia oriental, o zen-budismo. É interessante notar que o autor estadunidense também parte da negação de um conceito para nomear parte de sua produção; as “nonlectures” (como em *i: six nonlectures*; CUMMINGS, 1953), que poderíamos traduzir como “nãopalestras”, sendo *lecture* o termo mais utilizado em língua inglesa para nomear as aulas de ensino superior. Já um contraste entre as poéticas braultiana e cummingsiana seria o trato do erótico, pois, enquanto “(...) os primeiros poemas amorosos de Cummings eram francamente eróticos e visavam chocar a sensibilidade puritana dos anos 1920 (...)”, segundo a Poetry Foundation¹⁶⁴, “em Brault o erotismo é sempre mitigado, por vezes dissimulado (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 24), o que ocorre inclusive na “nãotradução” de

¹⁶³ THE POETRY FOUNDATION. *E. E. Cummings*. Disponível em: poetryfoundation.org/poets/e-e-cummings.

¹⁶⁴ Id.

Cummings por Brault analisada por Stradioto-Casolato. Para a autora, o “(...) lirismo sexual [de Brault] é inspirado pelo erotismo sutil da poesia trovadoresca em que não há ‘exaltação viva e franca do ato sexual’ e o clímax é sempre simbolizado (...)” (p. 24, grifo nosso).

Os versos de Cummings escolhidos como epígrafe de “*Sud*”— “*but the very song of (as mountains / feel and lovers) singing is silence*” (algo como “mas a própria música do [como montes / sentem e amantes] cantar é silêncio”; p. 71) — retomam o paradoxo entre a expressão ideal e o silêncio, que por sua vez, fora reiterado no ensaio anterior.

Os poemas da referida seção destoam visivelmente não apenas da poética braultiana, mas dos demais textos que compõem *Poèmes des quatre côtés*, sendo abundantes as repetições e recombinações sonoras e lexicais¹⁶⁵ e a “(...) atenção especial à disposição visual (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 22) apontadas em Cummings. O quarto poema da seção apresenta-nos um “nãosol” (“*nonsoleil*”) e sua “nãoterra” (“*nonterre*”); já no sexto, a partícula negativa aglutina-se a um verbo, “nãoserá” (“*nonsera*”). A tópica amorosa preenche a seção de máximas e endereçamentos, mas, como ao longo de todo o livro, persegue-se a ideia de *pays* (“[...] um país / perdido”; p. 80). O canto silencioso que aparecera na epígrafe reverbera, como já dito, a idealização do silêncio pela “nãotradução” braultiana e é relacionado no décimo poema às crianças e à natureza:

*Essas crianças que cantam dentro da pedra cantam
silêncio de pedra esses pequenos e pequenas
rolados nas flores-crianças
da pedra abrem o canto
eterna silenciosamente pequenos e pequenas
essas crianças são pétalas
sua canção é flor
do sempre*

*suas flores de pedra
cantam silenciosamente
uma canção mais silenciosa
que o silêncio eterno*

(...) (BRAULT, 1975, p. 82).¹⁶⁶

¹⁶⁵ Id.

¹⁶⁶ “*Ces enfants qui chantent dans la pierre chantent
silence de pierre ces petits et petites
roulés dans les fleurs-enfants
de la pierre ouvrent le chant*

*à jamais silencieusement petits et petites
ces enfants sont des pétales
leur chanson est fleur
du toujours*

O último poema da seção é analisado por Stradioto-Casolato (2022) em contraste com o original de Cummings, conforme abordaremos com mais detalhes adiante. Em linhas gerais, o artigo identifica, elementos característicos de ambos os poetas — o autor original, Cummings, e seu “nãotradutor”, Jacques Brault — o que ultrapassa o debate acerca da proximidade entre os dois textos, notadamente marcada por uma relação contrastiva original/tradução e o amplia para o questionamento da “(...) atribuição de autoria de um texto (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 21), agora visto como multiautoral¹⁶⁷. “Bêtes sauvages” reprisa o já comentado canto silencioso associado à natureza e, anteriormente, às “crianças”, agora compondo um poema erótico — com alusões, segundo Stradioto-Casolato (2022), mais diretas no original e suavizada na “nãotradução”. A seção “*Sud*” é encerrada por mais um nanquim que também, por sua vez, ao suceder o último poema, pode levar-nos a identificar suas imagens poéticas na arte abstrata (Figura 5):

Figura 5 – “Sem Título”, último nanquim de *Poèmes des quatre côtés*



FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 85.

*leurs fleurs de pierre
chantent silencieusement
une chanson plus silencieuse
que le silence à jamais*

(...)” (BRAULT, 1975, p. 82).

¹⁶⁷ STRADIOTO-CASOLATO, Ana Magda. Nãotradução: uma poiética tradutória perturbadora. *TradTerm*, São Paulo, v.41, p. 5-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543>, p. 21.

Assim, a última seção de poemas do livro (BRAULT, 1975, pp. 71-85), nomeada a partir do ponto cardeal “Sul”, apresenta ao leitor um maior nível de experimentação visual (STRADIOTO-CASOLATO, 2022), neologismos¹⁶⁸ (principalmente utilizando a partícula *non*) e trata da temática amorosa quando comparada às demais seções de *Poèmes des quatre côtés*. Conceitualmente, chama a nossa atenção a reiteração da ideia de um “silêncio” maior, “um outro silêncio” (BRAULT, 1975, p. 25), como forma de comunicação mais simples e, simultaneamente, mais potente; associado, nos poemas de Cummings “nãotraduzidos” às “crianças”, “pedras” e “estrelas”. Stradioto-Casolato (2022) identifica elementos da poética do autor estadunidense para além do texto original — o que indica o conhecimento de sua obra por Brault e a tentativa deste de fundir o estilo de Cummings em suas recriações — mesclando-se à braultiana em um “(...) encontro de alteridades, por que não dizer uma fusão de alteridades (...)”. Tal movimento funda, para Stradioto-Casolato (2022, p. 24), uma “terceira enunciação”. Tal como opinamos em relação às conclusões de Simon (1994, pp. 68-70) e Suchet (2017, pp. 3-5) sobre um dos poemas de Margaret Atwood “nãotraduzidos” por Brault (1975, p. 55), as práticas identificadas por Stradioto-Casolato (2022, pp. 22-26) em “*Bêtes sauvages*” (BRAULT, 1975, p. 84) podem ou não identificar procedimentos aplicados nos demais poemas do livro e devem ser consideradas em futuras análises comparativas entre original e “nãotradução” que venham a ser produzidas.

2.1.9 “*Contrenote*”

Reproduzimos, traduzimos e comentamos a nota final de *Poèmes des quatre côtés* (pp. 86-95) no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Texto original da nota final de *Poèmes des quatre côtés*, à esquerda, e proposta de tradução comentada formulada pela autora, à direita

Original	Proposta de tradução
« Souvienne-vous de celui à qui, comme on demandait à quoy faire il se peinait si fort en un art qui ne pouvait venir à la coignissance de guère de gens. ‘J’en ay assez d’un. J’en ay assez de pas un’. »	« Souvienne-vous de celui à qui, comme on demandait à quoy faire il se peinait si fort en un art qui ne pouvait venir à la coignissance de guère de gens. ‘J’en ay assez d’un. J’en ay assez de pas un’. »

¹⁶⁸ THE POETRY FOUNDATION. *E. E. Cummings*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/e-e-cummings>.

Montaigne	Montaigne
<p>D'où viennent les nontraductions groupées en ce recueil ? À l'usage de ceux qui croient encore à la notion de texte « original », je répondrai d'abord par des références (comme dans les thèses et les demandes d'emploi). John Haines : <i>Winter news</i> (Wesleyan University Press, Middletown, 1996); <i>The Stone Harp</i> (Wesleyan University Press, Middletown, 1971); <i>Twenty Poems</i> (Unicorn Press, Santa Barbara, 1971). Gwendolyn MacEwen : <i>Breakfast for Barbarians</i> (Ryerson, Toronto, 1966); <i>The Shadow-Maker</i>, (Macmillan, Toronto, 1969). Margaret Atwood : <i>The Circle Game</i> (House of Anansi, Toronto, 1966); <i>The Animals in that Country</i> (Oxford University Press, Toronto, 1968); <i>The Journal of Susanna Moodie</i> (Oxford University Press, Toronto, 1970); <i>Power Politics</i> (House of Anansi, Toronto, 1971). E. E. Cummings : <i>IxI</i> (Harcourt, Brace, New York, 1954); <i>95 Poems</i> (Harcourt, Brace, New York, 1958); <i>100 Selected Poems</i> (Grove Press, New York, 1959); <i>73 Poems</i> (Harcourt, Brace, New York, 1963)¹⁶⁹. Pourquoi raconterais-je ensuite que j'ai longuement vécu dans l'intimité, dans l'étrangeté, de ces quatre univers entourant mon univers, pourquoi, sinon pour signaler que rien, absolument rien, ne me prédestinait à ce voyage, à cet accueil ? Haines, avec son laconisme et sa mesure, ne me séduit guère. De l'Alaska, où il vécut pendant de</p>	<p>De onde vêm as nãotraduções agrupadas nesta antologia? Para uso daqueles que ainda acreditam na noção de texto 'original', responderei primeiramente com referências (como nas teses e candidaturas de emprego). John Haines: <i>Winter news</i> (Wesleyan University Press, Middletown, 1996); <i>The Stone Harp</i> (Wesleyan University Press, Middletown, 1971); <i>Twenty Poems</i> (Unicorn Press, Santa Barbara, 1971). Gwendolyn MacEwen: <i>Breakfast for Barbarians</i> (Ryerson, Toronto, 1966); <i>The Shadow-Maker</i>, (Macmillan, Toronto, 1969). Margaret Atwood: <i>The Circle Game</i> (House of Anansi, Toronto, 1966); <i>The Animals in that Country</i> (Oxford University Press, Toronto, 1968); <i>The Journal of Susanna Moodie</i> (Oxford University Press, Toronto, 1970); <i>Power Politics</i> (House of Anansi, Toronto, 1971). E. E. Cummings: <i>IxI</i> (Harcourt, Brace, Nova Iorque, 1958); <i>100 Selected Poems</i> (Grove Press, Nova Iorque, 1959); <i>73 Poems</i> (Harcourt, Brace, Nova Iorque, 1963). Por que eu contaria, em seguida, que vivi longamente na intimidade, na estranheza, desses quatro universos circundando meu universo, por quê, se não para assinalar que nada, absolutamente nada, me predestinava a esta viagem, a este acolhimento¹⁷⁰? Haines, com seu laconismo e sua métrica, quase não me seduz. Do Alasca, onde viveu por muitos anos, conheço apenas fotos e filmes; mas o</p>

¹⁶⁹ Reproduzimos a grafia do texto original (BRAULT, 1975, p. 88).

¹⁷⁰ Chamamos a atenção do leitor para a proximidade entre "accueil" (acolhimento; Id.) e *recueil* (antologia).

nombreuses années, je ne connais que des photos et des films ; mais l’hiver, le silence et la solitude, je les connais, comme plusieurs, et encore mieux l’effroi subtil qui perce à coups d’aiguilles froides la plus solide espérance au premier vrai matin d’avril. MacEwen, nourrie d’orientalisme et de magie mythique, me déconcerte aussi par ses rythmes en spirale ; qu’elle renouvelle, consciemment ou pas, la tradition de la poésie métaphysique (de Donne à Yeats), voilà ce qui m’a piégé : parfois, dans notre monde haï-aimé, j’entends chanter la promesse présente d’un autre monde, bêtement je marche, par les rues, entre les automobiles, à cet appel sans voix. Atwood, je l’ai rencontrée, un jour, nous avons bavardé, puis elle est disparue dans un taxi où son chapeau immense a failli se ratatiner ; il me restait ses poèmes, incisifs et insolites, partagés entre la peur, une peur ironique, et la sensualité, une sensualité frileuse, il me restait aussi le goût de la suivre à distance, de voir à l’aveuglette où allait cette apparence. Cummings, vieil ami, me parle depuis si longtemps, je serais en peine d’expliquer la fascination qu’il exerce sur moi, non, vraiment, je ne pourrais pas justifier en quoi cette poésie très rhétoricienne m’a ouvert comme une blessure et me rouvre sans cesse au bonheur du plus pur lyrisme. Des quatre côtés me sont venues des propositions de textes à

inverno, o silêncio e a solidão, eu os conheço, como muitos, e melhor ainda o medo¹⁷¹ sutil que perfura em golpes de agulhas gélidas a mais sólida esperança na primeira autêntica manhã de abril. MacEwen, nutrida de orientalismo e magia mítica, me desconcerta também por seus ritmos em espiral; que ela renove, conscientemente ou não, a tradição da poesia metafísica (de Donne a Yeats), eis o que me capturou: às vezes, em nosso mundo odi-amado¹⁷², escuto cantar a promessa presente de um outro mundo, tolamente ando, pelas ruas, entre os carros, em direção a esse chamado sem voz. Atwood, eu a conheci, um dia, batemos um papo, depois ela desapareceu em um táxi no qual seu chapéu imenso quase não pode se enfiar; restaram-me seus poemas, incisivos e insólitos, divididos entre o medo, um medo irônico, e a sensualidade, uma sensualidade friorenta, restou-me também o gosto de segui-la à distância, de espreitar para onde ia essa imagem. Cummings, velho amigo, me fala desde há muito tempo, eu teria dificuldade em explicar a fascinação que ele exerce sobre mim, não, verdadeiramente, eu não poderia justificar como tal poesia tão retórica me abrisse como uma ferida e me reabre sem cessar à felicidade do mais puro lirismo. Dos quatro cantos, vieram a mim propostas de textos a não traduzir. Era o caso de ir mais longe. Mas aonde?

¹⁷¹ Salientamos a proximidade sonora entre a palavra empregada originalmente, “l’effroi” (BRAULT, op. cit., p. 89) e *le froid* (*o frio*), que não conseguimos recriar em nossa tradução.

¹⁷² Tal como já esclarecido em nossa leitura analítica, há no neologismo “haï-aimé” (Id.) uma combinação das palavras *odiado* (*haï*) e *amado*, que, foneticamente (e a partir da atribuição do ponto cardeal oriental a MacEwen), também nos lembra a palavra haikai.

nontraduire. Il s'agissait d'aller plus loin qu'ici. Mais où ?

Où vont ces textes, sinon au recueillement ? Le mystère commun à ces quatre clartés a fini par me reconduire ici. Maintenant, je peux me recueillir en mon pays ; le centre ne fuit pas vers toutes sortes d'alibis, il ne se ferme pas sur une identité peureuse et nostalgique, il va et vient comme un sens qui ne craint plus de se mêler aux contresens. Mais le dur n'est pas terminé. Nontraduire, c'est jouer à qui-perd-gagne. Dans plusieurs cas j'ai forcément échoué ; *The Red Bird* (MacEwen) et *Winter Sleepers* (Atwood)¹⁷³ me résistent toujours — ou bien est-ce moi qui me refuse ? *If everything happens* (Cummings)¹⁷⁴, chanson d'éternité quotidienne, montre, à l'analyse, une complexité technique aussi déconcertante que la *Donna mi prega* de Cavalcanti¹⁷⁵ ; ce genre de texte, au contraire de ce qui se passe chez les rhétoriciens, ne dévoile ni n'impose à première vue son système de structures. Entrée interdite ; je longe les murs, le dos rond, et je me désole de patience ; un de ces soirs, peut-être, alors que je serai sur le point d'abandonner, on m'ouvrira toutes les grandes portes ; et, devenu autre, j'entrerai en moi. Je me console de peu ? Non pas. Me trottent dans l'esprit, dans les veines, dans les doigts, ces « intraductions » : *and don a doers doom*

Aonde vão estes textos, se não ao recolhimento?¹⁷⁶ O mistério comum a essas quatro clarezas acabou me reconduzindo até aqui. Agora, posso me recolher em meu país; o centro não foge em direção a toda sorte de alibis, não se fecha sobre uma identidade medrosa e nostálgica, ele vem e vai como um senso que não teme mais se misturar a seu contrassenso. Mas o trabalho duro não acabou. Nãotraduzir é jogar quem-perde-ganha. Por diversas vezes, certamente fracassei; *The Red Bird* (MacEwen) et *Winter Sleepers* (Atwood) sempre resistem a mim — ou será que sou eu que me recuso? *If everything happens* (Cummings) mostra, quando analisado, uma complexidade técnica tão desconcertante quanto a *Donna mi prega* de Cavalcanti; esse tipo de texto, ao contrário do que acontece com os retóricos, não revela nem impõe à primeira vista seu sistema de estruturas. Entrada proibida; percorro os muros, encurvado, e me desolo de paciência; em uma noite dessas, quiçá, ainda que eu estivesse a ponto de desistir, as grandes portas se abram para mim; e, tornado outro, entrarei em mim. Me consolo com pouco? De modo algum. Galgam-me no espírito, nas veias, nos dedos, estas “intraduções”: *and don a doers doom* (Cummings) et *or under*

¹⁷³ Grifos do autor.

¹⁷⁴ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 89.

¹⁷⁵ Grifo do autor. Conforme já explicitado em nossa leitura analítica, trata-se de um poema de Guido Cavalcanti.

¹⁷⁶ Brault (op. cit., p. 90) joga, nesse trecho, com a palavra « recueil », a mais empregada para referir-se a uma antologia em francês, e a forma como nomeia *Poèmes des quatre côtés* desde a capa (e não como uma tradução).

<p>(Cummings) et <i>or under many a star at night</i> (Whitman); ici, je ne me déssole pas, je songe aux impossibles devenus improbables dans les efforts de Samuel Beckett pour se traduire lui-même. Il existe des limites infranchissables à la nontraduction. On ne sait plus où on va. Le texte sur sa lancée marche et court, erre à sa perte et à sa découverte. Mieux vaut laisser faire.</p>	<p><i>many a star at night</i> (Whitman); aqui, não me desolo, atino para os impossíveis tornados improváveis pelo esforço de Samuel Beckett para traduzir-se a si mesmo. Existem limites intransponíveis à nãotradução. Não se sabe mais para onde se vai. O texto que segue seu próprio caminho anda e corre, erra a ponto de se perder e se descobrir. Vale mais deixar estar.</p>
<p>Les choses parfois se font d'elles-mêmes. S'écarter de la signification littérale pour se rapprocher de la « signifiante » poétique donne lieu aussi bien à d'heureuses surprises qu'à des cocasseries. J'en fournirais deux exemples.</p>	<p>As coisas às vezes se fazem por si mesmas. Afastar-se da significação literal para se aproximar da “significância” poética pode dar lugar tanto a felizes surpresas quanto a anedotas cômicas. Fornecerei dois exemplos.</p>
<p>Landislas Gara, dans son anthologie de la poésie hongroise (Éd. du Seuil), considère la strophe « si française » de Verlaine :</p>	<p>Landislas Gara, em sua antologia da poesia húngara (Éditions du Seuil), considera a estrofe “tão francesa” de Verlaine:</p>
<p><i>Les sanglots longs</i> <i>Des violons</i> <i>De l'automne</i> <i>Blessent mon cœur</i> <i>D'une langueur</i> <i>Monotone</i></p>	<p><i>Les sanglots longs</i> <i>Des violons</i> <i>De l'automne</i> <i>Blessent mon cœur</i> <i>D'une langueur</i> <i>Monotone</i>¹⁷⁷</p>
<p>Une traduction « fidèle » en langue étrangère donnerait cet équivalent :</p>	<p>Uma tradução “fiel” em língua estrangeira produziria este equivalente:</p>
<p><i>Les longues plaintes</i> <i>Automnales</i> <i>Des violons</i> <i>Me frappent le cœur</i> <i>D'une monotone</i> <i>Mélancolie</i></p>	<p><i>Les longues plaintes</i> <i>Automnales</i> <i>Des violons</i> <i>Me frappent le cœur</i> <i>D'une monotone</i> <i>Mélancolie</i></p>

¹⁷⁷ Preferimos manter o poema “Chanson d’automne” de Paul Verlaine (apud BRAULT, 1975, p. 92) em francês considerando sua ampla popularidade no Brasil, contando, portanto, com diversas traduções para o português.

	<p><i>(Os longos lamentos</i> <i>Outonais</i> <i>Dos Violões</i> <i>Me batem no coração</i> <i>Como uma monótona</i> <i>Melancolia)¹⁷⁸</i></p>
<p>Et Gara commente : « Est-il pire infidélité que l'infidélité au charme (ici rompu) ? Arpód Tóth, subtil poète hongrois, traduit :</p>	<p>E Gara comenta: “há pior infidelidade que a infidelidade ao encanto (aqui rompido)? Arpód Tóth, sutil poeta húngaro, traduz:</p>
<p><i>Ósz húrja zsong,</i> <i>jajong, búsong</i> <i>a tájon</i> <i>s ont monoton</i> <i>bút konokon</i> <i>és fájón</i></p>	<p><i>Ósz húrja zsong,</i> <i>jajong, búsong</i> <i>a tájon</i> <i>s ont monoton</i> <i>bút konokon</i> <i>és fájón)¹⁷⁹</i></p>
<p>On devine qu'en hongrois nous avons affaire à une véritable nontraduction où le violon et le cœur blessé n'apparaissent pas explicitement, et c'est un gain sur la fadeur, mais où les sonorités d'une sourde douleur et l'allongement syllabique tiennent une place importante comme chez Verlaine.</p>	<p>Adivinhamos que em húngaro deparamo-nos com uma verdadeira nãotradução na qual o violino (“violon”) e o coração machucado (“blessent mon cœur”, “frappent mon cœur”)¹⁸⁰ não aparecem explicitamente — e isso é um ganho sobre palidez —, mas na qual as sonoridades de uma dor surda e o alongamento silábico ocupam um espaço importante, como no poema de Verlaine.</p>
<p>Serge Fauchereau raconte : « Dans un article (...), j'avais donné une traduction, un peu hâtive, des derniers vers de <i>Passage 32</i> de Robert Duncan. Quelques temps après, j'eus</p>	<p>Serge Fauchereau conta: “Em um artigo (...)”¹⁸¹, eu havia exposto uma tradução, um pouco prematura, dos últimos versos de <i>Passage 32</i> de Robert Duncan. Algum</p>

¹⁷⁸ Optamos por realizar uma tradução da versão mais “literal” de Brault (op. cit., pp. 90-91), facilitando sua distinção do original pelo leitor brasileiro, justamente por entendermos que a função semântica, e não a poética, é priorizada em tal versão, de acordo com a argumentação do autor sobre o problema da literalidade na poesia.

¹⁷⁹ Além de não sermos aptos a traduzir do húngaro, mantivemos a citação em língua estrangeira conforme consta no original de Brault (op. cit., p. 92).

¹⁸⁰ Indicamos tais palavras também no francês para que seja possível identificá-las no texto de Brault (1975, pp. 91-92), considerando que o argumento do autor é tecido a partir da sonoridade dos poemas.

¹⁸¹ Mantivemos os grifos do original (BRAULT, op. cit., pp. 92-93).

la surprise de recevoir une lettre aimablement ironique de l’auteur, m’expliquant que j’avais *traduit en français un passage qui était lui-même de l’« Isis » de Nerval...* » On peut s’amuser de cet incident. Il donne à voir plus loin que son nez. Dans sa « citation », Duncan gauchit volontairement le texte de Nerval. « Le texte, pour finir, est moins une traduction de Nerval qu’un texte de Duncan », remarque Fauchereau. C’est pourquoi ce dernier, à son tour, traduisant Duncan, altère le texte de Nerval au bénéfice du poème. Cela est dans l’esprit de la nontraduction. Et rejoint, par un chemin moins mystifiant, le résultat auquel aboutissent les traductions « fictives » de Borgès. Ces écarts qui parfois tendent à la rupture ne peuvent être confondus avec le cas d’un Pierre Louÿs qui invente littéralement sa version française des *Chansons de Bilitis* (prétendument tirée du grec) ou avec le fameux canular de la *Chasse Spirituelle* (apocryphe attribué à Rimbaud) dont s’émut, vers 1950, la faune villageoise de Saint-Germain-des-Prés.

tempo depois, tive a surpresa de receber uma carta amigavelmente irônica do autor, explicando-me que eu havia *traduzido em francês uma passagem que era, na verdade, da “Isis” de Nerval...*” Podemos nos divertir com esse incidente. Ele nos leva a enxergar para além do nariz. Em sua “citação”, Duncan deformava deliberadamente o texto de Nerval. “O texto, enfim, é menos uma tradução de Nerval que um texto de Duncan”, aponta Fauchereau. É por isso que este último, por sua vez, traduzindo Duncan, altera o texto de Nerval em benefício do poema. Isso está no espírito da nãotradução. E acrescentamos, por um caminho menos mistificador, o resultado atingido pelas traduções “fictícias” de Borgès. Esses distanciamentos que às vezes tendem à ruptura não podem ser confundidos com o caso de um Pierre Louÿs que inventa literalmente sua versão francesa das *Chansons de Bilitis* (falsamente retirado do grego) ou com a famosa farsa da *Chasse Spirituelle* (apócrifo atribuído a Rimbaud) que emociona, em meados de 1950, a fauna¹⁸² aldeã de Saint-Germain-des-Prés.

Pour ce qui concerne mes nontraductions, je me suis permis des libertés et livré à des licences. Les gauchissements, pour le vocabulaire, la syntaxe, le rythme, l’image, ne manquent pas. Ni les ratures, les additions, les extrapolations. Trois poèmes

No que concerne às minhas nãotraduções, me permiti liberdades e me entreguei a licenças. As deformações, no vocabulário, na sintaxe, no ritmo, na imagem, não faltam. Nem os cortes, as adições e as extrapolações. Três poemas não existem em língua original:

¹⁸² A palavra “fauna” (“*faune*”, BRAULT, 1975, p. 93) em francês pode ser utilizada para se referir pejorativamente a um “grupo de pessoas de um tipo particular que frequentam um lugar (...)”, segundo o Larousse (<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/faune/33026>). Apesar de havermos cogitado traduzir o vocábulo por *corja*, preferimos manter “fauna” como um estrangeirismo por parecer-nos menos agressiva, considerando o discurso militante em favor das diferenças ao longo de *Poèmes des quatre côtés*.

n'existent pas en langue originale : je les ai composés à partir de matériaux fort disparates et puisés dans plusieurs poèmes. Ils constituent, pour être précis, des collaborages-citations. Et je ne m'en excuse pas, ni m'en glorifie. Tels quels, ils me semblent justes, et correspondre au désir, plus ou moins obscur, de nontraduire. Je crois en effet que la poésie langagière se nourrit fondamentalement de citations (tirées du quotidien, des proverbes, des comptines, des lieux communs, etc.) parfois dérisoirement retournées cul en l'air comme chez Lautréamont, histoire de décrasser la poésie des « vieilleries poétiques », parfois conservées dans leur état originel, pour se purger, par platitude prosaïque, de cette enflure arriviste : l'originalité (qui atteste... un droit de premier occupant).

Les traducteurs chevronnés m'en voudront sans doute de tant de légèreté comme de tant d'assurance. Le mot lui-même de « nontraduction » ne légitime rien. Ni la peine que je me suis donné peut-être en vain. Je persiste toutefois dans ma conviction que traduire purement et simplement (dans la lecture comme dans l'écriture) ne résout pas le maître-problème du *passage*¹⁸³ d'une langue à une autre langue et qu'il ne dissipe pas la croyance fumeuse en la hiérarchie des valeurs selon la chronologie : l'« original » n'est pas *de soi*¹⁸⁴ supérieur à toutes ses traductions, l'antériorité est historique, non métaphysique, et ce qui vient après n'est pas

eu os compus a partir de materiais muito diversos e emprestados de vários poemas. Constituem, para ser preciso, colaborações-citações. E não peço desculpas por isso, nem me vanglorio. Tais quais, parecem-me ser justos e corresponderem ao desejo, mais ou menos obscuro, de nãotraduzir. Creio na verdade que a poesia linguageira se nutre fundamentalmente de citações (tiradas do cotidiano, de provérbios, cantigas, lugares comuns, etc.) às vezes ridiculamente reviradas de cabeça pra baixo como em Lautréamont, história de varrer da poesia as “velharias poéticas”, às vezes conservadas em seu estado original, para purgar-se, por prosaico achatamento, desta ambiciosa presunção: a originalidade (que atesta... um direito de primeiro ocupante).

Os tradutores experientes me culparão sem dúvida por tanta leveza e tanta segurança. A palavra 'nãotradução' em si não legitima nada. Nem a pena que me dei talvez em vão. Persisto, entretanto, em minha convicção de que traduzir pura e simplesmente (na leitura como na escrita) não resolve o problema mister da *passagem* de uma língua a uma outra língua nem dissipa a crença turva na hierarquia de valores segundo a cronologia: o “original” não é *por si só* superior a todas as traduções, a anterioridade é histórica, não metafísica, e aquilo que vem depois e não é, tampouco, *apenas por esse fato*, superior ao que vem antes (Cézanne está

¹⁸³ Grifo do autor.

¹⁸⁴ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 93.

non plus *de ce seul fait*¹⁸⁵ supérieur à ce qui vient avant (Cézanne est-il « dépassé » ? — par qui ? Est-il indépassable ? — pourquoi ?).

“ultrapassado”? — por quem? Ele é insuperável? — por quê?).

La nontraduction, de grâce, qu'on ne la regarde pas comme une théorie ou un système. Elle n'est qu'une pratique ouverte à son auto-critique. Elle cherche, elle doute, elle trouve, elle perd. Elle part d'un texte, elle arrive à un texte. Elle reste en état d'alerte. Le texte vraiment nontraduit, il ne lui appartient pas de produire. Il se trouve quelque part, *dans le passage*¹⁸⁶, dans l'inter-textes. Le lecteur, seul, peut produire, par une lecture à la fois naïve et critique, aveugle et regardante, ce texte nontraduit, absent de toutes les traductions et qui signale sa présence dans l'*illisible*¹⁸⁷ (ce contre quoi buttent les lectures traductrices). Pour le reste, car il en reste, faisons confiance aux générations futures, qui ne nous feront pas confiance.

A nãotradução, por gentileza, que não a vejam como uma teoria ou um sistema. Ela é apenas uma prática aberta à sua autocrítica. Ela busca, duvida, encontra, perde. Parte de um texto, atinge um texto. Fica em estado de alerta. O texto fielmente nãotraduzido, não lhe cabe produzir. Ele se encontra em algum lugar, *na passagem*, no inter-textos. O leitor, só, pode produzir, por uma leitura ao mesmo tempo ingênua e crítica, cega e contemplativa, tal texto nãotraduzido, ausente de toda tradução e que assinala sua presença no *ilegível* (contra o qual empenham-se as leituras tradutoras). De resto, porque ainda resta, confiemos nas gerações futuras, que não confiarão em nós.

Un dernier mot, pour noircir encore un coin de clarté : les citations mises en exergue abondent. On m'a déjà reproché ces abus de coquetterie (ou de naïveté ?) : « pourquoi étaler ainsi vos lectures ? » C'est pourtant simple. Citer, particulièrement ici, constitue à mes yeux le comble de la nontraduction. Après tout, ce livre n'est fait que de citations, vraies et fausses, avouées ou non, et, comme dirait Wou Tsien Ki : « Si quelqu'un t'enlève les mots de la bouche, ne

Uma última palavra, para obscurecer ainda um canto de claridade: as citações evidentes abundam. Já me reprovaram por esse abuso de galanteio (ou ingenuidade?): “para quê explicar assim suas leituras?” É simples, porém. Citar, particularmente aqui, constitui o ápice da nãotradução. Afinal de contas, este livro é feito só de citações, verdadeiras e falsas, declaradas ou não, e, como diria Wou Tsien Ki: ‘Se te roubam as palavras da boca, não grite com o ladrão, a linguagem não

¹⁸⁵ Id.

¹⁸⁶ Grifo do autor.

¹⁸⁷ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 94.

crie pas au voleur, le langage n'appartient à personne — au contraire du silence.	pertence a ninguém — ao contrário do silêncio.
--	---

FONTE: BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 86-95.

FONTE: Tradução nossa.

A “*Contrenote*” tem a função de concluir a proposta de “nãotradução” apresentada nos quatro ensaios anteriores e aplicada nas quatro seções poéticas do livro. Ainda que não o faça de forma teórica, mas também ensaística, a escrita de Brault nesse ensaio é menos enigmática do que nos demais, de modo a nos revelar aspectos importantes do projeto, como as obras das quais o “nãotradutor” retirara sua matéria-prima, conforme veremos a seguir. Nem mesmo essa nota final deixa de receber uma epígrafe, sendo citado, dessa vez, um trecho dos *Ensaaios* do filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592).

Logo no primeiro parágrafo da “*Contrenote*”, o autor revela as fontes dos poemas por ele “nãotraduzidos”, porém sem relacionar precisamente os originais às versões (como ocorreria em uma tradução tradicional), indicando apenas as obras e edições consultadas: “De onde vêm as nãotraduções agrupadas nesta antologia? Para uso daqueles que ainda acreditam na noção de texto ‘original’, responderei primeiramente com referências (como nas teses e candidaturas de emprego) (...)”. Há, portanto, um forte tom provocador nessa indicação bibliográfica; reforçando, primeiramente, o questionamento da “(...) noção de texto ‘original’ (...)”, sugerindo uma possível recepção de seu trabalho como uma proposta teórica pela academia — a despeito da recusa da “nãotradução” braultiana em se ver como um conceito — e ainda, a expectativa de seu aceite ou rechaço por público e crítica contida na comparação de seu livro a “candidaturas de emprego”. O texto questiona sua própria ação de revelar suas fontes em mais de um momento da “*Contrenote*”, mas a justifica, de início, pelo desejo de comentar a escolha das obras dos quatro poetas como textos de partida:

(...) Por que eu contaria, em seguida, que vivi longamente na intimidade, na estranheza, desses quatro universos circundando meu universo, por quê, se não para assinalar que nada, absolutamente nada, me predestinava a esta viagem, a este acolhimento? (...) (BRAULT, 1975, p. 88).¹⁸⁸

¹⁸⁸ “(...) Pourquoi raconterais-je ensuite que j’ai longuement vécu dans l’intimité, dans l’étrangeté, de ces quatre univers entourant mon univers, pourquoi, sinon pour signaler que rien, absolument rien, ne me prédestinait à ce voyage, à cet accueil? (...)” (BRAULT, 1975, p. 88).

A noção de escolha tradutória é um aspecto interessante a ser discutido a partir da “nãotradução” braultiana dada a recorrência, por um lado, de passagens de *Poèmes des quatre côtes* que a associam a uma vontade do próprio texto, uma espécie de “chamado” dos textos de caráter misterioso, “indecifrável”, posto que surge de uma experiência e de uma língua estrangeiras, além, é claro, dos trechos que narram a tarefa concreta de “nãotraduzir” como algo “inevitável” e necessário; e, por outro lado, pelas escolhas conscientes das quais o “poeta nãotradutor”¹⁸⁹ não participa, especialmente a de “não imitar” o texto original, não encará-lo apenas como um “pretexto” à escrita poética e não compactuar com uma perspectiva tradutória vista por ele como uma ferramenta de dominação: a primazia do original e a missão de falar pelo outro, traduzi-lo. O trecho da “*Contrenote*” que destacamos resgata, ainda, o duplo movimento de reconhecimento e “estranheza” no intercâmbio entre o sujeito e seu Outro, bem como o vínculo de cada poeta “nãotraduzido” a um ponto cardeal (mais simbólico, acreditamos, que acuradamente geográfico), de modo que esses o rodeiem (p. 88) — Stradioto-Casolato destaca a interpretação de Rumeau (apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 12)¹⁹⁰, para quem “(...) o poeta faz uma reconfiguração da América anglófona em torno do Quebec francófono (...) que passa então a ser o centro”. Elencamos, a seguir, os comentários de Brault (pp. 88-90) sobre cada autor por ele “nãotraduzido”.

Seguindo a ordem das seções poéticas de *Poèmes des quatre côtes*, Brault confessa: o primeiro dos poetas por ele escolhidos para compor o livro, John Haines, “(...) quase não me seduz [a Brault] (...)”¹⁹¹. O autor quebequense atribui sua opinião sobre Haines a “(...) seu laconismo e sua métrica (...)” e revela que aquilo que o atraiu na obra do estadunidense é, de fato, como intuímos ao analisar a seção “*Nord*”, a experiência do frio do Alasca e sua aproximação ao inverno no Quebec, uma das “(...) figuras essenciais e recorrentes na poesia quebequense (...)” (LAMY, 2004):

(...) Haines, com seu laconismo e sua métrica, quase não me seduz. Do Alasca, onde viveu por muitos anos, conheço apenas fotos e filmes; mas o inverno, o silêncio e a solidão, eu os conheço, como muitos, e melhor ainda o medo sutil que perfura em golpes de agulhas gélidas a mais sólida esperança na primeira autêntica manhã de abril. (...) (BRAULT, 1975, p. 89).¹⁹²

¹⁸⁹ STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5, grifo da autora.

¹⁹⁰ RUMEAU, Delphine. *Jacques Brault, l'intempestif*. Littératures, n. 70: Toulouse, 2014. pp. 151-161. Disponível em: <https://journals.openedition.org/litteratures/297>.

¹⁹¹ BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtes*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975, p. 88.

¹⁹² “(...) De l’Alaska, où il vécut pendant de nombreuses années, je ne connais que des photos et des films; mais l’hiver, le silence et la solitude, je les connais, comme plusieurs, et encore mieux l’effroi subtil qui perce à coups d’aiguilles froides la plus solide espérance au premier vrai matin d’avril (...)” (BRAULT, 1975, p. 89).

Prosseguindo para o comentário de Brault sobre a seção “*Est*”, mais uma vez podemos confirmar nossa hipótese de atribuição do ponto cardeal ao seu respectivo autor em *Poèmes des quatre côtés*: afinal, a despeito da localização geográfica da terra natal de Gwendolyn MacEwen, sua associação ao “Leste” se dá pela presença de elementos místicos orientais em sua obra (HISTORICA CANADA; JESSOP)¹⁹³ — esta seria, para Brault (1975, p. 89), “(...) nutrida de orientalismo e magia mítica (...)”. O autor afirma ter sido desconcertado “(...) por seus ritmos em espiral (...)”, e conquistado pelo aspecto filosófico da poesia de MacEwen: “(...) que ela renove, conscientemente ou não, a tradição da poesia metafísica (de Donne a Yeats), eis o que me capturou (...)”. Uma passagem do ensaio de abertura do livro é retomada, vinculada agora à poetisa canadense: trata-se da força do “chamado” à “nãotradução” — tão potente e “indecifrável” que leva o poeta a “(...) sair às ruas desertas (...)”, a sentir que percorre ruas a esmo apesar de continuar pregado em seu lugar, uma metáfora para o “deslocamento” (SUCHET, 2017) produzido pela literatura e privilegiado na “nãotradução” — “(...) às vezes, em nosso mundo odi-amado, ouço cantar a promessa presente de um outro mundo, e tolamente ando, por entre as ruas, os automóveis, para esse chamado sem voz (...)” (BRAULT, 1975, p. 89). O trecho ainda realiza, como se vê, uma fusão entre as palavras *odiado* (*hai*) e *amado*, e ainda nos lembra a palavra *haikai*¹⁹⁴.

Se a relação de Brault com os dois primeiros poetas “nãotraduzidos” em *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, pp. 88-89) já fora descrita de forma pessoal, ainda que seu contato tenha se dado pela via da poesia; sua conexão com a também canadense Margaret Atwood, por sua vez, é descrita de forma muito mais próxima, posto que os autores teriam se conhecido pessoalmente, segundo o texto:

(...) Atwood, eu a conheci, um dia, batemos um papo, depois ela desapareceu em um táxi no qual seu chapéu imenso quase não pode se enfiar; restaram-me seus poemas, incisivos e insólitos, divididos entre o medo, um medo irônico, e a sensualidade, uma sensualidade friorenta, restou-me também o gosto de segui-la à distância, de espreitar para onde ia essa imagem (...) (BRAULT, 1975, p. 89).¹⁹⁵

¹⁹³ HISTORICA CANADA; JESSOP, Paula. *Gwendolyn MacEwen*. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/gwendolyn-macewen>.

¹⁹⁴ “(...) parfois, dans notre monde hai-aimé, j’entends chanter la promesse présente d’un autre monde, et bêtement je marche, par les rues, entre les automobiles, à cet appel sans voix. (...)” (BRAULT, op. cit., p. 89).

¹⁹⁵ É evidente em nossa tradução o emprego de termos menos formais, mais típicos da linguagem oral, escolhidos pelo texto original para aproximar o leitor da experiência de encontrar Atwood pessoal e (aparentemente) informalmente: “Atwood, je l’ai rencontrée, un jour, nous avons bavardé, puis elle est disparue dans un taxi où son chapeau immense a failli se ratatiner; il me restait ses poèmes, incisifs et insolites, partagés entre la peur, une peur ironique, et la sensualité, une sensualité frileuse, il me restait aussi le goût de la suivre à distance (...)” (BRAULT, 1975, p. 89).

Apesar de não ter podido experienciar coisa semelhante com E. E. Cummings, este recebe o tratamento mais afetuoso de todos por parte de Brault, dada a sua admiração pela obra do poeta estadunidense:

(...) Cummings, velho amigo, me fala desde há muito tempo, eu teria dificuldade em explicar a fascinação que ele exerce sobre mim, não, verdadeiramente, eu não poderia justificar como tal poesia tão retórica me abrisse como uma ferida e me reabrisse sem cessar à felicidade do mais puro lirismo (...) (BRAULT, 1975, pp. 89-90).¹⁹⁶

Após revelar suas fontes e tecer comentários sobre os autores que escolhera “nãotraduzir”, Brault passa a refletir sobre o futuro de sua “nãotradução”, findado o livro *Poèmes des quatre côtés*. Uma vez mais, o leitor pode compreender a proposta “nãotradutória” como produto da leitura dos poetas “nãotraduzidos”— e não a seleção de tais poetas para realizar um desejo de escrita intertextual, como um “pretexto” — de modo que prosseguir com tal proposta possa não ser possível, ou desejável. Até porque, ao longo de todos os ensaios do livro, fez-se presente um certo sentimento de inacabamento, de frustração da tarefa da “nãotradução”, essa “(...) vitória prometida à derrota: escrita sem escrita (...)”. Atribuindo novamente aos próprios textos a agência de sua reescrita, o poeta se pergunta: “Dos quatro cantos, vieram a mim propostas de textos a nãotraduzir. Era o caso de ir mais longe do que aqui. Mas aonde?”. Percorramos o caminho dessa indagação.

“Para onde vão estes textos, se não à recolha? (...)” Brault joga com a palavra mais empregada para referir-se a uma antologia em francês, *recueil*, o modo como nomeia *Poèmes des quatre côtés* desde a capa; e encaminha o momento de “recolher” o livro que conclui e se reconduzir a seu próprio contexto e poética:

(...) O mistério comum a essas quatro clarezas acabou me reconduzindo até aqui. Agora, posso me recolher em meu país; o centro não foge em direção a toda sorte de álibis, não se fecha sobre uma identidade medrosa e nostálgica, ele vem e vai como um senso que não teme mais se misturar a seu contrassenso (...) (BRAULT, 1975, p. 90).¹⁹⁷

Recuperamos as análises de Stradioto-Casolato (2022) acerca da centralização do

¹⁹⁶ “(...) Cummings, vieil ami, me parle depuis si longtemps, je serais en peine d’expliquer la fascination qu’il exerce sur moi, non, vraiment, je ne pourrais pas justifier en quoi cette poésie très rhétorique m’a ouvert comme une blessure et me rouvre sans cesse au bonheur du plus pur lyrisme (...)” (BRAULT, op. cit., pp. 89-90).

¹⁹⁷ “(...) Où vont ces textes, sinon au recueillement? Le mystère commun à ces quatre clartés a fini par me reconduire ici. Maintenant, je peux me recueillir en mon pays; le centre ne fuit pas vers toutes sortes d’alibis, il ne se ferme pas sur une identité peureuse et nostalgique, il va et vient comme un sens qui ne craint plus de se mêler aux contresens (...)” (BRAULT, 1975, p. 90).

Quebec no mapa conceitual de *Poèmes des quatre côtés* e da complementação de “opostos” que associa ao taoísmo. Ainda em relação ao parágrafo citado, somos informados de que, apesar de ter atingido o objetivo de descentração, “nãotraduzir” continua sendo “(...) jogar quem-perde-ganha (...)”, “(...) uma vitória prometida à derrota (...)”. Na “Contranota”, as frustrações do *nãotradutor* são mais exemplificadas do que nos demais ensaios de *Poèmes des quatre côtés* e aproximam-se de discursos comuns a tradutores literários:

(...) Mas o trabalho duro não acabou. Nãotraduzir é jogar quem-perde-ganha. Por diversas vezes, certamente fracassei; *The Red Bird* (MacEwen) et *Winter Sleepers* (Atwood) sempre resistem a mim — ou será que sou eu que me recuso? *If everything happens* (Cummings) mostra, quando analisado, uma complexidade técnica tão desconcertante quanto a *Donna mi prega* de Cavalcanti (...) (BRAULT, 1975, p. 90, grifos do autor).¹⁹⁸

Ao empregar verbos no presente para publicizar suas tentativas de “nãotradução” dos poemas citados, Brault mantém a possibilidade de “nãotraduzir” em aberto, ainda que encerrando, conforme comentamos anteriormente, sua “viagem” e, metaforicamente, voltando para seu país. A hesitação entre duas possíveis causas do entrave na “nãotradução” dos poemas citados (“[...] sempre resistem a mim — ou será que sou eu que me recuso? [...]”) que se manifestara anteriormente sob a forma de relato; retoma outro debate, travado no primeiro ensaio, aquele segundo o qual a poesia pode ser muito difícil, ou mesmo impossível de se traduzir, ultrapassando em complexidade os demais gêneros literários:

(...) Esse tipo de texto, ao contrário do que se passa com os retóricos, não revela nem impõe à primeira vista seu sistema de estruturas. Entrada proibida; percorro os muros, encurvado, e me desolo de paciência; em uma noite dessas, pode ser, ainda que eu estivesse a ponto de desistir, me abrirão todas as grandes portas; e, tornado outro, entrarei em mim. (...) (BRAULT, 1975, p. 90).¹⁹⁹

Porém tal possibilidade, apresentada em tom quase religioso, não “consola” o locutor de Brault (1975, p. 90) da frustração descrita nos trechos acima, pelo contrário, leva-o a

¹⁹⁸ “(...) Mais le dur n’est pas terminé. Nontraduire, c’est jouer à qui-perd-gagne. Dans plusieurs cas j’ai forcément échoué; *The Red Bird* (MacEwen) et *Winter Sleepers* (Atwood) me résistent toujours — ou bien est-ce moi qui me refuse? *If everything happens* (Cummings), chanson d’éternité quotidienne, montre, à l’analyse, une complexité technique aussi déconcertante que la *Donna mi prega* de Cavalcanti (...)” (BRAULT, 1975, p. 90, grifos do autor).

¹⁹⁹ “(...) Ce genre de texte, au contraire de ce qui se passe chez les rhétoriciens, ne dévoile ni n’impose à première vue son système de structures. Entrée interdite; je longe les murs, le dos rond, et je me désole de patience; un de ces soirs, peut-être, alors que je serai sur le point d’abandonner, on m’ouvrira toutes les grandes portes; et, devenu autre, j’entrerai en moi. (...)” (BRAULT, 1975, p. 90).

nomear determinados trechos como “intraduções”²⁰⁰:

(...) Galgam-me no espírito, nas veias, nos dedos, estas ‘intraduções’: *and don a doers doom* (Cummings) et *or under many a star at night* (Whitman); aqui, não me desolo, atino para os impossíveis tornados improváveis pelo esforço de Samuel Beckett para traduzir-se a si mesmo. Existem limites intransponíveis à nãotradução. Não se sabe mais para onde se vai. O texto que segue seu próprio caminho anda e corre, erra a ponto de se perder e se descobrir. Vale mais deixar estar (BRAULT, 1975, pp. 90-91, grifos do autor).²⁰¹

Stradioto-Casolato (2022) associa a tal ideia de “intraduções” aos “intraduzíveis” de Barbara Cassin,²⁰² já que:

(...) Assim como Brault, ela preconiza um deslocamento do nacional para que se faça possível agregar a diversidade e, destarte, promover uma relação multicultural. Tanto a *nãotradução* quanto a intraduzibilidade de Cassin fazem da tradução da possibilidade de abertura ao outro, ao plural, promovendo o encontro de alteridades (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 20, grifo da autora).

De todo modo, a presença de Whitman e Beckett na “Contrenote” de *Poèmes des quatre côtés* nos intriga, pois nenhum desses poetas é “nãotraduzido” no livro, até onde se saiba. Ora, assim como o ensaio que encerra formalmente o projeto de “nãotradução” braultiana deixa em aberto a possibilidade de continuidade fortuita da prática no futuro —

²⁰⁰ Faz-se necessário relembrar aqui que outro poeta tradutor e, ainda, brasileiro, referiu-se a algumas de suas recriações poéticas como “intraduções”: trata-se de Augusto de Campos em *Viva Vaia* (1974), *Despoesia* (1994) e *Não Poemas* (2003) (LEAL, 2022, pp. 41-44). Embora nosso comentário não tenha o intuito de sugerir um contato de Jacques Brault com a obra de Campos, consideramos não apenas o emprego do mesmo neologismo pelos dois autores, mas o fato de se proporem ao exercício tradutório do mesmo autor, E. E. Cummings, para apontarmos a possibilidade de uma futura comparação das duas propostas.

Leal (2022) ultrapassa o debate óbvio sobre em que medida as “intraduções” de Campos se diferenciariam “(...) da tradução com T maiúsculo (...)”, concentrando-se no potencial questionador que as criações do poeta brasileiro podem assumir ao serem confrontadas por “(...) uma concepção logocêntrica de língua e tradução (...)”. No limite, segundo a autora, “As ‘intraduções’ são apenas um dos muitos e famosos neologismos tanto de Augusto quanto de Haroldo de Campos, cujo intuito era invariavelmente apresentar traduções como reinterpretações, reinvenções, recriações sempre inventivas” (LEAL, 2022, p. 23). Nas palavras do próprio Augusto de Campos, a diferença crucial entre suas “intraduções” e o que se entende por tradução propriamente dita residiria na ação *intromissiva* do poeta tradutor: “Em casos mais específicos (...), tenho usado o termo ‘intradução’ (jogando com os significados de ‘in’ e ‘intra’) para destacar essas ‘intromissões’ artísticas em obra alheia – ‘intervenções’ se poderia dizer também, abrangendo a aceção de alterar a ordem natural ou habitual de um fato” (apud LEAL, 2022, p. 43). Tocaremos brevemente neste tópico novamente em nossa conclusão.

²⁰¹ “(...) Me trottent dans l’esprit, dans les veines, dans les doigts, ces ‘intraductions’: *and don a doers doom* (Cummings) et *or under many a star at night* (Whitman); ici, je ne me désolé pas, je songe aux impossibles devenus improbables dans les efforts de Samuel Beckett pour se traduire lui-même. (...)” (BRAULT, 1975, pp. 90-91, grifos do autor).

²⁰² CASSIN, Barbara (coord.); SANTORO, Fernando; BUARQUE, Luísa (org.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Autêntica: Belo Horizonte, 2018. Vale complementar, em relação à possível produtividade de comparar as “nãotraduções” de Jacques Brault às “intraduções” de Augusto de Campos, que este último também é associado aos “intraduzíveis” de Barbara Cassin por Leal (2022).

“(…) em uma noite dessas, pode ser, ainda que eu estivesse a ponto de desistir, me abrirão todas as grandes portas (...)” — a menção a Whitman e Beckett pode indicar que as experimentações de recriação poética de Brault (recebendo ou não o nome de “nãotraduções”) não se fundam, tampouco, em *Poèmes des quatre côtés*. Em verdade, a rica apresentação da obra de Jacques Brault tecida por Faleiros (2021) nos revela um poema recriado pelo autor quebequense “a partir de Blas d’Otero” (BRAULT [1971] apud FALEIROS, 2021, pp. 22-26)²⁰³ cuja publicação data de quatro anos antes do lançamento de *Poèmes des quatre côtés*. Ao analisar tal poema em contraste com seu original, Faleiros identifica estratégias muito similares àquelas apontadas por Simon (1994), conforme exploraremos mais adiante.

Após compartilhar com o leitor algumas tentativas frustradas de “nãotradução” e determinar o encerramento de sua prática enquanto projeto sólido, “viagem”, mas, indicar a não-limitação da mesma ao livro *Poèmes des quatre côtés* (pp. 90-91); Brault retoma a questão “aonde” vai a “nãotradução” concluindo, afinal, que “(...) existem limites intransponíveis à “nãotradução”. Não se sabe mais para onde se vai. O texto que segue seu próprio caminho anda e corre, erra à sua perda e à sua descoberta. Vale mais deixar estar”²⁰⁴. Notamos, novamente, a tendência em atribuir ao próprio texto o ímpeto, os limites e condições de sua “nãotradução”, como se o próprio texto fosse a força motriz da produção de um outro texto que dele deriva. “As coisas às vezes se fazem de si mesmas”, reflete, contribuindo para a discussão da tautologia na criação artística.

O texto cita a seguir um dos mais célebres poemas franceses, a “*Chanson d’automne*” de Verlaine para discutir o paradigma da fidelidade tradutória a partir de duas traduções para o húngaro (GARA apud BRAULT, 1975, p. 91-92)²⁰⁵, uma que prezara enormemente pela sonoridade (que Brault acaba por nomear “uma verdadeira nãotradução [...]”; e outra, pela literalidade; que leva Gara a questionar se “(...) ‘há pior infidelidade que a infidelidade ao encanto (...) [do texto]?’” (grifo nosso). Observa-se nesse trecho a recepção negativa que uma tradução que privilegie outros aspectos que o sentido lexical pode ter de enfrentar e, reforçando-se a oposição de Brault às traduções mais literais, seu ímpeto em nomear projetos tradutórios menos conservadores como “nãotraduções” — talvez para resgatá-los da “(...) ‘vergonha’ de traduzir (...)”.

Outros exemplos são aproximados ou afastados da “nãotradução” nesse ponto da

²⁰³ BRAULT, Jacques. *La poésie ce matin*. Collection Paroles. Parti pris: Montréal, 1972. p. 13. Disponível em: <https://archive.org/details/lapoesiecematin0000brau/page/12/mode/2up>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

²⁰⁴ “(...) Il existe des limites infranchissables à la nontraduction. On ne sait plus où on va. Le texte sur sa lancée marche et court, erre à sa perte et à sa découverte. Mieux vaut laissez-faire.” (BRAULT, 1975, p. 91).

²⁰⁵ GARA, Ladislav. *Anthologie de la poésie hongroise*. Éditions du Seuil: Paris, 1962.

“*Contrenote*” antes que Brault afirme sua própria liberdade tradutória alçada por sua “nãotradução”: “(...) No que concerne às minhas nãotraduções, eu me permiti liberdades e me entreguei a licenças. As deformações, no vocabulário, na sintaxe, no ritmo, na imagem, não faltam. Nem os cortes, as adições e as extrapolações (...)”. Uma vez confessadas tais deformações do texto, o “nãotradutor” complexifica ainda mais a tentativa de estabelecimento de fronteiras entre tradução e escrita poética ao revelar que:

(...) Três poemas não existem em língua original: eu os compus a partir de materiais muito diversos e emprestados de vários poemas. Constituem, para ser preciso, colaborações-citações. E não peço desculpas por isso, nem me vanglorio. Tais quais, parecem-me ser justos e corresponderem ao desejo, mais ou menos obscuro, de nãotraduzir. Creio na verdade que a poesia languageira se nutre fundamentalmente de citações (tiradas do cotidiano, de provérbios, cantigas, lugares comuns, etc.) às vezes ridiculamente reviradas de cabeça pra baixo como em Lautréamont, história de varrer da poesia as ‘velharias poéticas’, às vezes conservadas em seu estado original, para purgar-se, por prosaico achatamento, desta ambiciosa presunção: a originalidade (que atesta... um direito de primeiro ocupante) (BRAULT, 1975, pp. 93-94).²⁰⁶

Conforme abordado em nosso terceiro capítulo, “Análises comparativas dos *Poèmes des quatre côtés*”, Sherry Simon reflete sobre as consequências da revelação citada no trecho acima); que se desdobraria tanto na complexificação da atribuição de autoria dos *Poèmes des quatre côtés* quanto, para além da obra, em um questionamento do paradigma de originalidade literária. Em relação às chamadas “colaborações-citações”, por não serem mencionadas ao longo de todo o livro se não no trecho que destacamos (este que antecede seu encerramento) e pelo fato de nenhum dos *Poèmes des quatre côtés* receber título e tampouco a referência precisa de seus textos de partida — ação chamada de “decapitação dos poemas” por Sherry Simon — logo, seria necessário ao pesquisador que venha a se debruçar sobre a tarefa de apontar quais desses poemas “(...) não existem em língua original (...)” (BRAULT, 1975, p. 93) identificar, primeiramente, as “nãotraduções” (lê-se, os poemas que, segundo Brault, preexistiriam à sua manipulação). Depreende-se, por conseguinte, haver um determinado padrão de recriação poética aplicado à maioria dos poemas que compõem a antologia e que

²⁰⁶ “(...) Trois poèmes n’existent pas en langue originale: je les ai composés à partir de matériaux fort disparates et puisés dans plusieurs poèmes. Ils constituent, pour être précis, des collaborations-citations. Et je ne m’en excuse pas, ni m’en glorifie. Tels quels, ils me semblent justes, et correspondre au désir, plus ou moins obscur, de nontraduire. Je crois en effet que la poésie languageira se nourrit fondamentalement de citations (tirées du quotidien, des proverbes, des comptines, des lieux communs, etc.) parfois dérisoirement retournées cul en l’air comme chez Lautréamont, histoire de décrasser la poésie des ‘vieilleries poétiques’, parfois conservées dans leur état originel, pour se purger, par platitudo prosaïque, de cette enflure arriviste: l’originalité (qui atteste... un droit de premier occupant).” (BRAULT, 1975, pp. 93-94).

não fora aplicado, segundo o autor, na concepção das três exceções. Ora, se tais textos não foram compostos por outros poetas, mas pelo próprio Brault, poderia este denominá-los poemas originais?

Dado que os ensaios que apresentam a “nãotradução” de Jacques Brault acabam por aproximá-la, inescapavelmente, tanto do que chamamos comumente de tradução como de criação poética; o ensaio nega a aplicabilidade e mesmo a permanência da proposta de “nãotradução”, que não deve ser vista como uma novidade técnica ou teórica: “(...) Os tradutores experientes me culparão sem dúvida por tanta leveza e tanta segurança. A palavra ‘nãotradução’ em si não legitima nada. Nem a pena que me dei talvez em vão. (...)”. Assinalamos que, dentre as atividades reconhecidas comumente por público e crítica como ofícios de Jacques Brault (poeta, dramaturgo, crítico etc.), não está a de tradutor; aqui, o próprio Brault contrapõe-se a tais profissionais e à sua experiência, a “leveza e (...) segurança (...)” da “nãotradução”. Esta, acreditamos, opõe-se não à tradução como um todo, mas ao tratamento literal e hierarquizante da literatura:

(...) Persisto, entretanto, em minha convicção de que traduzir pura e simplesmente (na leitura como na escrita) não resolve o problema mister da *passagem* de uma língua a uma outra língua nem dissipa a crença turva na hierarquia de valores segundo a cronologia: o “original” não é *por si só* superior a todas as traduções, a anterioridade é histórica, não metafísica, e aquilo que vem depois e não é, tampouco, *apenas por esse fato*, superior ao que vem antes (...) (BRAULT, 1975, p. 94, grifos do autor).²⁰⁷

Destacamos novamente a escolha de nomear a primazia do original como uma visão “metafísica”, “fora da história (...)”, aqui nomeada “cronologia”. Comparando a poesia à pintura, o autor defende um entendimento de continuidade artística que não obrigue nem à “imitação” das obras do passado, nem à sua superação e devoração (STRADIOTO-CASOLATO, 2022). Logo em seguida, porém, há a dissociação da “nãotradução” de uma proposição teórica ou técnica, uma das passagens dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* que mais citamos ao longo de nossa investigação da “nãotradução”:

A nãotradução, por gentileza, que não a vejam como uma teoria ou um sistema. Ela é apenas uma prática aberta à sua autocrítica. Ela busca, duvida, encontra, perde. Parte de um texto, atinge um texto. Fica em estado de alerta.

²⁰⁷ “(...) Je persiste toutefois dans ma conviction que traduire purement et simplement (dans la lecture comme dans l’écriture) ne résout pas le maître-problème du passage d’une langue à une autre langue et qu’il ne dissipe pas la croyance fumeuse en la hiérarchie des valeurs selon la chronologie: l’‘original’ n’est pas de soi supérieur à toutes ses traductions, l’antériorité est historique, non métaphysique, et ce qui vient après n’est pas non plus de ce seul fait supérieur à ce qui vient avant (...)” (BRAULT, 1975, p. 94).

O texto fielmente nãotraduzido, não lhe cabe produzir. Ele se encontra em algum lugar, na *passagem*, no inter-textos. O leitor, só, pode produzir, por uma leitura ao mesmo tempo ingênua e crítica, cega e contemplativa, tal texto nãotraduzido, ausente de toda tradução e que assinala sua presença no *ilegível* (contra o qual empenham-se as leituras tradutoras) (BRAULT, 1975, p. 95).²⁰⁸

O trecho destacado realiza uma distinção entre a concepção de leitura que sustenta a “nãotradução” e uma postura de buscar e determinar significados estáveis e fixos no texto lido (“fechado”, “definitivo”) — “as leituras tradutoras”, que não apenas difeririam, mas se *empenhariam* “contra” a “multiplicidade de sentidos” defendida pela “nãotradução”. Se o sentido não é fixo, mas produzido pelo ato de leitura, deve-se reconhecer igualmente a pluralidade de perspectivas sobre um mesmo texto e sua produtividade; logo, o encerramento de *Poèmes des quatre côtés* evidencia a valorização, na proposta nãotradutória, de multiplicidade de relações a serem estabelecidas com o texto. Em contrapartida, se também constatamos nos projetos tradutórios e desenvolvimentos teóricos do campo de Estudos da Tradução, especialmente hoje, uma maior pluralidade de perspectivas, deve-se levar em conta, a negatização da tradução no Quebec (JAKA, 2010), em particular, e a importância concedida, de modo geral, a certos prescritivismos tradutórios (DARIN, 2020), conforme nosso capítulo introdutório.

Por fim, apesar de abordar a “nãotradução”, especialmente a escolha dos poetas recriados na antologia, de forma mais aberta que os demais ensaios de *Poèmes des quatre côtés*; a “*Contrenote*” se encerra antes de nos oferecer maiores explicações sobre as motivações, bases conceituais e práticas de (re)criação empenhadas no projeto. Há, porém, uma expectativa por respostas da recepção e mesmo a possibilidade de revisão da obra, corroborada pela confiança na renovação de perspectivas ao longo da história: “De resto, porque ainda resta, confiemos nas gerações futuras, que não confiarão em nós”.

Um último aspecto a ser apontado por nossa leitura de *Poèmes des quatre côtés* refere-se ao número de citações que comporta. Cada seção poética e cada ensaio do livro recebe uma epígrafe (pp. 17; 31; 35; 49; 53; 67; 71; 87) e até mesmo seu sumário não foge à regra (p. 7), estando o livro como um todo sob influência de uma epígrafe geral. Outras citações diretas são mobilizadas no corpo de alguns ensaios (pp. 68; 90-91); no entanto, o último parágrafo do texto expõe o emprego de citações ocultas:

²⁰⁸ “La nontraduction, de grâce, qu’on ne la regarde pas comme une théorie ou un système. Elle n’est qu’une pratique ouverte à son auto-critique. Elle cherche, elle doute, elle trouve, elle perd. Elle part d’un texte, elle arrive à un texte. Elle reste en état d’alerte. Le texte vraiment nontraduit, il ne lui appartient pas de produire. Il se trouve quelque part, dans le passage, dans l’intertextes. Le lecteur, seul, peut produire, par une lecture à la fois naïve et critique, aveugle et regardante, ce texte nontraduit, absent de toutes les traductions et qui signale sa présence dans l’illisible (ce contre quoi buttent les lectures traductrices) (...)” (BRAULT, 1975, p. 95).

Uma última palavra, para obscurecer ainda um canto de claridade: as citações evidentes abundam. Já me reprovaram por esse abuso de galanteio (ou ingenuidade?): ‘para quê explicar assim suas leituras?’ É simples, porém. Citar, particularmente aqui, constitui o ápice da nãotradução. Afinal de contas, este livro é feito só de citações, verdadeiras e falsas, declaradas ou não, e, como diria Wou Tsien Ki: ‘Se te roubam as palavras da boca, não grite com o ladrão, a linguagem não pertence a ninguém — ao contrário do silêncio. (BRAULT, 1975, p. 95).²⁰⁹

Devido ao trecho “este livro é feito só de citações, verdadeiras e falsas, declaradas ou não (...)”, compreendemos “citações” como intertextualidade, manifesta, é claro, nas citações diretas e indiretas, mas principalmente no fato de se tratar de um projeto de recriação poética e de seus desenvolvimentos metalinguísticos sob a forma de ensaios. Segundo o excerto destacado, ao revelar suas fontes ou “(...) explicar assim suas leituras (...)”, o autor pode estar cometendo um “(...) abuso de galanteio (ou ingenuidade [...]) (...)” para com sua recepção, de modo que, desprovidos de tal atitude, talvez não nos déssemos conta de tal abundância de citações que, segundo o texto, “constitui o pico da nãotradução”. Com a citação atribuída a Wou Tsien Ki — nome que diríamos existir exclusivamente no texto de Brault, talvez um problema de grafia como sugere Laroche (2005) ou, quem sabe, uma das “citações (...) falsas (...)” que alega o próprio Brault? — questiona-se novamente a ideia de autoria (SIMON, 1994) e alega-se, uma última vez, uma superioridade do “silêncio” sobre a linguagem, calando, por fim, o livro.

2.2 NOTA DA TRADUÇÃO

Inicialmente concebidas como capítulos separados desta dissertação, a leitura analítica e a tradução comentada dos cinco ensaios de *Poèmes des quatre côtés* provaram, na prática, o vínculo de co-dependência vastamente apontado por estudiosos da literatura: ao longo dos processos de análise e tradução, essas duas tarefas (a saber, uma leitura profunda do texto e a (re)construção de seus sentidos) — essencialmente a mesma, por certo ponto de vista — se retroalimentaram, gerando uma constante reinterpretação e expansão de significados sobre a obra lida e traduzida. Uma vez privilegiando a análise dos ensaios nos comentários que tecemos neste capítulo, sinalizando apenas algumas questões tradutórias em notas de rodapé,

²⁰⁹ “Un dernier mot, pour noircir encore un coin de clarté: les citations mises en exergue abondent. On m’a déjà reproché ces abus de coquetterie (ou de naïveté?): ‘pourquoi étaler ainsi vos lectures?’ C’est pourtant simple. Citer, particulièrement ici, constitue à mes yeux le comble de la nontraduction. Après tout, ce livre n’est fait que de citations, vraies et fausses, avouées ou non, et, comme dirait Wou Tsien Ki: ‘Si quelqu’un t’enlève les mots de la bouche, ne crie pas au voleur, le langage n’appartient à personne — au contraire du silence’” (BRAULT, 1975, p. 95).

dedicamos esta subseção à apreciação geral dos desafios e ganhos tradutórios de nossa empreitada.

Abordamos, primeiramente, a escolha de efetuarmos uma tradução comentada para que fosse possível evidenciar, ao longo da tradução dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*, nossas dificuldades tradutórias, por um lado, mas também, a pesquisa que fundamenta nossa compreensão textual e nossas escolhas (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 335). Em um primeiro momento, quando a tradução comentada e a leitura analítica dividiam-se em dois capítulos distintos, nossa tradução abundava em notas de rodapé discutindo trechos à luz do processo tradutório, questões estas que também preenchiam boa parte desta nota de tradução. Uma vez fusionados os capítulos e reformulados os comentários ao texto a fim de incluir nossas reflexões e achados tradutórios, reduzimos as notas para que indicassem, essencialmente, dificuldades pontuais, polissemias ou ambiguidades e, especialmente, escolhas tradutórias muito particulares, que podem divergir em outros leitores e tradutores da obra. O mais marcante exemplo desse último critério talvez seja nossa reconstrução do trecho “(...) *surtout, ne pas imiter, je le sais bien, ne pas faire semblable (semblant)* (...)” (BRAULT, 1975, p. 31) como “(...) sobretudo, não imitar, eu sei bem, não fazer parecido (parente) (...)”. Conforme já elucidado, apesar de perdermos o sentido de fingir (“*faire semblant*”), sustentamos nossa escolha não apenas na busca por uma proximidade sonora entre os termos “parecido (parente)”, mas pela metáfora do parricídio desenvolvida por Brault em “*Nontraduire 2*”: “(...) Um sentido-filho busca assassinar o sentido-pai para enfim deixar que a relação pai-filho seja, como terceira realidade, a *única* viável a partir de então”. Mais questões pontuais podem ser verificadas nos rodapés dos textos traduzidos.

Outro tópico já mencionado é a decisão de não propor traduções para as epígrafes de Brault motivada, como já explicamos, pela dificuldade de encontrar as fontes precisas de algumas dessas citações e com o intuito de viabilizar sua pesquisa por outros leitores e tradutores de *Poèmes des quatre côtés*, por um lado; e pelo reconhecimento da limitação de nossa qualidade tradutória em relação a autores que só viemos a conhecer recentemente e via Jacques Brault (como é o caso de Milozs e Spire) por outro, de modo a preferirmos sinalizá-la, ao não tentarmos preencher essa lacuna, para que sejam preenchidas por outros tradutores mais especializados (sobretudo nos casos de Balzac e Montaigne). Para nosso trabalho, foi importante notar em relação a tais epígrafes, que reproduzimos conforme constam em Brault (1975) e viabilizamos apenas em traduções semânticas, elementos gráficos que podem contribuir para os estudos das citações na obra braultiana. Algumas dessas epígrafes, por exemplo, são grafadas com capital maiúscula enquanto outras se iniciam com

letras minúsculas, o que pode indicar uma certa fidelidade do poeta quebequense ao reproduzi-las de acordo com seus contextos originais, seja em início ou meio de sentenças. Por outro lado, duas citações que Brault insere no corpo de seus textos jogam dúvidas sobre maiores tentativas de determinar padrões de citação em *Poèmes des quatre côtes*. Em “*Nontraduire 4*”, um trecho de Francisco de Quevedo é incorporado ao pensamento de Brault, porém sinalizado com grifo em itálico e o sobrenome do autor espanhol entre parênteses: “Essas águas do abismo onde me apeguei a mim mesmo (Quevedo), delas me aproximei com frequência, com a tentação quase inconsciente de imergir numa imagem, rapidamente enrugada, velha maçã (...)”. Em contrapartida, encontramos outra citação em itálico incorporada ao início do texto que abre o livro, “*Nontraduire 1*”, cujo autor não é indicado a seguir: trata-se de Jules Laforgue (e seus “domingos banidos do infinito”: “Par un de ces *dimanches bannis de l’infini*, je reçois des quatre côtes un appel (d’où vient-il?) indéchiffable (...)” (p. 14).

Se na “*Contrenote*” a indicação de autorias externas já se dá de forma bastante explícita, nossa leitura apontada a presença de palavras e imagens nos demais ensaios que parecem derivar de poemas dos autores (não)traduzidos por Brault; no caso específico de Gwendolyn MacEwen, nosso estudo de “*Night on Gull Lake*” (1969, p. 33), que não consta em *Poèmes des quatre côtes* se não na epígrafe da seção “*Est*”, associa o poema às reflexões acerca da “nãotradução” efetuadas nos ensaios de Brault. O mesmo ocorre com o poema “*Accompagnement*”, de Saint-Denys Garneau (VASCONCELOS FILHO, 2015, p. 121), que acreditamos mostrar-se presente em “*Nontraduire 4*”. Esses últimos casos não são sinalizados na edição de *Poèmes des quatre côtes* e, se provarem-se verdadeiros, constituirão ganhos teóricos do processo de tradução. Enfim, quando recuperamos a revelação de citações ocultas e até mesmo “falsas” ao longo do livro, realizada na “*Contrenote*”, concedemos ainda mais importância ao estudo de seus ensaios a nível de sentença e mesmo de palavra, notadamente por meio da tradução, para além da compreensão global do texto.

Outra contribuição do processo tradutório para o estudo de *Poèmes des quatre côtes* é o reconhecimento de diversos vocábulos comuns à área de Estudos da Tradução nos ensaios do livro, tais como “estrangeridade”, “domesticar”, “traição”, “fidelidade” e “infidelidade” ao texto de partida, “decalcar”, “deformações”, “liberdades”, etc. Uma vez sinalizadas pela tradução (que observa também sua ocasional grafia em itálico no original de Brault), essas palavras podem contribuir para a pesquisa das fontes teóricas com as quais o poeta e crítico literário dialoga no livro — e às quais se contrapõe, majoritariamente, falando em uma “ideologia traducional”.

Também observou-se pela tradução a construção imagética de espaços ao longo dos ensaios que desenvolvem a “nãotradução” braultiana, notadamente o da casa e da vizinhança, apesar do relato de um percurso de viagem (reforçando que essa viagem se dá no plano subjetivo, de modo a criar um *não-lugar* próprio à “nãotradução”; SUCHET, 2017): o poeta (não)tradutor ocupa a “soleira”, bate à porta, sonda os muros à espera das melhores soluções tradutórias, sai às ruas vizinhas tomado pelo entusiasmo da leitura em língua estrangeira, fita e abre a janela inquieto pelo contato entre mundo interior e exterior, ultrapassa, à maneira de Saint-Denys Garneau, o próprio passo na calçada; sobretudo, sente a presença da poesia alheia em sua própria casa, acolhida pelo leitor-tradutor-anfitrião, e a de sua própria obra, que já sai em busca de novos leitores-anfitriões (e, quem sabe, tradutores?).

Considerando outra dimensão dessa espacialidade tão operante não apenas em *Poèmes des quatre côtés*, como na poética de Brault como um todo, consideramos especialmente difícil traduzir a palavra *pays* — empregada em francês, como já dito, não apenas para se referir a um país, mas a territórios de modo geral; e que figura de modo marcante no discurso quebequense, tensionando entendimentos diversos da ideia de país, de estado, de nação, de direito à soberania e de composição de um coletivo — e de outras formadas a partir dela (“*payse*”, “*dépaysée*”, “*arrière-pays*”, “*avant-pays*”).

Mencionamos, por fim, as traduções semânticas que propusemos para alguns poemas ao longo de nosso comentário analítico, desafiadoras apesar de visarem apenas o acesso do leitor ao texto e que só puderam ser concebidas à luz das traduções dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*. Assim, além de viabilizar novas leituras teóricas, acreditamos que nossas traduções dos ensaios podem dar suporte a futuros projetos de tradução dos poemas recriados por Brault (1975), sobretudo se forem consideradas suas particularidades em relação aos textos originais dos quais parte o poeta (tópico que abordaremos no próximo capítulo).

2.3 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA LEITURA

Esperamos que esta apresentação de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) dê conta de transmitir a complexidade da “nãotradução” braultiana, especialmente no que tange:

- a) ao constante jogo entre pólos que promove, ocupando os extremos (BRAULT, 1975), alternando entre perspectivas, tensionando-as (STRADIOTO-CASOLATO, 2022) até criar um espaço conceitual entre ambas (BRAULT, 1975, p. 50), fundindo-as (STRADIOTO-CASOLATO, 2020) sem, contudo, “resolver (...) a

contradição (...)” (BRAULT, 1975, p. 70) e, finalmente, fundando uma “terceira enunciação” (STRADIOTO-CASOLATO, 2020, p. 24);

- b) à organização do discurso sobre a “nãotradução” em ensaios literários bastante herméticos, que não nos permitem vê-la “(...) como uma teoria ou um sistema (...)” (BRAULT, 1975, p. 95), compreender com clareza a concepção de tradução para o autor, tampouco seus procedimentos de recriação poética e, ainda menos, se os mesmos podem ser identificados em outras obras do autor, ou se a “nãotradução” braultiana denomina especificamente a produção de seus *Poèmes des quatre côtés* em 1975.

Destacamos, em nossa leitura, o volume de metáforas e abstrações (DARIN, 2020) que compõem os referidos ensaios sobre a “nãotradução” (BRAULT, 1975) e notamos, observando essas metáforas, que a obra lida é sustentada por três pilares simbólicos, a saber: i. o debate entre originalidade e não-originalidade, que envolveria as noções de autoria (SIMON, 194) e “leitura (...) ativa” (BRAULT, 1975, p. 52); ii. o histórico da tradução no Quebec e o movimento de resistência cultural nomeado Revolução Tranquila, essencial para a fundação de uma nova identidade quebequense (JAKA, 2010); e iii. a influência taoísta apontada por Laroche (2005) e Stradioto-Casolato (2022), possível chave de leitura para a exploração do “(...) contraste e complementação, de reversão (...): traduzir e intraduzibilidade. (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7). Aliada à leitura analítica que realizamos de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975) e à publicação que apresenta Jacques Brault ao público brasileiro (BRAULT; FALEIROS, 2021), descrita no primeiro capítulo, esta é a base teórica que orientou nossa tradução dos ensaios que apresentam a “nãotradução” braultiana; com destaque para quatro leitoras que, concentrando suas análises no livro em questão, nos ajudam a compreender os aspectos práticos da “nãotradução” e os desdobramentos da proposta: Simon (1994), Jaka (2010), Suchet (2017) e Stradioto-Casolato (2022).

Apesar de tais autoras, já amplamente citadas neste trabalho, contribuírem em muito para nosso estudo dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*, também optamos por levar em consideração as análises comparativas entre dois poemas recriados por Brault (pp. 55; 84) e seus originais, analisados, respectivamente, por Simon (1994, pp. 68-70) e Suchet (2017, pp. 3-4) (BRAULT, 1975, p. 55), e Stradioto-Casolato (2022, pp. 22-26) (BRAULT, 1975, p. 84). Defendemos a extensão de nosso olhar também para os poemas por entendermos que sua função, a das seções poéticas, a das ilustrações e a das epígrafes são complementares na fundação do projeto de *Poèmes des quatre côtés*, de acordo com nossa leitura analítica da obra como um todo realizada neste capítulo. Além disso, tais análises dos aspectos práticos da

“nãotradução” braultiana jogam luz sobre diversos aspectos abordados nos ensaios: a complexificação de autoria (SIMON, 1994, p. 88; STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 21) dos textos “nãotraduzidos”, os movimentos de aproximação e distanciamento, tanto práticos quanto conceituais, da “nãotradução” à tradução (SIMON, 1994, p. 69; STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 26), as elucubrações de Jacques Brault acerca da tradução, bem como da intertextualidade na criação poética para além de *Poèmes des quatre côtés* (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 20; SUCHET, 2017); e a oscilação das escolhas “nãotradutórias” (BRAULT, 1975), preocupadas em evitar, de um lado, a “imitação” (SUCHET, 2017, p. 3) e, de outro, a “apropriação” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 12), entre outras questões.

3 ANÁLISES COMPARATIVAS DOS *POÈMES DES QUATRE CÔTÉS*

“(...) Nãotraduzir, entre outras coisas, é consentir a esse fato: nossas diferenças só se denunciam se suprimimos nossas desigualdades (...)” (BRAULT, 1975, p. 69).

No capítulo dois, demonstramos a complexidade dos ensaios que apresentam a ideia de “nãotradução”, enquanto que, em nosso capítulo introdutório, as informações sobre o contexto de publicação da obra e as análises de Simon (1994), Jaka (2010) e Stradioto-Casolato (2022) acerca de sua centralidade para a “nãotradução” revelam o lugar problemático da tradução no Quebec e fomentam as discussões acerca do enquadramento da proposta como tradução ou “original”. Portanto, parece-nos necessário jogar luz sobre os procedimentos “nãotradutórios” empregados nos *Poèmes des quatre côtés*; o que realizaremos a partir de Simon (1994), revista por Suchet (2017), e de Stradioto-Casolato (2022). Mobilizaremos, também, as análises de Faleiros (2021) sobre um poema de Brault escrito “a partir de Blas d’Otero” já que, embora se trate de um texto publicado anteriormente, em 1971, e não receba o título de “nãotradução”; as estratégias apontadas por Faleiros em muito se assemelham aos comentários de Simon (1994) e Suchet (2017) acerca da “nãotradução”. Por fim, apresentamos nossa própria análise comparativa de um par de poemas de MacEwen (1969, p. 80) e Brault (1975, p. 43), retomando ou contrapondo os apontamentos da fortuna crítica de *Poèmes des quatre côtés*.

3.1 COMENTÁRIO ÀS ANÁLISES DE SIMON (1994) E SUCHET (2017)

Primeiramente, reuniremos nesta seção as análises comparativas que Simon (1994) realiza entre um original e sua “nãotradução”, seguidas de sua reavaliação posterior em Suchet (2017). Antes, informamos ao leitor sobre a relevância de Sherry Simon para os Estudos da Tradução no Quebec, dada a sua importante atuação acadêmica e sua longa e premiada produção, dedicada, sobretudo, à cartografia histórica da tradução no Quebec por uma perspectiva pós-colonial, além das relações de gênero e da chamada tradução feminista canadense. Myriam Suchet também é orientada pela crítica pós-colonial, especializando-se na questão da modernidade na literatura; compondo o quadro de professores da Université Sorbonne-Nouvelle (Paris 3) e dirigindo seu Centre d’Études Québécoises.

3.1.1 Sherry Simon e “O problema da tradução”

As análises de Simon sobre a “nãotradução” braultiana (1994, pp. 56-71) constituem um capítulo inteiro de seu livro *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise* (título que pode ser traduzido como *O trânsito* ou como *O tráfico das línguas*), um verdadeiro tratado sobre o lugar da tradução no Quebec desde “a violência inicial” da colonização francesa até a década de oitenta do século XX. Nossa investigação do contexto de publicação de *Poèmes des quatre côtés* é em muito devedora de Simon, conforme pode ser atestado tanto em nossa própria análise comparativa de MacEwen e Brault realizada na terceira seção deste capítulo, quanto para nosso entendimento final da “nãotradução” braultiana. Sendo tão numerosas as contribuições de Simon, esta subseção foca, especificamente, no que diz a autora sobre os procedimentos tradutórios que observa na prática de “nãotradução” e as conclusões que disso derivam.

Referindo-se sempre a *Poèmes des quatre côtés* como “(...) uma antologia de poemas traduzidos de quatro poetas canadenses e americanos (...)” (SIMON, 1994, p. 66), a pesquisadora não deixa de comentar opiniões diversas, como a de Irène Sotiropoulou-Papaleonidas (apud SIMON, 1994, p. 67)²¹⁰; afinal, “(...) os críticos que comentaram essa obra [BRAULT, 1975] se contradizem a respeito do procedimento real que guia a produção desses textos: trata-se de poemas muito livremente ‘inspirados’ em textos anteriores ou de um processo de tradução livre? (...)” (SIMON, 1994, p. 67, grifo da autora). No entendimento da autora, tal discordância seria produto das escolhas criativas de Brault em *Poèmes des quatre côtés*, especialmente devido ao que chama de “decapitação dos poemas”: “O próprio Brault complica um pouco a tarefa dos críticos, já que ele não fornece o título dos poemas originais. Ele dá como fonte apenas o título das antologias de onde os poemas são retirados (p. 88) (...)”. Além da complexificação causada por esse gesto simbólico, Simon aponta para uma certa dissonância entre os poemas “nãotraduzidos” e o discurso dos ensaios que os acompanham, já que “(...) os textos de Brault participam muito mais de um procedimento clássico de tradução livre que o próprio comentário de Brault nos permitiria supor (...)” (SIMON, 1994, p. 67). Apesar de não definir seu conceito de “tradução livre”, Simon fornece exemplos de recriações “ainda mais livres” na história da literatura do Quebec. Ela acredita que as técnicas de transformação empregadas na “nãotradução” braultiana não se

²¹⁰ SOTIROPOULOU-PAPALEONIDAS, Irène. *Jacques Brault. Théories/pratique de la traduction, nouvelle approche de la problématique de la traduction poétique*. Éditions Didon: Sherbrooke, 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/jacquesbraultthe0000soti/page/n37/mode/2up?view=theater>.

distinguem das tradutórias, mas constata em tais recriações um “trabalho de deslocamento”, conforme demonstra a seguir.

Simon realiza uma análise comparativa entre: i. um poema original, “*Axiom*”, de Margaret Atwood, e a “nãotradução” elaborada por Brault a partir dele (SIMON, 1994, p. 68)²¹¹; e ii. esse primeiro par de poemas e uma tradução de “*Axiom*” por Charles Patcher.²¹² Notando, primeiramente, a ausência de título no poema de Brault, “(...) como lhe é de hábito (...)” (SIMON, 1994, p. 69), ela reúne algumas escolhas tradutórias que marca como “diferenças” em relação ao texto original — este, porém, mediado pela tradução de Charles Patcher: “(...) ‘courbent autour du chaos’ torna-se ‘s’incurvent sur chaos’ (...)” (p. 69; o que julgamos mais sonora que a tradução de Patcher); “(...) ‘créent’ torna-se ‘parsèment’ (...)” (aqui vemos uma minimização do poder de ação contido no primeiro verbo “criam”, transformado em algo como “salpicam”); e, convergindo para o tema da formação de uma nação e da ocupação do território, tão frequentes na poesia de Brault, “(...) ‘argila’ torna-se ‘terra’ e ‘terra’ torna-se ‘país’”. Por fim, três pequenos detalhes: a troca do termo e a supressão do artigo indefinido na conversão de “(...) ‘tu es une mer’ em ‘tu es océan’ (...) [‘you are a sea’]” (grifo nosso) — não sendo essa última uma prática comum em língua francesa, já que sua sintaxe obriga, quase sempre, o acompanhamento do substantivo por um determinante — e o acréscimo da preposição “là” (“lá” ou “ali”) em “(...) ‘mes mains là / où eles te touchent / (...)” (BRAULT apud SIMON, 1994, p. 69).

Diante de tais procedimentos, Simon percebe que:

A diferença entre a tradução muito literal de Atwood/Patcher e a tradução plenamente assumida de Brault é clara. (...) Seria falso dizer, porém, que o texto de Brault funciona de uma maneira fundamentalmente diferente da de Atwood/Patcher. Nele reina, simplesmente, uma sensibilidade poética, uma atenção ao ritmo, uma devoção às ressonâncias semânticas que não operam na versão de Atwood/Patcher (SIMON, 1994, p. 69)²¹³.

Compreende-se no trecho destacado por que Simon não se esquivava a denominar a “nãotradução” braultiana como, simplesmente, tradução, já que identifica nessa prática,

²¹¹ O poema em questão pode ser encontrado na página de número 55 de *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975).

²¹² Registraremos nesta subseção uma síntese dos apontamentos de Simon, recomendando, porém, a consulta do segundo capítulo de *Le trafic des langues* para mais detalhes.

²¹³ “La différence entre la traduction très littérale de Atwood / Patcher et la traduction pleinement assumée de Brault est claire. (...) Il serait faux de dire, cependant, que le texte de Brault fonctionne d’une manière fondamentalement différente de celle de Atwood / Patcher. Seulement, il règne là une sensibilité poétique, une attention au rythme, un dévouement aux résonances sémantiques qui ne jouent pas dans la version de Atwood / Patcher” (SIMON, 1994, p. 69).

“fundamentalmente”, o mesmo funcionamento de textos anunciados e recebidos como traduções. A maior “sensibilidade poética” e “atenção ao ritmo” que aponta nos textos “nãotraduzidos” de fato não indicam, como a autora conclui, quaisquer diferenças substanciais nas recriações de Brault; afinal, quantas vezes análises comparativas de duas traduções teceram comentários semelhantes, diferenciando a melhor ou mais sonora versão do poema naquela língua? No estudo de Simon, a versão preterida de “*Axiom*” de Margaret Atwood é nomeada uma “tradução muito literal”, palavra associada pela crítica de *Poèmes des quatre côtes* a um modo de traduzir combatido em seus ensaios (“traduzir pura e simplesmente”; passar “de uma língua para a outra”). Desse modo, Simon parece sugerir que a palavra “nãotradução” não deve ser compreendida como um termo diferenciador dessa prática em relação à tradução como um todo, somente ao que se compreende como uma “tradução (...) literal”. Ora, se “(...) as chaves da tradução pertencem aos poderosos (...)” (BRAULT, 1975, p. 15), determinar suas possibilidades e prescrever as práticas que lhe seriam mais desejáveis pode não ser sentido como um ato autorizado ao próprio tradutor. De todo modo, salta aos olhos que a tradução de “*Axiom*”, considerada por Simon como a versão de menor qualidade, possa representar, para o narrador, a única representação possível de traduzir, levando o “poeta-tradutor” a denominar suas próprias criações como “nãotraduções” ao passo que é justamente a sua prática que Simon (1994, p. 69) considera a “(...) tradução plenamente assumida (...)” — aquela que não concede a si mesma o título de tradução devido, talvez, às escolhas tradutórias apontadas por ela.

Sem realizar, no livro em questão, outras análises contrastivas ou dar ao leitor a referência bibliográfica de tais poemas, Simon identifica os originais das “nãotraduções” às páginas 58 à 62 de *Poèmes des quatre côtes*: os poemas “*Pre-amphibian*”, “*River*” e “*Ressurrection*” de Margaret Atwood. Ela afirma, também para essas versões, que “(...) trata-se de textos que não estão longe de serem traduções no senso canônico (...)” (1975, p. 69); mas que, conforme já anunciara, suas conclusões divergem das de outros estudiosos da “nãotradução”. Mais uma vez, Simon menciona o trabalho de Irène Sotiropoulou-Papaleonidas,²¹⁴ agora avaliado de forma mais rígida:

Sotiropoulou-Papaleonidas insiste sobre os efeitos fonéticos, sobretudo as aliterações nos textos de Brault (p. 82). De todo modo, repetindo que ele “não traduziu” (p. 82), que ele se serviu do “texto de partida como um trampolim para se lançar em direção ao seu próprio universo poético e para

²¹⁴ SOTIROPOULOU-PAPALEONIDAS, Irène. *Jacques Brault. Théories/pratique de la traduction, nouvelle approche de la problématique de la traduction poétique*. Éditions Didon: Sherbrooke, 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/jacquesbraultthe0000soti/page/n37/mode/2up?view=theater>.

melhor circunscrever seu próprio espaço linguístico-simbólico” (p. 79), a autora me parece exagerar grandemente a parcela de apropriação das traduções de Brault. A história da tradução abunda em deformações, quiçá em atos de pirataria poética, muito mais radicais (SIMON, 1994, p. 70).²¹⁵

Embora não nos caiba, neste momento, nos debruçarmos sobre o livro de Sotiropoulou-Papaleonidas²¹⁶ citado por Simon, lembramos ao leitor que os ensaios que apresentam a “nãotradução” braultiana em *Poèmes des quatre cotés* se opõem explicitamente, e mais de uma vez, a empregar os mesmos métodos de “apropriação” de outras obras quebequenses (JAKA, 2010), tanto para escapar metaforicamente à relação colonial — “nem apropriação, nem desapropriação (...)” (BRAULT, 1975, p. 70); “(...) nãotraduzir é não capturar, nem se deixar capturar (...)” (p. 16) — quanto por recusar-se a tratar o texto como um “pretexto” (BRAULT, 1975, p. 31). No próprio livro que abriga suas análises sobre a “nãotradução”, *Le trafic des langues*, Simon reúne outros desses exemplos “mais radicais” que também mobilizam recursos tradutórios, sem, contudo, deixarem de ser identificados pela autora como traduções.

Simon não nega, porém, o caráter inovador da “nãotradução” braultiana nem minimiza seu “gesto transgressor” ao chamá-la, simplesmente, de tradução, considerando-a, a despeito da controvérsia em torno dessa palavra, “um verdadeiro trabalho de apropriação” (1994, p. 67). Para a autora, ambas essas qualidades dos poemas “nãotraduzidos” — ou, segundo a autora, traduzidos por Brault — derivam, especialmente, do aspecto simbólico de reorganizá-los em uma edição que não os apresenta nem como traduções, nem como originais:

A partir destas considerações, pode-se questionar em que consiste o gesto transgressor de *Poèmes des quatre côtés* (...). Podemos concluir que Brault inova sobretudo destituindo a autoridade ‘simbólica’ do original. Aí está onde Brault age de forma radical sobre a matéria poética, quando cria um contexto inteiramente novo a partir dos poemas existentes. Cortados de sua origem no interior de um conjunto de poemas, arrancados da assinatura que dava sua unidade à série, esses poemas já não carregam mais a marca de seu pertencimento primeiro. Eles já não existem se não em um volume assinado

²¹⁵ “(...) Sotiropoulou-Papaleonidas insiste sur les effets phonétiques, surtout les allitérations, dans les textes de Brault (...). Toutefois, en répétant qu’il ‘n’a pas traduit’ (...), qu’il s’est servi du ‘texte de départ comme d’un tremplin pour s’élancer vers son propre univers poétique et pour mieux circonscrire son propre espace linguístico-symbolique’ (...), l’auteure me paraît exagérer grandement la part d’appropriation des traductions de Brault. L’histoire de la traduction abonde en déformations, voire en actes de piraterie poétique, bien plus radicales” (SIMON, 1994, p. 70).

²¹⁶ SOTIROPOULOU-PAPALEONIDAS, Irène. *Jacques Brault. Théories/pratique de la traduction, nouvelle approche de la problématique de la traduction poétique*. Éditions Didon: Sherbrooke, 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/jacquesbraultthe0000soti/page/n37/mode/2up?view=theater>.

por Brault (...), uma cartografia imposta: a dos quatro pontos cardeais do universo de Brault. (SIMON, 1994, p. 70).²¹⁷

Porém a autora alerta para o risco de se reduzir *Poèmes des quatre côtés* a um manifesto pela poesia quebequense, ignorando aquilo que permite a Simon (1994, p. 62) afirmar que “(..) a não-tradução está (...) no coração do universo poético de Jacques Brault (...)”, a saber, o tensionamento de opostos:

Com Brault, as pulsões da obra na tradução não são redutíveis a uma única visão. A atividade da tradução tem como origem uma atitude de extrema atenção; o poeta se expõe, vulnerável, a duas vozes externas. Esse momento de escuta estabelece uma atividade transformadora, na qual se efetuam de uma só vez um trabalho poético, uma reapropriação simbólica e uma compensação histórica. É na complexidade de diversos momentos desse reencontro que a tradução inscreve suas linhas de tensão. (SIMON, 1994, pp. 70-71).²¹⁸

Atentamos para a passagem “(...) o poeta se expõe, vulnerável, a duas vozes externas (...)” que pode nos dar uma pista de por que Simon opta por comparar as “traduções de Brault” com as de Patcher e não somente com os poemas originais: a “nãotradução” efetuada por Brault operaria por uma abertura não apenas ao texto estrangeiro, mas a uma versão “muito literal”, talvez compreendida como a tradução de fato. Nesse ponto, Stradioto-Casolato (2022) converge com Simon (1994) ao identificar na “nãotradução” uma “terceira enunciação”, embora as duas autoras discordem ao avaliar se tal prática seria ou não tradução, conforme veremos mais adiante. Ao relacionar o nome do poeta à revista *Ellipse*, na qual foram publicadas as traduções de Patcher, Simon parece sugerir que, ao menos, quatro dos poemas “nãotraduzidos” em *Poèmes des quatre côtés* — “Axiome”, “De nouveau je m’affaire”, “Ici, la rivière” e “Voici ma résurrection” — seriam não apenas traduções, mas sim, retraduições.

Assim, “a empreitada paradoxal da ‘não-tradução’ (...)” (SIMON, 1994, p. 71) teria

²¹⁷ “À partir de ces considérations, on peut se demander en quoi consiste ce geste transgressif de *Poème des quatre côtés*. Les textes d’accompagnement de Brault sont-ils sans rapport réel avec le procédé de traduction qu’il emprunte? On peut conclure que Brault innove surtout en sapant l’autorité ‘symbolique’ de l’original. Là où Brault agit de façon radicale sur la matière poétique, c’est lorsqu’il crée un contexte entièrement nouveau à l’intérieur d’un ensemble de poèmes, arrachés à la signature qui donnait son unité à la série, ces poèmes ne portent plus la marque de leur appartenance première. Ils n’existent plus que dans un volume signé Brault. Détournés de leur orientation originale, les poèmes sont contraints de prendre la forme d’une cartographie imposée: celle des quatre points cardinaux de l’univers de Brault” (SIMON, 1994, p. 70).

²¹⁸ “(...) Chez Brault, les pulsions à l’oeuvre dans la traduction ne sont pas réductibles à une seule visée. L’activité de la traduction prend son origine dans une attitude d’extrême attention; le poète s’expose, vulnérable, à des voix extérieures. Ce moment d’écoute fait place à une activité transformatrice, où s’effectuent à la fois un travail poétique, une réappropriation symbolique et une compensation historique. C’est dans la complexité des divers moments de cette rencontre que la traduction inscrit ses lignes de tension” (SIMON, op. cit., pp. 70-71).

produzido traduções livres, apresentadas por ensaios que as desassociassem tanto da “tradução muito literal” — esta, talvez, vista como a forma correta de traduzir (SUCHET, 2017) — quanto da “pirataria poética”, escritos em uma linguagem complexa e compondo uma edição que “(...) complica um pouco o trabalho dos críticos (...)” (SIMON, 1994, p. 67). O principal ponto dessa complexidade apontada pela autora é, como já dito, a “decapitação dos poemas”, ou sua recontextualização, que teria o papel político de “uma compensação histórica” pela dominação político-cultural do Quebec. Os efeitos dessa estratégia, porém, ultrapassariam a função anti-hegemônica, refutando as “fronteiras” entre original e não-original:

A empreitada paradoxal da não-tradução, desestabilizando a autoridade da assinatura, tem como efeito o deslocar as fronteiras entre tradições poéticas. Em lugar de confirmar a legitimidade das fronteiras, alinhando de forma simétrica o original e a versão, os *Poèmes des quatre côtés* borram os traços de suas origens e se constituem em um produto híbrido. (...) Se a não-tradução não abole a própria categoria de origem, ela lhe incute, outrossim, uma dose considerável de incerteza (...) (SIMON, 1994, p. 71).²¹⁹

De fato, apesar de não associar explicitamente os poemas “nãotraduzidos” aos seus originais — por meio de sua cópia na página à esquerda, como ocorre em muitas traduções, ou mesmo da preservação dos títulos, conforme atesta Simon (1994) — a “*Contrenote*” de *Poèmes des quatre côtés* informa as obras de Haines, MacEwen, Atwood e Cummings de onde vêm as nãotraduções. Portanto, o projeto de Brault “(...) não abole a (...) categoria de origem (...)” (SIMON, 1994, p. 71) mas, ao borrar seus “rastros”, incute a tal noção “uma dose considerável de incerteza”. Assim, o poder de questionamento da “nãotradução” braultiana pode ser sentido para além da história literária quebequense.

Simon também vê nesse gesto de borrar as origens dos poemas e os recontextualizar um vanguardismo: “(...) antecipando o reino da pós-modernidade, no qual triunfa a estética da reprise e da reciclagem, a não-tradução de Brault diz o caráter tributário de toda palavra poética e o diálogo sempre restaurado entre escrita e finalidade de sentido”. A tendência contemporânea ao não-original tem sido apontada por diversos críticos literários, dentre os quais a estadunidense Marjorie Perloff é uma autoridade²²⁰.

²¹⁹ “L’entreprise paradoxale de la non-traduction, en déstabilisant l’autorité de la signature, a pour effet de déplacer les frontières entre traditions poétiques. Plutôt que de confirmer la légitimité des frontières en alignant de façon symétrique l’original et la version, les *Poèmes des quatre côtés* brouillent les traces de leur provenance et constituent un produit hybride. Jusqu’où un tel processus peut-il mener? Doit-on craindre l’anarchie dans la republique des lettres? Si la non-traduction n’abolit pas la catégorie même de la provenance, elle lui insuffle tout de même une dose considérable d’incertitude (...)” (SIMON, 1994, p. 71).

²²⁰ *O gênio não original: Poesia por outros meios no novo século*, verdadeira obra de referência de Marjorie

Após essa síntese do capítulo que Simon (1994) dedica à “nãotradução” de Jacques Brault em *Le trafic des langues*, vejamos quais de suas análises são retomadas por Suchet (2017) vinte e três anos mais tarde.

3.1.2 Myriam Suchet e o não-lugar da “nãotradução”

O artigo de Suchet (2017) que leva a “nãotradução” braultiana em seu título, mas levanta aspectos de outras duas formas de diálogo intertextual na obra do autor, conforme veremos a seguir, foi publicado na TRANS-, revista de “literatura geral e comparada” da Sorbonne-Nouvelle Paris 3, universidade francesa na qual atua como professora e diretora do Centre d’Études Québécoises. Como epígrafe para seu texto, a autora escolhe um trecho de *La poussière du chemin* — livro de ensaios (1989) também citado por Simon (1994) e Stradioto-Casolato (2022) — no qual Brault se pergunta: “Sou um escritor quebequense? Não sou eu quem pergunta. Não fui eu que escolhi meu nome (...)” (BRAULT, apud SUCHET, 2017, p. 1)²²¹. Tal citação já nos permite prever a relevância do contexto de publicação de *Poèmes des quatre côtés* para as análises da autora.

Suchet aborda, primeiramente, a multiplicidade das possibilidades de projetos de tradução e, em contrapartida, sua redução diante da imposição da fidelidade como paradigma e da primazia do original:

A ideia segundo a qual a tradução só poderia operar segundo duas direções opostas entre dois polos tão distintos quanto estáveis (o original/a versão traduzida, a língua-fonte/a língua-alvo, o texto de partida/o destinatário, etc.) não é de forma alguma a única representação do traduzir. (...) (SUCHET, 2017, p. 1).²²²

Perloff, foi traduzido para o português por Adriano Scandolara e publicado pela Editora Humanitas em 2013. O livro realiza um apanhado de diversos marcos da escrita intertextual ou derivativa neste e no último século, mobilizando em muitos deles a tradução — como na passagem acerca da “(...) *poética tradutória* — uma poética para o século 21 que tem dois polos: o multilinguismo, de um lado, e a escrita exofônica, de outro (...)” (p. 46, grifo da autora); em cujos exemplos figuram Ezra Pound e Paul Celan; e a citação, esta que, lembramos, “(...) constitui o pico da nãotradução (...)” (BRAULT, 1975, p. 95): Perloff (2013, pp. 27-28; 59-94) aponta Walter Benjamin, por exemplo, como “um grande autor citacional (...)”, apoiada, para tanto, em Compagnon (2007 [1979]). Para a autora, as crescentes tendências de citação e “reescritura” (PERLOFF, 2013, p. 27) jogam luz sobre a longa associação entre as ideias de autoria e originalidade, contribuindo para um maior questionamento dessa dependência: “Uma vez que concedamos que as práticas atuais da arte têm o seu próprio momento e *inventio* particulares, podemos desassociar a palavra *original* da palavra *gênio*. Se a nova poesia ‘conceitual’ não alega possuir qualquer originalidade — ou pelo menos não a originalidade no sentido comum — isso não quer dizer que não haja um *gênio* em jogo. (...)” (p. 54, grifos da autora).

²²¹ BRAULT, Jacques. *La poussière du chemin: essais*. Boréal: Montréal, 1989.

²²² “L’idée selon laquelle la traduction ne pourrait opérer que selon deux directions inverses entre deux pôles aussi distincts que stables (l’original/la version traduite, la langue source/la langue cible, le texte de départ/le destinataire, etc.), n’est pas du tout l’unique représentation de l’acte de traduire (...)” (SUCHET, 2017, p. 1).

São oferecidos ao leitor alguns exemplos de concepções da tradução que fogem aos binarismos apontados (SUCHET, 2017, p. 1) nos sistemas literários japonês, indiano e paraguaio antes de chegar ao Quebec de Jacques Brault. “Os exemplos poderiam se multiplicar até provar que não se trata de exceções monstruosas à regra, mas sim de uma alternativa à representação essencializadora e naturalizante da tradução (...)”. Assim, a autora demonstra que, apesar de estarem em foco desde a chamada tradução feminista canadense, as tendências de questionamento da originalidade por meio da tradução e da recriação no Canadá e no Quebec não são “(...) um caso particular isolado (...)”.

Conforme já indicamos, o artigo de Suchet não se concentra apenas na “nãotradução” e em *Poèmes des quatre côtés*, mas compara esse livro com duas outras publicações de Brault: *Transfigurations* — escrito com o poeta canadense anglófono E. D. Blogett e publicado em 1998 — e *Agonie* — o único romance do autor, publicado em 1984 e cuja trama se desenvolve a partir da obra do poeta italiano Giuseppe Ungaretti²²³. O objetivo de tal comparação seria “(...) observar três modalidades da regulação entre textos a serem traduzidos e versões traduzidas (...)” (SUCHET, 2017, p. 2). Vê-se, portanto, o emprego da palavra tradução para se referir não apenas à prática denominada por Brault de “nãotradução”, tal como Simon, mas também para denominar um projeto mais distante de nossa ideia clássica de tradução, *Agonie* (uma escrita em prosa derivativa de poesia, como atesta Silva [2015, p. 31]). Logo na introdução, Suchet (2017, p. 2) anuncia que “(...) cada uma dessas relações permite a formulação de um nó problemático (...)”. Ao eleger esse complexo objeto, o texto concentra-se nos procedimentos práticos empregados em cada livro, suas “(...) modalidades de regulação entre textos (...)” (2017, p. 2), não se dedicando tanto a análises mais teóricas, por exemplo, dos ensaios que acompanham as “nãotraduções”.

O comentário de Suchet sobre *Poèmes des quatre côtés* se inicia pela sua nota final, ou “*Contrenote*”, já que, para a autora, ela “(...) pode ser lida como o inverso ou o negativo de um prefácio de tradutor (...)” (SUCHET, 2017, p. 2). Revelar “(...) as referências dos poemas ‘nãotraduzidos’ nessa antologia (...)”, à página 88 da “*Contrenote*”, seria um gesto “como a contragosto” do poeta, e as “(...) numerosas ‘liberdades’ e ‘licenças’ que ele se autorizou (...)” são postas em ênfase. Suchet (2017, p. 2) afirma que “(...) a ‘nãotradução’ se recusa a toda totalização (...)” o que poderia ser visto no não reconhecimento das “colaborações-citações” (como, simplesmente, poemas autorais: “(...) a irreverência atinge seu ápice quando ele afirma

²²³ Em nosso trabalho, mencionamos essas duas outras obras apenas a partir dos comentários comparativos das mesmas com *Poèmes des quatre côtés* em Suchet (2017), que julgamos relevantes para o foco de nossa pesquisa. Mais referências sobre as demais publicações de Jacques Brault estão disponíveis em nossa Introdução.

ter traduzido ‘três poemas [que] não existem em língua original’ (...)” (SUCHET, 2017, p. 2, grifo da autora). Recuperando, porém, a passagem citada por Suchet, observa-se que o autor não mobiliza a palavra tradução, mas as ideias de composição e empréstimo além de colaboração e citação:

(...) Três poemas não existem em língua original: eu os compus a partir de materiais muito diversos e emprestados de vários poemas. Constituem, para ser preciso, colaborações-citações. E não peço desculpas por isso, nem me vanglorio. Tais quais, parecem-me ser justos e corresponderem ao desejo, mais ou menos obscuro, de nãotraduzir. Creio na verdade que a poesia linguageira se nutre fundamentalmente de citações (tiradas do cotidiano, de provérbios, cantigas, lugares comuns, etc.) às vezes ridiculamente reviradas de cabeça pra baixo (...), às vezes conservadas em seu estado original, para purgar-se, por prosaico achatamento, desta ambiciosa presunção: a originalidade (que atesta... um direito de primeiro ocupante). (BRAULT, 1975, pp. 93-94).²²⁴

Em diversas passagens, Suchet cita trechos, por vezes longos, de *Poèmes des quatre côtés* sem acrescentar a eles suas análises, dando a seu artigo ares de texto de apresentação do autor a um público interessado em tradução e escrita intertextual.

Assumindo parte do discurso ambíguo de oposição entre tradução e “nãotradução” desenvolvido nos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*, Suchet (2017, p. 2) afirma que, “entrando no regime poético de Brault, a tradução cessa então de funcionar segundo o paradigma da imitação, que a predestina ao descrédito (...)”. O comentário valida a percepção da tradução como uma prática regida pela fidelidade no contexto de produção da “nãotradução” e pode evocar no leitor de *Poèmes des quatre côtés* excertos em que o sujeito lírico prevê tal “descrédito” (SUCHET, 2017, p. 2) por parte da recepção, tais como: “(...) os tradutores experientes me culparão sem dúvida por tanta leveza e tanta segurança. A palavra ‘nãotradução’ em si não legitima nada. Nem a pena que me dei talvez em vão. (...)” (BRAULT, 1975, p. 95).

Suchet (2017, p. 2) sublinha a atenção da crítica sobre “(...) o apagamento dos nomes próprios dos poetas traduzidos, assim como a supressão dos títulos dos poemas (...)”. Cabe lembrar que *Poèmes des quatre côtés* não oculta “(...) os nomes próprios dos poetas

²²⁴ “(...) Trois poèmes n’existent pas en langue originale: je les ai composés à partir de matériaux fort disparates et puisés dans plusieurs poèmes. Ils constituent, pour être précis, des collaborations-citations. Et je ne m’en excuse pas, ni m’en glorifie. Tels quels, ils me semblent justes, et correspondre au désir, plus ou moins obscur, de nontraduire. Je crois en effet que la poésie langagière se nourrit fondamentalement de citations (tirées du quotidien, des proverbes, des comptines, des lieux communs, etc.) parfois dérisoirement retournées cul en l’air comme chez Lautréamont, histoire de décrasser la poésie des ‘vieilleseries poétiques’, parfois conservées dans leur état originel, pour se purger, par platitude prosaïque, de cette enflure arriviste: l’originalité (qui ateste... un droit de premier occupant).” (BRAULT, 1975, pp. 93-94).

traduzidos (...)”, já que estes são referenciados nas epígrafes de suas respectivas seções poéticas, além de explicitados na “*Contrenote*”. Os títulos dos poemas originais, esses sim, deixam de ser revelados, assim como a edição deixa de adotar outros elementos típicos de traduções, como a reprodução do original na página à esquerda e a referência bibliográfica de cada poema (conhecemos apenas a relação de livros consultados). Apesar da informação trazida por Suchet não ser precisa, ela joga dúvida sobre a percepção do leitor comum de *Poèmes des quatre côtés* acerca da relação entre a autoria dos poemas de cada seção e sua epígrafe; afinal, os ensaios do livro, um dos nanquins do autor e até mesmo seu sumário, estão repletos de autores epigrafados: Pablo Neruda (p. 7), Jules Supervielle (p. 10), O. V. de Milosz (p. 13), Balzac (p. 31), Spire (p. 49), Ferrat (p. 67) e Montaigne (p. 87). O texto de Suchet pode levar-nos a supor que, não fossem os paratextos críticos de *Poèmes des quatre côtés*, a origem dos poemas que o compõem só nos fosse mesmo revelada na “*Contrenote*”. Podemos, igualmente, imaginar a possibilidade de que os demais autores epigrafados sejam referenciados nos textos que encabeçam de alguma forma que ainda escape à fortuna crítica — especialmente ao considerarmos a presença de citações não declaradas informada na “*Contrenote*”.

Suchet menciona, então, o capítulo de Sherry Simon que dá base ao seu comentário sobre *Poèmes des quatre côtés*, afirmando que a autora “(...) interpreta o gesto de suprimir os títulos e os nomes de autores(as) como uma decapitação simbólica (...)” (SUCHET, 2017, p. 2)²²⁵. A autora também comenta a ausência de um elemento comum a traduções, o bilinguismo da reprodução do “texto de partida” o que, contudo, não a impede de sustentar sua decisão de nomear a “nãotradução” de Brault como apenas “tradução” (SUCHET, 2017, p. 2): “(...) a tradução não se apresenta mais, portanto, como uma operação de translação ou de decalque pela qual a página da direita reproduziria a página da esquerda (...)”²²⁶.

Suchet opta por abordar a mesma “nãotradução” de Brault analisada por Simon, “*Axiome*”, derivado de “*Axiom*”, de Margaret Atwood²²⁷. Ao contrário de sua antecessora, Suchet compara ao “*Axiome*” de Brault o original de Atwood, e não uma “tradução (...) literal” do texto para o francês. Após reproduzir original e “nãotradução”, Suchet (2017, p. 3) dá início às suas análises dizendo que “desde a primeira vista, vê-se que a operação efetuada por Brault implica em reposicionar o texto no espaço (...)”; interrompendo-se para apontar

²²⁵ Simon (1994, p. 67) fala em “decapitação dos poemas” e em uma destituição da “autoridade ‘simbólica’ do original”.

²²⁶ Cabe aqui, no entanto, a ressalva de que nem toda publicação de tradução reproduz, espelhando-a, seu texto de partida; no caso da prosa especialmente, as edições bilíngues não representam a maioria das publicações. A prática parece ser mais comum tanto em contexto acadêmico, quanto para a tradução de poesia.

²²⁷ ATWOOD, Margaret. “*Axiom*”. In: *The Animals in that Country*. Little Brown: Boston, 1968.

“(...) a importância da disposição na página (...)” em todo o livro, mencionando as pinturas autorais de Brault incluídas na edição, suas “águas-fortes (...) que escandem o texto e tornam o livro eminentemente visual (...)”. O brevíssimo comentário que tece sobre o par “*Axiome*” e “*Axiom*” assume, então, um aspecto conclusivo sobre a “nãotradução” como um todo, baseando-se em um aspecto visual observado em um de seus poemas:

A inserção espetacular dos brancos que deslocam os versos de Atwood tem valor indicativo: ela mostra que a nãotradução não apaga os traços, mas os desloca. Se a nãotradução desorienta as referências e os pontos cardinais, ela, porém, restitui em outra parte as referências deslocadas (...). Longe de querer destituir os autores dos textos de partida, a nãotradução teria, assim, por ideal paradoxal, a reprise idêntica dos originais. A empreitada é, evidentemente, fadada ao fracasso, como o admite o encerramento da contra-nota (SUCHET, 2017, p. 4).²²⁸

Partindo, possivelmente, do “deslocamento” que em Simon se refere mais às “fronteiras entre poéticas” e entre original e tradução, Suchet se vale da forte visualidade dos *Poèmes des quatre côtés* para eleger o deslocamento como palavra-chave da operação “nãotradutória”. Ela concorda com as afirmações de Simon e que a “decapitação dos poemas” originais e sua recontextualização constituem “(...) o gesto transgressor de *Poèmes des quatre côtés* (...)”. Mas o entendimento de Suchet (2017, p. 4) de que “(...) a nãotradução teria (...) por ideal paradoxal (...) a reprise idêntica dos originais (...)” não é compartilhada com nenhum outro autor de nossa bibliografia. Visto que a autora não argumenta em favor de sua declaração e, especialmente, devido à leitura de *Poèmes des quatre côtés* que desenvolvemos no capítulo anterior, optamos por não nos prolongarmos em tal ponto.

Por fim, diante do parágrafo final de *Poèmes des quatre côtés* e seu elogio da citação, Suchet (2017) chega à conexão estabelecida por Brault entre a questão literária (as fronteiras entre original e tradução e sua interdependência) e a filosófica (que compreendemos, em paralelo, como as fronteiras entre *Eu* e *Outro* e nossa interdependência): “tiremos desse pequeno apólogo uma hipótese, mais do que uma lição: a nãotradução leva a um impasse por saber colocar, com precisão, uma outra questão, que é a da relação entre si e o outro (...)”. O produto da “nãotradução” braultiana seria, sob essa ótica, a produção de um “impasse”, e nisso se distinguiria das relações estabelecidas entre os textos nas outras duas obras de Brault

²²⁸ “(...) L’insertion spectaculaire des blancs qui décalent les vers d’Atwood a valeur d’indice: elle montre que la nontraduction n’efface pas les traces mais les déplace. Si la nontraduction désorienter les repères et les points cardinaux, elle restitue cependant ailleurs les références décalées. (...) Loin de vouloir destituer les auteurs des textes de départ, la nontraduction aurait ainsi pour idéal paradoxal la reprise à l’identique des originaux. L’entreprise est bien évidemment vouée à l’échec, comme l’admet la toute fin de la contre-note (...)” (SUCHET, 2017, p. 4).

analisadas por Suchet:

A antologia dos *Poèmes des quatre côtés* malogra a representação da tradução como transferência interlinguística para reconfigurá-la como uma dupla operação de desorientação e de apropriação. A questão da relação com o outro, subjacente e não resolvida, conduz a experimentação a um impasse. Alguns anos mais tarde, a antologia *Transfigurations* retoma de um modo diferente o dispositivo traducional o desafio de um “eu” que também é um “tu”. Tal agenciamento permite propor uma leitura do enigmático *Agonie*, que se desenvolve como uma exegese narrativa a partir de um poema traduzido? Esse último texto nos levará de volta ao ponto de partida: o Québec, mas para melhor o deslocar: em poesia (SUCHET, 2017, p. 2).²²⁹

Assim, Suchet propõe a existência de um fio condutor entre três obras de Jacques Brault que a autora relaciona à tradução, *Poèmes des quatre côtés* (1975), *Transfigurations* (1998) e *Agonie* (1984), uma coerência baseada tanto na “(...) questão da relação com o outro, subjacente e não resolvida (...)”, quanto na questão quebequense. A “nãotradução” atuaria na primeira estação dessa jornada de “experimentação” poética, mas acabaria por conduzi-la “(...) a um impasse (...)” que só poderia ser superado por outras estratégias de escrita intertextual, nos próximos livros. A relação entre essas três obras seria a de um circuito circular, posto que *Agonie* (1984) “(...) nos levará de volta ao ponto de partida (...)” (SUCHET, 2017, p. 2). Observamos que essa sequência proposta por Suchet não obedece à linearidade temporal das publicações.

Concluimos que os apontamentos de Suchet dão continuidade a parte das proposições analíticas de Simon, mas que, talvez, devido ao seu recorte comparativo com outras obras, não se aprofunda no denso discurso da “nãotradução” como fizera a canadense. Suas principais contribuições para este estudo são a atenção à visualidade do livro de Brault e a interpretação da “*Contrenote*” de *Poèmes des quatre côtés* como um “prefácio de tradutor”; além, é claro, de reforçar a perspectiva de Simon de que “nãotradução” é tradução e seu tensionamento a partir da negação é simbólico, um produto do contexto quebequense e um produtor do “impasse” entre original e tradução — lê-se, “(...) entre si e o outro (...)”. Comparemos os posicionamentos de Simon e Suchet com uma leitora da “nontraduction” braultiana que a considera como uma prática diversa da tradução: Stradioto-Casolato.

²²⁹ “Le recueil des *Poèmes des quatre côtés* déjoue la représentation de la traduction comme transfert interlinguistique pour la reconfigurer comme une double opération de désorientation et d’appropriation. La question du rapport à autrui, sous-jacente et non résolue, mène l’expérimentation dans une impasse. Quelques années plus tard, le recueil *Transfiguration* rejoue différemment le dispositif traductionnel et pose frontalement l’enjeu d’un ‘je’ qui est aussi un ‘tu’. Cet agencement permet-il de proposer une lecture de l’énigmatique *Agonie*, qui se déroule comme une exégèse narrative à partir d’un poème traduit? Ce dernier texte nous ramènera au point de départ: le Québec, mais pour mieux le déplacer: en poésie” (SUCHET, 2017, p. 2).

3.2 COMENTÁRIO ÀS ANÁLISES DE STRADIOTO-CASOLATO (2022)

Sintetizamos, a seguir, o mais recente trabalho sobre a “nãotradução” de Jacques Brault (1975), publicado em 2022 por Ana Magda Stradioto-Casolato, doutoranda na Universidade de São Paulo, sob o título *Nãotradução: uma poiética tradutória perturbadora*. Como epígrafe, a autora elege um trecho de *Poèmes des quatre côtes*. Nele, a poesia é retratada como uma “viajante” “expatriada”, “acolhida” por um “(...) estrangeiro que, estendendo-lhe a mão, lhe dá mãos novamente (...)”. Seu trabalho “(...) pretende analisar a *nãotradução*, termo proposto por Jacques Brault para definir uma de suas estratégias de criação poética (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5, grifo da autora). Prevenindo desde o resumo que “(...) a *nãotradução* é uma prática de escrita e não um sistema ou teoria tradutória (...)”, a autora se posiciona quanto à adequação ou não da prática braultiana na categoria de tradução:

(...) Procuramos demonstrar que se trata de uma técnica de composição cujo resultado é uma reescrita criativa, nem poema original e nem tradução, mas uma nova inteligibilidade de ambos (...). Sem se emancipar do poema original (...), a *nãotradução* faz surgir um terceiro texto estabelecendo uma relação enunciativa tríplice que congrega três vozes: a do poeta do poema original, a do poeta *nãotradutor* e a que resulta de ambas (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 5, grifos da autora).

A hipótese de Stradioto-Casolato diferencia, portanto, a “nãotradução” braultiana da tradução literária por entender que os poemas recompostos por Brault não trazem consigo somente versões dos poemas de outrem, mas elementos selecionados tanto na própria poética, como na do autor do poema recriado. Esse fato apontado não impediria, ao nosso ver, que a prática de Brault possa ser compreendida como tradução; porém, se a “nãotradução” propõe “(...) uma nova inteligibilidade de ambos (...)”, original e tradução, vejamos como as análises dos ensaios de *Poèmes des quatre côtes* e de um de seus poemas, em contraste com seu original, conduzem a autora a essa conclusão.

Nesse primeiro artigo sobre a “nãotradução” braultiana publicado no Brasil, Stradioto-Casolato (2022, p. 5) ressalta sua importância para a história literária recente do Quebec e, paradoxalmente, sua situação de “(...) desconhecido no Brasil (...)”, fator que encarrega a autora de apresentar Jacques Brault ao seu público antes de concentrar-se na “nãotradução”. Stradioto-Casolato (2022) define a poética braultiana como “intimista”, “(...)

por vezes oximórica (...)” (p. 7), autônoma (p. 19) e “(...) impensável sem o encontro de alteridades pois o ‘outro’ está sempre implicado em sua obra (...)”; além de conectá-la a uma influência que parece informar largamente o jogo de contrastes da “nãotradução”, o taoísmo (p. 7)²³⁰. Este último aspecto, conforme elaborado no artigo, pode ser central para a proposta “nãotradutória”:

(...) De forte vocação filosófica, marcada especialmente pelos ensinamentos do *Daodejing*, a poesia de Brault incorpora opostos em constante tensão. Por vezes oximórica, a sua voz poética conjuga polaridades que se contrastam e ao mesmo tempo se complementam como as profundas reflexões labirínticas acerca do ser e do não-ser, do dizer e do não-dizer, do lugar e do não-lugar. É que a escrita braultiana não é ocidentalmente linear, mas orientalmente circular, o que faz com que ponto de partida e de chegada acabem por se encontrar. (...) Outro conceito-imagem chave na sua poética, de inspiração igualmente daoísta, é o de caminho como errância e busca, noção que também ressoa no seu processo criativo (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7, grifo da autora).

Stradioto-Casolato associa, portanto, o jogo de contrastes “em constante tensão” que estrutura todo o discurso da “nãotradução” sendo esta uma característica própria da poética braultiana, assim como a relação de Brault com o taoísmo. Observa-se o emprego da partícula *não* no texto de Stradioto-Casolato, criando os pares *ser* e *não-ser*, *dizer* e *não-dizer* e *lugar* e *não-lugar* e levando-nos a um par tradução e não-tradução. Sublinhamos, também, a circularidade dos percursos braultianos, também comentada por Suchet (2017) e a imagem de sua escrita como um “caminho” de “errância e busca”, que pode tirar nosso foco dos objetivos e produtos da “nãotradução” — aproximados por Simon (1994) e Suchet (2017) à tradução, simplesmente, e cuja “experimentação (...) conduz a um impasse (...)”, na avaliação de Suchet (2017, p. 2) — e concentrá-lo no processo de “nãotraduzir”. A “inspiração” tanto para o tensionamento de polos, quanto para a “errância” viriam, segundo Stradioto-Casolato, do taoísmo.

Apesar de não considerar a “nãotradução” de Jacques Brault (1975) um modo de tradução, Stradioto-Casolato (2022, p. 7) atribui à tradução um papel de formação na poética do autor: “Ler e traduzir são veredas que se combinam estreitamente para formar a poética braultiana”. Quanto ao uso do termo “poiética”, o texto o remete a Paul Valéry e o define como “(...) a associação das noções de *poiésis* (fazer poético) e *ethos* (identidade poética, ou ainda, o ‘lugar’ poético do escritor)” (grifos da autora). O termo retoma, portanto, a vinculação

²³⁰ Além das análises de Stradioto-Casolato (2022), contamos com Laroche (2005) e Vachon (1977) para compreender os “traços taoístas” da “nontraduction” braultiana (LAROCHÉ, 2005, p. 81) em nosso terceiro capítulo.

(já mencionada em nossa Introdução), por parte da crítica, mas também do próprio Brault (apud NARDOUT-LAFARGE, 2014, p. 56), de sua poética a um posicionamento ético; “(...) uma ética da escrita (...)” (VACHON, 1977, p. 188).

Em relação a *Poèmes des quatre côtés*, nosso objeto de estudo, o discurso de Stradioto-Casolato, assume um tom condizente com sua complexidade. A autora o indica como “(...) talvez o mais inusitado de todos (...) [os livros Brault]” (p. 7, grifo nosso), definindo-o como um “livro intrigante (...) [que] expõe uma controversa poética (...)” (grifo nosso). O artigo descreve “(...) o nó do nãotraduzir (...)”²³¹ desde a contraditória noção de que “(...) traduzir é impossível, (...) traduzir é inevitável” (BRAULT, 1975, p. 14): “(...) partindo da impossibilidade da tradução de poesia e diante da sua imprescindibilidade para o seu ofício de poeta, Brault encontra uma alternativa que seria uma espécie de reescrita à sua maneira, a *nãotradução* (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7, grifo da autora). Stradioto-Casolato relaciona explicitamente essa reescrita ao taoísmo:

(...) A noção daoísta de contraste e complementação, de reversão (LAI 2009: 105-106) se fazem presentes: traduzir e intraduzibilidade. Da oposição de um termo ao seu contrário, surge a terceira via: a *nãotradução*. A dicotomia entre os dois termos desaparece, possibilitando uma complementação entre ambos que dará lugar à proposição de Brault, em suas próprias palavras: do ‘impedimento e necessidade, nasceu a *nãotradução*’ (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7, grifos e tradução da autora).

Passa-se, então, a apresentar aspectos materiais da publicação braultiana que comprovariam um alto nível de detalhes na execução do projeto da “nãotradução”. Stradioto-Casolato (2022, p. 8) nos informa da tiragem modesta de *Poèmes des quatre côtés*, de escolhas tipográficas e de diagramação — um cuidado que “(...) leva às últimas consequências a teoria da reescrita como manipulação elaborada por André Lefevere” — e o “detalhe interessante” da colagem manual das cópias das pinturas reproduzidas no livro pelo próprio autor, “(...) em todos os mil exemplares da primeira edição! (...)”. Quanto aos “nanquins”, se em nossa leitura de *Poèmes des quatre côtés* realizada na segunda seção deste capítulo sugerimos uma possível conexão entre suas imagens abstratas e os poemas que ornaram, em Stradioto-Casolato sua importância é elevada à de ilustração da prática nãotradutória:

(...) Os cinco nanquins de autoria do poeta (...) ilustram com perfeição a

²³¹ BRAULT, Jacques. *Sur la traduction de la poésie*. In: *La poussière du chemin: essais*. Boréal: Montréal, 1989.

natureza das reflexões ali contidas. Em nuances da cor predominante em seus poemas, o cinza é a tonalidade intermediária entre o branco e o preto e, assim como os poemas do livro, poema original e tradução se mesclam para dar lugar a um novo poema, a sua *nãotradução* (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 8, grifo da autora).

O artigo de Stradioto-Casolato reproduz as pinturas da edição original de *Poèmes des quatre côtés* e segue percorrendo a estrutura do livro, um movimento que também orienta nosso plano de dissertação. Voltando à tarefa de explicar por que a “nãotradução” não poderia ser considerada um modo de tradução, a autora amplia ainda mais as contra-definições de tal prática, afirmando que “não se trata, absolutamente, de imitação e nem tampouco de reprodução ou apropriação (...)” (2022, p. 12). A oposição entre “nãotradução” e “imitação” se faz presente em dois importantes trechos de *Poèmes des quatre côtés*, já comentados em nossos demais capítulos. A “reprodução”, no entanto, parece se referir ao mesmo tipo de “tradução muito literal” contraposto por Simon à “nãotradução”, conforme descrito mais adiante. Quanto à defesa de que a “nãotradução” braultiana não realizaria um ato de “apropriação”, entendemos que a autora se baseie, por um lado, na comparação que realiza entre tal prática e as de antropofagia e transcrição e por outro, na resistência do sujeito lírico em aceitar a naturalização da dominação cultural, bem como em sua busca pela produção de um texto que não seja “(...) nem apropriação, nem desapropriação (...)” (BRAULT, 1975, p. 70). Nessa perspectiva, é a “leitura crítica” que assume o protagonismo da (re)criação:

(...) O projeto da *nãotradução* é orientado para e pela leitura crítica, voltado para o processo de uma escrita de transmutação da linguagem que só é possível graças à multiplicidade de sentidos de todo texto literário tanto o de partida quanto o de chegada, mas, principalmente, daquele resultante da *nãotradução*. A tradução poética, atrelada ao parâmetro representado pelo poema original, seria um freio ao poder criador do poeta-tradutor. Faria com que o poema traduzido se limitasse a ser uma duplicação do original em outra língua, impedindo o poeta de explorar as infinitas possibilidades que a linguagem poética, em todos os seus níveis, permite (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 12, grifos da autora).

No trecho destacado, Stradioto-Casolato assume o discurso que vigora em parte dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* atrelando a prática da tradução à primazia do original, um “idealismo” (BRAULT, 1975, p. 33). Essa visão idealista, para Brault (1975) determina a existência de um sentido original e fechado do texto e, portanto, sua máxima preservação como a tarefa última do tradutor, sendo uma simples “(...) passagem de uma língua à outra (...)” (p. 94). Stradioto-Casolato não realiza, no entanto, um contraponto no que concerne a

imposição de tal narrativa como a única “representação do traduzir” possível, como o faz Suchet (2017, p. 1). Não obstante, práticas tradutórias que desobedecem ao paradigma da fidelidade — como os diversos exemplos de tradução no Quebec trazidos por Simon (1994) nos quais a “(...) tradução abunda em deformações, quiçá em atos de pirataria poética (...)” (1994, p. 70) — também podem, por sua vez, ser consideradas traduções. Essa lógica preterida por Stradioto-Casolato (2022) permite a Simon e Suchet considerarem a “nãotradução” braultiana como um modo de tradução a despeito da força da poética da reescrita do autor que identificam em “*Axiome*”.

Apesar de não ser, “(...) absolutamente, (...) apropriação (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 12), a “nãotradução” braultiana realizaria uma absorção, segundo Stradioto-Casolato (2022, p. 12) do poema alheio: “(...) o poema nãotraduzido deve ser o anfitrião do original, deve absorver o outro — o estrangeiro, na língua do tradutor (...)” (grifo da autora). Esse seria “(...) um gesto bastante significativo (...)”, por incorporar “(...) e nãotraduzir para o francês poemas da língua do colonizador (...)” (p. 13, grifo da autora). Dessa forma, as particularidades do sistema literário ao qual pertence Brault não são apenas enfatizadas pelo artigo, este também defende o poder de intervenção das obras do autor em tal sistema:

A sua obra contribuiu nos anos 1960 para a formação de uma literatura francófona própria do Quebec, independente da América do Norte de língua inglesa, distinta de toda literatura de expressão francesa do restante do país e emancipada do centralismo editorial da França (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7).

Dentro dessa prolífica obra, a “nãotradução” se insere, para Stradioto-Casolato (2022, p. 13), como “(...) uma poíesis tradutória pós-colonial”, profundamente conectada, portanto, ao seu contexto de publicação, também explorado no artigo. A autora recupera o aspecto histórico da província quebequense “(...) como uma espécie de colônia empobrecida submetida ao poder do restante da nação de língua inglesa até o século XX (...)” e afirma que “(...) o surgimento de uma literatura pós-colonial foi possível graças ao engajamento de alguns intelectuais, entre eles o de Jacques Brault (...)” (2022, p. 14). Surge, então, a comparação com outra prática tradutória que contribuiu para a fundação de uma identidade nacional no século XX, desta vez no Brasil: “Seria, então, a *nãotradução* de Brault uma Antropofagia tradutória? (...)” (2022, p. 14, grifo da autora).

Baseada em outro texto de Sherry Simon, Stradioto-Casolato (2022, p. 15) defende que, “(...) ainda que muito semelhante tanto na inspiração quanto na prática, a *nãotradução*

não se enquadraria na definição de antropofagia tradutória (...); discordando, porém, do motivo para tanto. Enquanto Simon (apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 15) justifica a diferença entre ambas atribuindo à antropofagia uma “intenção paródica” e à “nãotradução” uma abordagem de “respeitosa atenção”, Stradioto-Casolato (2022, p. 15), considerando tal premissa generalista e “equivocada”, explica que não considera a “nãotradução” braultiana (1975) a elaboração de um “canto paralelo” (CAMPOS apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 15-16)²³². A autora se debruça sobre essa questão, mobilizando uma rica bibliografia, e deve ser consultada para maior apreensão do debate. Vale, no entanto, recuperar parte dele para compreender como a diferença estabelecida entre a “nãotradução” de Jacques Brault e a tradução no texto de Stradioto-Casolato depende um conceito de “liberdade” poética:

(...) A despeito da *nãotradução* poder ser descrita como uma reescrita criativa de um poema em outra língua, ao contrário da transcrição, não é limitada pela isomorfia. O poeta *nãotradutor* tem autonomia não apenas quanto à forma. A liberdade é total, se manifesta nos planos semântico, sintático, rítmico e imagético (...) pois não pode se limitar a ser reprodução ou duplicação. O poeta *nãotradutor* deve pautar-se apenas pelo caráter subversivo da apropriação radical do poema original (...). Também não é um canto paralelo, pois Brault entende que há paralelismo somente entre poema original e poema traduzido, ambos suprimidos para ceder lugar à *nãotradução*. (...) Para Brault, ela é paralelismo invertido, ela é quiasma (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 16, grifos da autora).

As conclusões de Stradioto-Casolato também se baseiam no entendimento da “nãotradução” de Jacques Brault como um espaço de “encontro de alteridades”, imagem que pode evoluir para “uma fusão de alteridades”, mas jamais para a de uma assimilação, “apropriação” ou, a partir da antropofagia, de uma deglutição do *Outro*:

(...) Não há na *nãotradução* o gesto parricida que implica na imposição de um sujeito sobre o outro ou mesmo no apagamento quando o outro é absorvido, deglutido. Na *nãotradução* um se completa no outro e vice-versa. Há um encontro de alteridades, por que não dizer uma fusão de alteridades, o que permite uma reescrita ainda mais extremada que chega até mesmo a criar poemas que não existem na língua original (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17, grifos da autora).

Desperta nossa atenção que, para argumentar em favor da não definição da “nãotradução” braultiana como tradução e de sua distinção da antropofagia brasileira,

²³² CAMPOS, Haroldo de. *Tradução, ideologia e história*. In: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (Org.). *Haroldo de Campos — Transcrição*. Perspectiva: São Paulo, 2015. pp. 37-45.

Stradioto-Casolato tenha empregado a metáfora do parricídio para referir-se à antropofagia — a mesma imagem empregada por Jacques Brault (1975, pp. 33-34) em uma das passagens que mais intensamente nos levam a determinar sua “nãotradução” como um modo de pensar a tradução:

(...) (...) Dando as costas ao mais tenaz desprezo do idealismo filosófico (e existencial), não concedo ao original um caráter fixo. Todo discurso (todo texto) é literário na medida em que não está completamente corroído pela entropia (pela univocidade), à medida em que sua probabilidade de sentido permanece múltipla, não fechada, não definitiva. Um texto assim convida precisamente à “traição”. Nãotraduzir, é fidelidade que aspira à infidelidade. Um texto nãotraduzido mantém-se perturbação (perturbado/perturbante) ele não chega a desatar sua dependência e sua independência. (...) Um sentido-filho busca assassinar o sentido-pai para enfim deixar que a relação pai-filho seja, como terceira realidade, a única viável a partir de então. (BRAULT, 1975, p. 33-34).²³³

Atentos ao extenso número de vocábulos ligados à prática tradutória no excerto citado (BRAULT, 1975, pp. 33-34), entendemos que a “nãotradução” busca, sim, uma convivência entre diferentes em lugar do “apagamento” do outro, mas que, estando em posição de submissão, de derivado, de texto-filho, “(...) aspira à infidelidade”, à “traição” de “(...) assassinar o sentido-pai (...)”. Assim como essa ação não teria seu fim em si mesma, mas seria necessária “(...) para enfim deixar que a relação pai-filho seja uma terceira realidade (...)”; o movimento da “nãotradução” não teria seu fim no próprio traduzir ou na deglutição do *Outro*, mas, talvez, na ressignificação do traduzir e, por essa via, da própria relação com o *Outro*. Talvez, a condição primeira para o estabelecimento de uma nova relação, “encontro” ou mesmo “uma fusão de alteridades” seja reconhecer-se em uma relação em que se é “vulnerável” (SIMON, 1994, p. 70), o espaço do traduzido, do silenciado, do ignorante; e, admitindo essa lógica, subvertê-la até atingir “(...) uma terceira realidade, a única agora viável (...)” produzida pelo tensionamento da dominação. Se a busca pela “nãotradução” em si é seu próprio objetivo, visto que seu produto é um impasse e seu verdadeiro ganho são novos estabelecimentos de sentidos e relações; talvez, a condição primeira para o desenvolvimento de um poema dialógico dentro do projeto chamado “nãotradução” seja reconhecer-se em uma

²³³ “(...) Ainsi, tournant le dos à la plus tenace méprise de l’idéalisme philosophique (et existentiel), je n’accorde pas à l’original un caractère de fixité. Tout discours (tout texte) est littéraire dans la mesure où il n’est pas complètement rongé par l’entropie (par l’univocité), dans la mesure où sa probabilité de sens demeure multiple, non close, non définitive. Pareil texte appelle précisément la “trahison”. Nontraduire, c’est fidélité qui aspire à l’infidélité. Un texte nontraduit reste trouble (troublé/troublant), il n’arrive pas à départager sa dépendance et son indépendance. (...) Un sens-fils cherche à tuer le sens-père pour enfim laisser être la relation père-fils comme tierce réalité, la *seule* désormais viable” (BRAULT, 1975, pp. 33-34, grifo do autor).

relação em que se é “vulnerável” (SIMON, 1994): um francófono no Quebec da década de 1970 que faz-se, de algum modo, um tradutor. E, por essa via — admitindo mas questionando constantemente essa lógica da tradução como prática “impossível” e “inevitável”, vetada e necessária à criação poética — subverter tal relação até atingir “(...) a terceira enunciação; ou seja, a combinação das duas outras sem que uma elimine ou se sobreponha a outra (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 25), uma realidade simbólica produzida pelo tensionamento da dominação em um espaço que só pode existir no “Não-espaço” (“um *Unland* original”; SUCHET, 2017).

Examinando a fundo metáforas como a do “parricídio” em *Poèmes des quatre côtes*, preferimos pensar as provocações da proposta brautiana como ampliação de nossa visão sobre a tradução, ao invés de isolar a “nãotradução” das demais possibilidades tradutórias. Apesar de concordar com a visão da “nãotradução” como um encontro/fusão “(...) de alteridades” produtor de uma “terceira enunciação”, nós a incluímos na categoria de tradução. Nossa posição, é claro, é devedora de interpretações como a de Suchet, também retomada por Stradioto-Casolato:

A *nãotradução* é uma outra forma de representação do ato de traduzir. Não se trata de uma exceção à regra, mas antes “uma alternativa à representação essencializante e naturalizante da tradução” pois o ato nãotradutório não entende a tradução poética a partir dos binômios original/tradução, poema de partida/poema de chegada (...) (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17, grifo e tradução da autora).

Um exemplo de escape a esse binarismo de discursos da tradução seriam as “*collaborage-citations*”, frutos de “(...) uma reescrita ainda mais extremada que chega até mesmo a criar poemas que não existem na língua original (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17). O artigo de Stradioto-Casolato (2022) compara tais criações à “(...) maneira poundiana do *make it new* (...)” (p. 17, grifo da autora) e a seguir, associa novamente a “nãotradução” ao “*Daodejing*” (grifo da autora):

(...) De acordo com o *Daodejing*, os opostos são princípios que se complementam, sendo uma parte de cada polo habitante também do seu oposto. A oposição daoísta dilui a dicotomia entre dois termos contrastantes e o resultado não é a identificação de ambos e nem o apagamento de um deles, mas sim a sua complementação (LAI 2009: 106). É como a cor cinza dos nanquins que enriquecem *Poèmes des quatre côtes*, não é mais o branco e nem o preto: é o resultado de sua combinação, contém em maior ou menor grau um pouco de cada. Assim também a *nãotradução*, não é o poema original e nem tradução, ela contém qualquer coisa de um e de outro, ela se

faz de ambos. (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17, grifos da autora).

A associação ao taoísmo é, portanto, essencial para enxergar os polos tradução e não tradução / original, uma vez tensionados em uma disputa irresolúvel), como “(...) princípios que se complementam, sendo uma parte de cada polo habitante também do seu oposto (...)” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17). Desse modo, Brault “(...) dilui a dicotomia (...)” entre tradução e original, não porque a resolve, mas porque se propõe a potencializar seu produto, sua “complementaridade útil” (LAROCHE, 2005, p. 85). É a perspectiva taoísta que conduz Stradioto-Casolato à conclusão de que, frente à tradução:

(...) Estamos diante de reescritas radicais que congregam concomitantemente três modos de enunciar – a do poeta do poema original, a de Brault (ilustrada também pelos nanquins), e a que resulta da fusão de ambas, sem que se possa estabelecer em que medida o texto final depende ou independe do poema original e da tradução (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 22-23, grifo da autora).

Tal desenlace não advém apenas do estudo da influência taoísta em *Poèmes des quatre côtés*, mas da análise dos procedimentos práticos empregados em um dos poemas “nãotraduzidos” por Brault, em contraste com seu original (CUMMINGS apud STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 23)²³⁴. A escolha de tal par, segundo Stradioto-Casolato (2022, p. 22), vem do fato de ele “(...) ilustrar a poética *nãotradutória* com todas as suas perturbações (...)” (grifo da autora). Resumimos, a seguir, o que diz a autora sobre os poemas de Cummings e Brault, mediados por traduções dos dois textos para o português realizadas pela autora.

Stradioto-Casolato nota, primeiramente, a disposição visual do poema braultiano — tal como fizera Suchet em relação a “*Axiome*”— marcada pela presença dos “(...) brancos tão característicos na escrita braultiana (...)”. Ela identifica, porém, que “(...) o arranjo gráfico é inusitado até mesmo para Brault, o que assinala a presença do outro — E. E. Cummings²³⁵ conhecido por seus experimentos com a forma do poema (...)”. Reproduzindo os dois textos e suas traduções, repara-se que, enquanto o poema original possui “(...) apenas três versos monorrimos, a versão de Brault estende-o em sete versos, realizando uma intervenção gráfica com a última palavra do final — “monte” — deslocando-a nas direções vertical e diagonal, até conectá-la à última letra do antepenúltimo verso. Essa disposição gráfica inexistente no original de Cummings demonstra, para Stradioto-Casolato (2022, p. 23), a atenção do “poeta

²³⁴ CUMMINGS, E. E. *Complete Poems, 1904-1962*. Liverlight: Nova Iorque, 1991.

²³⁵ Mantemos a grafia da autora (STRADIOTO-CASOLATO, 2022).

nãotradutor” às características da poética de Cummings à medida em que incorpora “(...) seus experimentos com a forma do poema (...)” mesmo ao recriar um poema no qual estas não se fazem presentes. Esse traço colabora para a diferença entre tradução e “nãotradução” braultiana defendida pela autora.

O rico artigo de Stradioto-Casolato (2022) não se limita a comentar “o arranjo gráfico” da “nãotradução”. Tratando-se de um poema erótico, o original de Cummings apresentaria uma aceleração progressiva do ritmo, na qual “(...) cada verso assinala um momento de êxtase (...)” (2022, p. 23). Em contrapartida, sua “nãotradução” operaria por um “andamento invertido”: “(...) enquanto no original há uma aceleração a cada verso reproduzindo a intensidade dos êxtases, na *nãotradução* acontece o contrário, e o ritmo vai se desacelerando com o aumento das oclusivas (...)” (2022, p. 24, grifo da autora), o que a autora configura como um “quiasma”, um “paralelismo invertido”. Ela também encontra diferenças no plano semântico já que, no quarto verso de Brault, que, lembramos, não existe no original de Cummings, “(...) aparecem elementos inéditos como sendas, chuva, granizo (...)” (2022, p. 24); e “(...) outra perturbação sintática (...)”: “(...) a *nãotradução* abole as construções tméticas bem como toda pontuação (...)” (grifo da autora). Além da nova disposição do poema, nota-se uma grande disparidade entre os conteúdos dos versos:

(...) Quanto às imagens, o poema *nãotraduzido* suprime as referências eróticas explícitas contidas no poema de Cummings. Em Brault o erotismo é sempre mitigado, por vezes dissimulado como acontece nesta *nãotradução* e em outros poemas de Brault cujo lirismo sensual é inspirado pelo erotismo sutil da poesia trovadoresca em que não há “exaltação viva e franca do ato sexual” e o clímax é sempre simbolizado (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 24, grifo da autora).

Aprofundando sua análise, Stradioto-Casolato considera que o poema de Brault ressignifica o de Cummings dentro de sua poética (que mitiga e dissimula “o erotismo”). Para a autora, dentro do projeto de reescrita ao qual se lança o “poeta nãotradutor”: “(...) Na *nãotradução* esses eventos atípicos do mundo natural dizem respeito ao êxtase que se segue, não ao ato de amor físico, mas ao ato de escrita (...)” (2022, p. 25, grifo da autora). Essa leitura é complementada com a informação da tradição religiosa e conservadora existente no contexto de Jacques Brault.

Ao definir a “nãotradução” braultiana como uma “reescrita perturbada e perturbante”, Stradioto-Casolato alude a uma passagem de *Poèmes des quatre côtés* que pode sintetizar a compreensão da autora frente a tal obra: “(...) Um texto nãotraduzido permanece

“perturbação” (perturbado / perturbante), não consegue distinguir sua dependência e sua independência. (...)” — no original, “(...) un texte nontraduit reste trouble (troublé/troublant) (...)” (tradução nossa).

Reconhecemos o valor do estudo que Stradioto-Casolato faz da “nãotradução” braultiana e o elegemos, juntamente ao capítulo de Sherry Simon, como as principais análises que norteiam nossa compreensão da proposta de Jacques Brault. O leitor notará que, entre essas duas grandes referências, há uma discordância conceitual. Simon não questiona, em nenhum momento, que se trata de uma prática de tradução e que a partícula *não-*, acrescentada por Brault, é essencialmente simbólica e tem como função principal estabelecer a “tensão” que estrutura toda a antologia. Stradioto-Casolato entende da “nãotradução” de Jacques Brault como “(...) uma técnica imanente de escrita poética, verdadeiro projeto artístico (...)” (lê-se, original, embora derivativo, pois revestido pelo manto da autoria que não é concedido a tradutores. Apesar de assumir “uma poiésis tradutória”, Brault ultrapassaria essa instância — sob uma perspectiva taoísta. Esta depende, por um lado, de uma ideia de liberdade criativa total, e por outro, de uma ideia de fusão de duas enunciações (original e tradução) gerando uma “terceira enunciação”. Apesar de valorizarmos o peso da “influência taoísta” em *Poèmes des quatre côtés*, sobretudo em seus ensaios e de produzirmos uma leitura majoritariamente convergente com a de Stradioto-Casolato, nossa leitura nos conduz, tal como a Simon, ao entendimento de que a operação de Jacques Brault é uma prática de tradução. Testamos nossa hipótese realizando uma terceira análise comparativa entre uma “nãotradução” e seu texto-fonte, exposta a seguir.

3.3 ANÁLISES COMPARATIVAS DE BRAULT E MACEWEN

Tal como Simon e Stradioto-Casolato, realizaremos uma análise comparativa entre um dos *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975, p. 43) e seu texto de partida (MACEWEN, 1969, p. 80), no intuito de que esse estudo amplie nosso repertório de procedimentos empregados no processo de “nãotradução”. O original de “*Je suis venue*” (BRAULT, 1975, p. 43) foi identificado por meio da comparação de alguns poemas de *The Shadow-Maker*, livro de Gwendolyn MacEwen publicado em 1969, e os da seção “*Est*” de *Poèmes des quatre côtés*. Reproduzimos, a seguir, os dois poemas em questão, optando pela clássica exibição de “(...) um texto ao lado de um texto (...)” (BRAULT, 1975, p. 32) no Quadro 6 (p. 142) para facilitar a comparação de suas disposições na página (ponto importante das análises de Suchet e Stradioto-Casolato).

Quadro 6 – Reprodução e comparação dos poemas “*The Shadow-Maker*”, de Gwendolyn MacEwen (1969, p. 80), à esquerda, e “*Je suis venue*”, de Jacques Brault (1975, p. 43), à direita

The Shadow-Maker

I have come to possess your darkness, only this.

*Je suis venue faiseur d'ombre
pour posséder seulement l'obscur de toi*

*My legs surround your black, wrestle it
As the flames of day wrestle night
And everywhere you paint the necessary shadows
On my flesh and darken the fibres of my nerve;
Without these shadows I would be
In air one wave of ruinous light
And night with many mouths would close
Around my infinite and sterile curve.*

*mes jambes ceinturent ta noirceur et serrent
comme flammes du jour enserrent la nuit
elles cernent les ombres certaines que tu étales
sur ma peau et sur les fibres de mes nerfs noircis

sans ces ombres je serais dissoute
dans l'air vague unique de ruineuse lumière
et la nuit par nombreuses bouches se fermerait
sur ma courbe stérile sans fin*

*Shadow-maker create me everywhere
Dark spaces (your face is my chosen abyss),
For I said I have come to possess your darkness,
Only this.*

*faiseur d'ombre porte-moi partout
dans les espaces sombres

(ton visage est mon dernier
abîme)
car je ne suis venue oui que pour posséder l'obscur
de toi seulement l'obscur*

FONTE: MACEWEN, Gwendolyn. “*The Shadow-Maker*”. In: *The Shadow-Maker*. Macmillan: Toronto, 1969. p. 80.

FONTE: BRAULT, Jacques. “*Je suis venue*”. In: *Poèmes des quatre côtés*. Éditions du Noroît: Montréal, 1975. p. 43.

Comentaremos o par de poemas acima de acordo com a ordem dos detalhes observados, separando nossas observações em parágrafos segundo as suas estrofes e encerrando-as com um comentário final. A fim de não incluir referências constantes aos dois poemas em nosso texto, o que dificultaria o acompanhamento de sua comparação, informamos que as referências em francês que se seguem pertencem a Brault (1975, p. 43), e as em inglês, a MacEwen (1969, p. 80), salvo indicação contrária. A fim, igualmente, de facilitar a leitura comparada dos poemas, os versos de MacEwen podem receber a sigla [LxM] de acordo com sua ordem no poema (sendo L referente ao número da linha no poema), tal como os de Brault serão indicados por [LxB] (conforme aplicado adiante).

Nota-se, antes de tudo, a ausência do título “*The Shadow-Maker*” no poema recriado por Brault, mas sua incorporação ao primeiro verso [L1B] após o primeiro dentre os espaços

em branco acrescentados por Brault. Observa-se o emprego do feminino em “*Je suis venue*”, já que o tempo verbal correspondente ao pretérito perfeito em francês marca o gênero do locutor quando conjuga determinados verbos, como o *vir*. Lembramos que, em nossa Leitura analítica de *Poèmes des quatre côtés*, indicamos a tendência ao feminino no sujeito lírico da seção poética derivada de MacEwen, a despeito do que costumamos encontrar em sua obra. O primeiro verso do original de MacEwen é, portanto, dividido em dois na versão de Brault [L1-L2B]. Neles, há uma alteração sintático-semântica que acaba por dissolver a ambiguidade de “(...) *to possess your darkness, only this. // (...)*” [L1M], sequência que acreditamos poder ser lida como: i. “eu vim só para possuir sua escuridão”; ou ii. “eu vim para possuir apenas a sua escuridão”. O poema de Brault opta pelo segundo sentido com “(...) / *pour posséder seulement l’obscur de toi // (...)*”. Percebe-se também a ausência de pontuação ao longo de todo o poema “nãotraduzido”, e a escolha de traduzir “(...) *your darkness (...)*” como “(...) *l’obscur de toi (...)*” (o obscuro de ti) [L2B] quando o mais comum em língua francesa seria *ton noir* (teu escuro). “(...) *L’obscur de toi (...)*” [L2B] deixa mais evidente a interpretação de “(...) *your darkness (...)*” como “aquilo que em você me é obscuro, desconhecido, oculto”, em detrimento de “suas trevas, seu mal”.

Na segunda estrofe, outra escolha tradutória que envolve ambiguidade é a transformação de “(...) // *My legs surround your black (...)*” [L2M], verso no qual “minhas pernas envolvem seu preto” ressoam como “minhas pernas envolvem suas costas” (“[...] *your black [...]*”, *your back*), revelando que se trata de um poema altamente erótico; em “(...) // *mes jambes ceinturent ta noirceur (...)*” [L3B], que abraça os dois sentidos contidos no original, afinal, o verbo “ceinturent” deriva de *ceinture*, cintura. No mesmo verso, além de inserir um segundo espaço em branco, Brault transforma “wrestle” (lutam) em “serrent” (apertam), o mesmo verbo empregado em abraço (*serrer dans les bras*) e aperto de mão (*serrer la main*) e, é claro, no contexto sexual. Algo similar se verifica na transformação de “*As the flames of day wrestle night*” em “*comme flammes du jour enserrent la nuit*”, substituindo o verbo *lutar* por uma intensificação tão grande da ideia de aperto contida no verso anterior que produz a ideia de esmagar ou absorver. Notamos também o emprego de artigos definidos onde o original opta pela não definição (“[...] *flames of day wrestle night / [...]*”) mas, em contrapartida, a supressão do artigo definido onde ele figura no original (“[...] *the flames of day [...]*”), como se o poeta buscasse optar pelo inverso do verso original. Os dois versos que se seguem [L4-5M; L5-6B] são menos próximos entre si do que quaisquer outros do par: “(...) / *And everywhere you paint the necessary shadows / On my flesh and darken the fibres of my nerve; / (...)*” (que aproximamos do leitor brasileiro como “em todos os lugares você pinta as

sombras necessárias / na minha carne e escurece as fibras do meu nervo”) transforma-se em “(...) / *elles cernent les ombres certaines que tu étales / sur ma peau et sur les fibres de mes nerfs noircis / (...)*” (elas [as chamas do dia, do verso anterior] cercam as sombras certas que tu espalhas / sobre minha pele e sobre as fibras de meus nervos escurecidos). Mediante essas alterações, os versos originais são totalmente reinterpretados, de modo que já não cabe ao tu, ao destinatário do poema, pintar “as sombras necessárias” na pele do sujeito lírico, e sim, “às chamas do dia” (as pernas do próprio sujeito) cercar as sombras projetadas sobre sua pele e sobre as fibras de seus nervos já escurecidos. Os versos repropostos por Brault reduzem o poder do “tu” sobre o eu lírico, além de retirar a necessidade das sombras do *Outro*. O tradutor insere, então, uma linha em branco, dividindo a segunda estrofe em duas, para salientar a mudança do foco travada a seguir.

Na terceira estrofe de Brault, que permanece como a segunda de MacEwen, as transformações ocorridas na versão braultiana voltam a ser mais pontuais. No primeiro de seus versos, é acrescentado o adjetivo “*dissoute*” (dissolvida); no próximo, surge o terceiro espaço em branco do poema de Brault, que também inclui o adjetivo *único* em “(...) *vague unique de ruineuse lumière / (...)*” — para nós, uma reflexão que reverbera o metadiscurso da “nãotradução” que a orienta rumo ao “encontro de alteridades” (STRADIOTO-CASOLATO, p. 7): “sem o meu oposto, o obscuro, eu não seria nada além de uma onda única de ruína luz”. Nos dois últimos versos da estrofe, cabe aos artigos, preposições e posições das palavras no verso ressignificarem os versos originais: “(...) / *And night with many mouths would close / Around my infinite and sterile curve // (...)*” (e noite com muitas bocas se fecharia / ao redor de minha infinita e estéril curva) torna-se, pelas mãos de Brault, “(...) / *et la nuit par nombreuses bouches se fermerait / sur ma courbe stérile sans fin // (...)*” (e a noite, ou, e à noite por numerosas bocas se fecharia / sobre minha curva estéril sem fim). Observamos a conversão de “*around*” em “*sur*” como definidora de uma nova curva, de uma nova forma para o órgão sexual, dada a troca do enunciador de uma mulher cisgênero para um homem cisgênero, além da transformação da “infinita e estéril curva” da primeira (infinita, talvez, por seu formato, mas muito mais pela expectativa em sua capacidade de gerar novos corpos, imediatamente rompida pelo adjetivo “estéril”) em uma “curva estéril sem fim” (aqui, é o ato sexual, as “numerosas bocas” que executam um ato “sem fim”), o espaço em branco marcando com mais clareza a desassociação do advérbio à “curva estéril”.

Nas estrofes finais de MacEwen e Brault, consideramos, novamente, que a ressignificação promovida pela “nãotradução” converge para seu metadiscurso, afinal, o apelo “(...) // *Shadow-maker create me everywhere / (...)*” (fazedor de sombras, me crie em todos os

lugares), quando transformado em “(...) // *faiseur d’ombre* *porte-moi partout / (...)*” (fazedor de sombra leve-me a todos os lugares) retira de um *Outro* a capacidade de criar um *Eu* (ou convertê-lo, ao molde de si mesmo, em uma sombra, totalmente oposta à sua situação inicial no poema, às “chamas do dia”) e pede-lhe, ao *Outro*, que o leve — a exemplo das múltiplas elaborações da prática da “nãotradução” como uma viagem (BRAULT, 1975, pp. 14; 53; 88; 90, entre outras). As particularidades dessa alteração no poema de Brault pode relacionar-se também à cosmogonia taoísta. O verso seguinte de MacEwen divide-se, novamente, em dois no poema de Brault [L12-13B], que desloca sua metade final para o ponto exato da página em que se encerra sua parte inicial; nele, “(...) *my chosen abyss (...)*” torna-se “(...) *mon dernier abîme (...)*”. Por fim, o verso final de Brault usa de uma repetição para reiterar a simplificação da ambiguidade pela qual optara no início do poema, reproduzindo a circularidade do original de MacEwen.

Em linhas gerais, podemos observar na recriação de “*The Shadow-Maker*” por Jacques Brault a regência de uma poética de “encontro” ou “fusão de alteridades”, como determinara Stradioto-Casolato (2022): levada pelo “fazedor de sombra” de MacEwen, a voz lírica de Brault assume um aspecto feminino e deixa sua pele — sua “superfície” — receber a projeção dessa sombra sem se deixar por ela “capturar” como ocorre no poema original. Por meio de alterações diversas — às vezes, pequenas e sistemáticas²³⁶, como as observadas por Simon, às vezes com alto grau de liberdade como aquelas apontadas por Stradioto-Casolato — o tradutor parece introduzir a todo momento sua própria experiência de leitura desse poema²³⁷, permitindo-se, como revelara em sua “Contrenote”, conhecer e valorizar suas próprias interferências no poema uma vez consciente de que nenhum texto detém um sentido original, absoluto, “(...) fechado, (...) definitivo (...)” e que, ao contrário, cabe justamente ao leitor a produção de sentidos.

Conforme notara Stradioto-Casolato (2022) ao defender que a “nãotradução” não seria, afinal, tradução, alguns procedimentos da reescrita braultiana dificilmente podem ser encontrados em poemas que de fato se apresentam como traduções. É o caso do aumento no

²³⁶ A análise comparativa efetuada por Faleiros (2021, pp. 23-26) de outro poema de Brault, “*Commencement*” (apud FALEIROS, 2021, p. 24) e seu original, pertencente à obra de Blas de Otero, também deve ser levada em consideração por este estudo, apesar de não se tratar, nesse caso, de um dos *Poèmes des quatre côtés* (BRAULT, 1975). Faleiros (2021, pp. 23-26) tece comentários muito próximos aos de Simon (1994, pp. 68-71) ao apontar na versão braultiana “(...) uma aderência considerável ao texto de partida (...)” (FALEIROS, 2021, p. 24), por um lado; e, por outro, os “brancos e elipses” típicos de Brault, além de “(...) alguns poucos, mas significativos, deslocamentos semânticos (...)” (pp. 24-25). A descoberta de Faleiros (pp. 23-26) tem muito valor ao estudo da “nãotradução” de Jacques Brault (1975) porque aponta para a possibilidade de que a tradução seja um recurso mobilizado com frequência na criação poética de Jacques Brault, conforme tornaremos a considerar em nossa conclusão.

²³⁷ BRAULT, Jacques. *Remarques sur la traduction de la poésie*. Montréal: Ellipse, n. 21, 1977.

número de versos em razão de uma distribuição diferente de seu conteúdo, empenhado desde a adaptação do primeiro verso de MacEwen (1969, p. 80) por Brault (1975, p. 43). A inserção das pausas em branco também contribui para que o ritmo de leitura do poema “nãotraduzido” se afaste daquele de seu texto-fonte. Enquanto neste primeiro, o sujeito lírico soa mais assertivo, no poema “nãotraduzido”, pode-se perceber os versos de modo mais dialógico, detendo-se em alguns movimentos (“*Je suis venue faiseur d’ombre / pour posséder seulement l’obscur de toi // mes jambes ceinturent ta noirceur et serrent [...]*”, etc.). Algumas soluções de Brault parecem clarificadoras, desfazendo ambiguidades ou rompendo com a naturalidade de determinadas imagens, como é o caso de “(...) / *elles cernent les ombres certaines que tu étales / sur ma peau et sur les fibres de mes nerfs noircis / (...)*” (grifos nossos); tais opções, ao nosso ver, se baseariam menos em uma necessidade de demonstrar o caminho interpretativo percorrido pelo poeta-tradutor, que em estabelecer um diálogo direto com o projeto de “nãotradução” apresentado nos ensaios. Afinal, no encontro de luz e escuridão evocado no poema braultiano há uma maior preservação da autonomia e mesmo da natureza de cada parte envolvida, posto que não há uma possessão, devoração mútua, ou fusão total: ao contrário do que anunciara o sujeito lírico de MacEwen, o de Brault restringe seu desejo de apropriação (“[...] / *car je ne suis venue oui que pour posséder l’obscur / de toi seulement l’obscur*”). Do mesmo modo, a escuridão do *Outro*, o “fazedor de sombras”, não é convidado a *criar* o *Eu*, o sujeito lírico (“[...] *create me everywhere [...]*), mas apenas a carregá-lo ou vesti-lo ([...] *porte-moi partout [...]*). No encontro promovido por Brault, onde “(...) tudo se passa na superfície (...)”, as diferenças não se neutralizam nem se eliminam, mas se visitam e se assumem temporariamente, como uma segunda pele (BRAULT, 1975, pp. 31-32; p. 35). Ao fim de suas viagens ao estrangeiro, o sujeito lírico se encontra modificado pela própria jornada e não pelos autores, tampouco pelas terras, os “quatro cantos” que visitara. Como notou Suchet (2017), há um retorno simbólico do sujeito ao fim de *Poèmes des quatre côtés* para o Québec e seu recolhimento em si mesmo. O contato com o *Outro* parece, afinal, ter permitido uma maior aceitação do sujeito em sua própria pele:

(...) O mistério comum a essas quatro clarezas acabou me reconduzindo até aqui. Agora, posso me recolher em meu país; o centro não foge em direção a toda sorte de alibis, não se fecha sobre uma identidade medrosa e nostálgica, ele vem e vai como um senso que não teme mais se misturar a seu contrassenso (...) (BRAULT, 1975, p. 90).²³⁸

²³⁸ “(...) Où vont ces textes, sinon au recueillement? Le mystère commun à ces quatre clartés a fini par me reconduire ici. Maintenant, je peux me recueillir en mon pays; le centre ne fuit pas vers toutes sortes d’alibis, il

Sob esse ponto de vista, “*Je suis venue*” (BRAULT, 1975, p. 43) torna-se um poema interessante para a discussão das diferenças entre a “nãotradução” braultiana e o conceito brasileiro de antropofagia literária, a exemplo do que propõe Stradioto-Casolato (2022). Nossa análise leva-nos a ecoar a afirmação dessa autora de que a “nãotradução” opera por um “encontro de alteridades”, mas discordamos quanto à “fusão de alteridades” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 17). Já em relação à defesa de uma diferença notável entre o projeto “nãotradutório” e aquilo que denominamos comumente tradução (uma reescrita orientada pelo paradigma da fidelidade ao texto original, noção de extrema subjetividade, conforme pontuara [BRAULT, 1975, pp. 33-34; 92-94]), reconhecemos nos poemas “nãotraduzidos”, como Stradioto-Casolato (2022), o emprego de escolhas adaptativas raras à maioria das traduções, como a reestruturação do poema, um projeto gráfico que pode se distanciar grandemente do poema-fonte e uma maior manipulação das ideias do texto, ressignificadas conforme o projeto poético do poeta-tradutor (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, pp. 23-24). Porém, tal como Simon (1994) e Suchet (2017), esses procedimentos não nos impedem de reconhecer as “nãotraduções” de Jacques Brault como traduções, uma vez conscientes de que a recriação orientada pela fidelidade, colada ao máximo, em forma e conteúdo, ao texto de partida, “não é de forma alguma a única representação do traduzir. (...)” (SUCHET, 2017, p. 1). Exemplos como aqueles fornecidos por tais autoras nos convencem a não reduzir a importância da agência dos sujeitos tradutores, tampouco suas possibilidades criativas dentro do escopo tradutório, o que acreditamos ser essencial aos Estudos da Tradução especialmente ao analisar propostas oriundas de contextos e perspectivas pós-coloniais, como as literaturas quebequense e brasileira.

ne se ferme pas sur une identité peureuse et nostalgique, il va et vient comme un sens qui ne craint plus de se mêler aux contresens (...)” (BRAULT, 1975, p. 90).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstramos por meio de nossa leitura analítica e tradução comentada, os ensaios que apresentam e desenvolvem a “nãotradução” braultiana em *Poèmes des quatre côtés* apoiam-se sobre noções binárias — tradução e original, francês e inglês, Québec e América anglófona, *Eu* e *Outro*, colonizador e colonizado, interior e exterior, etc — e as tensiona, jogando dúvidas sobre o quão opostas seriam de fato. Esse tensionamento se dá através da constante alternância ente uma noção e outra em um movimento pendular que desenha, por sua vez, uma espécie de espectro entre esses opostos, reconfigurando seu binarismo inicial em uma multiplicidade de posições — temos assim, no caso do par tradução-original por exemplo, “as citações evidentes” e “verdadeiras” (BRAULT, 1975, p. 95), a “imitação” (p. 31), a tradução (p. 33), as citações ocultas (p. 95), as “collaborage-citations” (p. 95), as citações “falsas” (p. 95) e o poema totalmente autoral e que não seria, ainda assim, original, posto que não se pode criar nada “fora da história” (p. 50). Se a “nãotradução” é apresentada por vezes como uma dentre essas possibilidades, situada no limiar entre *Eu* e *Outro* literário (p. 14), ela também se confunde, ou ainda, contém todas essas possibilidades: assim, as “collaborage-citations” não são desassociadas da “nãotradução”. O trabalho descrito pelo sujeito lírico como o da “nãotradução” também acaba por ser registrado como tradução na página 33 e, ao fim do livro, descobrimos que ele “(...) é feito só de citações, verdadeiras e falsas, declaradas ou não (...)” (p. 95). Por isso, ao contrário de Stradioto-Casolato (2022), abandonamos a tentativa de definir a “nãotradução” como um ponto desse espectro, que tem como extremidades os arquétipos de tradução e originalidade, e passamos a compreendê-la como o próprio espectro, o próprio movimento pendular no qual se articulam essas possibilidades de escrita que tentamos (muitas vezes em vão) distinguir.

Há, por outro lado, uma ideia mítica de silêncio que perpassa e encerra *Poèmes des quatre côtés*, sempre anunciada como superior a qualquer estabelecimento de linguagem. Esse silêncio, que não o ordinário mas idílico, eliminaria a necessidade da “tarefa grotesca de traduzir” (p. 52), mas também a da comunicação, seja a verbal, seja a não verbal (“de sons, barulhos”). Compreende-se assim que a necessidade da tradução advém diretamente da necessidade de comunicação (DARIN, 2020, p. 61), sendo, portanto, “inevitável” (BRAULT, 1975, p. 14). Deve-se levar em conta, porém, que a relação entre as línguas francesa e inglesa na história do Canadá e a violência colonial anglófona sobre os quebequenses fazem com que estes percebam a tradução, segundo Simon (1994) e Jaka (2010), não como uma ferramenta de entendimento mútuo entre os diversos, mas de dominação de um sobre o outro. O projeto

de “nãotradução”, uma vez que assume o compromisso de não perpetuar essa violência do apagamento de alteridades (BRAULT 1975, p. 70), elege como seu ideal a não-tradução, a não-comunicação, o silêncio: “Esse texto não escrito, não falado, eis o que visa a nãotradução (...)” (p. 16).

Paradoxalmente à promessa de não se apropriar do outro pela comunicação, o quebequense não deve se deixar apropriar (p. 70), dominar pela expressão estrangeira, simplesmente: é preciso também falar, comunicar, traduzir, isto que é, ao mesmo tempo, “impossível” e “inevitável” (p. 14). Se não se pode ainda confiar ao silêncio a promoção da compreensibilidade mútua e da diversidade, como numa Babel reversa sustentada por um silêncio, ideal da “nãotradução”; o silêncio possível, expresso nas lacunas dos textos, nas indefinições teóricas, nos espaços em branco nos versos dos poemas, na “decapitação simbólica” dos autores originais (SUCHET, 2017, p. 2) orienta as práticas tradutórias de *Poèmes des quatre côtés*. Se a “nãotradução” braultiana pode ser definida como o espectro de possibilidades que conecta a noção arquetípica de autoria à de tradução, o espaço que não é tocado por esse movimento pendular, o vazio comunicativo do silêncio, também está contido nesse projeto. Na “nãotradução”, como também na poesia, “(...) cantar é silêncio (...)” (CUMMINGS apud BRAULT, 1975, p. 71) tanto quanto é palavra.

Essa interdependência entre som e silêncio, entre comunicação e mistério (p. 90), manifesta-se também, nos ensaios de *Poèmes des quatre côtés*, em duas atividades essenciais à escrita-tradução literária: a escuta do poema estrangeiro (SIMON, 1994, pp. 70-71) e a leitura, tanto a do poeta-tradutor, quanto a do leitor que frui de seu trabalho. Em verdade, a atribuição de significados ao texto e sua apropriação pelo leitor têm lugar de destaque nos ensaios sobre a “nãotradução”, sendo a própria redesignada ao público ao fim do livro:

(...) O leitor, só, pode produzir, por uma leitura ao mesmo tempo ingênua e crítica, cega e contemplativa, tal texto nãotraduzido, ausente de toda tradução e que assinala sua presença no *ilegível* (contra o qual empenham-se as leituras tradutoras) (BRAULT, 1975, p. 95, grifo do autor).²³⁹

Portanto, apesar de acreditarmos não ser possível precisar a “nãotradução” braultiana — até pela semelhança entre as características observadas nos *Poèmes des quatre côtés* (por SIMON, 1994, pp. 70-71) e outras obras do autor, *La poésie ce matin* (1971, a partir de FALEIROS, 2021, pp. 21-24), *Transfigurations* (1998) e *Agonie* (1984, estes dois últimos

²³⁹ “(...) Le lecteur, seul, peut produire, par une lecture à la fois naïve et critique, aveugle et regardante, ce texte nontraduit, absent de toutes les traductions et qui signale sa présence dans l’illisible (ce contre quoi buttent les lectures traductrices) (...)” (BRAULT, 1975, p. 95).

citados por SUCHET, 2017) — compreendemos a partir de nossa leitura analítica de *Poèmes des quatre côtés* e dos estudos de sua fortuna crítica que o conceito de “nãotradução” englobaria:

- a) as possibilidades de criação poética, potencializadas pelo reconhecimento da intertextualidade na literatura (BRAULT, 1975, p. 50), dentro de um espectro que se estende entre os paradigmas da originalidade e da tradução;
- b) o silêncio da escuta (p. 51) ao poema-fonte e de sua experiência de leitura²⁴⁰, e da escuta ao poema traduzido;
- c) as possibilidades de silêncio textual, especialmente expresso por meio de lacunas, que potencializam e diversificam as leituras dos ensaios, poemas e nanquins de *Poèmes des quatre côtés*;
- d) o silêncio da leitura dessa produção por parte do público, atividade não apenas complementar ao texto literário, mas apresentada como a verdadeira produtora desse texto (posto que lhe atribui múltiplos sentidos) e da própria “nãotradução” (p. 95); e ainda, a diversidade de potenciais respostas do público frente à complexidade do projeto braultiano: “De resto, porque ainda resta, confiemos nas gerações futuras, que não confiarão em nós”.

Uma vez que nos deparamos com a complexidade de tal conceito, tornou-se evidente a necessidade de complementar o estudo e tradução comentada dos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* com análises — nossas, de Sherry Simon (1994), Myriam Suchet (2017) e Stradioto-Casolato (2022) — dos poemas “nãotraduzidos”, com o objetivo de tentar identificar neles os elementos que associamos à “nãotradução” (originalidade, tradução, citação e silêncio). Reunimos, no terceiro capítulo, análises comparativas que apontam para a presença de todos esses elementos, mas que observam (à exceção de STRADIOTO-CASOLATO, 2022) que “(...) os textos de Brault participam muito mais de um procedimento clássico de tradução livre que o próprio comentário de Brault nos permitiria supor (...)” (SIMON, 1994, p. 67). Se o conceito de “nãotradução” parece se estender para muito além da tradução, como defende Stradioto-Casolato (2022), sua materialização nos poemas “nãotraduzidos” configura-se, também para nós, como uma possibilidade de tradução. Daí o entendimento de que a tarefa da “nãotradução” acaba por frustrar-se em si mesma (SUCHET, 2017), uma vez que propõe uma comunicação total por meio de um silêncio mútuo e utópico. Nossa proposta de diferenciar a “nãotradução” como conceito, que é apresentado nos ensaios de *Poèmes des quatre côtés* e guia os processos de (re)composição

²⁴⁰ BRAULT, Jacques. *Remarques sur la traduction de la poésie*. Montréal: Ellipse, n. 21, 1977.

dos poemas, da “nãotradução” como prática, que chamamos simplesmente de tradução, corrobora o próprio Brault em sua “Contrenote”:

(...) O ato de nãotradução provém ainda da tradução, lamentavelmente, ainda que seja para livrar-se dela. E nossos silêncios, em muitas circunstâncias, continuam sendo apenas faltas de palavras, de sons, barulhos. Eles acalmam e assustam. Dão a entender que eles só subsistem por aquilo que mascaram. Em resumo, convidam a traduzir... (BRAULT, 1975, p. 52).²⁴¹

Embora traduzir o *Outro* pareça, aos olhos do colonizado, “impossível” (p. 14) sem que se imponha o próprio discurso ou se deixe dominar pelo alheio (p. 70), enquanto o silêncio for ausência, e não convivência, é preciso estabelecer continuamente a comunicação. Se essa necessidade “convida” ao ato de traduzir (p. 52), este torna-se “inevitável” (p. 14), a despeito da impossibilidade de comunicação total. A busca filosófica pela “nãotradução” elimina, assim, a exigência da tradução total, da transmissão perfeita de um texto de um *Outro*; mas não a necessidade do *Outro*, de dialogar com ele, escrever (-lo e -lhe) sem escrever, traduzir (-se e -lhe) “sem traduzir” (BRAULT, 1975, pp. 15; 31).

É nítido, portanto, que a “nãotradução” braultiana questiona mais do que os supostos limites entre originalidade e tradução e, com ela, nossa noção de autoria (SIMON, 1994, p. 67), mas também as fronteiras entre si e o *Outro*. Stradioto-Casolato (2022, p. 7, grifo da autora) demonstra a centralidade “(...) dos ensinamentos do *Daodejing* (...)” no projeto de “nãotradução”, sinalizada primeiramente por Laroche (2005, p. 81), que denominara a prática nãotradutória como um “conceito de traços taoístas”. A mobilização de uma dinâmica transcendental de tensionamento constante de “polaridades que se contrastam e ao mesmo tempo se complementam” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022, p. 7) teria como principal ganho ontológico a criação de um “lugar comum” (VACHON, 1977), um espaço no qual “(...) o outro e o mesmo tornam-se habitáveis (...)” (BRAULT, 1975, p. 14). A suspensão da palavra “tradução” pela partícula “não” parece essencial a esse processo e evidencia, além do jogo oximórico taoísta, nossa dificuldade em definir aquilo que não seria tradução. Por conseguinte, também aquilo o que o seria. Atento ao aspecto filosófico e à influência oriental na obra de Jacques Brault, Vachon (1997, p. 188) também associa a negação ao contexto precário de sua geração:

²⁴¹ “(...) L’acte de nontraduction relève encore de la traduction, hélas, ne serait-ce que pour s’en débarrasser. Et nos silences, en maintes circonstances, continuent à n’être que des manques de parole, de sons, de bruits. Ils rassurent et ils effraient. Ils donnent à entendre qu’ils ne subsistent que par ce qu’ils masquent. Bref, ils invitent à traduire...” (BRAULT, 1975, p. 52).

(...) Ser quebequense, hoje, quando a esperança parece ter fechado todos os seus olhos, é também não ser. Jacques Brault, que pertence a uma geração quase silenciosa diz uma única coisa, toda ininteligível (...): é no não-ser, na extrema pobreza, nas margens da existência, que se deve procurar o Lugar comum, o espaço do Desejo (VACHON 1977 p. 188).²⁴²

A própria forma do neologismo braultiano registra, portanto, a relação entre presença e ausência de si e de *Outro*, entre resistência e desumanização do povo quebequense, e entre citação e autoria, tradução e originalidade. Logo, a palavra “nãotradução” não pode ser vista simplesmente como uma negação da tradução, visto que também a contém dentro de seu espectro de linguagens. Este conteria até mesmo as tentativas abandonadas de tradução, chamadas por Brault de “intraduções” (pp. 90-91), denominação que compreendemos ser mais próxima de uma negação da tradução que o verbete “nãotradução”. Conforme já levantado em nosso segundo capítulo, a palavra “intraduções” se faz presente tanto em *Poèmes des quatre côtes*, quanto na obra do brasileiro Augusto de Campos (1974, 1994 e 2003) (LEAL, 2022, pp. 41-44), termo que este último utiliza para se referir às suas “(...) ‘intromissões’ artísticas em obra alheia — ‘intervenções’ se poderia dizer também, abrangendo a acepção de alterar a ordem natural ou habitual de um fato” (apud LEAL, 2022, p. 43). Enquanto as “intraduções” de Brault (1975, pp. 90-91) sinalizam um inacabamento, uma incapacidade de levar a cabo a tarefa tradutória; poderíamos, talvez, aproximar as “intraduções” de Campos da “apropriação” da obra alheia que Brault se nega a realizar. Tal como apontado por Stradioto-Casolato (2022) em relação à antropofagia e à transcrição de Haroldo de Campos, julgamos interessante uma comparação mais detalhada entre as “intraduções” de Jacques Brault e as de Augusto de Campos, sobretudo porque, assim como Brault, seu projeto também cria um ponto de tensão sobre os papéis de tradutor e autor.

Um último ponto de reflexão que acrescentamos a esta conclusão repousa sobre a longa relação entre metáfora e tradução, descrita, por exemplo, por Darin (2020), dado que, ao longo de todo o nosso esforço de compreensão, descrição e teorização da “nãotradução” braultiana, não faltaram comentários ao caráter fortemente metafórico dos discursos que apresentam tal conceito. Para além de uma simples análise estilística, apoiamo-nos no artigo *A tradução cultural como metáfora* (DARIN, 2020) para considerarmos o próprio conceito da “nãotradução” de Jacques Brault uma metáfora. Convidamos o leitor a acompanhar nossa leitura de Darin (2022) e compreender nosso raciocínio.

²⁴² “(...) être Québécois, aujourd'hui, où l'espérance semble avoir fermé tous ses yeux, c'est aussi bien n'être pas. Jacques Brault, qui appartient à une génération presque silencieuse, dit une seule chose, tout juste intelligible; le contraire, en tout cas, de ce qu'un chacun voudrait entendre: c'est dans le non-être, dans l'extrême pauvreté, dans les marges de l'existence, qu'il faut chercher le Lieu commun, l'espace du Désir” (VACHON 1977 p. 188).

Partindo da etimologia da palavra (p. 47), a autora identifica que “a metáfora (...) está associada à ideia de movimento: transportar ‘além’, ‘transferir’ ou ‘trocar de lugar’”, o que já se aproxima de modo interessante da palavra tradução. Uma metáfora, portanto, conduziria uma comunicação através do deslocamento e associação de ideias. Como nos informa Darin, esse movimento não é ocasional, mas operacional, inerente ao processamento da linguagem:

Ela é, deste modo, indissociável da linguagem no seu todo, a qual, por sua vez, é essencialmente metafórica. Em outras palavras, as metáforas são inerentes ao processo de produção de linguagem (...). Na base do processo de produção da linguagem humana, portanto, encontra-se a metáfora. (DARIN, 2020, pp. 48-49).

Identificar um conceito como uma metáfora não significaria, desse modo, reduzir sua potência comunicativa, mas dizer que sua referência não é precisa ou literal, remetendo a uma associação de ideias, uma abstração. Observando o percurso da autora ao longo da história da tradução no ocidente, notamos que as diferentes concepções da tradução, bem como as tentativas de expressá-las, sempre se valem da metáfora: “passagem ou transposição de uma língua para a outra” (p. 51), “levar alguém pela mão para outro lado, para outro lugar (...)” (RÓNAI apud DARIN, 2020, p. 52), a contribuição de Lefevere e sua “metáfora óptica da refração” (p. 53), a usurpação de Haroldo de Campos e a deglutição que apreende da antropofagia oswaldiana, o “quase heterônimo” de Augusto de Campos, a “ponte”, a “travessia”, a “mediação”, o “trânsito”, a “negociação”. É igualmente possível organizar uma lista de imagens e abstrações, metáforas²⁴³ empregadas por Jacques Brault (1975) para descrever e desenvolver o conceito de “nãotradução”, tais como: escolher e ser escolhido pelo texto de partida (p. 41), um texto “aberto e fechado ao mesmo tempo”, ao ouvir “um chamado (...) indecifrável” em língua estrangeira (p. 14); a saída, a esmo, às ruas, buscando um *não-lugar* que permita o contato com o *Outro*, a “experiência da estrangeiridade” ao encontrar-se em um país “cuja língua ignora”; a tradução como controle da narrativa colonial, como um movimento de acolher a poesia estrangeira, viajante, em sua casa (p. 31) ao passo em que se é, simultaneamente, esse viajante acolhido pela poesia estrangeira; a forma do poema como a superfície da pele, a tradução como gravura (p. 33), como parricídio (p. 34), como contrabando e sua recepção como uma fiscalização alfandegária (p. 50); a não resolução dos mistérios textuais através da “transmutação de uma noite em outra noite” (p. 68), e o

²⁴³ Reiteramos que o emprego da palavra metáfora em nosso texto não opera como termo designador de uma construção retórica específica (CEIA, 2010), ou “um modo excepcional de utilização da linguagem (...)” (DARIN, 2020, p. 49), mas para aludir a uma abstração capaz de construir determinado sentido.

compartilhamento universal da experiência humana não pelo sangue, mas pela necessidade “da mesma água” (p. 69)... Seria possível mesmo realizar um estudo quantitativo e qualitativo das metáforas presentes em *Poèmes des quatre côtés*, o que buscamos ressaltar, porém, é seu emprego constante na descrição dos processos de “nãotradução” ao longo dos ensaios. Se as tentativas de definir a “nãotradução” não podem escapar à metáfora, tampouco o fazem as definições da própria tradução, conforme demonstra Darin (2022). Deste modo, apontamos que a dificuldade de precisar as alegadas fronteiras entre original e tradução, bem como diferenças entre o trabalho do autor e o do tradutor, não são apenas típicas do discurso de Jacques Brault, como da própria noção de tradução.

A “nãotradução” de Jacques Brault pode, portanto, descrever um projeto tradutório, ensaístico e visual empenhado pelo autor quebequense em 1975, quando traduz para a língua francesa quebequense poemas selecionados da obra de quatro autores anglófonos do Canadá e dos Estados Unidos, empreendimento guiado não pela fidelidade tradutória, mas pela busca de um “encontro de alteridades” (STRADIOTO-CASOLATO, 2022), mesclando sua própria poética às dos autores. Também pode se referir a um complexo desenho de um espectro que se estende entre as noções arquetípicas de tradução e originalidade, englobando diferentes linguagens mobilizadas não apenas pela escrita-tradução poética (composições, alusões intertextuais, “*collaborage-citations*”, traduções fiéis e livres, citações, silêncios textuais), mas por sua recepção e leitura; em um jogo de tensionamento de polos informado pelo taoísmo que visa produzir profundos questionamentos acerca da autoria literária, das relações coloniais e pós-coloniais e das fronteiras ontológicas entre *Eu* e *Outro*. Brevemente, a “nãotradução” braultiana é um convite para repensar os papéis sociais a partir da tradução, e para produzir novos espaços dialógicos nos quais não se busque a eliminação das diferenças, mas sua valorização a partir do reconhecimento da riqueza da pluralidade de perspectivas. É, sobretudo, um convite ao estudo, à leitura e à escuta, à conversa que não é egóica, mas atenta aos pequenos pontos nos quais nos tocamos: assim, “(...) escutamos nascer entre nós uma língua, nossa por um instante (...). Afinal, pode ser que seja isso, simplesmente, escrever? (...)” (BRAULT, 1975, p. 51).

REFERÊNCIAS

- BÉLANGER, Paul, et. al. *Jacques Brault — 1933-2022*. Le Noroît, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <https://lenoroit.com/2022/10/21/jacques-brault-1933-2022/>. Acesso em: 16 de maio e 2023;
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras / PGET-UFSC, 2007. p. 33;
- BEZNER, Kevin. John Haines. In: *The Western Literature Association. Updating the Literary West*. Texas Christian University Press: Austin, 1997. pp. 274-277;
- BRAULT, Jacques. *L'artisan*. Montréal: Éditions du Noroît, 2006. pp. 7-13;
- _____. *Poèmes des quatre côtés*. Montréal: Éditions du Noroît, 1975;
- _____. *Quatre essais miniatures*. Montréal: Voix et Images, v. 12, n. 2, 1987. p. 183. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/vi/1987-v12-n2-vi1371/200624ar.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2023;
- BRAULT, Jacques; FALEIROS, Álvaro. *Nas sendas de Jacques Brault: antologia de poemas 1965-2006*. Prefácio, seleção e tradução de Álvaro Faleiros. Editora Universidade de Brasília (coleção Poetas do mundo): Brasília, 2021;
- BURNS, Michael. *The Lyrical Self in Zen and E. E. Cummings*. Strategic Book: Nova Iorque, 2015. p. ix;
- CAMPOS, Haroldo. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem e outras metas*. 4ª ed. Perspectivas: São Paulo, 2006. pp. 31-33;
- CUMMINGS, E. E. *i: six nonlectures*. The Charles Eliot Norton lectures: 1952-1953. Harvard University Press: Cambridge / Londres, 1953;
- DARIN, Leila Cristina de Melo. *A tradução cultural como metáfora*. São Paulo: Revista Intercâmbio, v. XLIII, 2020. pp. 47-66;
- ÉCONDUIRE. Larousse dictionnaire en ligne. Langue Française. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C3%A9conduire/27622>. Acesso em: 19 de maio de 2023;
- FALEIROS, Álvaro. Nas sendas de Jacques Brault (prefácio). In: BRAULT, Jacques; FALEIROS, Álvaro. *Nas sendas de Jacques Brault: antologia de poemas 1965-2006*. Prefácio, seleção e tradução de Álvaro Faleiros. Editora Universidade de Brasília (coleção Poetas do mundo): Brasília, 2021. pp. 11-92;
- FAUNE. Larousse dictionnaire en ligne. Langue Française. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/faune/33026>. Acesso em: 20 de maio de 2023;

FERRAT, Jean. *Nuit et brouillard*. Paris: Barclay: 1963. Cópia digital (3m13) Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4uOKF8qtVYUxWj7qAOvZSR?highlight=spotify:track:5b4B1pGuVwXtdMdRwMEUg9>. Acesso em: 17 de maio de 2023;

FISHER, Margaret. “*Donna mi prega*”: *between Cavalcanti Rime and Canto XXXVI*. *Make It New*, n. 2, vol. 1: 2015. pp. 68-76. Disponível em: https://www.academia.edu/en/27696397/Donna_mi_prega_between_Cavalcanti_Rime_and_Canto_XXXVI_Part_2. Acesso em: 18 de maio de 2023;

GÉOCONFLUENCES. *Arrière-pays et avant-pays*. Glossaire. 2023. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/arriere-pays-et-avant-pays-hinterland-foreland>. Acesso em: 18 de maio de 2023;

GOUVERNEMENT DU CANADA. *Langues officielles et bilinguisme*. Disponível em: <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/services/langues-officielles-bilinguisme>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

HISTORICA CANADA. *Crise d'Octobre*. L'Encyclopédie Canadienne. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/crise-doctobre>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

_____. *Révolution Tranquille*. L'Encyclopédie Canadienne. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/revolution-tranquille>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

HISTORICA CANADA; JESSOP, Paula. Gwendolyn MacEwen. In: *The Canadian Encyclopedia*. Gouvernement du Canada. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/gwendolyn-macewen>. Acesso em: 17 de maio de 2023;

HÖNNIGHAUSEN, Lothar. Margaret Atwood's Poetry 1966-1995. In: NISCHIK, Reingard M. (org.). *Margaret Atwood: Works and Impact*. Camden House: Rochester, 2000. pp. 97-98;

JAKA, Aiora. *La traduction créatrice et créative au Québec et au Pays basque: Exemples de Jacques Brault et de Joseba Sarrionandia*. Université du Pays basque: Association Canadienne de Traductologie, 2010. Disponível em: <http://act-cats.ca/wp-content/uploads/2015/04/Jaka.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2023;

LAFORGUE, Jules. *Dimanches (Ô dimanches bannis)*. *Poetica Mundi*. Disponível em: <https://www.poeticamundi.com/dimanches-o-dimanches-bannis-jules-laforgue/>. Acesso em: 28 de maio de 2023;

LALONDE, Lauriane. *La littérature autochtone “pour rappeler aux Québécois qu’on existe*. Montréal Campus: *Jornal indépendant des étudiantes et des étudiants de l’Université du Québec à Montréal*. 13 de novembro de 2018. Edição online. Disponível em: <https://montrealcampus.ca/2018/11/13/la-litterature-autochtone-pour-rappeler-aux-quebecois-quon-existe/>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

LAMY, Jonathan. L'accompagnement du froid dans la poésie de Jacques Brault. In: BOUCHARD, Joë; CHARTIER, Daniel; NADEAU, Amélie (ed.). *Problématiques de l'imaginaire du Nord en littérature, cinéma et arts visuels*. Université du Québec à Montréal. Montréal: Figura, 2004. pp. 27-39;

LANE-MERCIER, Gillian. Les carences de la traduction littéraire au Canada: des bibliographies et des traditions. *Meta*, n. 59, vol. 3: Montréal, 2014. pp. 517-536;

LAPOINTE, Martine-Emanuelle. *Leçons de clochardise. Lectures d'Agonie et d'Il n'y a plus de chemin de Jacques Brault*. Rimouski: Tangence, n. 98, 2012. pp. 73-86;

LAPORTE, Maxime. *Le Québec est un pays, peut-être même davantage que le Canada*. Huffpost Canada. Blog. 25 de maio de 2015. Disponível em: https://www.huffpost.com/archive/qc/entry/le-quebec-est-un-pays-peut-etre-meme-davantage-que-le-canada_b_7435648. Acesso em: 17 de maio de 2023;

LAROCHE, Yves. *L'Orient poétique de Jacques Brault*. *Liberté*, v. 47, n. 1 (267): Montréal, 2005. pp. 81-94;

LEAL, Alice. *Intraduzíveis, intraduzões e temporalidades em Barbara Cassin e Augusto de Campos*. *Outra Travessia*, n. 33: Florianópolis, 2022. pp. 25-53. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/87024>. Acesso em: 31 de maio de 2023;

LE NOROÏT. *Jacques Brault*. Disponível em: <https://lenoroit.com/poetes/jacques-brault/>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

_____. *Mission*. Disponível em: <https://lenoroit.com/mission-historique/>. Acesso em: 16 de maio de 2023;

LEPAGE, Élise. Esquisse des chemins de la création chez Robert Melançon et Jacques Brault. *Guelph: Nouvelle Revue Synergies Canada*, n. 10, 2017. pp. 1-11. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/nrsc/2017-n10-nrsc07006/1089134ar.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

MACEWEN, Gwendolyn. *The shadow-maker*. Macmillan: Toronto, 1969. pp. 33; 80;

MENDES, Paula. *Metáfora*. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <https://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/metafora>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

MONTPETIT, Caroline. *Jacques Brault, une vie en prose*. *Le Devoir*, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/culture/766065/1933-2022-le-poete-jacques-brault-s-est-eteint>. Acesso em: 14 de maio de 2023;

NARDOUT-LAFARGE, Élisabeth. Entretien avec Jacques Brault. *Montréal: Études françaises*, v. 50, n. 1-2, 2014. pp. 51-64;

NERUDA, Pablo. "Cuándo de Chile". In: *Las uvas y el viento*. Nascimento: Santiago, 1954. p. 251.

PAYS. Larousse. Langue française, dictionnaire (en ligne). Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/pays/58825>. Acesso em: 16 de maio de 2023;

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original: Poesia por outros meios no novo século*. Humanitas: Belo Horizonte, 2013. pp. 27-94;

PYM, Anthony. *Explorando teorias da tradução*. Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Rodrigues de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 172;

SANTOS, Boaventura de Souza. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Autêntica: Belo Horizonte, 2019. p. 24;

SILVA, Lucia Helena Muniz da. *Jacques Brault, Au Fond du Jardin — Accompagnements: Traductions Comentadas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientador Álvaro Silveira Faleiros. São Paulo, 2015. pp. 17-113.

SIMON, Sherry. Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature Québécoise. Montréal: Boréal, 1994. pp. 34-71. Disponível em: <https://archive.org/details/letraficdeslangu0000simo/page/34/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023;

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Prefácio e tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010;

STRADIOTO-CASOLATO, Ana Magda. *Nãotradução: uma poética tradutória perturbadora*. TradTerm, São Paulo, v.41, p. 5-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/185543>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023;

SUCHET, Myriam. Jacques Brault et la nontraduction, un Unland original. TRANS-, Montréal, n. 22, p. 1-13. Disponível em: : <http://journals.openedition.org/trans/1646>. Acesso em: 03 de junho de 2023;

THE POETRY FOUNDATION. *E. E. Cummings*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/e-e-cummings>. Acesso em: 18 de maio de 2023;

_____. *John Haines*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/john-haines>. Acesso em: 17 de maio de 2023;

_____. *Margaret Atwood*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/margaret-atwood>. Acesso em: 17 de maio de 2023;

Union des écrivaines et écrivains québécois. Disponível em: <https://www.uneq.qc.ca/>. Acesso em: 13 de maio de 2023;

VACHON, André G. *Jacques Brault: à la recherche d'un lieu commun*. Études françaises, vol. 13, n°1-2, 1977, p. 181-188;

VASCONCELOS FILHO, Genival Teixeira. *Traduzindo os jogos no espaço de Saint-Denys Garneau — Uma poética do olhar em Regards et jeux dans l'espace*. 2015. Dissertação de

mestrado — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 11;

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. *A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção*. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, vol. 25, n. 2: Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

ANEXO A: MAPA DOS “QUATRO CANTOS”

